



20 7/8 1/2 1

Not in B. L. & H. 1100



1578/7879

For 2000-2001

ELEIÇAM

Entre obem, emal eterno
Pello

P. ALEXANDRE DE GUSMAO

Da Companhia de Iesus

Æ ternitas.



Dico ego opera
mea Regi. Ps. 44



ELEYÇAM

Entre o bem, & mal eterno

PELO PADRE

ALEXANDRE

DE GUSMAM

Da companhia de Jesus.



LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DA MUSICA:

ANNO M. DCC. XX.

Com todas as licenças necessarias.





DEDICATORIA
A MININO DE BELEM

JESUS
FILHO DE DEOS, E DA
VIR GEM

MARIA

Salvador, & Redéptor nosso nascido
no Presépio por nosso amor morto
na Cruz para nosso remedio.



*E Jhesus filho de Sirach,
& de outro Jhesus so-
brinho deste he a senten-
ça sobre a qual se funda-
tudo quanto a este Tra-
tado se contem. Cornelio Alapide, o
melhor Expositor do Ecclesiastico, con-
sidera o nosso JESUS entre os dous Si-
racides*

DEDICATORIA.

racides, da sorte que no Ceo està , entre as duas Pessoas Padre , & Espirito Santo: Illic Jesus amor noster medius intercedit inter Patrem , & Spiritum Sãctum, hic meus inter avum, & ne potem.

Pelo que resolve este grande Expositor , que tudo quanto hum , & outro JESUS ditou, & ensinou, prègon , & profetizou no livro, que chamaõ do Ecclesiastico, tudo foy doutrina, tudo espirito do nosso JESUS. Quo circa unus Jesus noster in gemino Siracide loquitur, docet, prædicat, ut ipse utriusque anima, mens, spiritus esse videtur. E se isto he assim, como este Expositor cõtèpla, segue-se , q̃ assim como tudo o que hum , & outro Jesus dictou , se attribue ao Antitypo, ou figurado Jesus , assim tudo quanto se diz neste Tratado se deve attribuir ao verdadeyro, & figurado JESUS; porque tudo quanto nelle se contem, se funda na sentença

DEDICATORIA.

tença de hum, & outro Jesus ; porque tudo vem a fechar na eleyção, que nos manda fazer entre o bem, & mal eterno na figura dos dous encontrados elementos fogo, & agua.

E se este he bastãte fundamento para eu o cuydar assim, vosso he, & não meu este Tratado, O JESUS Minino de Belem, que nos ultimos dias de minha vida, escrevi junto ao vosso Presépio, neste Seminario de Belem. Recebey-o como vosso, & communicaylhe o espirito, que eu não tenho, para que os que o lerem, desenganados da differença que hay do bem ao mal eterno, do Ceo, ao Inferno, acertem com vossa graça na verdadeyra eleyção.

PRO.



Pois has de saber, que destes homens ha muytos neste mundo, & sempre os houve. Não fallo dos Atheistas, ou Epicureos, que da outra vida nada curaõ: fallo dos Chriftãos, que sabendo, & confessando,

PROLOGO.

que ha Ceo para bons, & Inferno para mãos, vivem como se ignorassem, que o fogo do Inferno queymava, & a agua do Ceo refrigerava. Estes tais, de ordinario senão defenganaõ nesta vida, atè que na outra fazem a experiencia, que o Santo Job diz, se costuma fazer no Inferno, que he passar da agua de neve, para o calor do fogo : *Ad nimium calorem transeat ab aquis nivium.* Entaõ com seu mal eterno experimetaõ, quãto queyma aquelle fogo, & quãto esfria aquella agua. ^{Job. 24. 19.}

O que importa logo, he, fazer nesta vida a experiencia, que o Espirito Santo nos manda fazer, pelo Ecclesiastico. Pòr a consideração no fogo do Inferno, & mais no gozo do Ceo, na figura dos dous elementos fogo, & agua. *Aposuit tibi ignem, & aquam ;* & lançar mão do que sò importa, pois o poem na tua mãos ^{Eccl. 15. 17.}
Ad

PROLOGO.

Ad quod volueris porrige manū tuam

Nesta sentença se funda tudo quanto neste Tratado se contem, que por esta causa se intitula, *Eleyção entre o bem, & mal eterno*. Vay repartido em quatro partes. Na primeyra, se mostra a differença do Ceo, ao Inferno quanto ao lugar. Na segunda, a differença da gloria eterna, aos tormentos eternos do Inferno. Na terceyra, se mostraõ os passos que levaõ os que caminhaõ pelo estreyto caminho do Ceo, & os que levaõ os que caminhaõ pelo largo do Inferno. Na quarta parte, se apontaõ varios documentos, para caminhar pelo caminho estreyto do Ceo, & evitar o largo do Inferno.

Se te parecer obra de pouco lustre, não podes negar, que pode ser de muyta utilidade. Bem sey que:

*Omne tulit punctum, qui miscuit utile
dulci*; mas se souberes misturar a consideração

PROLOGO.

consideração do bem, & mal eterno, como neste Tratado se contem, poderá ser, que atines com o ponto, que consiste em acertar com a verdadey-ra eleyção entre o bem, & mal eterno.

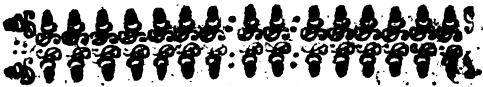
Bem fez o demonio por persuadir a nossos primeyros Pais, que comendo da arvore prohibida, havião de alcançar o conhecimento do bem, & do mal, como outro Deos: *Eritis Genes. sicut dij scientes bonum, & malum. 3.5.* Porèm, elles não se levarão tanto dessa consideração, quanto do gosto, & aprazivel vista do pomo. *Vidit Ibid. igitur mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis, aspectuque delectabile.* O gosto do pomo he que os enganou, & não o conhecimento do bem, & do mal.

Se buscas neste Tratado o gosto, & não o util, prova-o con tudo, que se o não achares doce na boca, como

PROLOGO.

como o de S. João , por ventura , que te amargue como elle no coração , que he o nosso intento principal. Melhor se conhece a doçura do mel , depois de haver provado o amargo do fel. Todos os livros Sagrados , estão cheyos de promessas , & ameaças. Ate o livro , que Deos mandou engulir ao Profeta Ezequiel , neste mesmo estilo estava escritto: *Lamentationes, & carmen, & Va.* E não deve ser outro o estilo deste , que te offereco , por ser conforme ao titulo de *Eleyção entre o bem, & mal eterno.*





L I C E N Ç A S

da ordem.

JOzeph de Almeyda da companhia de JESUS Vizitador geral, & vice Provincial da Provincia do Brazil, por commissão especial, que tenho do nosso M. R. P. Miguel Angelo Tamburino, Preposito geral, dou licença para que se possa imprimir o livro intitulado: *Eleyção entre o bem, & mal eterno*, Compuesto pelo Padre Alexandre de gufmaõ, da companhia de JESUS, o qual foy revisto, & approvado por Religiozos doutos da mesma companhia por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade dey esta subscripta com o meu final, & sellada com o sello do meu officio. Bahia aos 10 de Julho de 1717.

Jozepe de Almeyda



L I C E N Ç A S

do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR

O Livro, pequeno em volume, & grande na substancia, que com o titulo de *Eleyção entre o bem, & mal eterno* compos o Padre Alexandre de Gusmão da Sagrada companhia de JESUS, no seo mesmo titulo, & nome de seo Autor, já bem conhecido, tras a mais segura, & qualificada approvação. O Autor despois que nos abriu a sua nunca assaz louvada escolla de Belé, se deo a conhecer no múdo, nesse, & em outros livros, por hum dos homens insigneiramente pios, & sabiamente devotos, de que se pòde prezar a sua illustrissima Religião, com ser máy prodigiosamente fecûda de heroes sabios, & santos. O titulo do livro he

LICENÇAS,

he christã, & verdadeyra explicaçã
da letra Pytagorica : he a heroica
deliberaçã, q ao feu Hercueles at-
tribuirão os Poetas : & he sobre tudo
a perigozamente livre, mas precisa-
mente necessaria escolha de hum
dos dous caminhos largo, & estre-
ito, & de seus encontrados termos,
q nos propoz Christo, no Evágelho.
Basta dizer da obra, que satisfaz ca-
balmente ao muyto que promette o
titulo, porque de tal sorte propoem,
& pondera o bem, & mal eterno, en-
tre os quais devemos escolher, que
quazi não deyxá lugar à escolha, pe-
la poderosa efficacia com que de-
termina. Por onde, & por não con-
ter couza contra à Santa fê, & bõs
costumes, bem merece o livro correr
impresso, & oxalà o fique a doutrina
delle, nos coraçõs de todos. Lisboa
Occidental, da Cõgregaçã do Ora-
torio. 30 de settembro, de 1718.

Pedro Alveres

R Evi o livro: *Eleyção entre o bem,*
& *mal eterno:* Autor o P. M.
Alexandre de Gusmão da Companhia
de JESUS; obra, & assunto digno
fô do seu talento, espirito, & Reli-
gião: & cujo premio seria o fim, que
pertende, que he, verem os homêes
em methodo tão claro, & concisa, me-
lhor que os Nauticos nas suas cartas
a derrota, que deviaõ, & devem se-
guir, ou os passos, que, devem dar
no caminho da sua salvação; mas vi-
vem, tão obstinados, & cegos com
seus appetites, que tia minha opi-
nião, intenta o bendito P. O impos-
sivel de Alciato: *Æthiopem de al-*
bescere: ou não faz mais que lançar
pedras *In montem Mescurij.* Serà po-
rèm cada huma dellas testemunha
da sua contumacia delles; & o Au-
tor no dia do Juizo, (como eu piame-
te o conjecturo) serà hum dos Ju-
izes assenffores, & assistentes, que os
con-

LICENC,AS.

condenaraõ com Christo, se depois de lerem este livro, & sua doutrina irrefragavel, não caísem na conta, ou concluaõ do *Ergo erravimus*, nesta vida, para não filozofarem assim na outra com os insensatos. (Fallo no sentido de Lira, Basfolio, & S. Boaventura disp. 47. art. 1. q. 1. in Math. 19. Luc. 22. Sap. 3. *Erum Iudices assistentes Apostoli, & eorum perfecti imitatores: & sententiam Domini ut justam approbabit, & malorum vitam sua comparatione condemnabunt*). Mas para que porventura, ou graça de Deos, se entenda a utilidade deste Santo livro, & a confusaõ dos erros dos homens reduza a infinitos, merece, & he necessario, que se imprima, & se imprima infinitamente, & por não conter alguma clauzula, ou periodo dissonante de nossa Santa Fè, ou bons costumes. V. Eminencia, &c. Esperança de Lisboa Occidental.

**

LICENÇAS

dental. 21. de Outubro de 1718.

Fr. Ignacio de Santa Maria.

Vistas as informações pode-se imprimir o livro de que trata esta petição, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa Occidental 21 de Outubro. de 1718

*Ribeyro. Rocha. Fr. R. Alencastre.
Guerreyro. Portocarreyro. Carney-
ro. Alvares.*

DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir o livro de que se trata, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa. Occidental 14 de Março de 1718
P. I. Andrade.

DO

DO PAÇO

SENHOR

O Mayor credito das antigas comedias era dizerse de alguma dellas, que *bis data placuit*, que nem arepetição do mesmo cauzava fastio, nem o ser já vista diminuia o gosto. Comedia parece a vida humana, em que no theatro do Múdo sahem a representar tantas figuras, quantas pessoas, & as vezes a mesma pessoa, em diversos ados, & Scenas, faz muytas, & muy diversas figuras; & assim em breves jornadas, não passando todas, como diz o Apostolo: *Præterit figura hujus mundi*: 1. Cor. 7. 31. athe que despindo na sepultura, não sô o alheo, & particular aparrado da farça, mas tão bem o geral exterior habito do corpo, se recolhem as almas, não em apparencias, & promeyo de occultas engenhozas maquinas,

***ij

quinas,

LICENÇAS.

quinas, mas na realidade, & com festivo, ou funesto acompanhamento de Anjos, ou Demonios, humas ao Ceo, outras ao Inferno. E posto que estes dous termos tão distantes, & opostos dependaõ muyto do papel que cada hum fez nesta vida; com tudo a repartição destes papeis depende totalmente da eleyção propria com a Divina graça. Esta eleyção pois ensina a fazer o Padre Alexandre de Gusmaõ da Sagrada companhia de JESUS, para que escolhendo cada hum bem, faça o seu papel na vida presente como quem ha de passar para a eterna. De tão docta, & Santa obra posso eu dizer com verdade que *bisdata plaveit*; porque sendo esta a segunda vez, que tenho a fortuna de a ler, a repetição não diminue o gosto, mas acrescenta o agrado. He condição de obras perfeitas, que muytas vezes vistas, sempre tem

LICENÇAS.

tem que ver, & cada vez mais que admirar; porque nestas materias não enfastia o que satisfaz; antes quanto he mayor a satisfação com que lizôgea o gosto, tanto he mayor a efficacia com q̃ sem fastio excita o desejo. Se todos os vassallos de V. M. se agradarem igualmente (como eu espero) desta obra, será grande o geral o fruto, & o proveyto, que tirem della. Para que este se consiga, he justo, que se conceda ao Autor licença, que pede. V. M. ordenará o q̃ for servido. Lisboa. Occidental, & Congregação do oratorio 13 de Mayo de 1719.

Pedro Alvares.

Que

LICENÇAS.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso torne à Meza para se comferir, & se lhe dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa Occidental 16 de Mayo de 1719.

Costaõ. Botelho. Pereyr. Galv ãõ. Oliv.

EStã cõforme cõ o original. Lisboa Occidental Congregação do Oratorio 12. de Agosto de 1720.

Pedro Alvares.

VIsto estar conforme com o original pode correr. Lisboa Occidental 20. de Agosto de 1720.

Rocha. Fr. R. Alêcastre. Guerreyro. Pinheyro. Alvares.

VIsto estar conforme com o original póde correr. Lisboa Occidental 22. de Agosto de 1720. *J. A. Lacedom.*

TAyxaõ este livro em Lisboa Occidental 22. de Agosto de 1720. *D. P. Andrade. Botelho. Baracho. Pereyra. Santos. Beja. Alvares.*

INDICE DOS CAPITULOS desta obra.

P A R T E I.

P Roemio pag. 1.
Eleyção I. Entre o Ceo , &
Inferno. pag. 7.

ELEYC,AM. II. O Ceo Patria, o
Inferno de sterro. pag. 15.

ELEYC,AM. III. Ceo amplis-
simo, Inferno apertadissimo. p. 28.

ELEC,AM. IV. O Ceo clarissimo,
o Inferno escurissimo. pag. 37.

ELEYC,AM. V. O Ceo lugar de
summa felicidade, o Inferno lu-
gar de summa deshonra. pag. 44.

ELEYC,AM. VI. No Ceo summa
riqueza, no Inferno summa pobre-
za. pag. 53.

ELEYC,AM. VII. O Ceo lugar
fer-

INDICE.

*fertilissimo , o Inferno lugar es-
terilissimo. pag. 60.*

ELEYC,AM. VIII. *O Ceo lugar
abundante de aguas, o Inferno es-
terilissimo. pag. 67.*

ELEYC,AM. IX. *O Ceo lugar de
benção, o Inferno lugar de maldi-
ção. pag. 74.*

ELEYC,AM. X. *O Ceo lugar de
fogo que recrea, o Inferno lugar de
fogo que atormenta. pag. 80.*

PARTE II.

PROEMIO. *pag. 87.*

ELEYC,AM. I. *No Ceo vista
clara de Deos , no Inferno carecer
da vista de Deos. pag. 94.*

ELEYC,AM. II. *No Ceo amor de
Deos , no Inferno odio de Deos.
pag. 105.*

ELEY-

INDICE

ELEYC,AM. III. No Ceo amor dos Bemaventurados entre si: no Inferno odio dos condenados entre si. pag. 115.

ELEYC,AM. IV. Moradores do Ceo, moradores da Inferno. p. 127.

ELEYC,AM. V. No Ceo o premio segundo os merecimentos: No Inferno o castigo segundo as culpas. pag. 141.

ELEYC,AM. VI. Conhecimento dos Bemaventurados: conhecimento dos condenados. pag. 152.

ELEYC,AM. VII. Gozo dos Bemaventurados nos sêtidos: Tormentos dos cõdenados nos sêtidos. p. 161.

ELEYC,AM. VIII. Gozo dos mais sêtidos no Ceo. Tormento dos mais sêtidos no Inferno p. 169.

ELEY-

INDICE

ELEYC,AM. IX. *Dótes gloriosos dos corpos bema venturados: contrario nos corpos dos condemnados. pag. 181.*

ELEYC,AM. X. *Vida eterna no Ceo: morte eterna no Inferno. pag. 185.*

Resumo do que está dito. pag. 194.

PARTE III.

PROEMIO. *pag. 199.*

PASSOS,

Que devem dar no caminho do Ceo os que dezejaõ salvarse

PASSOS,

Que dão no caminho do Inferno os que se condemnão.

PASSO. I. *No caminho do Ceo. Fê viva. pag. 209*

PASSO. I. *No caminho do Inferno.*

INDICE

no. *Fè morta.* pag. 215.

PASSO. II. *No caminho do Ceo.*

Amor de D os pag. 220.

PASSO. II. *No caminho do Infer-*

no. Amor proprio. pag. 224.

PASSO. III. *Para o Ceo. Amor*

do proximo. pag. 228.

PASSO. III. *Para o Inferno. Odio*

do proximo. pag. 235.

PASSO. IV. *Para o Ceo. Amor*

da Cruz de Christo. pag. 240.

PASSO. IV. *Para o Inferno. Oa*

à Cruz de Christo. pag. 244.

PASSO. V. *Para o Ceo. Temor*

Deos. pag. 248.

PASSO. V. *Para o Inferno. Pec-*

car sem temor de Deos. pag. 254.

PASSO. VI. *Para o Ceo. Limp*

de coração. pag. 261.

PAS-

INDICE

PASSO. VI. Para o Inferno. *A-*
mor deshonesto. pag. 267.

PASSO. VII. Para o Ceo. *Amor*
da pobreza Evangelica. pag. 273.

PASSO. VII. Para o Inferno. *Ri-*
quezas mal uzadas. pag. 279.

PASSO. VIII. Para o Ceo. *Hu-*
mildade. pag. 284.

PASSO. VIII. Para o Inferno. *Sa-*
berba de vida. pag. 289.

PASSO. IX. Para o Ceo. *Oração,*
& devoção. pag. 297.

PASSO. IX. Para o Inferno. *Fal-*
ta de oração, & devoção. pag. 302.

PASSO. X. Para o Ceo. *Vida*
Religiosa. pag. 305.

PASSO. X. Para o Inferno. *Vi-*
da dissoluta. pag. 310.

Epilogo do que fica dito nesta tercey-
ra

INDICE

ra parte. pag. 315

PARTE IV.

*Motivos para acertar no caminho
estreyto do Ceo, & vitar o cami-
nho largo do Inferno.*

PROEMIO. *pag. 319.*

**Documento. I. Amor Santo de si
mesmo.** *pag. 321.*

§. I. Amor do corpo bẽ ordenado. *p. 322.*

§. II. Amor da alma proprio. *pag. 362*

**Documento II. Da estimaçaõ, que
fizemos das nossas almas, depẽ-
de o amor q̃ lhe devemos.** *p. 340.*

**§. I. Que cousa he a alma racional
segundo o ser da natureza.** *p. 342.*

**§. II. Da alma segundo o ser de
graça.** *pag. 350.*

**§. III. Da alma racional no estado
da culpa.** *pag. 355.*

Do

INDICE

Documento III. *Que a incerteza da salvação nos obriga a ser solícitos em a procurar. pag. 362.*

§. I. *Que a incerteza da salvação nos obriga a obrar bem. p. 364.*

§. II. *Que para acertar no caminho do Ceo, he boa guia o receyo de o perder. p. 367.*

§. III. *A quẽ falta este Santo temor, está muy arriscado a cabir. p. 370.*

Documento IV. *Qu para acertar no caminho da Eternidade, he necessario o bom uzo do tẽpo p. 375.*

§. I. *Do tempo bem gastado. p. 377.*

§. II. *Do tempo mal gastado. p. 382.*

§. III. *Como se deve gastar bem o tempo. p. 388.*

Documento V. *Lembrança dos quatro Novissimos. p. 393.*

§. I.

INDICE.

§. I. Lembrança da morte. p. 396.

§. II. Lembrança do Juizo. p. 399.

§. III. Lembrança do Inferno. p. 403.

§. IV. Lembrança do Paraizo. p. 406.

Documento VI. Da boa criação dos filhos p. 412.

§. I. Da obrigação, que tem os pays de criar bem os filhos. p. 416.

§. II. Quam severamente castiga Deos nesta, & na outra vida os pays negligentes na criação dos filhos. p. 423.

§. III. Como devem os filhos conservar a boa criação. p. 430.

Documento VII. Eleyção do estado conveniente. p. 435.

§. I. Do estado Sacerdotal. p. 438.

§. II. Do estado Religiozo. p. 442.

§. III. Do estado de cazados. p. 445.

Do

INDICE

Documento VIII. *Do bom, & frequente uzo dos Sacramētos.* p. 450.

§. I. *Da Confissão.* p. 459.

§. II. *Da Communhão.* p. 468.

Documento IX. *Os passos de Christo em sua Payxão devem governar os nossos no caminho estreyto do Ceo.* p. 474.

§. I. *Amor de riquezas.* p. 477

§. I. *Amor de honras.* 480.

§. III. *Amor de delicias.* p. 485.

Documento X. *Que para acertar no caminho do Ceo, & evitar o do Inferno, he grande meyo a devoção da Virgẽ Senhora N.* p. 493.

§. I. *Titulo de Senhora.* p. 498.

§. II. *Titulo de Mãe.* p. 504.

§. III. *Titulo de Mestra.* p. 515.

§. IV. *Titulo de Advogada.* p. 522.

ELEY-



E L E Y Ç A M

Entre obem, & mal eterno.

PARTE PRIMEYRA.

PROEMIO.



Differença que vay do Ceo à terra he tão manifesta a nossos sentidos, que para conhecer a grandeza do Ceo, não

he necessario ser Astrologo; nem para conhecer a limitação da terra, he necessario ser Cosmografo. Basta hum só levantar, & abayxar de'olhos.



Fa-

Eleyção

Fazia-o assim Santo Ignacio de Loyola, fazendo parallello entre o Ceo, & a terra: levantava os olhos ao Ceo, & abayxando-os para a terra, dizia: *Quam mihi sor det tellus, cum Caelum aspicio!*

Porèm para fazer conceyto do que està sobre o Ceo, & do que està debayxo da terra, he necessaria a fé, & mais a razão; porque nem a vista dos olhos chega a ver o que està debayxo da terra, nem só a razão alcança o que està sobre os Ceos. Daqui vem que creando-nos Deos para o amarmos, & servillo nesta vida, & por este meyo o gozarmos na outra, como a nosso ultimo fim, os menos são os que se salvaõ, & os mais são os que se condenaõ; porque os mais são os que somente poem a estimacão no que vem com os olhos, & os menos são os que poem a estimacão no que a razão dicta, & a fé ensina. Por esta
cauza

Entre o bem, & mal eterno. 3

cauza se vê muytas vezes salvarse o
esclavo, & condenarse o senhor; a-
certar com o caminho do Ceo hum
idiôta, & errallo o sabio; salvarse o
Secular, & perderse o Religiozo; &
o que mais he, perderse o que era
justo por inconstante, & salvarse o
peccador por penitente.

Psal-

A raiz de tudo isto insinuou Da-mo 61.

vid no Psalmo secenta & hum: *Men-10.*

dares filij hominum in stateris. Não
sabem pezar as couzas da terra com
as do Ceo, nem sabem fazer parallelo
entre o eterno, & temporal; porque
enganados com a presença dos bens
temporais, não fazem dos eternos a
devida estimação. Com tudo, eu en-
tendo, que a raiz de tanto mal não
está tanto em não fazer parallelo en-
tre o temporal, & eterno; senão em
não fazer parallelo entre o eterno, &
eterno, isto he em não considerar,
que cousa he salvação, ou condena-

A ij

ção

4. *Eleyção* ção eterna.

Pelo que a todo o que tem co-
 nhecimêto de Deos poz Deos a esco-
 lha de huma de duas, diz o Ecclesiast-
 15. *Eccli. tibi ignē, & aquā: ad quod volueris por-*
 17. *rige manum tuam.* Todos os Exposi-
 tores sagrados, que allega Cornelio,
 entendem pela agua o Ceo, & pelo
 fogo o Inferno; agua o Ceo, porq̃ de
 agua forão formados os Ceos; fogo o
 Inferno, porque de fogo consta a ma-
 yor parte delle. A razão natural he;
 porque assim como a agua refrigera,
 & o fogo a tormenta; assim no Ceo
 està o verdadeyro refrigerio, & no
 inferno o verdadeyro tormento. O
 mesmo Ecclesiastico o entendeo as-
 sim, quando às palavras já citadas a-
 17. *Ibid. crecentou logo; Ante hominem vita,*
& mors, bonum, & malum: quod pla-
cuerit ei dabitur illi. A morte, & a vi-
 da, o bem, & o mal tem posto Deos
 dian-

Entre o bem, & mal eterno.

diante do homẽ, para escolher qual
mais lhe agradar. Escolhey huma
de duas ou o Ceo, ou o Inferno.
Nunc ergo (conclue S. Bernardo)
alterum, & duobus eligamus, aut sem-
per cruciari cum impijs, aut perpetuali-
ter letari cum Sanctis.

Catholico, que isto les: tu como
todos os mais vãs caminhando para
a eternidade. Em fim hade chegar o
ponto da morte, em q̃ te espera huma
de duas sentenças, ou de salvaçãõ, ou
de condemnação eterna. Se te salvas,
lograràs huma felicidade ineffavel,
vendo a Deos, aos Anjos, & mais bẽ-
aventurados da Gloria. Se te con-
denas, perdido ficas para sempre em
companhia dos demonios, & mais
condenados no Inferno, & não se po-
de considerar mayor desgraça. Na
tua mão està escolher huma de duas,
ou agua, ou fogo. *Apposuit tibi ignem,*
& aquam; isto he, ou o Ceo, ou o
Infer-

Inferno, a vida, ou amorte eterna: *Vita, & mors*. Para acertar-na escolha he necessaria a prudencia sobrenatural, a que Christo chamou de Serpente:

Mat. Estote ergo prudentes sicut Serpentes.

10.

16.

E posto q os meyo's sejaõ muytos, & muy convenientes assim nas Escrituras sagradas, como nas sentenças dos Santos Padres; nenhum he mais conveniente, mais prompto, & mais efficaç, que a sincera meditação, & conhecimento, que cousa seja Ceo, que cousa seja Inferno; que seja gozar de Deos na gloria, ou penar com os demonios no Inferno. Para isto has de fazer por cada hum dia hum pargello, ou oppo'staõ comparaçãõ do Ceo com o Inferno na forma, que ao diante se dis; & posto que em couzas tão disparadas como o Ceo, & Inferno naõ pode haver genero de comparaçãõ, porque como ensina a Filosofia, a comparaçãõ só se faz en-

Entre o bem, & mal eterno. 7

entre couzas do mesmo genero, ou especie; pôde haver com tudo parallelo; porq na mesma Filosofia se diz, que hum contrario à vista de outro contrario melhor se conhece. *Contraria juxta se posita magis elucescunt.*

E L E Y Ç A M I.

Entre o Ceo, & o Inferno.

PRimeyramête entendemos por Ceo o que està sobre o firmamento, a que chamaõ Ceo Empyreo, onde Deos se communica aos Bemaventurados, que S. Paulo chama ^{2. Cor.} Paraizo, & Christo Senhor Nosso ^{12.} chamou caza do eterno Padre, & o ^{7^{oa.}} Profeta Baruch chamou caza de ^{14.} Deos. Os Theologos lhe daõ o nome ^{Bar.} de Patria, & S. João de Cidade de ^{3. A-} Jerusaleem, communmente se cha- ^{poc.} ma lugar da gloria, da bemaventu- ^{21.} rança

rança, & vida eterna, palacio, & habitação dos bemaventurados, & Corte do Rey dos Reys; & nem com todos esses nomes se significa bastantemente o que he; porque nem o mesmo S. Paulo que lá foy arrebatado atinou a dizer o que era.

2. Cor. *Et audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui.*

Apoc. 21. S. João no Apocalypse. faz huma pintura desta Celestial Jeruzalem com singular artificio, conforme lhe foy mostrada no Ceo. Diz, que era huma Cidade toda em quadra, cujos alicerces eraõ de pedras preciosas, os muros de finissimo jaspe, as portas que erã doze todas de outras tantas margaritas. Todos seus edificios, praças, & palacios eraõ de ouro finissimo, & transparente como vidro. Não necessita esta Cidade de Sol, nem de Lua; porque recebe toda a luz da luz de Deos, & do Cordeyro que

Entre o bem, & mal eterno. 9

que he Christo. Alè m d'isto vio, que do trono de Deos sahia hum rio de aguas vivas, que corria por toda a Cidade, em cujas margens estava plantada a arvore da vida, que cada mez vinha com fruto, & cujas folhas eraõ para a saude das gentes. Com ser esta Cidade pintada por mão de hum Anjo, que a vê agora no Ceo, não representa cabalmente o que he aquella Celestial Jerusalem; porque ainda que o entendimento do bem-aventurado pòde conhecer o que he, não o pòde sufficientemente explicar, por ser hum bem ineffavel.

Certo engenho, querendo explicar a felicidade de hum lugar fermoso imitando a S. Joã, fingio, que vira *Causa* na Ilha Fortunata humma Cidade de *no* tão admiravel fermosura, que excede *Corte* a descripção de S. Joã no Apo- *Santa* calypse. As muralhas todas de esmeraldas, as portas de madeyras chrys-
roas,

rosas, que de si exhalavão odoríferas exalações: as ruas, & praças da Cidade calçadas de ouro, & marfim: as cazas, & magnificos palacios adornados de ricos labores: os téplos guarneidos de preciosos berillos, os altares de Ametisto; & toda a Cidade estava cercada de hum caudalozo rio, que passa por balfamo, & nelles se contaõ trezentas fontes de cristallina agua; mas a que bebiaõ os moradores era hum orvalho Celestial, cousa superior para a saude.

Alli não ha enfermidades, nem pobreza, nem payxões do espirito, & mais misérias do mundo, nem a miséria da velhice, porque todos os que tem a fortuna de lá entrar ficão incorruptiveis. Não ha alli inverno, nem verão, porque tudo he huma primavera. Fôra as trezentas fontes de agua pura, que dissemos, se contão outras tantas de agua de cheyro, fôra trezen-

Entre o bem, & mal eterno. 11

trezentas fontes de mel. Não ha que perguntar, se ha alli flores, jardins, & pomares, porque toda a Cidade está cercada de campos Elísios, que estão cheyos das mais raras fermosuras da natureza. Os assentos são de flores, que não se seccão, & em quanto estão sentados os passarinhos lhes espalhão flores sobre as cabeças, & dão suavísimos cantos; & as nuvens arrojaõ hum sutil orvalho, que beberaõ daquellas odoríferas fontes, com que maravilhosamente se recreaõ. E finalmente o que entre elles he de maior estimação, são duas fontes, das quaes, chegando a beber huma vez, nunca já mais sentem tristeza.

Esta ficção, inventou este engenheiro, para nos representar huma vida bemaventurada na terra. Nada disto ha no Ceo, mas ha outras couzas maiores, & o que lograsse a dita de poder estar sobre o firmamento, huma hora

*Esal-
mo 86.*

hora à vista do Ceo Empyreo, veria outras muytas couzas de mayor admiracão, porque mais que isto he o Ceo. Podersehão dizer daquelle soberana Cidade de Deos muytas, & mūy gloriozas couzas: *Gloriosa dicta sunt de te Civitas Dei*; mas quaes, & quantas são, se não poderá dizer.

O Inferno disse bem, quem disse, que se havia de chamar silencio, porque senão podia dizer o que era, senão callando. Chamase Inferno por *Jerem.* ser o lugar mais inferior da terra. Je-

25. remias lhe chama calix da ira de Deos: noutra parte quebra irreparavel: noutra ferida pessima, & totalmente incuravel: noutra dor sobre dor, miseria sobre miseria, & vingança do Senhor. O Profeta Nahum lhe

Nahum.

3.

chama ruina grave. O Santo Job chama lhe perdição, & confusão. S. João no Apocalypse diz, que he hum lago da ira de Deos, hum tanque de fogo, &

Entre o bem, & mal eterno. 13

& enxofre sempre acezo com os af-
fopros de Deos. Tertuliano lhe cha-
ma thesouro de penas subterraneo.
Porém Jesu Christo, sobre todos, lhe
chama morte eterna, gehena de fo-
go, trevas exteriores, & fogo eter-
no aparelhado primeyro para os de-
monios, & depois para os homens.
Outros muytos nomes lhe dão os
Santos todos horrorosos.

Perguntareis, que fazem alli os
condenados? Ardem. Que fallão?
Blasfemias. Que comem? Fel de
Dragões. Que bebem? O calix da
ira de Deos. Que camas tem? De
brazas, & aspides. Que luzes? Tre-
vas. Que delectanço? Eterno tormen-
to. Que esperança? Dezesperação.
Que ordem? Confusão. Que paci-
encia? Raiva. Que companhias?
Demonios. Finalmente aos lados bi-
chos roedores: a hum lado morte
sem matar, a outro lado vida sem
mor-

morrer; porque aquellas penas atormentão, mas não matão.

Ainda que no Inferno não hou-
vera os tormentos, que ha, nem a ter-
rivel companhia dos demonios, o
lugar do Inferno em si he tão hor-
rendo, que até dos mesmos demo-
nios he formidavel. Isto se vio no
que succedeo a Christo com aquel-
les demonios; que lançou na região
dos Gerasenos. Rogarão elles a
Christo, que os não mandasse para o
Inferno. *Et rogabant illum, ne impe-*
rarét illis, ut in abyssum irent; por-
que ainda que elles fóra do Inferno
padecem as mesmas penas, com tudo,
o horror do lugar he tal, que até aos
demonios he formidavel.

Luc.
8.
31.

Catholico, isto he Ceo, & isto
he Inferno: agora escolhe tu, qual
queres. O Espirito Santo te poem
na tua mão a escolha. Este he o to-
go, esta he a agua: *Apposuit tibi ignē,*

&

Entre o bem, & mal eterno
& aquam: esta he a morte, & a vida:
Vita, & mors: este he o bem, & o mal:
Bonum, & malum. Na tua mão está
a escolha: *Ad quod volueris, porriges
manum tuam.* Se perseveras no mau
costume de peccar, te arriskas a mor-
rer em peccado mortal, & certamêto
te condenas. Se te emendas, & mor-
res na graça de Deos, certamente te
salvas.

E L E Y Ç A M. II.

O Ceo Patria,
O Inferno de terra.

HE o Ceo nossa patria, & a terra
de terra, como diz S. Paulo:
Dum sumus in corpore, peregrinamur. 2. Cor.
à Domino. Não diz para o Senhor, &
se não do Senhor; porque ainda que
tenhamos nosso nascimento na terra
quanto ao corpo, a alma de Deos
na-

naceo como de seu verdadeyro principio. He o Ceo patria dos Anjos, porque no Ceo forão criados : & he tambem o Ceo nossa patria, porque para o Ceo fomos nacidos. Por isso S. Paulo diz, que não temos aqui cidade permanente, se não no Ceo.

Heb. Non enim habemus hîc manentem Civitatem, sed futuram inquirimus. E

13. assim os Theologos quando tratão
14. desta, & da outra vida, não tem outros termos de fallar senão, *In patria, in via*; na patria, no caminho, entendendo por caminho esta vida, & por patria a outra.

Por isso os Santos todos se tratavão como desterrados, & tudo era suspirar pela patria: *Hæu mihi, quia incolatus meus prolongatus est*, dizia
119.5 David. Os filhos de Israel no Egipto, & mais em Babilonia tudo era

Psal. suspirar por Sião: Super flumina Babylonis, illic sedimus, & flevimus: cum
136. *recor-*

Entre o bém, & mal eterno. 17

recordaremus Sion.

A primeyra qualidade pois, ou excellencia do Ceo Empyreo, a que a Escritura chama casa de Deos, he a altura sobre os mais Ceos, remotissimo da terra, & Inferno. Por isso nas Escrituras se chama regiao remota, montes sempiternos, & Ceo sobre Ceos. Pòde-se fazer algum conceyto desta altura, pelo que discorremos Mathematicos, os quaes dizem, que do firmamento, ou Ceo Estrellado até a terra se contaõ fincoenta, & quatro milhõs de leguas; & desse Ceo ao Empyreo, havendo a mesma distancia, inferem os mesmos Mathematicos, que se huma pessoa caminhasse da terra ao Empyreo duzentas, & secenta leguas cada dia, não chegaria ao Empyreo em oytto mil annos.

Estando tão remoto o Ceo Empyreo do Ceo Estrellado, & muyto

112

B

mais

mais da terra, segue a cessar izento de todas as inclemências celestes, & de todas as molestias da terra. Isto significou o Profeta, quando disse:

Psal. Flagellum nō appropinquabit tabernaculo tuo. Por isto por Jeremias glorificando-se, de que ninguém lhe podia fazer mal algum, dizia, que era hum

Deos, que morava muiyto longe. *Pu-*

Jer. 23. tas ut Deus è vicin⁹ ego sum. dicit Domin⁹. 23. Et non Deus de longe? Porqué

ainda que Deos por sua immensidade está presente a todo o lugar, só no Ceo Empyreo se manifesta aos bem-aventurados.

Donde se colhe, que sendo tão altissimo, he lugar segurissimo, & quietissimo; porque assim como as Cidades, que estão fundadas sobre os montes, estão mais seguras das invasoens do inimigo; assim os moradores daquella Cidade Celestial estão livres de qualquer contingencia

cia

Entre o bem, & mal eterno. 19
cia dos tempos, & de que o inimigo
commum, que he o Diabo, possa lá
entrar. Nesta vida anda o Diabo
solicito para nos fazer cahir com as
tentações, & como Christo diz, jo-
eyrando como trigo para levar os
escolhidos: *Ecce Satanas expetivit Luc.*
vos, ut tribaret sicut triticum. Porém 22.31
depois q o trigo se recolheo nos ce-
leyros da gloria, nem hum só grão
pode furtar, porque já estão tão se-
guros, que já lá não pode entrar pec-
cado, nem tentação.

Emquanto nesta vida militamos,
como falla o Santo Job, ninguém se
pode dar por seguro. Ainda os jus-
tos, que mais dezejaõ amar a Deos,
fenaõ daõ por seguros, nem ainda de
si mesmos, & por isso de si mesmos
fogem, porque de si mesmos, mais
que de tudo, se temem. Santo Agusti-
nho sobre as palavras do Capitulo
nono do Ecclesiastico: *In medio la-
queorum*

queorum ingredieris; diz que todos nesta vida ainda os que andão pelo caminho de Christo, *In via Christi*, andão por todas as partes cercados de laços pela mão direyta, & laços pela mão esquerda: *Laquei à dextris, & laquei à sinistris*. E declarando o S. Doutor, que laços sejam estes, diz, que são a prosperidade, & mais a adversidade: *à dexteris prosperitas, à sinistris adversitas*. He o que vio o grande Antonio, quando vio o mundo todo até o Ceo cheyo de laços, como escreve S. Athanasio. Só o Ceo he lugar seguro, porque já lá não ha laços, porque já lá não ha tentações; já se acabarão as baterias dos inimigos, & duvidas da salvação. Bem podemos dizer ao bemaventurado o que Ifayas manda dizer ao justo: *Dicite justo, quoniam bene*. E esta he huma summa felicidade daquelle lugar.

Isa. 3.

10

A

A primeyra qualidade do Inferno, contraposta à primeyra do Ceo, he ser profundissimo, & remotissimo assim do Ceo, como da terra. O que se nos representa considerar he, quam desterrados estão da patria Celestial, estando della tão distantes; porque assim como a summa felicidade dos bemaventurados no Ceo, he estar eternamente na Patria; assim a summa miseria dos condenados he estar por toda a eternidade desterrados no Inferno.

A pena de desterro por dez annos se reputa no direyto por morte civil: tambem no juizo de Deos a pena de desterro eterno no Inferno se tem por morte eterna, & por isso a vida dos condenados não se chama vida, senão morte, a que S. João no Apocalypse chama morte segunda. Que pena será logo a de hum condemnado vendo-se desterrado do Ceo,

Ceo, não por annos, nem por cem mil milhões de annos, mas por toda a eternidade?

O castigo, q' deo Deos ao primey-ro homem, que peccou, foy de desterro do Paraizo, sendo que a pena, que lhe tinha posto, era de morte.

Genes. Morte morieris. E se a pena era de morte, como he de desterro o castigo? Era desterro do Paraizo para sempre, que por isso pôz Deos à porta do Paraizo hum Cherubim com hum montante de fogo na mão, para que não pudesse o homem lá entrar. E he tao terrivel a pena de desterro perpetuo do Paraizo, como a pena de morte para sempre. E que será a pena de desterro eterno do Paraizo do Ceo? Justamente se não distingue da pena de morte eterna.

A razão, que o texto sagrado dá para Deos desterrar para sempre a Adaõ do Paraizo, he para que não pudes-

Entre o bem, & mal eterno. 23

pudeſſe comer da arvore da vida, & viver eternamente: *Ne forte mittat Gen. manum ſuam, & ſumat etiam de ligno 3.22.*

vita, & comedat, & vivat in eternum. Quem não ſabe, que aquella arvore da vida no Paraizo terreal era figura daquella arvore da vida, que Chriſto diſſe a S. João plantara Deos no Paraizo Celeſtial: *Vincenti Apoc. dabo edere deligno vita, quod eſt in 2.7.*

Paradiſo Dei mei. E que figura ſe podia pintar melhor para ſignificar o deſterro do Inferno? Que couza he ſer deſterrado do Paraizo Celeſtial hum condemnado para o Inferno, ſenão para q̃ não poſſa já mais lançar mão daquella arvore da vida no Paraizo Celeſtial, que he a gloria.

No ſegundo homem, que Deos caſtigou neſta vida ſe conhece iſto melhor. Matou Cain aleyvoſamente a ſeu irmão Abel, & o caſtigo, que Deos lhe deu foy de deſterro univerſal:

Gen. 4. sal : *Vagus , & profugus eris super*
12.14 terram; lhe disse Deos : *Ecce ejicis me*
hodie à facie terræ , & à facie tua abs-
condar; disse elle. E se a culpa era de
 morte, porque não hade ser de mor-
 te o castigo? Mas que morte mais
 cruel, que viver toda a vida dester-
 rado não só da vista de Deos, mas
 também dos homens. Assim havia
 de ser, ainda na oppinião do mesmo
 homicida Cain. Julgou elle, que quẽ
 quer que o encontrasse, o havia de
 matar: *Ibid. Omnis igitur qui invenerit me,*
occidet me. De nenhuma sorte, disse
 Deos: *Nequaquam ita fiet*; porque
 não ha morte peyor, que hum tão
 notavel desterro da face de Deos, &
 dos homens.

Porém não foy o desterro de
 Cain do Paraizo da terra tão formi-
 davel por toda a vida, como o que
 padece agora no Inferno por toda a
 eternidade. Todos os condenados
 do

Entre o bem, & mal eterno. 25

do Inferno são Cains, porque todos
são desterrados, & contra todos cla-
ma o sangue do verdadeyro Abel Je-
su Christo, como disse S. Paulo: *Me-* *Heb.*
lius loquentem quam Abel. E que ma- *12.*
yor desaventura se pôde considerar? *24.*

No castigo, que Deos fez nos
Anjos, que peccarão se vê mais clara-
mente a grandeza deste desterro.
Creou Deos os Anjos, creaturas bel-
lissimas assim nos dotes da natureza,
como da graça. Foy seu principio no
Ceo Empyreo: cometerão hum pec-
cado de pensamento, & o castigo,
que Deos lhes deo foy de desterro
da Patria para o mais profundo lugar
da terra, que he o Inferno: *Detractos* *2 Pet.*
in tartarum, para que entendamos, *2. 4.*
que assim como aquelle foy o mayor
peccado, assim o castigo foy o mayor
castigo. E he muyto de notar, que
onde S. Pedro diz, que estes Anjos
forão lançados da Patria para o des-
terro

terro atados à força com correntes infernais: *Rudentibus Inferni detra-*

Ibid.

Etos. S. Judas Thadeo diz, que elles mesmos por sua vontade deyxarão a sua patria pelo desterro: *Dereliquerunt suum domicilium*; porque por

Juda
6.

sua vontade quizerão o peccado; mas não quizerão por sua vontade o castigo. É como o peccado foy dos Anjos, & o castigo foy de Deos, Deos os desterrou, & elles se desterrarão. Esta he a circumstancia, que mais aggrava; & mais atormenta a esses desterrados os demonios, assim como tambem os mais condenados: conhecerem vivamente, que por sua vontade padecem aquelle desterro, porque por sua vontade se desterrão da patria Celestial, porque por sua vontade peccarão: *Dereliquerunt suum domicilium*.

Aggrava sobre tudo o seu tormento o ser este desterro irrevocavel.

Entre o bem, & mal eterno. 77
vel. Absalaõ desterrado da sua pa-
tria, & caza de seu Rey Dávid, meteo
valias, & sahio do desterro. Os filhos
de Israel estiveraõ quatrocentos an-
nos no Egipto: clamaraõ a Deos, &
tornaraõ para a Patria. O mesmo
succedeo no destetto de Babylonia;
porque por benevolencia del Rey
Cyro tornaraõ para a Patria. Mas os
que chegaraõ a cahir naquelle pro-
fundissimo poço do Inferno, já mais
delle sahirão. Deyxo de ponderar as
qualidades, que fazem mais horro-
rozo este desterro, porque ao diante
se ponderão. Por hora fica adverti-
do, ó Catholico, de que esta he a Pa-
tria, este o desterro, que te esperão na
outra vida. Esta agua, este o fogo,
que te poem Deos diante dos olhos;
Apposui tibi ignem, & aquam. Vê
qual te agrada; porque na tua mão
pòz Deos a escolha: *Ad quid volue-
ris porrigi manum.*

ELEY-

ELEYÇAM HE

Ceo amplissimo,
Inferno apertadissimo.

Eze-
ch. 4.
1.

M Andou Deos ao Profeta Ezechiel, que tomasse hum ladrilho, & descrevesse nelle a famosa Cidade de Jerusaleem. *Sume tibi latere...* & *describes in eo Civitatem Jerusalem.* S. Gregorio diz, que nesse retrato quiz Deos fazer huma imagem da Cidade, & reyno Celestial: *Imaginem urbis, & regni celestis.* Mostrou Deos dahi a muytos annos a S. João no Apocalypse a mesma imagem na figura de huma fermoza, & dilatada Cidade tal, qual se descreve no mesmo Apocalypse. E qual será a razão de tanta differença? A Ezechiel em hum tijolo, & a S. João huma tão dilatada Cidade? A razão he

Entre o bem, & mal eterno. 29

he, porque a descripção de Ezechiel era feyta por hum homem, a de S. João por hum Anjo; & descrever a grandeza daquella Cidade, só hum morador do Ceo o poderá fazer; que o mais que hum homem pôde dizer da sua grandeza, he como comparar hum tijolo com huma cidade. Que podemos nós logo dizer da sua grandeza? Digão os Profetas o que virão, & digão os Mathematicos o q sentem.

Os Mathematicos dizem, que toda a redondeza da terra, em comparação do firmamento, he como hum grão de areia comparado com toda a terra; & que esse firmamento comparado com o Ceo Empyreo, lugar dos Bemaventurados, he como hum ponto. E fenão, (dizem,) levantay os olhos para o Ceo, & contay as Estrellas, se podeis. Pois sabey que humas dessas Estrellas são mayores, que

que a terra trinta, cinco vezes, outras quarenta, & quatro; & outras setenta, & duas vezes, & as de menor grandeza são de foyto vezes maiores que a terra. Quam dilatado logo será o espaço do Ceo Estrellado, & estando matizado de tantas, & tão maravilhozas Estrellas? E se o firmamento he tão amplo, que será o Ceo Empyreo? A vista disto não acharás ser encarecimento o que muytos dizem, que se Deos de cada grão de areia criasse hum novo mundo, todos esses mundos não encherião a capacidade do Ceo Empyreo.

Bar.
3.24.

O Profeta Baruch: *Quam magna est domus Dei, & ingens locus possessionis ejus!* O quam grande he a casa de Deos! Quam espaçozo o lugar de sua possellaõ! E quam grande será? Será como o que imaginão os Mathematicos? Pouco dizem. He grãde sem fim, excelso, & immenso. *Magnus*

nus

Entre o bem, & mal eterno. 31
nis est, & non habet finem, excelsus, & Ibid.
immensus. Assim convinha fosse tão
 dilatada a caza, que he morada do
 mesmo Deos, & onde hão de morar
 eternamente tantos Anjos, & tantos
 Bemaventurados, porque ainda que
 os espiritos não dependão de lugar
 corporeo para morar, com tudo de-
 pois da resurreyção estarão as almas
 com seus corpos gloriosos, & pode-
 rão passear, & discorrer por aquelles
 immensos espaços sem dificuldade
 alguma em virtude do dote da agili-
 dade, como já os vio discorrer Eze-
 chiel. E Izayas diz, que hão de cor-
 rer sem cançar: *Current, & non labo-* *Isa.*
rabunt. Nem porisso deyxarão de *40.*
 ver a Deos, assim como os Anjos da *31.*
 nossa guarda com andarem em nos-
 sa companhia na terra, não deyxão
 porisso de ver a Deos no Ceo, como
 disse Christo: *Angeli eorum in Caelis* *Mat.*
semper vident faciem Patris mei. Tão *18.*
 amplo *10.*

amplo como isto he o lugar do Ceo.

Pelo côtrario, o Inferno he lugar apertadissimo, & estreytissimo, a q̃ Isayas chama carcere, onde os cõdenados estão tão apertados como fey-xes delenha: *Et claudētūn ibi in carce-re*, & carcere feyto pela mão de Deos, para prizão dos Anjos, que forão arrojados do Ceo, onde forão prezos com aquellas correntes infernaes:

2. Pet. *Rudentibus Inferni detractos*, a que

2. 4. S. Judas Thadeo chama prizões eternas: *vinculis æternis*. Isayas lhe

Juda. chama lago: *Congregabuntur in con-gregatione unius fascis in lacum*. E S.

Isa. João no Apocalypse chama poço do abismo: *Puteum abyssi*: que quer di-zer poço sem fundo, cujas chaves

Apoc. estão só no poder de Christo, como elle mesmo disse *Habeo claves mortis*,

Apoc. & *Inferni*, para denotar, que não só 1. 18. he carcere, mas eterno, porque he car-

carcere, que Deos fechou. O lago dos leões, aonde foy lançado o Profeta Daniel mandou o Rey fechar com huma pedra, & sellar com o sello real; mas o mesmo Rey, que o fechou, esse mesmo o abriu; porém este lago do Inferno Deos o fechou, para nunca mais se abrir.

Santo Agustinho, a quem segue Lessio, diz que não só hão de estar os condenados, presos no carcere, mas atados com aquellas correntes ardendo de que falla S. Pedro: *Rudentibus Inferni*; como hum prezo com pezados grilhões, que tão os corpos de fogo, a que estão atados. De sorte que além do fogo, em que ardem, não podem mover pè, nem sair daquelle lugar: & este he hum tormento, que notavelmente aggrava o tormento do desterro, em que estão; porque no desterro pòde mover-se o desterrado, mas o que está
C prezo

Exod. prezo não se pode mover: *Fiant im-*

15.16 mobiles quasi lapis, diz a Escritura
estarão como huma pedra de moi-
nho lançada no mar; & he a mesma
consideração de Christo fallando do

Mat. escandalozo: *Expedi ei, ut suspen-*

18.6. datur mola asinaria in collo ejus, &
demergatur in profundum maris. Pois
assim como a pedra, que cahio no
profundo do mar, não se pôde mover,
assim o condenado, que cahio na
quelle mar de fogo infernal, senão
pode mover já mais por toda a eter-
nidade.

Para significar o horror desta
pena, costumão pintar hum homem
entre lavaredas de fogo, atado de
pès, & mãos, pregado com huma ca-
vilha de ferro pelas fontes a hum ro-
chedo; & o P. Mansi diz que na quel-
la forma apparecera já a alma de hũ
condenado. Na Escritura Sagrada
acho eu outra imagem melhor. Fugi-

ra

Entre o bem, & mal eterno. 35

ra Sisara do exercito de Barac Capitão dos exercitos de Israel, & escóndendose em caza da valeroza Jabel, ella, estando Sizara dormindo, lhe pregou na testa hum prego, de sorte, que não só ficou pregado na terra, mas morto. Eis-aqui o que os pintores querem significar na quella pintura : que de tal sorte estão os condenados prezos na quelle triste carcere do Inferno, como se estivessem como Sisara morto, & pregado na terra com huma cavilha de ferro.

Melhor que todos o significou Salamaão no Capitulo onze do Ecclesiastès. *Sic ceciderit lignum ad Auf- Eccle. trum, aut ad Aquilonem, in quocunque loco ceciderit, ibi erit.* Onde quer que cahir a arvore, ou seja para a banda do sul, ou seja para a banda do Norte, ahi ficará para sempre. Nas quaes palavras entendem os Santos Padres os que morrem na graça de

Cij Deos

Deos, & os que morrem em peccado mortal. Para o que havemos de suppor, que todos nesta vida somos como humas arvores, que Deos plantou no Paraizo de sua Igreja, para fazermos fruto de vida eterna. O justo que conserva a vida da alma, que he a graça, quando he cortado pela morte, cahirá para abanda da salvação, que he o Ceo: & o que for cortado em peccado mortal, cahirá para abanda da condenação, que he o Inferno, & aonde quer que cahir, ahi ficará eternamente.

Pelo que fica dito entenderás de algum modo, quam dilatada, & immensa seja a capacidade do Ceo, & quam apertada, & horrenda seja a estreyteza do Inferno. O que importa he que com tempo a certos na escolha de hum a de duas: *Ad quod volueris, porrige manum.*

ELEY-

E L E Y Ç A M IV.

O Ceo lugar clarissimo.
Inferno escurissimo.

H Uma das mayores excellencias do Ceo he fer lugar clarissimo, todo banhado de hum Celestial resplendor. Isso significa o mesmo nome de Empyreo, que vale o mesmo que Igneo, não porque haja alli fogo, como cuidarão alguns Mathematicos, senão porque todo he huma mera luz, & resplendor. E dado caso, que fogo tenha o seu centro no Ceo, he só para luzir, & não para queymar; ao contrario do fogo do Inferno, que queyma, & não allumia.

S. João, que no Apocalypse vio esta Celestial Cidade, diz q̃ tinha a claridade de Deos: *Habentem claritatem Dei*: & que por isso não carecia 21.11 de

de outra luz nem do Sol , nem da Lua, porque a claridade de Deos a allumiava , & o cordeyro , que he

Ibid. Christo era a sua lampada: *Et civitas non eget Sole, neque luna, ut luceant in ea. Nam claritas illuminavit eam, & lacerna ejus est Agnus.* Alé desta claridade de Deos a Santissima humanidade de Christo com outras resplendentes Estrellas , que são os Anjos , & Bemaventurados do Ceo eclarecem summamête a quelle soberano lugar.

Não he crível , que os corpos assumptos formados do ar , em que os Anjos apparecem , representem a fraqueza dos olhos mayor luz, que a do Sol, & com tudo a luz do Anjo, que appareceo a Daniel, & do Anjo que annunciou a Resurreyção de Christo, diz o texto, que resplendecia o seu rosto como relampago , & dos Anjos, que annunciarão o Nascimento

Entre o bem, & mal eterno. 39

cimento de Christo aos Pastores ,
diz o Evangelho , que a claridade
de Deos os cercara: *Claritas Dei cir-* *Luc.2*
cumfulsit illos. 9.

Todos os Theologos com Santo
Thomàs dizem , que pelo dote da
claridade hão de resplêdecer os cor-
pos dos Bemaventurados mais que
o Sol. E se cada corpo glorioso ha-
de exceder a luz do Sol, & a humani-
dade de Christo , & sua Santissima
Mãe excedem na claridade a todos
os Santos juntos , o lugar , onde se
ajuntão tantos , & tão grandes lu-
zeyros , que admiravel vista repre-
zentará aos olhos , confortados por
virtude Divina para sustentar a for-
ça de seus rayos? Quanta será pois a
claridade de tantos corpos glori-
zos? Quam claro , & resplendecente
será o lugar , onde resplendem
tantos animados soes?

O Inferno pelo contrario he lu-
gar

gar escuríssimo, lugar de trevas , assim como o Ceo he lugar de luz. Em nenhum lugar das Escrituras se encarece melhor , que nõ Santo Job.

Job.

10.21

Chamalhe terra tenebroza , & cuberta com a escuridade da morte : *Terram tenebrosam , & opertam mortis caligine*: terra de miseria, & de trevas: *Terram miserie , & tenebrarum*. He certo , que não fallava Job do Inferno dos condenados , senão da sepultura quanto ao Corpo , & do limbo quanto à alma. Mas com quanta mayor razão o podia o Santo dizer do Inferno , aonde não chega , nem pode chegar luz alguma ? Quando Christo S. N. desceo aos Infernos a visitar , & tirar daquelle tenebrozo lugar as almas dos Santos Padres , resplendeceo aquelle lugar com a luz , que sahia de Christo. Assim

Isa.9.

2

entendem aquillo de Isayas: *Populus , qui ambulabat in tenebris , vidit lucem*

mag

Entre o bem, & mal eterno. 41
magnã. Porém no Inferno dos cõde-
nados nunca já mais se vio luz ; por-
que aquellas trevas são eternas, a
que Christo chamou trevas exterior-
res : & he tão grande este tormento,
que se pôde comparar com o mayor
de todos, que he o fogo eterno.

Todas as vezes, que Christo Se-
nhor Nosso quiz significar o rigor,
do Inferno o fez com o horror das
trevas, & com o rigor do fogo. Hu-
mas vezes dizia: lançayos nas trevas,
exteriores; outras, lançayos no fogo do
Inferno; como se fosse o tormêto das
trevas igualmente para temer, que
o do fogo. A razão he, porque assim
o fogo, como as trevas são tormentos
fabricados pela mão da Justiça Di-
vina para tormento dos peccadores;
porque nem aquelle fogo he da qua-
lidade do nosso, que sò atormenta o
corpo, & não a alma, nem aquellas
trevas são como as desta vida, que
consis-

consiste na auzencia da luz: fogo era fim, que só Deos pôde apagar, trevas em fim, que só Deos pôde desterrar.

Daquellas trevas do Egypto, diz Salamão, que eraõ de tal qualidade, que nem a luz do fogo, nem a luz de todos esses astros do Céo as podiaõ desterrar: *Et ignis quidem nulla vis poterat illis lumen præbere, nec siderum limpida flammæ illuminare poterant illam noctem horrendam.* E a razão he, porque aquellas trevas não eraõ como as nossas, que consistem na auzencia da luz: eraõ trevas, que Deos fez para castigo dos Egyptios.

Accreceta o Texto sagrado, que no meyo destas trevas apparecera hum fogo subterraneo, que lhes causara grande temor: *Apparebat autem illis subitanens ignis, timore plenus.* Parece que no meyo de tantas trevas se deviaõ alegrar com a presença do fogo, & não temer. Mas como se haviaõ

riaõ de alegrar, se era aquelle fogo subitaneo, imagem do fogo do Inferno. Mas a que fim mandou Deos aquelle fogo entre aquellas trevas? Respondem os Expositores, que foy para que por elle conhecessem melhor os Egypcios o rigor da Divina Justiça, redobrandoselhes o seu tormento com o temor do fogo, & horror das trevas. Foraõ taõ horrendas aquellas trevas, que por espaço de tres dias se viraõ os Egypcios rodeados de huma taõ basta, & espessa escuridade, que a apalpavaõ com as mãos. E para que fosse mayor o seu tormento, diz a Escritura, que daquellas trevas formou Deos huma cadeya, com a qual os tinha a todos prezos, & atados, sem se poderem bulir do lugar em que estaõ. *Una enim Ibid. v catena tenebrarum omnes erant colli-* 17.
gati.
 E se estas foraõ as trevas do E-
 gypto,

gypto, considera, Catholico, quais serão as do Inferno? Se as trevas de tres dias cauzarão tanta afflicção, & pavor nos Egypcios; que pena, que tormento, & que confusão não cauzarão aos condenados as trevas, não de tres dias, mas de toda a eternidade? Abre com tempo os olhos, & com a luz desta consideração, vê qual te está melhor, se a luz do Ceo, ou as trevas do Inferno? *Ad quod volueris porrigere manum.*

E L E Y Ç A M V.

O Ceo lugar de *summa* felicidade;
O Inferno lugar de *summa* deshonra.

TOda a felicidade desta vida fundaõ os mundanos nas honras, nas riquezas, na faude, & nos deleytes. Estes, diz o Santo Job, se tem
Job. 21.23 por felices: *Robustus, & sanus, dives,*
&

Entre o bem, & mal eterno. 43.

& *felix*. Porém estes se gozaõ nesta vida dessas felicidades: *Ducunt in bonis dies suos*: em hum momento passaõ *13.* para as infelicidades do Inferno: *Et in puncto ad Inferna descendunt*. Com muyto mayores ventagens, & com muyto mayor segurança se achão todas estas couzas no Ceo morada felicissima dos Bemaventurados.

Quanto às honras, diz David: *Nimis honorificati sunt amici tui, Deus nimis confortatus est principatus eorum*. *138.* Todos são Principes, & todos Reys, *17* porque a todos deo Christo a posse do Reyno dos Ceos, que desde o principio do mundo lhes tinha preparado: *Possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi*. O que *25.34* affaz encareceo David com dizer, que Deos os coroara com gloria, & honra: *Gloria, & honore coronasti eum*. *psal. 8* Perguntou Assuero a Aman, que devia fazer hum Rey à aquelle, a quem *6.* queria

Esther
6.6. queria honrar? *Quid debet fieri viri,*
quem Rex honorare desiderat? Res-
pondeo Aman: *Debet indui vestibus*
regis... & accipere regium diadema
super caput suum. Não he pôde fazer
mayor honra, que vestillo da purpura
real, & coroallo com a coroa de Rey.
Respondeo bem; porque nesta vida
não ha outra honra mayor. E não he
isto mesmo o que faz Deos a qual-
quer bemaventurado no Ceo? Não
he esta a estolla de gloria, com que
Deos veste os seus escolhidos? *Stola*
gloriæ vestiet illum. Não he esta a co-
roa, que o mesmo Deos lavrou de hu-
ma sô pedra precioza, para lhes põr
sobre a cabeça: *Posuisti in capite ejus*
coronam de lapide pretioso?

Psal.
20.4.

A mayor honra, que derão os
Romanos aos vencedores era huma
coroa de louro, que em dous dias se
fecava. A coroa, com que Deos no
Ceo coroa os que nesta vida vence-
raõ

Entre o bẽm, & mal eterno. 47

Não he de gloria, ou de pedras precia-
zas, q por toda a eternidade dura.
Vio S. Joáo no Apocalypse huma
maravilha, ou final grãde: huma mul-
her vestida de Sol, & coroada de Es-
trellas: *Signũ magnũ apparuit in Cæ-* Apoc.
lo. Era final da Igreja triunfante, & 12.
era na occasião, em que sahia ven-
cedora do Dragão, que he o demo-
nio, que pretendia tragar na terra
os fieis: & naquelle trajo, & na quel-
la coroa quiz significar a roupa de
gloria, que vestem no Ceo os que
vencem na terra, & a coroa com que
são coroados no Ceo.

Accreceta esta hõra o que Chris-
to diz no Evangelho, hade fazer
Deos com os servos fieis, & vigilan-
tes, que não só os hade assentar à sua
meza, maz que elle mesmo os havia
de servir: *Faciet illos discumbere, &* Luc.
transiens ministrabit illis. E com que 12.
metaphora melhor podia Christo sig- 37.
nificar

nificar a honra, com que os Santos são exaltados no Ceo?

E finalmente excede todo o encarecimento o que o mesmo Christo disse a S. João, que havia de assentar em seu mesmo trono junto ao trono de seu eterno Padre o vencedor: *Apoc. Qui vicerit dabo ei sedere mecum in* 3.21. *throno meo.* E que mayor honra se pode considerar? Com cetros, & coroas de Reys os vio S. João sentados em cadeyras diante do trono do cordeyro. Mas assentados em tronos com o mesmo Christo, he honra infinitamente grande. Assim honra Deos no Ceo aos que o amão, & temem na terra, & esta he a sua felicidade.

Pelo contrario no Inferno são tratados os condenados com aquelle opprobrio sempiterno de escravos do demonio, que são. No Ceo são os Santos Reys, & Senhores, no Inferno

Entre o bem, & mal eterno. 49

no são os condenados escravos. Aque-
lla honra do Ceo se oppoem á
summa deshonra do Inferno. Todo
o que pecca nesta vida se faz pelo
pecado escravo do demonio; mas
no Inferno o he não só pela culpa,
mas tambem pela pena. E pode-se
considerar mayor deshonra? A es-
cravidão desta vida pode-se resgatar
com a penitencia, a da outra por mais
que padeção, nunca se pôde resga-
tar, & sempre serão escravos.

E o que mais horror causa he,
que não só são escravos do demonio,
mas que são tratados como tais, não
cessando os demonios de os ator-
mentar continuamente com açoitos,
castigo proprio de escravos. Assim o
diz o Ecclesiastico: *Sunt spiritus, qui* *Ecclesi.*
ad vindictam creati sunt, & in furore 39.
suo confirmaverunt tormēta sua 33.
Iê Tirino: *Qui furiose vibrant flagella*
in impios; porque ainda que estes
D espi-

espíritos maos sejam os algozes destinados por Deos para castigarem de todos os modos os condenados, o castigo em que mais se empregão he o dos açoutes, como a escravos. Esta he sobre o tormento, huma summa deshonra.

O que mais lastimava o coração de Jeremias não era tanto o cativeyro dos filhos de Siaõ, quanto ver, que elles fossem escravos de outros escravos: *Servi dominati sunt nostri*; porque como diz Tirino continuamente estava sobre elles o açoute em Babilonia, assim como fazião os servos de Faraõ no cativeyro do Egypto: *Quotidianum operis pensum à nobis exigentes etiam flagris, ut oli m fecerunt servi pharaonis in Egypto*; & esta pena com este oppobrio he que chorava com mayor sentimento Jeremias, quando com as lagrimas nos olhos o representava a Deos: *In*
tuere,

Thre-
no 5.
8.

Tiri-
nus
ibi.

Ibid.

Entre o bem, & mal eterno. 52
tuere, & respice opprobrium nostrum.
Vede Senhor, o nosso opprobrio,
porque não só foram os do velho po-
vo cativos para Babilonia, mas tra-
tados no cativeyro como escravos de
outros escravos. *Sicut dominati sunt*
nostri, & como tais com rigorozos
açoites castigados. *Furiose vibrant*
flagella sua. E que he isto senão ha-
ma figura do que passa no Inferno?
Em Babilonia, como diz o Author
das allegorias, se representava o In-
ferno: nos ministros do Rey se re-
presentavão os ministros infernaes,
que são os demonios, dos quaes são
continuamente açoitados os conde-
nados com muito mayor rigor, &
crueldade, que o foram os Israelitas
dos Babilonios.

Entre outras penas, que tinham
os Romanos para castigar os cazos
atrozes, era a de escravos, que chama-
vão escravos de pena, porque de tal

Dij sorte

forte perdiaõ a liberdade, que esta-
 vão applicados a certo castigo, do
 qual senão podiaõ livrar; & este era
 hum castigo sobre duro infame. Tal
 he a pena, que no Inferno padecem os
 condenados, os quaes haõ de ser es-
 cravos de suas penas, & mais dos mi-
 nistros dellas, que são os demonios,
 na qual se padece summo tormento,
 & summa deshonra, assim como a-
 quelles sobre escravos infames. Des-
 ta escravidão fallava o Profeta Isa-
 yas na figura de Babylonia, quando
 disse. *q̃ suas faces appareciaõ quey-*
Isa. madas, ou denegridas: Facies combustæ

13. 8. *vultus eorum.*

Agora importa fazer parallelo
 entre a summa honra dos Bemaven-
 rados, & a summa deshonra dos con-
 denados, & considerarmos, qual nos
 està melhor: se ser no Ceo Reys, se no
 Inferno escravos. *Ad quod volueris*
perrige manum.

ELEY.

E L E Y C A M VI.

No Ceo summa riqueza

No Inferno summa pobreza.

GRande parte da felicidade desta vida costumaõ pòr os homens nas riquezas; por isso chamaõ feliz ao que he muyto rico. Porém a verdadeyra felicidade naõ està nas riquezas da terra; senaõ nas do Ceo, porque só ellas são as verdadeyras. Ninguém foy mais rico nesta vida, que Salamaõ. E de que lhe servirão essas riquezas, se se duvida hoje da sua salvação? Dos pobres de espirito são as verdadeyras riquezas; porque delles he o reyno dos Ceos: com a pobreza, que amão na terra, gozaõ as riquezas, que gozaõ no Ceo.

Christo Senhor Nosso todas as vezes, que falla na Gloria do Ceo, o faz

faz com a semelhança de Thesouro, de Margarita preciosa, de Depario, de Herança, de Possessão, & finalmente de Reyno dos Ceos. Estaõ os bemaventurados da gloria de posse do Reyno dos Ceos, onde estaõ todas as riquezas de Deos, & sendo os espaços do Ceu quasi immensos, de todos são senhores, & se Deos repartisse os espaços do Ceu Empyreico, como mandou repartir a terra de Promissão aos filhos de Israel, caberia a cada bemaventurado mais Ceu, do que o mayor Monarca do mundo tem de terra.

A Monarquia dos Assyrios, que foy a que mais durou, a Monarquia dos Persas, a Monarquia dos Gregos, & a Monarquia dos Romanos não celebradas nas divinas letras, não abraçaraõ tanta terra, quanto possue de Ceu o menor bemaventurado, porque se he certo o que dizem os

Mathe-

Mathematicos, & approvaõ alguns Theologos, se Deos Nosso Senhor creasse denovo outros tantos mundos, quantos sãõ os grãos de areya do mar, todos caberiaõ naquelles immensos espaços do Geo Empyreõ, de que estaõ de posse os bemaventurados.

E finalmente se a gloria he herança, como diz S. Paulo: *Hereditatem capient salutis*; o mesmo Santo diz, que não he outra, senão o mesmo Deos, de quem como filhos somos herdeyros: *Si autem filij, & hæredes; hæredes quidem Dei*: & já primeyro que S. Paulo o tinha dito David: *Dominus pars hereditatis meæ*. E que riquezas, que posseão, que herança se pôde comparar com a de hum Deo, em quem estaõ todas as riquezas: *Deus meus, & omnia*? Consideremos pois quam rica he esta herança: *Quæ divitiæ gloriæ hereditatis ejus in Sanctis!*

Heb.

1. 14.

Rom.

8. 17.

Psal.

mo

15. 5.

Eph.

1. 18.

Etis! Quam ricos ficarão os Santos com esta herança de Deos ! Quam preclara, & nobre ajuntandole as honras com as riquezas, como diz

Psalmo David: *Et enim hereditas mea praeclara est mihi!* Quam doce, & quam suave, como o favo de mel : *Hereditas Eccli. mea super mel, & favum!* Herança em
 24. fim eterna, & perduravel, como diz
 27. São Pedro: *In hereditatem in corrupti-*
i. Pet. bilem, & in contaminatam, & im-
 14. *marcescibilem.*

Esta he a riqueza do Ceo. E qual será a pobreza do Inferno? Oh quam pobre, & pobrissimo fica hum condenado no ponto, em que perde a Deos para sempre ! No ponto em que Christo pronunciou a sentença: Apartate de mim maldito para o fogo eterno: *Discedite à me maledicti in ignem æternum*; perdeo hum condenado o direyto do reyno Celestial; que conseguirão os bemaventurados
 por

Mat.
 25. *ignem æternum*; perdeo hum conde-
 41. nado o direyto do reyno Celestial;
 que conseguirão os bemaventurados

Entre o bem, o mal eterno. 87

por sentença do mesmo Christo: *Veni benedicti Patris mei possidete paratum vobis regnum.* Pois assim como pela posse do reyno dos Ceos ficaõ os bemaventurados riquissimos, assim pela exclusão desse reyno ficaõ os condenados pobrissimos. Com razão disse delles David, que estavaõ prezos em pobreza, & em grilhões: *Vinctos in mendicitate, & ferro;* & se bem o grilhaõ he eterno, a pobreza he muyto cruel. *Psal. mo. 106.*

Aquelle Bispo de Laodicea, que se jactava de muyto rico: *Dives sum, & locupletatus;* disse Christo, que era pobrissimo, & cego: *Et nescis quia tu es miser, & miserabilis, & pauper, & cæcus, & nudus.* E a razão he, porque estavava em peccado mortal, como dizem os Interpretes; porque assim como o que està em graça tent direyto ao reyno dos Ceos, onde estaõ as verdadeyras riquezas; assim o que perde *10. Apoc. 3.17.*

perde juntamente o direyto que tinha a esse reyno. E se os que estão em peccado por não terem direyto ao reyno dos Ceos, são pobres, cegos, & pobrissimos, com quanta mayor razão se ha de dizer dos condenados, que são pobres, & pobrissimos, pois não sò estão privados da graça de Deos, & excluidos eternamente da gloria, mas ardendo entre as penas do Inferno. De cada condenado se pòde dizer com mayor razão o que daquelle peccador disse Christo: *Quia tu es miser... Et pauper, &c.*

O São Job, q em algũ tempo foy bem rico, veyo à tal pobreza, que a penas teve hum pedaço de telha, para se coçar. Mas que tem que ver esta pobreza com a de hum condenado? Delle diz Isayas, que nem hum caco de barro terá, em que traga hum gota de agua. *Et non invenietur*
14. de fragmentis ejus testa, in qua...
Hauri-

Entre o bem, & mal eterno. 69

Hauriatur parum aqua de fovea. Boa testemunha he disto o rico do Evangelho, q pedindo hũa gota de agua, a não teve, Tal pobreza experimentou no Inferno, o que em vida foi tão rico.

As almas do purgatorio tambem padecem pobreza naquella extrema necessidade, por que nem tem o pedaço de telha, que teve Job, nem a lingua do cachorro, que teve Lázaro; porque de si nada podem ter de merecimento, & de satisfação; porq já não estão em estado de merecer, nem de satisfazer: podem porém ser socorridos de nós, & continuamente estão recebendo grandes esmolas dos fieis Christãos, com que grandemente remedeão a sua pobreza; porém os miseraveis condenados nem podem ser socorridos de nós, nem são capazes de misericordia; & por isso a sua pobreza he summa. Nós que
com

com tanta ancia, & desvelo procurais ajuntar riquezas neste mundo, consideray agora, qual vos está melhor, se ser ricos no Ceo, se pobres no Inferno. *Ad quod volueris, &c.*

E L E Y Ç A M VII.

O Ceo lugar fertilissimo

O Inferno lugar esterilissimo.

PEla fertilidade da terra se conhece sua bondade. Por isso as duas Tribus de Israel Gad, & Manasses, não quizerão passar com as demais além do Jordão, por que acharão, que as terras daquem, erão terras ferteis para o pasto dos animais. O Ceo he lugar tão fertil de tudo, que tudo nelle he fartura; & por esta significa Deos nas Escrituras sua excellencia. Para prova da bondade da terra de promissaõ trouxe

Josue

Entre o bem, & mal eterno. 61

Josue o cacho de uvas. O Profeta David diz, que só então seria farto, quando chegasse a viver no Ceo: *Sat* *Psal.*
tiabor, com apparuerit gloria tua. E *mo* 16

Christo S.N. disse, q̃ erão Bemaventurados os que nesta vida tinham fome, porque na outra seriam fartos: 15.

Beati qui nunc esuritis; quia saturabimini; & com esta fartura se explica, *Luc. 6* 21

quam fartos são os moradores do Ceo na quella feliz patria, & terra de promissão, que mana mel, & maneyga.

No Apocalypse promete Deos ao vencedor o maná escondido: *Vincenti dabo manna absconditum;* *Apoc.* pelo qual entendem os Expositores 2.17.

a vida eterna. E a razão, porque a vida eterna se compara ao maná he, porque assim como no maná se achava o gosto de todas quantas iguarias queria o que comia; assim o que chegava ao Ceo a provar quam doce,

ce, & quão suave era Deos visto pela
 visão beatifica ficaria tão farto, &
 satisfeyto; como se comera todos
 quantos manjares regalados se podi-
 não dezejar: *Omne delectamentum in*
se habentem. E tomando no sentido;
 em que Christo falla, ha de achar o
 Bemaventurado todo o manjar, que
 dezeja. Quem se deleyta com a fer-
 mosura, achará em Deos tudo bel-
 dezas: quem com a sabedoria, verá
 em Deos tudo segredos: quem com
 as riquezas, verá em Deos tudo the-
 souros: quem com o regалlos, verá
 em Deos tudo deleytes: a quem a-
 gradão mais as obras de amor, que
 as de rigor, verá em Deos tudo fine-
 zas, tudo misericordias; & a tudo
 que dezejar, faberá este manà, por-
 que a tudo sabia o manà: *Omne delec-*
tamentum in se habentem.

A mesma fertilidade do Ceo se
 mostra na quella arvore da vida, que
 primey-

Entrê o bem, & mal eterno. 63

primeyro Deos plantou no Paraizo da terra, & depois transplantou no Paraizo do Ceo. Ao que vencer, disse Christo, darey a comer da arvore da vida, que està no Paraizo de Deos. *Vincēti dabo edere de ligno. Apoc. vita, quod est in Paradiso Dei mer. 2. 7.*

Esta arvore significa a visão beata, em que consiste a vida dos Bemaventurados: sua fertilidade significa a do Ceo. S. João diz, que os fructos desta arvore erão doze por todos os doze mezes do anno: *Afferens fructus duodecim permenses singulos.* E se 22. 2. quando as outras arvores no cabo do anno dão seus fructos, quam fertilferà a arvore, que todos os mezes vem com fructo? E se nesta semelhança quiz Christo significar a S. João, quam fertil he a terra do Paraizo, como pode haver no Ceo fome, ou esterilidade?

Se no Ceo tudo he fartura, no Infer-

Inferno: tudo he miseria: por isso;
 Job lhe chamou terra de miseria.

Job. *Terram miserie;* porque ainda que
 10.22 os condenados todo o dia, & toda a
 noite trabalham sem descanso, são
 como os Judeos em Babylonia, que
 todo o seu trabalho são de abrolhos,
 espinhos para seu tormento. Salamão
 diz, que passara pelo campo, & pela
 vinha do estulto preguiçoso, que
 he o Inferno, & não vira nelle, mais
 que espinhos, & ortigas, que não

Prov. servem mais que de molestia. *Per*
 24.30 *agrum hominis pigri transivi. & per*
vineam viri stulti: & ecce totum reple-
verant urticae, & peruerant superfi-
ciem ejus spine. Todas quantas ope-
 rações ha nos condenados assim nas
 potencias da alma, como nps senti-
 dos do corpo, tudo são abrolhos,
 que atormentão, tudo espinhos, que
 molestão, porque nem hum só acto
 podem obrar, que possa ser de ali-
 vio,

Entre o bem, & mal eterno. 64

vio, nem proveyto. Que fartura
pode haver no Inferno? Só de op-
pobrios pode ser farto o condenado,
como diz Jeremias: *saturabitur op- Thr-
probrijs.* en. 3.

Christo Senhor Nosso no Evan- 30.
gelho ameaça com a fome do Inferno
aos que nesta vida forão fartos *Va. Luc.
vobis qui saturati estis: quia esuriistis.* 6. 25.
Os mesmo diz o Profeta Isayas: *Ecce Isa.
servi mei comedent, & vos esurietis: 65.
ecce servi mei bibent, & vos sitietis.* 13.
Os meus servos no Ceo comerão da
quelle manà escondido, & beberão
daquelle rio deleytes, que alegra
a cidade de Deos, & vós no Inferno
padecereis a fome, & a sede, que
nunca hade ser farta; & este he hum
dos mayores tormentos do Inferno.
David chamou a esta fome, fome de
caens famintos: *Famen patientur ut ps. 58,
canes.* Será este tormento mayor do 7.
que se pode imaginar, porque se ain-
da

da a fome desta vida achou Quintiliano ser o mayor de todos os males: *Fames durissimum malorum*; que será a fome da outra vida? David dandolhe o Anjo a escolher hum de tres males, peste, fome, & guerra, antes escolheo a peste, que a fome, antes a morte de setenta mil homens, que perecerão de peste, que a fome de sette annos, porque julgou, que não podia haver peyor mal, que a fome. O certo he que a fome nesta vida tem chegado a tal extremo, que chegarão os homens a comer todo o genero de animais immundos, como ratos, gatos, cachorros, & na fome de samaria chegarão as Mays a comer a leus próprios filhos. Tão terrivel, & intoleravel tormento he o da fome nesta vida, mas quanto mais terrivel, & intoleravel será no Inferno? Concidera o bem catholico, se agora não te atreves a soffrer a fome

Entre o bem, & mal eterno. **69**
fome de hum ou dous dias ; dizeme,
como poderàs soffrer a fome de toda
hum eternidade?

E L E Y C A M VIII.

O Ceo lugar abundante de aguas.

O Inferno esterilissima.

PRimeyramête havemos de sup-
por, que nos Ceos haverdady-
ra agua, como diz David : *Aqua ps.*
omnes, quæ super Cælos sunt ; o que **148.4**
não se pode entender das nuves, co-
mo alguns cuidarão ; porque as nu-
ves não estão sobre os Ceos, senão
abayxo dos Ceos, & o Profeta diz,
que estão em cima: *super Cælos sunt.*
Alem de que o Profeta Daniel diz,
que essas aguas hão de louvar a De-
os eternamente. *Benedicite aque p'm Dan.*
nes, quæ super Cælos sunt Domino ; 3.60.
E ij lau-

laudate, & superexaltate eum in seculum; & he certo que as nuvês não hão de durar eternamente.

Santo Agustinho com outros Santos Doutores, que allega Cornellio, diz que não ló estão sobre os Ceos, mas que estão no Ceo Empyreo, ou Paraizo Celestial a modo de hum fermoso tanque, não só para ornato, & fermosura do lugar, mas para recreação dos bemaventurados, que depois da resureyção hão de ter seus corpos gloriozos; & assim como hão de ter ar para respirar, assim hão de ter agua, para formar todas aquellas formas, que servirem para sua recreação. E posto que essas aguas sejam da mesma substancia elementar, estão na quella perfeição, em que Deos as criou no principio; de sorte, que possão ser alegria aos moradores do Ceo, & se possa dizer o que Davyd cantou, que o impetu da quelle
rio

Entre o bem, & mal eterno. 69

rio alegre a Cidade de Deos : *Fluminis impetus latificat civitatem Dei.* Ps. 45. 5.

Outra agua superior, & divina ha no Ceo, de que fallão as Escripturas, & de que bevem os bemaventurados; & não he outra, senão a fonte da divindade de Deos : *Torrente voluptatis tuae potabis eos : quoniam apud te est fons vitae.* Dêstes, (diz David,) a vossos escolhidos a beber do rio do vosso deleyte, porque em vòs està a fonte da vida. Mais claro ainda o Profeta Isayas: *Non esurient, neque sitient... & ad fontes aquarum potabit eos.* Os Santos no Ceo não terão fome, nem sede; porque o mesmo Deos os levarà a beber às fontes das aguas. E o Anjo do Apocalypse, que fallava à S. João, explicou, que aquellas aguas erão da fonte da vida, que he a divindade : *Et deducet eos ad vitae fontes aquarum.* Finalmente ou estas aguas sejam verdadeyras

dadeyras aguas, ou metaforicas, por ellas se significa a frescura, a amenidade, & fertilidade da quelle felicissimo lugar.

E que havemos de dizer do Inferno, onde o rico avarento não achou huma gotta de agua para refrigerar os ardores da sua lingua? Toda a agua, que poderia haver no Inferno, se converteo nos tanques de neve, donde passarão para os tanques de fogo, como diz Job: *Ad nimium calorem transeat ab aquis vivum.* Qual ficou a terra do Egipto, quais seus habitadores, quando virão suas aguas convertidas em sangue; tais ficarão os condenados vendo as suas aguas convertidas em fel de Dragoens, que esta he a sua bebida: *Fel draconum vinum eorum.* E se acázo no Inferno ha alguma agua apparente, como fingirão os Poetas na fabula de Tantaló, he para seu mayor

Job.
24.
19.

Deut.
32.33

Entre o bem, & mal eterno. 71

mayor tormento ; porque he muyto grande a pena , que ainda nesta vida cauza a sede.

A sede que a tormentava a Siza-
ra , quando fugia de Barac , foy cau-
za de fua defeftrada morte , ás mãos
de huma mulher. Quando Agar def-
terrada de caza de Abrahão vio, que
feu filho morria no deserto à sede
não teve olhos para o ver morrer de
sede: *Non videbo morientem puerum* : Gen.
& era tal a lastima , que obrigou a 21.26
Deos afazer brotar huma fonte de
agua : o que Deos não hade fazer no
Inferno , por mais que veja quanto
os condenados padecem na falta de
agua.

Fome canina chamou David a
fome do Inferno : *Famen patientur Ps. 58.*
ut canes : o mesmo se hade dizer da
sede , & não poucas vezes foy mais
toleravel a fome , q̃ a sede. Quando os
tres Reys de Judea , Israel , & Edom
mar-

marchavão por hum deserto contra os Moabitas, faltandolhes agua, se desanimarão de forte, que se derão por perdidos. Tiverão agua por orações de Eliseo, & destruirão a Cidade de Moab, tomando-lhe todas as fontes : *Universos fontes aquarum obturaverunt.* Esta he huma figura do que passa no Inferno com a falta de agua ; porque lhes cerra Deos todas as fontes, para que eternamente padeção a quella intoleravel sede.

4. Re

8.3.

25.

ElRey Lyfimaco tinha cercado hum Capitão dos Getas na Scythia, & redozido a tal aperto, que perecia de sede; & não podendo já soffrer a sede, se entregou nas mãos de seus inimigos, pedindo-lhe dessem de beber. Tanto que matou a sede, levantou os olhos ao Ceo dizendo : *Por quam breve deleyte de Rey me fiz escravo!* Taõ themente como isto he a payxão da sede. Muyto peyor
ainda

Entre o bem, & mal eterno. 73

ainda he a de hum condenado, porque pelo breve deleyte de hum peccado perde o Reyno dos Ceos, & não mata a sede, que padece.

Eis aqui, catholico, quam abundante deaguas he o Ceo, & quam esteril o Inferno. Agora te offerece Deos este fogo, & aquella agua. *Apposui tibi ignem, & aquam.* Se perseveras na ancia de riquezas, honras, & deleytes da vida, & morres em peccado mortal, hirás padecer a sede eterna no Inferno. Se mortificas essa sede, & perseveras nos teus bons propositos até a morte, hirás ao Ceo, onde não ha fome, nem sede: *Non esurient, neque sitient.*

ELEY-

E L E Y Ç A M IX

O Ceo lugar de benção,
O Inferno lugar de maldição.

HE o Ceo lugar de benção, porque lugar, que Deos destinou para os bemaventurados. Quando Deos meteo de posse os justos do reyno dos Ceos, o titulo, que lhes deo foy de benditos: *Venite benedicti Patris mei*. Este he o titulo, que no Ceo conservão os bemaventurados, & nesta benção receberão todas aquellas bemaventuranças q̃ logrão no Ceo, como diz S. Paulo: *Qui benedixit nos in omni benedictione spiritali in caelestibus in Christo*. He a benção de Deos de tal virtude, que nella consiste a enchente de todos os bens; porque como em Deos o mesmo he dizer que fazer, o mesmo he fazer, que chamar benditos; porque

Entre o bem, & mal eterno. 75

que se as benções dos Santos Patriarcas antigos tiveraõ virtude, para cauzar abundancia dos bens da terra, a benção de Deos como não ha de ter virtude de cauzar os bens do Ceo? Com muyta razão logo se deve chamar Ceo lugar de benção.

E sendo lugar de benção por ser morada daquelles a quem o eterno Padre lançou sua benção, seguese ser o Ceo lugar de paz, & quietação, lugar de charidade, & amor, lugar seguro sem temor, lugar Santo, & permanente, & finalmente lugar de toda a felicidade, aonde, como diz David, enviou Deos todas quantas benções se podem imaginar. *Quoniam illic Ps. mandavit Dominus benedictionem, & 132. 3 vitam usque in sæculum.*

Depois de Deos Nosso Senhor acabar com a fabrica do Ceo, & terra, diz a Escritura, que descansara Deos ao septimo dia, & que lhe lan-
çara

- çara a sua benção: *Et benedixit diei septimo*. Assim como aquelle dia do descanso de Deos he figura do descanso da gloria; assim aquella benção he figura da benção, com que Deos abendiço ou aquelle lugar do Ceo. Quando David pedio a Deos *Pf.27. 8. benedic hereditati tue*; ainda que no sentido litteral fallava de Jerusalem, no sentido espirital entêdia o Ceo. Fello assim Deos, como diz o mesmo David: *Pf.84. 2. Benedixisti Domine terram tuam*. Com quanta razão he logo o Ceo lugar de benção.

Pelo contrario o Inferno se hade chamar lugar de maldição; porque he lugar que Deos fez para castigo da quelles a quem Christo lançou a maldição: *Mat. 25. Disceditis à me maledicti in ignem æternum*. Quando o primeyro homem peccou, lançou Deos a maldição à terra, em que cometeo

Entre o bẽm, & mal eterno. 77

o peccado: *Maledicta terra in opere Gen. 3: 17.*
tuq. Quando peccou o segundo,
que foy Cain, lançou Deos a maldi-
ção à terra, & mais ao homem *Nunc Gen.*
igitur maledictus eris super terram. 4. 11.
Huma, & outra maldição cahe sobre
o Inferno, porque não sò são amal-
diçoados os condenados, mas també
he amaldiçoado o infame lugar, em
que morão.

Mais de sincoenta maldições lá- *Dent.*
rou Deos por boca de Moyfes sobre *28. 17*
aquelles, que não guardassem a sua
Ley; & com serem todas tremendas,
não tem que fazer com huma sò mal-
dição, que Christo lança sobre os
condenados; porque todas aquellas
maldições de Moyfes topavão em
castigos, & males desta vida: a maldi-
ção de Christo estendia-se à castigos
& males da outra. E he de notar, que
maldições de Moyles não sò se esten-
diaõ às pessoas, & plantas, mas ainda
à

à terra, & a tudo o mais.

Tal foy a maldição, com que Christo amaldiçoou a figueyra, por não achar nella fructo: S. Mattheus diz, que logo no mesmo ponto secou a figueyra: *Arrefacta est continuo ficulnea*: S. Marcos acrescenta: *Aradicibus*: até as raizes secaraõ. E acrescentaõ os que correrãõ a Terra Santa, que ao redor daquella arvore ficara a terra taõ esteril, que nada produzia; porque ainda que a maldição do Senhor não foy dirigida à terra, senão à figueyra, he tal o rigor desta tremenda maldição, que não sò alcançou a arvore, mas tambem à terra onde ella estava.

Mat.
21.
19.
Mar.
11.20

Semelhante a este he outro cazo, que se conta de hum escomungado, que caminhando por hum campo, onde quer que punha o pè se secava por mais verde, & florente que estivesse, & tantos rastos ficavaõ na terra secos,

cos, quantos passos dava, querendo Deos neste cazo significar, que a maldição, que cahio sobre o excomungado tambem cahio sobre a terra que pizava. Tudo são semelhanças que se nos não declaraõ, como em si he; ao menos de algum modo nos representam o que passa no Inferno. Todos quantos alli estão, são excomungados com a maldição, com que Christo os sentenceou; & com esta maldição he mais terrivel, que tudo o que se pôde imaginar, não só cahio este rayo sobre os miseraveis condenados, mas sobre a terra, que pizaõ, que he o Inferno, ficando amaldiçoado tudo quanto ha naquelle lugar. Esta he, Catholico, a benção do Ceo esta a maldição do Inferno. Huma das duas te espera na outra vida. Agora, que Deos te dà tempo procura acertar na escolha, já que Deos ta poem na tua mão. *Ad quod volueris, porrigere manū.*

ELEY-

E L E Y Ç A M X.

*O Ceo lugar de fogo, que recrea,
O Inferno lugar de fogo, que atormenta.*

SUpponho, como sentem muytos Theologos , & Mathematicos, que o elemento do fogo tem no Ceo seu lugar natural, assim como o tem a agua sobre a terra , & sobre a agua o ar; assim a ordem admiravel desta architectura do universo pedia , que tambem o elemento do fogo tivesse seu lugar. E se he certo o que communmente dizem , que a materia do Sol he fogo, he muyto provavel, que assim como Deos formou os Ceos da agua, assim formasse o Sol do fogo.

Porèm abstrahindo de opiniões Mathematicas, a Escritura em varios lugares mostra que no Ceo ha fogo verdadeyro. Quando Deos quiz a-
brazar

Entre o bem, & mal eterno. 81

brazar as Cidades de Sodoma, & Gomorrha, diz o Sagrado Texto, que mandara fogo do Ceo : *Pluit... Gen. Sulphur, & ignem à Domino de Caelo; 19.* & dizem os Expositores fundados^{24.} na palavra, *De Caelo*, q̃ não fora fogo da terra, senão do Ceo. Quando El-^{4. Reg. 1.} Rey Ochozias mandou por duas vezes chamar o Profeta Elias, fez o Profeta decer fogo do Ceo, que consumio a todos os que o chamavaõ. Todas as vezes, que Deos quiz significar lhe agradavaõ os sacrificios, que lhe faziaõ na ley antiga, o fazia com o fogo do Ceo com o que se prova, que o Ceo he lugar do fogo, ou seja o mesmo elemento, ou seja outro, que Deos criou para ostentaçaõ de seu agrado, ou para instrumento de sua justiça.

E se quizermos entender isto do fogo metaforico, a cada passo se faz mençaõ delles nas Escrituras. Deos

F

se

Deut. se chama fogo: *Deus tuus ignis consumens est.* Os Anjos se appellidão chama de fogo: *Et ministros tuos ignem urentem.* Daniel vio a Deos em hum throno de fogo, & hum rio de fogo, que sahia da sua face; & o que mais faz ao nosso intento he o que Deos disse ao Profeta Zacharias, que elle havia de ser a gloria de Jerusalem como hum muro de fogo. *Et ego ero ei, ait Dominus, murus ignis in circuitu, & in gloria ero in medio ejus;* o qual lugar ainda que os Expositores entendem da Igreja militante na terra, se pôde muyto bem accomodar à Igreja triunfante no Ceo.

E se por fogo quizermos entender o fogo do Divino Amor, como *Lev.* Deos quiz significar no fogo, que *6.12.* sempre ardia no altar: *Ignis autem in altari semper ardebit.* Onde està este fogo em melhor lugar, que na gloria do Ceo, onde o amor de Deos he neces-

necessario? Em qualquer consideração destas, que se tome o nome de fogo, se pode dizer que o Ceo he lugar do fogo, não fogo que consuma, & abraze, mas fogo que recrea, & allumina; porque assim como nas aguas, que estão no Ceo tem os bemaventurados recreação, assim a podem ter no fogo.

Quanto ao Inferno não he necessario provar, que he lugar de fogo, pois he fé catholica; nem agora tratamos do rigor do fogo, mas do horror do lugar. He o Inferno lugar de fogo, porque assim lhe chamou Christo: *Gehënnam ignis*; & ao que tem Judas no Inferno, chamou S. Pedro lugar seu: *In locum suum*. O horror daquelle lugar de eterno fogo he que consideramos agora.

Vamos com a consideração à Babilonia, que nas divinas letras he allegoria do Inferno, & vejamos a-

F ij

quella

Mat.
18.9.

Act. 1.
1.29.

Dan. 3. quella horrenda fornalha, que Nabuco do nozor mandou accender, que levantava as lavaredas 49 covados ao alto, & entre ellas os tres Santos mancebos Ananias Azarias, & Misael. Serà assim o lugar do fogo infernal? Outra couza he. Ora passay de Babilonia às Cidades de Pentapoli, & vede as duas Cidades Sodomoma, & Gomorrhá ardendo com o fogo do Ceo, alagadas de fumo, & fogo, & entre aquellas lavaredas innumeravel povo ardendo, chamando todos, & fazendo lastimosos prantos. Serà esta boa representação do lugar do Inferno? Ainda he pouco: mais ainda he nquelle lugar.

Num. 16. Pois passay dahi ao deserto, por onde os filhos de Israel caminhavaõ para a terra de promissaõ: chegay à aquella bocaina, por onde Datan, & Abiron descerão vivos para o Inferno com todos seus sequeazes: applicai

a

Entre o bẽm, & mal eterno. 85

a vista à aquella profundidade de fogo, & depois ponde os olhos nos duzentos, & fincoenta ardendo no fogo, que desceo sobre elles: ouvi os prantos, os temores de todo aquelle innumeravel povo. Serà esta boa imagem daquelle lugar de fogo? Ainda não basta.

Ora passay à Ilha de Pathmos, onde São João està desterrado, porque ahi lhe mostrou hum Anjo o lugar do fogo infernal. Vio a Cidade *Apoc.* 18. de Babilonia, q̃ era a mayor, & a mais rica do mundo feyta habitação de demonios, & guardá de espiritos imundos ardendo em vivas chamas, & padecendo tormentos à medida de seus deleytes: propriissima imagem do Inferno. E he este o lugar do Inferno? Não basta ainda.

E se hum Anjo do Ceo não sabe explicar bastantemente a horribilidade daquelle lugar de fogo, quem o pode.

poderà explicar? Sò quem o fundou, que he Deos : só Christo Senhor Nosso disse o que era , porque disse que era lugar de fogo eterno : *In ignem eternum*. E finalmente no Inferno tudo he fogo , a caza fogo , as paredes fogo , o tecto fogo , o pavimento fogo , a cama fogo , os vestidos fogo , a respiração fogo , os membros fogo , & tudo fogo , & fogo eterno.

Agora , Catholico que isto lès, compara o lugar do fogo do Ceo com o lugar do fogo do Inferno. Aquelle he lugar de fogo que recrea este he lugar de fogo , que atormenta. Este he o fogo , que Deos te põem na tua escolha : se escolheres o do Ceo viveràs com Deos eternamente; se o do Inferno , penaràs com os demonios eternamente. *Ad quod volueris, porrige manum;*

ELEY-



E L E Y Ç A M

Entre o bem, & mal eterno.

P A R T E II.

PROEMIO.



ATE agora confideramos o Ceo pela banda de fóra : agora o devemos confiderar pela banda de dentro. O mefmo entendemos do Inferno ; porque fómente cotejamos os bens do Ceo com os males do Inferno em quanto ao lugar. Agora os devemos confiderar

rar pelo que são em si. Mas quem poderá dignamente explicar, que couza são bens, & males eternos, se não for o mesmo que os goza, ou o mesmo, que os padece?

Em tres parabolâs, que Christo disse no Evangelho todas na mesma occaziaõ, explicou esta difficulda-
de, & com ellas afsâs encareceo o
que eraõ os bens do Ceo, & o que
eraõ os males do Inferno. A para-
bola do thesouro escondido, a para-
bola da pedra precioza, & a parabola
da rede ao mar. *Mat. 13. Simile est regnum cæ-
lorum thesauro abscondito in agro. Una
pretiosa margarita: Sagenæ missæ in
mare.* Na pedra precioza se entende
o Ceo considerado cà por fõra: pelo
thesouro escondido se entẽde o Ceo
considerado là por dentro: & pela re-
de ao mar se entende o juizo, que
Deos faz dos Justos para o Ceo, &
dos condenados para o Inferno. Tu-
do

Entre o bem, & mal eterno. 89
do he conforme à exposição dos
Santos Padres.

Cô dizer o Senhor, q̃ o mercador
Evāgelico dera tudo quāto possuia
por huma, & outra cousa: *Dedit om-
nia quæ habuit*, encareceo o valor do
thesouro, & o valor da perola, & por
consequente encareceo o valor das
couzas celestiais. Mas em dizer, que
o thesouro fora duas vezes escondi-
do, escondido quando o achou: *Abs-
dito*; & escondido depois de achado:
Abcondit, nos significou o quam
escondidos estão a nossos olhos os
bens do Ceo là por dentro. Podemos
ver a perola, mas não podemos ver
o thesouro: podemos dizer alguma
cousa do lugar da gloria, mas não
dizer o que a gloria he. Sò hum bem-
aventurado, que a vio, & goza, po-
derá dizer o que ha là por dentro.

Por duas vezes mostrou Deos a
S. João a gloria do Ceo: huma na fi-
gura

gura de huma Cidade, que largamente descreveo no capitulo 21. do seu Apocalypse: outra naquelle grande numero de bemaventurados, que largamente descreve no capitulo 7. Quando a descreve na figura de Cidade, testefica, q̃ tudo vio, & tudo ouvio: *Vidi & audiui*; & foy tal a noticia, q̃ percebeo da gloria, que tudo prodigiosamente entendeo, & nos relatou. Porèm quando Deos lhe mostrou o grande numero de bemaventnrados vestidos de branco com palmas nas mãos, perguntoulhe hum daquelles bemaventurados, se sabia, quem eraõ aquelles: *Qui sunt isti?* E respondeo S. João, que não sabia: *Domine mi tu scis*. Neste mesmo cazo testifica o Evangelista o mesmo que no outro, porque diz, que ouvio: *Audiui*; & logo diz que vio, *Et vidi*. com tudo neste cazo, em que vio os bemaventurados, confessa fura

igno-

Entre o bem, & mal eterno. 91

ignorancia; & a razaõ he; porque no primeyro cazo via a gloria quanto ao lugar, como huma fermosa Cidade: no segundo vio os seus moradores, que são os bemaventurados; & dizer o que he a gloria por fõra bem o pòde fazer hum homem mortal, qual era S. Joaõ; mas dizer o que he là por dentro fõ hum bemaventurado o pòde fazer; & assim foy, porque fõ este foy declarando a Saõ Joaõ o que era: *Hi sunt, &c.*

O mesmo que disse do Ceo, quiz Christo significar do Inferno na Parabolá da rede lançada ao mar; porque assim como o pescador no lanço da rede recolhe os bons, & bota fõra os mãos; assim no dia de Juizo haõ de os Anjos separar os mãos dos bons, & os haõ de lançar em huma fomalha de fogo: *Separabunt malos, & mittent eos in caminam ignis.* Notay, que não diz, Inferno, senão fogo, porque o nome

nome de Inferno significa o lugar, & o nome de fogo significa os tormentos, que là dentro se passaõ. E o que mais se deve ponderar das penas da outra vida não he tanto o lugar do Inferno, posto que tão horrendo, quanto as penas, que nelle se padecem.

Mas quẽ poderá explicar, quais ellas são? Podemos dizer, que ha Inferno, que ha fogo, que ha tormento, que ha condenados; porque tudo a fé ensina. Isto tudo he dizer o que sabemos cà defóra; porẽm o que là dentro se padecem, sò hum condemnado, que o vê, & padece, o poderá dizer. Assim o julgou o rico avarento, quando pedio a Abrahaõ, que mandasse Lazaro a prègar a seus irmãos; & por mais q̃ Abrahaõ lhe inculcou os Profetas: *Habent Moysen, & Prophetas*: elle como experimẽtado persistio na sua opiniaõ, persuadido, a

que

Luc.
16.
29.

Entre o bẽm, & mal eterno. 93.
que sô hum morto poderia explicar
os tormentos da outra vida: *Non Pa-*
ter Abraham: sed si quis ex mortuis ie-
rit ad eos, pœnitentiam agent.

Perguntareis, porque Christo
Senhor Nosso na mesma occasiaõ,
em que nos propoem os bens da glo-
ria nas parabolâs do thesouro escondi-
do, & da pedra preciosa; nos pro-
poem as penas do Inferno na rede
lançada ao mar? Respondo que para
o mesmo fim, que nõs temos para fa-
zer este Tratado. Poemnos de huma
parte a lembrança dos bens do Ceo,
& da outra a lembrança das penas do
Inferno, para que fazendo nõs para-
lêllo, ou contraposição entre os bens,
& males eternos, acertemos na esco-
lha, que devemos fazer daquella a-
gua, & daquelle fogo, que o Espirito
Santo poem na nossa mão, em que se
significa o Ceo, & o Inferno: *Apposui*
tibi ignem, & aquam: ad quod volueris,
porri-

E L E Y Ç A M I.

*No Ceo vista clara de Deos,
No Inferno carecer da vista de Deos.*

A Sentado está entre os Theologos, que toda a essencia da bemavêturança consiste na vista clara de Deos: *Visio est tota merces*, diz Santo Agostinho. Esta visão he aquella fonte de vida, que Christo mostrou a S. João: *Et ostendit mihi fluvium aquæ vitæ*; de cujas correntes bevem os bemavêturados do Ceo, a cujas aguas o Cordeyro prometeo levar os justos, a fim de lhes lavar os olhos das lagrimas, que nesta vida choraraõ: *Agnus qui in medio throni est, reget illos, & deducet eos ad vitæ fontes aquarum, & absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum*. Esta vista

Apoc.
22.1.

Apoc.
7.17.

Entre o bem, & mal eterno. 95

vista he aquella perola preciosa, que Christo disse no Evangelho, que pezada por S. Paulo, quando a vio, achou que pezava tanto como o eterno pezo da gloria. *Eternum gloriae pondus.* Esta vista he aquella moeda, ou denario diurno do Evangelho, com que Deos paga aos que nesta vida trabalharão. 2. Cor. 4. 17.

Esta vista he aquelle manà escondido, que Christo prometeo dar ao vencedor: *Vincenti dabo manna absconditum*, que sendo antes pão dos Anjos no deserto, no Ceo se chama pão de Deos; porque esta vista he a que sustenta as vidas de todos os moradores do Ceo. Esta vista he aquella arvore da vida, que Deos plantou no meyo do Paraizo, cujo tronco he a graça, cujo fructo he a gloria. E finalmente esta vista, como he acto vital, & conhecimento claro, intuitivo, & permanente do entendimento elevado Apo. 2. 17.

do por aquelle Divino lume da gloria, representa hum objecto Divino, & infinito, que he Deos; & nelle, como Deos disse a Moyses, todo quan-

- Exod.* to bem se pòde imaginar: *Ego ostendam omne bonum tibi*; & por isso disse
 33. Christo, que nesta vista, ou conhecimento consistia a vida eterna. *Hæc est*
 19. *João.* *autem vita æterna: ut cognoscant te solum Deum verum.*
 17.3.

S. João na sua Canonica diz, que por este conceyto havemos de ver a
 1. *João.* Deos, como em si he: *Videbimus eum sicuti est*, hum na essencia, & Trino nas
 3.2. Pessoas, sem que a distincção das Pessoas induza separação da natureza, nem a unidade da natureza confunda a distincção das Pessoas. Allí verão os bemaventurados, como procedendo o Filho do Pay, & o Espirito Santo do Filho, mais do Pay, todas são na duração eternas, na Magestade iguais, & na sustancia o mesmo. Verão

Entre o bem, & mal eterno. 97

rão por virtude daquelle lume os attributos, & perfeições Divinas com todos os segredos de sua providencia, justiça, & misericordia, como a minina dos olhos sendo tamanina recolhe em si as especies de todo o Ceo estrellado com vista real, & intuitiva.

Por esta vista, diz S. Joáo, nos fazemos semelhantes a Deos: *Similes ei* *Ibid.*
erimus. E já S. Pedro tinha dito, que *2. Pet.*
pela fé, & caridade nos faziamos par- *1.4.*
ticipantes da natureza Divina: *Divinae consortes naturæ*; mas pela vista
semelhantes a Deos, não na natureza,
como dizem os Expositores, mas na
immortalidade, impeccabilide, im-
passibilidade na possessão, & fruição
do Summo bem, com que a alma do
bemaventurado não só fica seme-
lhante a Deos, mas de posse do reyno
do Ceo com o foro de filho de Deos,
& irmão dos Anjos, que na Escrip-
tura

G

ra

ra se chamaõ assim: *Filij Dei*.

Qual será logo o gozo, que banhará a alma de hum bemaventurado na vista, & posse de tanto bem? Não he muyto o q disse São Anselmo: *Gaudium erit intus, gaudium erit extra, gaudium sursum, atque deorsum, & ubique gaudium*: gozo por todas as partes. E melhor que elle disse Christo na parabola dos servos fieis:

Mat. Euge servus bone, & fidelis, quia super-
 25. *paucas fuisti fidelis, supra multa te com-*
 23. *stituiam, intra in gaudium Domini tui.*

A este gozo dos bemaventurados pela vista clara de Deos corresponde a pena dos condenados na privação da mesma vista de Deos., a que os Theologos chamaõ pena do dano. Para fazer della alguma demonstração, costumão pintar hum condemnado no meyo do fogo com hum veo nos olhos., significando no fogo a pena de sentido, & no veo dos
 olhos

Entre o bem, & mal eterno. 99
olhos a pena de dano. E dado caso
que no Inferno não ouvesse fogo,
nem outro tormento, bastava este de
haver perdido a Deos para sempre
para ser a mayor pena, que se pôde
considerar. Duas são as circumstan-
cias mais agravantes, que os Theo-
logos, & Santos Padres considera-
nesta pena: Primeyra, a grandeza da
perda, que he Deos: segunda ser a
perda sem remedio.

Quanto à primeyra circumstancia
perdeo o condenado a Deos, que he
bem summo, & infinito, fonte de to-
dos os mais gozos dos bemaventura-
dos; & não se pôde considerar mayor
perda. Quando Esau vendeo a seu ir-
mão Jacob o morgado por humati-
gela de legumes, diz a Escriptura que
nenhum caso fez do que perdia
Parvipendens quod primogenitum ven- Gen.
didisset. Porém depois que conhe- 27.
ceo, que Jacob lhe havia furtado a 34

Gij

ben-

benção do Pay, diz a mesma Escri-
tura, que bramara como hum leão:

Gen.

27.

34.

Irrugijt clamore magno. Benditos de
seu eterno Pay chamou Christo aos
bemaventurados : *Benedicti Patris
mei*; & posto que na perda dos mor-
gados da terra, & mais bens tempo-
rais pouco perde hum condenado,
com tudo na benção, que Deos lança
ao bemaventurado, quando o mete
de posse do morgado do Ceo, ha
muyto que perder, & muyto que
sentir; & por essa cauza eternamente
està no Inferno o condenado dando
urros como Esau : *Irrugijt clamore
magno.*

E para mayor tormento os de-
monios continuamente lhe estão lan-
çando em rosto aquelle opprobrio,
que a David lançavão seus inimi-
gos, quando no tempo de suas mayo-
res afflições lhe repetião : *Ubi est
Ps. 41. Deus tuus?* Onde està o teu Deos? O
Deos

Deos que te creou a ti, & nos creou a nós, onde está? Elle te creou a ti, & mais te remio, & não a nós: por ti encarnou, & morreo, & não por nós; & agora onde está? Já não tens que esperar na virtude infinita de seu sangue : desesperada, & eternamente chorarás o que perdeste.

A segunda circumstancia da pena de dano, he ser aquella pena sem remedio; Huma vez que o peccador perdeo a Deos, já não ha remedio : já está riscado do livro da vida, onde sò os predestinados estão escritos. Quando na vida o justo pecca, perde a Deos com a graça, que perdeo ; porém pôde pela penitencia achar outra vez a Deos. Porém o condenado huma vez perdido, perdeo a esperança de o tornar a cobrar. No Purgatorio as santas almas com a pena de sentido tambem padecem a pena de dano, que consiste na carencia da vista

vista clara de Deos; podem aliviar esta pena com a certeza, que tem, que algum dia o haão de ver, & com os suffragios da Igreja se livrao muytas. Porém os condemnados no Inferno, nem esta esperança, nem este soccorro podem ter.

O Pastor do Evangelho nenhum sentimento fez, quando perdeu a sua ovelha, nem a mulher, quando perdeu a sua dracma, sendo que quando a ovelha appareceo, & a dracma foy achada, fizeram ambos muyta festa, porque a esperança de achar hum, & outra couza diminuiu o sentimento de se perder. & por isso o Pastor fez tanta diligencia por achar a ovelha, & a mulher para achar a dracma; porque hum, & outro tinham esperança de achar o perdido. Porém esta perola preciosa de vista clara de Deos, hum vez perdida, fica para sempre.

No

Entre o bem, & mal eterno. 103

No tempo, em que ElRey Sede-
cias com o mais povo de Jerusalem
foy prizo, & cattivo para Babilo-
nia, mostrou Deos ao Profeta Jere-
mias dous cestos de figos, hum de
figos muyto bons, outro de figos
muyto maos: *Ficus bonas, bonas val-fer.*
de, & malas, malas vultè. O que o 24.3.
Senhor nesta figura quiz significar,
explicou elle mesmo ao Profeta di-
zendo, que pelos figos maos se en-
tendia ElRey Sedecias com o mais
povo seu, & pelos bons figos se en-
tendia o mais restante dos cattivos;
& a razão deo o mesmo Senhor; por-
que estes ainda que hião cattivos
para Babilonia, algum tempo havião
de tornar para Jerusalem, como tor-
narão. Porém Sedecias lá se havia
de ficar para sempre em Babilonia
cego sem olhos, porque lhos havia
de arrancar o tirano, depois de haver
visto seus filhos cruelmente mortos.

Eis

Eis aqui huma figura do que
passão as almas do Purgatorio , &
mais do Inferno. Humas , & outras
padecem sobre a pena do fogo a pe-
na de dano ; porèm as do Purgatorio
são figos bons , & muyto bons ; por-
que são como os moradores de Je-
rusalem , que posto que cattivos ,
algum dia tornarão para Jerusalem
sua patria ; por isso lhes chamou fi-
gos bons: *Ficus bonas*. As almas do
Inferno são como os figos mãos , &
muyto mãos, *Malas valdé* , porque
são como ElRey Sedecias , que hu-
ma vez cattivo em Babilonia , là se
ficou prezo , & cego , nem se tornou
mais para o seu reyno.

Que pena pois , que raiva , que
desesperação tão grande será esta
dos condenados , vendose às portas
do Ceo fechadas , ouvindo aquella
Mat. terrivel voz: *Clausus est janua , nescio*
25. *vos ?* Por isso S. João diz , que es-
tarão

Entre o bem, & mal eterno. 105
taraõ às portas do Ceo da banda de
fóra como caens raivozos : *Foris ca-* *Apoc.*
nes. 22.
15.

E L E Y Ç A M II.

No Ceo Amor de Deos;
No Inferno odio de Deos.

N Aõ consiste a essencia da bem-aventurança sómente na vista de Deos : tambem enferra o amor , que necessariamente resulta dessa vista commummente dizem os Theologos , que a bemaventurança he hum estado perfeytissimo composto de hum aggregado de todos os bens ; & naõ fora assim, se a bemaventurança fosse só a vista clara de Deos. Chamase assim , porque dessa divina visão resulta necessariamente o amor, & ogozo , com que a alma bemaventurada se goza ; porque
naõ

naõ he o amor beatifico outra coisa, que hum intimo sabor da divindade.

De sorte que livre já das prizoẽs do corpo, & purificada de toda a culpa, capaz da quella soberana visãõ a alma separada logo ao ponto voa não já para o seyo de Abraham, mas para o seyo de Deus, & com elle se abraça com aquelles purissimos abraços, que ella desejava no Capitulo segundo dos cantares: *Læva ejus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me.* E como desta sorte se ve na fonte de toda a fermosura, toda se detrete em gozos, & se banha em hum mar de suavidade; porque não he outra couza amor, que hum gozo na posse do que se ama: & desta sorte està a alma do bemaventurado dentro do gozo de seu Senhor, como o peyxe no seu natural elemento.

Nenhuma couza he mais doce à alma

Entre o bem, & mal eterno. 307

alma racional, que conheceu o fermo-
so, amar o conhecido, & possuir o
amado. Isto tudo, diz Santo Agusti-
nho, teremos na gloria com a vista de
Deos. *Veremos, amaremos, & possuide-
mos. Videbimus, amabimus, & posside-
bimus;* & nesta vista, neste amor, &
nesta posse se enerra o gozo do beni-
aveturado. Tudo isto dezojava, & tu-
do conseguiu a Alma Santa dos Can-
tares naquelle castissimo osculo, que
pedio a seu espoz. *Osculetur me, scilicet.* Cant.
Jo. 13. 35. Este osculo diz Timotheo, he ^{1.}
o osculo da benaventuranca, na qual
a divina essencia perfeyissima nos ce-
se-me a nossa alma, & della he perpe-
tuamente possuida. *Osculum est beati-
tudinis eterne, quod divina essentia per-
fectissime unitur anime nostre, & per-
petuo ab illa possidetur.* Este he o amor
este o gozo, que daquella vista, &
fermosura resulta na alma benaven-
turada para com Deos.

E

E o amor de Deos para com as almas quem o poderá explicar? Affaz disse quem comparou este amor ao amor, com que Deos se ama a si, & a seu Filho o Verbo, do qual procede o Espirito Santo, que he effencialmente amor, & constitue a terceyra Pessoa da Sâtissima Trindade. Assim mesmo o amor, com que Deos ama o bemaventurado, & he d'elle amado he significado por huma admiravel participação de ser Divino, em que a alma goza tudo o que em Deos ha de gozo, & gloria. Pois assim mesmo do amor, com que as duas primeyras pessoas se amão, procede hum amor infinito; assim do amor com q̃ Deos, & os bemaventurados se amão procede hum amor eterno, como o mesmo Deos lhe chamou: *Charitate perpetua dilexi te.*

A tenrura deste amor significou a Alma Santa, quando o comparou ao amor,

Entre o bem, & mal eterno. 109

amor, com que huma Mãy dà o peyto a seu filhinho, dizendo, que eraõ melhores os seus peytos, do que o vinho : *Meliora sunt ubera tua vino.* *Cant. I. I.*
Assim està Deos communicando ao bemaventurado as doçuras do seu coração, como a Mãy o leyte do peyto ao filhinho, que cria. Quis mais aquella alma significar com esta semelhança, que assim como os peytos proviões de leyte são proprios da mãy, & não do Pay; assim Deos amava o bemaventurado não sò com amor de Pay, mas de Mãy; porque se bem o amor do Pay, como diz Aristoteles, he mais forte, o da Mãy he mais tenro. E desta forte, como a mesma alma Santa diz no capitulo segundo, tanto que o Divino Espozo lhe deo a gostar o leyte dos peytos lhe deo a provar logo o vinho forte da charidade, que nella ordenou : *Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me*

me charitatem.

Por contraposição a este amor, com que Deos ama, & he amado das almas bemaventuradas, está o odio, com que aborrece, & he aborrecido, das almas dos condenados. Assim como no ponto, em que o bemaventurado vê a face de Deos, daquella vista resulta hum acto necessario de amor; assim no ponto em que a alma condenada he privada desta vista, concebe hum entranhavel odio a Deos. Quando o pecador nesta vida se cõverte a Deos pelo acto de contrição faz hũ acto de amor de Deos, & quando o torna a offender, faz hum acto de odio do mesmo Deos. Este odio pois, que fõmente era virtual na vida pela culpa, se converte depois no Inferno pela pena em odio formal; & de tal sorte se refina, q̃ estáo como cães raivosos ladrão, & vomitando o veneno de mil blasfemias

Entre o bem, & mal eterno. III

femias contra seu Creator: & se possessem, ha tirariaõ a coroa da cabeca. Tudo parece q disse David: *Eae inimici tui: sonuerunt, & qui oderunt te extulerunt caput.* Ps. 82. Eis aqui o reboliço & alarido, que contra vós fazem vossos inimigos: assim se levantaõ contra vós os que vos aborrecem. E que mayor desaventura se pôde considerar, que chegarem humas creaturas racionais a estar tão possuidas do odio, q se persuadaõ, que Deos por inveja os não salvou, & que injustamente forão condenados, sem poder por toda a eternidade haver naquellas corações hum acto bom, nem naquellas vontades mais que odio da Summa bondade?

Mas se os condenados assim aborrecem a Deos, tambem são delle aborrecidos; assim como são delle amados os bemaventurados, que o amão; mas com ditas muy notaveis differ-

differenças, que summamente agravaõ esta pena do Inferno. A primey-
ra he, que o odio dos condenados he
odio ao Summo bem, que he Deos
summamente amavel : & o odio de
Deos he odio ao Summo mal, que he
o peccado, & vay de hum a outro in-
finita distancia; & por isso o odio de
Deos he justo, santo, & bẽ ordenado
he odio, & o odio dos condenados he
odio depravado impio, & irracional.

A segunda differença he, que o
odio de Deos he odio de quem he
omnipotente, & sua vontade efficaç
para obrar o que quer contra os que
o aborrecem mas o odio dos conde-
nados he odio de quem nada pòde, &
por mais que aborreção a Deos, nun-
ca podem pòr nelle mal algum, nem
diminuirhe sua gloria. Porque assim
como amar Deos a huma alma he
communicarlhe sua graça, & sua glo-
ria; assim aborrecella he privalla de
todo

Entre o bem, & mal eterno. 113

tudo o bem, & fazella vaso da sua ira.

Horrenda couza he, diz S. Paulo, ca-

hir debayxo das mãos de Deos. *Horrendum est incidere in manus Dei vi-* Heb.

ventis ; porque he poderoso para nos 10.

lançar em corpo, & alma no Inferno; 31.

como Christo diz: *Time te eam, qui po-* Mat.

test, & animam, & corpus perdere in 10.

gehennam. 28.

Não se pôde isto explicar me-

hor do que com o que diz Hayas no

capítulo trinta. Havia junto a Jeru-

salem huma grande fornalha de fogo

muy profunda, & dilatada. *Profunda,*

& dilatata, a que chamavão *Topheth,*

que no Caldeo seia *Gehenna*, aonde

os Judeos lançavão os filhos sacrifi-

cando-os ao Idolo Moloc: na qual,

como diz Cornello com os mais Ex-

positores, quiz Deos significar ao

Profeta a cova do Inferno, a quem

Christo Senhor Nosso deo o mesmo

nome de Gehenna. E sendo este o

H verda-

Isa.
30.
33.

verdadeyro sentido, admira o que o Profeta diz, que Deos he o que fomenta este fogo com hum rio de enxofre, & o está assoprando com o halito de seu poder: *Flatus Domini sicut torrens sulphuris succendens eam.* Supposto pois que Deos he o mesmo, que está fomentando o fogo, em que ardem estes seus inimigos, que mal lhe podem elles fazer com seus odios, & com seus alaridos? Ladrarão como caens à porta do Ceo sem poderem entrar: *foris canes*

Este he o amor com que Deos ama, & he amado dos bemaventurados do Ceo: este o odio com que Deos aborrece, & he aborrecido dos condenados. Agora cuida; o Catholico, qual te está melhor: Deos te põem na mão a escolha; huma de duas ha de ser, ou ser amado de Deos no Ceo, ou ser aborrecido de Deos no Inferno. *Ad quod volueris porrige manum.* 1

ELEY.

E L E Y Ç A M III.

No Ceo amor dos bemaventurados entre si:

No Inferno odio dos cõdenados entre si:

Assim como da vista clara de Deos , & conhecimento da summa bondade , necessariamente nasce aquelle amor , com que Deos ama, & he amado dos bemaventurados ; assim daquelle mesmo amor nasce o amor , com que esses bemaventurados se amão. Esta vista une todos entre si , porque com ella se unem todos com Deos : todos alli tem hum só coração, huma só alma ; porque Deos he o coração, & a alma de todos ; porque assim como quem vê a Deos não pode deyxar de o amar , assim quem ama a Deos , não pode deyxar de amar a todos os q. o

H ij

amão.

amão. Da quelles primeyros chris-
tãos da primitiva Igreja diz S. Lu-
cas, que tinham huma só alma, &
hum só coração, significando o a-
mor, com que se amavaõ. *Multitu-*
4-32. dinis autem credentium erat cor unum,
& anima una. E se na Igreja mili-
tante pode haver hum tal amor en-
tre os fiéis; com quanta mayor razão
o haverá na Igreja triunfante entre
os bemaventurados?

Aquellas duas columnas de metal,
que se acharão no templo de Sala-
mão, quando o Rey de Babilonia o
destruhio, diz o Profeta Jeremias,
que estavam unidas entre si, & co-
ronadas com huma coroa de cem ro-
mãs. Se o templo de Salamaõ, que
na Escriitura tantas vezes se chama
Caza de Deos na terra, he figura
da Caza de Deos no Ceo; tambem
aquellas duas columnas são figuras
dos bemaventurados do Ceo, por-
que

Entre o bem, & mal eterno. 117

que assim lhe chamou Christo no Apocalypse. *Qui viderit, faciam illi Apoc. lum columnam in templo Dei mei. E 3.12.* estarem ambas atadas entre si significa o amor, com que os bemaventurados se unem, assim como as romãs significão a união com que todos se amão, como os bagos da romã entre si.

Outra melhor figura desta união nos significou Christo, quando chamou à gloria Margarita, ou Perola, que no latim se chama *Unio*; porque assim como a Perola tem todas as suas partes unidas sem divisão alguma, assim como significa a gloria, também significa a união, com que os da gloria se unem. He o que o mesmo Christo disse fallando com seu eterno Padre: *Ego claritatem, 70a. quam dedisti mihi, dedi eis: ut sint 17. unum, sicut, & nos unum sumus. 22.* Ele a caridade de Deos nesta vida he
bas-

bastante, para fazer os que se amão huma mesma couza, com quanta mayor razão o fará na outra?

Todos os justos são pela graça de Deos filhos de Deos na terra: todos são filhos de Deos no Ceo pela graça, & mais pela gloria; todos amão a Deos como filhos: todos se amão entre si como irmãos: que muyto he estarem unidos, se são irmãos? Que muyto he serem irmãos, & amaremse tanto, se todos estão ao peyto da mesma Mãe, que he a natureza divina, bebendo o mesmo leite, que he a vista clara de Deos? Esta he consideração do mesmo Deos ao Profeta Isayas, fallando ao litteral da Igreja militante, que com a mesma propriedade se accomoda á triunfante: *Mamilla Regum lactaberis; & scies quia ego Dominus salvans te.*

Mamarás na teta dos Reys, & saberás, que eu sou o que te salvey. Já a Al-

Isa.
60.
16.

Alma Sãta nesta mesma metafora de leyte tinha significado a tenrura do amor de Deos para com os bemaventurados, quando disse, que erão melhores, que o vinho os seus peytos. Agora com a mesma semelhança significa a doçura de amor, com q̃ estes bemaventurados se amão.

Não para este amor só para com os moradores da Igreja triunfante; tambem se estende à militante. Já não he necessario, que Martha se queyxe a Christo, de que sua Irmã Maria a não soccorra: *Domine, non Luc. est tibi curæ, quod soror mea reliquit* 10. *mi solam ministrare?* Porque ella lá 40. dos pès de Christo, onde està, tem bem cuidado de a soccorrer; porque toda aquella celestial Igreja não cessa de fazer continuã oração a Deos pelo bem de sua irmã na terra. He o que vio S. João no Apocalypse. Vio esses bemaventurados do Céo offere-

offerrecendo a Deos huns cantaros
de preziozos perfumes, que eraõ as
feruorozas, & continuas orações,
que a Deos offerrecião: *Habentes...*

Aroc. phialas aureas plenas odoramentorum,
5.8. *quæ sunt orationes Sanctorum.*

Os Anjos sollicitos, & cuida-
dos não cessão de procurar obem-
dos que se hão de salvar, como diz

Heb. S. Paulo, Omnes sunt administrato-
1.14. *ri spiritus in ministerium missi propter*
eos, qui hereditatem capient salutis.

Os fundadores das Religioens não
cessão de orar pela conservação da
suas ordens: os Santos todos pelo
bem de seus devotos: & sobre todosa
Santissima Virgem como singular ad-
vogada não cessa de mostrar os pey-
tos ao filho, assim como o filho ao
pay as chagas: apparecendo ambos
em magestade de gloria inumeraveis
vezes aos que nesta vida implorarão
seu patrocínio. O que tudo he argu-
mento

mento do amar , com que se amão
entre si , & com que nos amão a nós.

E qual será o odio , com que os
condenados se aborrecem a si, & mais
a nós? Alem do odio , com que os
condenados aborrecem a Deos, & são
delle aborrecidos, he infernal o odio,
com que se aborrecem entre si , & a
todos os moradores do Céo, terra, &
Inferno, & esta he huma das mayores
calamidades daquellas tristes almas.
Aborrecese primeyramente cada hũ
a si mesmo , porque por juſto juizo
de Deos conhece q̃ elle mesmo foy
a cauza de ſua condenação, & com a
deſeſperação , & raiva de ſi mesmo,
dezeja ſer aniquilado, & como outro
Cain eſtã dezejando, que qualquer
dos demonios, que o atormentaõ , ti-
veſſe poder para o conſumir. E que
mayor deſgraça ſe pode conſiderar?
Cheyas eſtã as historias de muytos,
que por ſe verem afflictos com os
males,

males, que padeciaõ, ou da deshonorã, que temiaõ, de tal sorte aborreceraõ as vidas, que tomaraõ a morte por suas mãos. Isto que nesta vida he summa miseria, na outra teria o condenado por summa felicidade; mas não hade ser assim, por mais q se aborreça, & por mais q dezeje acabar.

Aborrecem-se todos entre si; & com muyta propriedade se pòde delles dizer o que S. Paulo disse daquelles gentios Idolatras aborreciveis de si, & entre si aborrecedores: *Odibiles, odientes invicem*. Não ha no Inferno o mesmo, que passa cã no mundo, onde a semelhança da pena, & o lugar do carcere cauza muytas vezes amizade; mas no Inferno he cauza de odio: na vida a communicacão de ótros he cauza de alivio, no Inferno he cauza de pena, porque assim como na gloria a companhia de muytos companheyros he cauza de mayor gozo

Tit.
3.3.

gozo , porque a uniaõ , & amor , com que todos se gozaõ he gozo proprio de cada hum : assim no Inferno a com panhia dos outros condenados he cauza de mayor tormento; porque cada reprobado padece os tormentos multiplicados pelo numero dos outros reprobos. E assim como quando entra no Ceo a alma de hum justo , o amor, com q os bemaventurados se amão, he cauza de se multiplicar o seu gozo; assim quando entrar novo condemnado no Inferno , o odio, com que se aborrecem , he cauza de se multiplicar mais a pena.

Arde este odio infernal principalmente entre tres generos de condemnados, a saber: Heresiarcas , & seus sequazes: complices, ou companheiros no peccado : pays, & filhos , subditos , & superiores. Os Hereges dogmatistas como Calvino, & Luthero, & mais Heresiarcas, que da cadeyra

Sap. 5.
14.

deyra da pestilencia dictaraõ falfas doutrinas, & foraõ laços do Diabo para se perderem a si, & a seus sequezes, dizendo, que o fogo do Inferno era metaforico, & não real, com raiua dirão agora no Inferno o que differão os outros impios no livro da Sabedoria: *Talia dixerunt in Inferno bi, qui peccaverunt... Ergo erravimus à via veritatis.* Errámos, & oh que tarde cahimos no erro! Agora experimentaõ, que não sò he real, mas eterno aquelle fogo; & com seu malconhecem, q os q nesta vida se sentaraõ na cadeyra da pestilencia como elles, não haõ de estar no dia do Juizo sêtados, como haõ de estar sêtados os Mestres da verdadeyra doutrina.

Arde em segundo lugar este odio entre os que nesta vida foraõ complices, ou companheyros no peccado; & he justo luizo de Deos, que os que nesta vida se amaraõ torpemente,

Entre o bem, & mal eterno. 125

té, na outra vida fortemente se abor-
reção. São como as rapozas de San-
saõ, que atadas pelas catidas com hús
feyxes de lenha acenza se abrazam no
Inferno com o mesmo fogo, em que
em vida sequeymavaõ. E deste modo
o amor com que em vida offendiaõ a
Deos, se lhes convertê em odio, com
que no Inferno se aborreção; verifi-
cando-se nelles o que a Escriptura diz
do amor de Amnon para com Tha-
mar, que sendo antes amor, depois se
converteo em odio. *Est exosam eam* ^{2. Reg.}
habuit Amnon odio magno nimis. ^{13. 15.}

Em terçeyro lugar arde este odio
entre os pays, & filhos, que por falta
de doutrina, & demazia de amor de-
fordenado se condenâraõ; & he justo
juizo de Deos, que o amor desorde-
nado dos pays nesta vida se conver-
ta em verdadeyro odio na outra. Se
he certo o que muytos Santos Pa-
dres sentem, que o Summo Sacerdos
te

te Heli se condenou, assim como se condenarão os dous filhos Ophi, & Phinees, he de considerar as maldições, que o pay estará lançando aos filhos, & os filhos aos pays: O pay pelo desordenado amor, com que não castigou seus desaforos: & os filhos porque pela negligencia do pay se perderão. Quam justamente semelhante amor em vida se converteo no Inferno em odio.

No Reyno de França criou certo pay hum filho com tal liberdade, que a tomou para muytos vicios. Morreo o pay, & foy sepultado nos Infernos: adoeceo o filho, & estando para morrer, começou agritar: aju-dayme contra meu pay, que feyto capitão de meus inimigos me quer matar. E dizendo isto espirou, dizendo: *Meu Pay com huma pedrada me matou.* Eis-aqui como o desordenado amor nesta vida se converte em odio refina-

Entre o bem, & mal eterno. 127

refinado na outra. O mesmo, que dif-
fermos dos pays para com os filhos,
se hade entender dos superiores para
com os subditos, dos mestres para
com os discipulos, & dos senhores
para com os escravos.

Este he, pio Leytor, o amor com
que os bemaventurados no Céo se a-
mão: este o odio com que os conde-
nados no Inferno se aborrecem. Na
tua mão está escolher huma de duas,
ou amor no Céo, ou odio no Inferno.
Ad quod volueris, porrigere manum.

E L E Y C A M IV.

*Moradores do Céo,
Moradores do Inferno.*

HE grande parte da gloria dos
bemaventurados o gozo, que
todos lograão da vista, & companhia
dos moradores daquella Corte Ce-
lestial.

lestial. Oh que vista ! Oh que gozo ? Oh q gloria ! O que em primeyro lugar alegre he a vista do Rey da gloria Christo JESU Rey dos Ceos, & Senhor dos Senhores : *Rex regum, & Dominus dominantium*. Porque ainda que a gloria effencial consiste na vista clara da Divindade ; não ha duvida , que a vista da sua Humanidade he de grande gloria para os Santos. O Profeta Isayas diz , que os Justos haõ de ver o Rey na sua gloria: *Regem in decore suo videbunt*. Nesta mesma esperanza vivia o Santo Job : *Et in carne mea videbo Deum meum*. E se só com esta esperanza, (a que S. Paulo chama esperanza bemaventurada: *Beatam spem*,) se consolavaõ os Santos nesta vida ; que gozo, que gloria sera a daquelles espiritos bemaventurados, que a lograõ, & vem no Céo ?

Por isso S. Paulo com tanta ancia
deze-

Entre o bem, & mal eterno. 129
 dezejava ver-se livre das prizações da
 carne, só para gozar da vista de
 Christo no Ceo: *Desiderium habens* ^{Phi-}
dissolvi, & esse cum Christo. E por isso ^{lip. 1.}
 aquelle outro Monge, que conta S. ^{23.}
 João Climaco, sendo perguntado,
 porque sempre se andava rindo, res-
 pondeo: *Porque tenho comigo a*
Christo, & ninguém mo pode tomar.
 He em termos o que dizia a Alma
 Santa quando na figura de esposa se
 abraçou com elle de forte, que nin-
 guem lho pudesse tirar dos braços,
 assim como o tinha no coração: *Tenui* ^{Cant.}
eum, nec dimittam. Que gozo pois, & ^{34.}
 que gloria será a dos Santos no Ceo,
 estando sempre à vista de Christo no
 throno de sua gloria: *Regem in decore*
suo videbunt? Bem o revelou Deos a
 S. João, quando vio a todos os bem-
 aventurados, & entre elles aos que
 lançavaão suas coroas aos pés de
 Christo.

I

E

E se a vista do Rey do Ceo he para os bemaventurados de tanto gozo, não he pouco o que recebem da vista da Rainha, a Santissima Virgem; porque se a glória da Senhora he conforme a graça, que nesta vida teve; assim como na graça excedeo a todos os Santos, assim na gloria a todos os bemaventurados excede. De cada Justo diz David que o coroara Deos de gloria, & de honra: *Gloria, & honore coronasti eum*. E que gloria, & que honra será daquella, a quem toda a Santissima Trindade coroou particular coroa?

ps.8.
6.

O Padre Veyga no seu livro Theologia Mariana prova, q̃ ainda cã nesta vida mortal era tal a fermosura da Senhora, q̃ excedia a todas as fermosuras da terra. E que será là no Ceo, onde seu corpo está vestido com os dotes de gloria? Se ainda nesta vida huma vez, que a vio S. Dionisio, este-
ve

Entre o bem, & mal eterno. 131

ve a ponto de a adorar por divindade, se a fêlhe não ensinasse o contrario, que será lá no Ceo? Pouco vio S. João quando disse, que a vira coroada, & vestida de Sol. Pouco differaõ os Anjos, quando na figura da Espoza a compararaõ à Aurora, à Lua, & ao Sol. Sõ com a consideraçã desta fermosura não duvidou hum devoto da Senhora ficar cego de ambos os olhos, com interesse de a ver por huma hora. Já no Ceo se deyxã ver de todos os bemaventurados não por imagens formadas do ar, senão realmente com toda a sua gloriã, & fermosura.

De Esther quando foy levantada ao throno real diz a Escrittura, que era grandemente fermosa, & de in creivel belleza, & aos olhos de todos gracioza. *Erāt enim formosa valde, &*

incredibili pulchritudine, omnium oculis gratiosa, & amabilis videbatur. Era

*Est. 2.
15.*

I ij

Esther

Esther figura da Virgem Santissima. E se nesta toíça figura póde caber tanta graça, & fermosura, que chegava a arrebatat os olhos dos homens; qual será a graça, & fermosura do figurado, Maria Santissima, naquelle throno de immensa gloria, a que foy exaltada por outro melhor Assuero?

E que gloria será a dos bemaventurados viver entre os filhos de Deos que são os Anjos tão admiraveis assim no numero, como na ordem, & fermosura? Quanto ao numero, são quazi innumeraveis. Daniel diz, que os que vio ministrar, & assistir a Deos, eraõ milhões, & milhares de milhões: *Millia millium ministrabant ei, & decies milites centena millia assistebant ei.* E se he certo o que diz Santo Thomàs, que todos estes soberanos espiritos differem de especie hũ do outro; será sem duvida o Ceo Empyreo hum aprazivel, & espaçoso

Dan.
7.10.

Entre o bem, & mal eterno. 133
zo jardim de flores todas de diversa
fermosura.

Quanto à ordem se dividem em
tres Jerarquias, & todas em nove cô-
ros, a saber : Serafins , Cherubins,
Thronos, Dominações, Potestades,
Principados, Virtudes , Arcanjos, &
Anjos ; todos de tão admiravel po-
der, saber, & fermosura, q̃ excedem no
ser natural a todas as mais creaturas,
& na graça , & santidade são brazas
vivas , & ardentes no fogo do amor
Divino. Hum que vio a S. João lhe
pareceo huma Divindade, & como a
tal lhe quiz render adorações , & pa-
ra poderem executar com os homens *Apoc.*
as ordens de Deos, a que são envia- *22.8.*
dos , he necessario tomar fôrma de
homens. Que gozo , pois, será o
dos bemaventurados com a compa-
nhia de tão soberanos espiritos to-
dos irmãos por adopção, & filhos do
mesmo Deos?

Acre-

Accrecenta este gozo a companhia de todos os mais Santos, & companheyros da gloria. Os que vio S. João vestidos de roupas brancas com palmas nas mãos, diz que erão hum grande multidão, que ninguem podia contar: *Turbam*

Apoc. magnam quam dinumerare nemo poterat. S. Efrem diz, que se contarmos os Martyres, que morrerão nas mayores perseguições da Igreja, cabem para cada dia do anno mais de trinta mil. Estes são os mesmos, q̃ tanto antes vio S. João com palmas nas mãos, com que muyto melhor q̃ a Jericò podemos chamar cidade das palmas. Pode o Evangelista cōtar os doze mil de cada Tribu de Israel, que por todos fazem cento, & quarenta, quatro mil; mas dos Martyres não pode alcançar o numero. Que vista pois tão fermosa será a de tantos triunfos? Com quã-
ta

ta razão se chama Igreja, triunfante!

A este esquadrão dos Santos Martyres se seguem os Pontífices, Doutores, Virgens, Innocentes, & mais Santos de todos os estados Religiozos, Principes, Senhores, & escravos, todos vestidos da Estolla de gloria, que Deos em vida lhes tinha prometido: & depois de resuscitados, ornados com os quatro dotes gloriozos, mais resplandecentes que o Sol. E se o firmamento matizado de Estrellas he tão firme: que será o Empyreo ornado com tantos sóes? Oh que gozo! Oh que gloria! Oh que companhia esta! Estes são os moradores do Céo: *Ecce Apoc. tabernaculum Dei cum hominibus, & 21.3. habitabit cum eis. Et ipsi populus ejus erunt.* E os do Inferno quais serão? He a companhia dos condemnados no Inferno a dos Demonios; porque essa he a que acharão quando por

- por sentença de Christo forão lan-
 'Mat. çados no fogo eterno : *Qui paratus*
 25. *est diabolus, & angelis.* Já Salamaõ ti-
 41. nha ditto, que essa era a companhia,
 que no Inferno haviaõ de ter, os que
 se afastassem do caminho da doutri-
 'Prov. na : *Vir, qui erraverit à via doctrine,*
 21. *in cœtu gigantum commorabitur.* Estes
 16. diz o mesmo Salamaõ, saõ os que haõ
 de aparelhar a hospedagem ao que
 là entrar: *Et ignoravit, quod ibi sint*
 'Prov. *gigantes, & in profundis Inferni con-*
 9.18. *vivæ ejus.* Chama gigantes aos De-
 monios por allegoria aos filhos de
 Cain, a quem a Escritura chama gi-
 gantes, que summergeidos nas aguas
 do diluvio, diz S. Gregorio, & S.
 Thomàs, forão figura dos Demonios
 summergeidos nas chamas do Infer-
 no.

Para explicar a ferocidade destes
 monstros infernais, usa a Escritura de
 varios nomes. S. Pedro os chama
 leões:

leões: *Tanquam leo rugiens*, & da mesma frase usa David a cada passo. O leão, que matou Sansão, & o que sufocou David figuras foraõ do diabo, a quem Christo venceo; & o lago dos leões, em que foy lançado Daniel, figura foy muyto propria do lago, onde são lançados os condenados. Cães os chamou o Anjo do Apocalypse: *Foris canes*. Dragões, & Serpentes lhe chamaõ outras Escripturas: tudo nomes horrorozos, com que de algum modo se explica a fereza daquelles espiritos malignos. E estes vem a ser os principaes moradores daquella infernal republica; & esta a companhia, que no Inferno tem os condenados, contraposta à companhia dos Anjos, que lograõ os bemaventurados no Ceo.

1. Pet.
5.8.

Apoc.
22.

Qual ferà pois a pena, quam amargoza desconsoação a de huma alma, vendose morar para sempre em
compa-

companhia dos demonios! Que tribulação, vendose cercada de leões, de cães, de Dragões, & de Serpentes, quando em todas estas fôrmas são atormentadas desses infernais gigantes! Cercaraõ-me muytos cães, dizia David, quando se vio cercado de seus inimigos: *Circumdederunt me canes multi.* E que tem isto que fazer com os demonios, que são os inimigos do homem destinados por Deos para algozes crueis? Qual parou o Demonio ao Santo Job com a permissão de Deos, para confusão do mesmo demonio? Fello todo hum chaga desde os pès atè a cabeça. *Perussit Job ulcere pessimo à planta pedis usque ad verticem ejus.* E que tem que fazer a ira de hum só demonio reprimido do poder de Deos, com a ira de tantos demonios destinados por Deos, para atormentadores de seus inimigos? De ver ao São Job

na-

Entre o bem, & mal eterno. 139

naquelle estado, ficaraõ tão assombrados seus tres amigos, que por sette dias não podiaõ fallar: *Septem diebus, Ibid. & septem noctibus, & nemo loquebatur ei verbum.* v. 13. E que fariaõ se Deos lhes mostrasse o rigor com que os demonios trataõ as almas agora, & depois os corpos dos condenados?

Naõ he menos horroraza a companhia dos mesmos condenados, ainda que não houvera a dos demonios. Assim como nos filhos de Cain a quem a Escriptura chama gigantes, se entendem os Demonios; assim nos filhos de Seth, a quem a Escriptura chama filhos de Deos, pela companhia dos Cainitas se preverteraõ, se entendem os mais condenados, como com S. Gregorio diz Tirino. E tanto monta estar no profundo do diluvio com os filhos de Cain, como com os filhos de Seth. Tanto monta estar no Inferno em companhia dos demonios, como

como em companhia dos condemnados

Conhecerseha melhor esta pena depois que estiverem unidos a seus corpos , porque então estaraõ huns sobre outros como ruma de ladrilhos, ou como diz Isayas , como feyres de lenha em q se atearà o fogo:

Isa. 24. Et congregabuntur in congregatione

22. *unius fascis in lacum, & claudetur ibi in carcere.* E sendo o numero dos condemnados muytas vezes mayor , que o dos bemaventurados, que tormento, que amargura, que confusão serà a de cada hum!

Estes são , o catholico, os moradores do Ceo; estes os do Inferno.

Qual he melhor , morar com aquelles no Ceo, ou morar com estes no Inferno? Na tua mão està a escolha.

Ad quod volueris, porrige manum,

ELEY-

E L E Y Ç A M V.

No Ceo opremio segũdo os merecimẽtos:
No Inferno o castigo segundo as culpas.

Ainda que a gloria essencial
consiste na vista clara de De-
os, & com ella sãõ os Santos bem-
aventurados, & com ella estãõ todos
contentissimos com sua sorte ; con-
tudo não participão todos igual-
mente, se não cada hum conforme os
merecimentos. Compara S. Paulo
isto que se passa no Ceo Empyreo,
com o que vemos no Ceo Estrella-
do: *Alia claritas solis, alia claritas lu- 1. Cor.*
nae, & alia claritas stellarum. Stel. 15.41
la enim à stella differt in claritate.
Huma he a claridade do Sol, ou-
tra da Lua, outra das Estrellas ; &
cada Estrella he differente na clari-
dade, conforme a luz que recebem
do

do Sol. Assim he na gloria do Ceo. Huma he a gloria de Christo, que he o Sol: outra a da Lua, que he a Virgem sua Mãe: outra a dos mais Santos, que são as Estrellas, & ainda estes differem entre sy na gloria, assim como as Estrellas entre sy na luz. Por isso Christo S. N. disse, q̃ erão muytos os lugares na Caza de
 70a. Deos. *In domo Patris mei mansiones*
 14.2. *multae sunt.*

Abemaventurança posto que seja dadiva graciosa da misericordia divina, tambem he divida de rigorosa justiça, como ensinão os Theologos. Por isso na Escritura se chama paga: *Mercedem accipiet*: se chama Coroa: *Corona*: *Immarcescibilis gloria Coronam*; & Coroa, que se ao
 1.cor. 3.14. *que vence se dà: Esto fidelis usque ad*
 1.Pet. 5.4. *Apoc. mortem, et dabo tibi Coronam vitæ.*
 2.10. E como os mercedimentos dos Santos na vida forão diversos, diversas de-
 vem

vem sér as Coroas, a que os Theologos costumão chamar aureolas. Perguntou huma hora S. Thomás a Christo, se havia acertado em certa matéria de Theologia; respondeo o Senhor, que bem havia escrito: *Bene scripsisti de me, Thomas*; & acrescentou: *Quam ergo mercedē accipies?* E que paga has de receber? Ao que respondeo o Santo: *Non aliam prateritē*. Não quero outra paga mais que a vós. Contudo Deos lhe deo o que queria, que he a gloria effencial, & demais lhe deo as duas aureolas da Virgem, & de Doutor, que abayxo da aureola de Martyr são as mais gloriozas do Ceo.

No direyto da terra não pode huma couza ser divida, & mais dadiva. No Direyto do Ceo a mesma gloria que he dadiva, essa mesma he divida. No cazo, em que o peccador, por grande que seja, se justificou;

cou ; nesse ponto lhe deve Deos a gloria , ainda que haja de satisfazer mil annos no Purgatorio. Appareceo à Veneravel Mariana de Escobar a alma de hum enforcado por ladraão, tão cheya de gloria, que lhe pareceo ser o bemaventurado de mayor gloria, que havia no Ceo. Mas elle a desenganou dizendo, que era o que entre todos tinha menor gloria ; porque não tivera na vida outro merecimento, mais que morrer em graça. Porém os que nesta vida servirem a Deos, conforme forem os seus serviços, assim será a sua gloria.

S. Paulo depois de haver relatado seus merecimentos nesta vida, diz, que só lhe restava receber a coroa de justiça da mão do justo Juiz:

2. Ti. *In reliquo reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Dominus in illa die justus iudex.* E se a coroa he de justiça, devia ser S. Paulo coroado não só

Entre o bem, & mal eterno. 145

fo com a coroa effencial da gloria,
mas com as duas aureolas de Martyr,
& de Doutor. Conforme a esta justi-
ça o que na terra tiver mayor mere-
cimento, terà no Ceo mayor gloria.
Muyta gloria terà o que morre com
hum grao de graça: mayor os que
morrem com mais graos. Apareceo
a hum da Companhia de JESU a al-
ma de hum nosso Irmão Porteyro, &
perguntado pelo estado da alma del-
Rey Felipe o Prudente; respondeo;
que estava no Ceo, mas que elle ti-
nhá tanto mayor gloria que elle no
Ceo, quanto o Rey cà tinha mayor
lugar na terra.

Christo-Senhor Nosso disse, que
era no Ceo muyto copioza a paga-
dos que nesta vida eraõ perseguidos:

Quoniam merces vestra copiosa est in Mat.
caelis; & que nem hum jarro de agua 5.12.
que damos ao pobre, nem o minimo
pensamento ficará sem premio. *Non*

K

perdet

Mas. perdet mercedem suam. O que pos-
 10. to, que gloria corresponderá ao
 42. zelo dos Apostolos, ás vigílias dos
 Anacoretas, à vigilancia dos Pre-
 lados, à observancia dos Religio-
 zos, aos tormentos dos Martyres, à
 pureza dos castos, ás penitencias dos
 Confessores, & finalmente a todos a-
 quelles, que amaraõ, & serviraõ a
 Deos nesta vida. Sendo pois Deos
 justo Juiz, que dà o premio confor-
 me os merecimentos, & sendo fidelis-
 simo nas promessas, justissimo nas pa-
 gas, quam grande será, & quam co-
 piozo o premio, com que gallardoá
 seus servos, pois conforme seus mere-
 cimentos ha de ser o premio da glo-
 ria.

Mas assim como Deos he justo
 no premio, assim he tambem justo nos
 castigos: assim como, dà a gloria se-
 gundo os merecimentos, assim dà o
 castigo conforme as culpas. Este he
 hum

Entre o bem, & mal eterno. 147

hum defatinado engano de alguns peccadores, que determinados a perder a graça de Deos, não reputão por inconveniente cometer mais, ou menos culpas; não considerando, que quantos mais forem os peccados nesta vida, tanto haõ de ser mais os tormentos na outra, ou seja no Purgatorio, ou seja no Inferno, porque os seus peccados são a lenha com que se fomenta aquelle fogo.

Assim como para huma alma ser bemaventurada, basta morrer com hum só grao de graça; assim para ser condenada basta morrer com hum só peccado mortal. Hum só dedo de mel provou Jonathas contra o mandado del Rey, & isto só bastou, para incorrer na pena de morte. *Gustans gustavi in summitate virgæ, quæ erat in manu mea, paululum melis, & ecce ego morior.* Mas assim como além da gloria essencial, que he a vista clara

1. Reg.
14.43.

K ij

de

de Deos, premia Deos os justos com outras glorias accidentais conforme seus merecimentos ; assim, além da pena de dano, que consiste em não ver a Deos, castiga Deos os condemnados com outros tormentos, conforme às suas culpas.

Quando Deos mandou castigar os de Babilonia figura do Inferno; mandou que lhe dessem os tormentos conforme as delicias: *Quantum Apoc. glorificavit se, & in delicijs fuit ; tan-*
 18.7. *tum datum illi tormentum, & luctum.* E he muyto para considerar, que a este tanto de tormento chamou o Senhor duas vezes dobrado: *Duplicate duplicia secundum opera ejus.* E a razão he, porque os castigos dos de Babilonia eraõ nesta, & mais na outra vida; nesta com as penas temporais, na outra com as eternas; dobradas nesta, & dobradas na outra vida: *Duplicate duplicia secundum opera ejus.* E
 senaõ

fanão discorrey pelas principais.

A primeyra pena de dano, que he a carencia da vista de Deos, corresponde à cegueyra, com que hum peccador anda cego com o amor deshonesto, com a ancia da fazenda, com a ambição da dignidade, sem attender a Deos, nem a salvação. A pena da companhia dos demonios corresponde à vida dos que nesta não fugirão das companhias escandalozas, que forão cauza de peccados proprios, & alheyos, a que S. Paulo chama compa-

nheynos dos demonios. *Nolo autem vos socios fieri dæmoniorum.* Ao tormento das trevas corresponde o procedimento daquelles, de que falla Christo no Evangelho, que amarão nesta vida mais as trevas, que a luz: *Dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* Isto he os que seguirão mais a doutrina do mundo, que a de Christo, no descuido de ouvir a palavra

1. Cor.

10.

20.

Joan.

3. 19.

lavra de Deos, no uzo dos Sacramentos, principalmente da confissão, & cômunhão, andando mezes, & annos em peccado mortal, & chegando à meza da sagrada cômunhão em má consciencia, Ao tormento do fogo, que tem virtude, para abraçar os corpos, & mais as almas, corresponde a companhia, & ajuda, que a alma, & corpo se derão para offender a Deos, & principalmente no fogo da ira, & da concupiscencia em que arderão.

Ao terrivel tormento do bicho da propria consciencia, que por vezes Christo no Evangelho chamou immortal, & continuamente está roendo o coração do condenado, corresponde a falsa dissimulação, com que nesta vida o peccador se faz surdo às vozes, & remorsos de sua consciencia, ou a procura callar com novos peccados, ou divertilla com tal pezo de occupaões terrenas, q̃ não attêde ao peri-

Entre o bem, & mal eterno. 151
perigo, em que vive de morrer em
peccado, & condemnar-se.

Aos mais tormentos dos sentidos
correspondem os peccados, para os
quais forão instrumentos, como diz
o Espirito Santo no livro da Sabe-
doria: *Ut scirent, quia per quæ peccat Sap:*
quis, per hæc & torquetur. Ao tormen- 11.
to dos olhos correspondem as vistas 17.
deshonestas, aos ouvidos as musicas
lascivas, ao olfacto os perfumes deli-
ciosos, ao gosto os manjares delica-
dos, & ao tacto com o fogo todos os
mais peccados.

Eis-aqui pois, Catholico, como
no Céo paga Deos conforme os me-
recimentos desta vida, & como casti-
ga no Infernó conforme as culpas de
cada hum. Agora considera, qual te
está melhor, se satisfazer nesta vida,
& servir a Deos de forte, que mere-
ças a perseverança na graça, para go-
zar de Deos na gloria, se deyxarte
hir

hir assim nesta vida destrahida? *Ad
quod volueris, porrige manum.*

E L E Y Ç A M VI.

Conhecimento dos bemaventurados:

Conhecimento dos condenados.

I.
Tim.
2.4.

HE grande parte do gozo dos bemaventurados o conhecimẽto da verdade. Oh quantas, & quam divinas verdades alcança o entendimento bemaventurado, informado com aquelle divino lume da gloria! S. Paulo escrevendo a Timotheo, faz distincão entre salvação, & conhecimento da verdade. *Qui omnes homines vult salvus fieri, & ad agnitionem veritatis venire.* Porque como a essencia da bemaventurança consiste no conhecimento da summa verdade, que he Deos, desse conhecimento resulta no entendimento do beato.

beato, o conhecimento de todas as
 mais verdades, que nascem do mesmo
 Deos, como da fonte os rios. E almas,
 que vem a Deos, & estão tão perto de
 Deos, que tudo vê, & tudo conhece,
 que couza pode haver, que não co-
 nheção, como diz S. Gregorio: *Quid*
non videbunt, qui videntem omnia vi-
dent? Christo disse a seus discipulos,
 que por serem seus amigos, lhes reve-
 lara tudo quanto sabia do eterno Pa-
 dre. *Vos autem dixi amicos: quia omnia* Joan. 15.
quaecumque audivi à Patre meo, nota 15.
feci vobis. Os bemaventurados já estão
 confirmados na graça, & amizade de
 Deos, já não podem cahir da sua gra-
 ça. Que verdade logo pode haver,
 que Deos lhes encubra?

Conheceraõ os mysterios todos
 pertencentes ao ser, & perfeções di-
 vinas, que os Theologos chamão
Ad intra. Conheceraõ todas as obras
 de Deos pertencentes às creaturas,
 que

que chamaõ *Ad extra*, Conhecerão, como a bondade de Deos dezejando communicar-se, sahio à luz com todo este universo, & como està pendente de sua mão, sabedoria, & providencia. Saberão qual foy o deslumbramento dos Anjos Apostatas, qual seu peccado, fora de todas as opiniões de Theologos: & porque peccando o homem, quiz Deos remir o homem, & não os Anjos; & isto por hum modo tão amorozo, tomando carne nas purissimas entrenhas de Maria Virgem: & quam admiravel he aquella uniaõ de duas naturezas tão differentes em hum sò supposto. Conhecerão a Soberania, & gloria da Mãy de Deos: quam justamente foy desde a eternidade escolhida para tanta gloria sobre todos os coros Angelicos: como verdadeyramente he quasi infinita a dignidade de Mãy de Deos: & que ao lado de Christo, seu Filho

Filho, faz no Ceo o officio de Advogada nossa, assim como o Filho para com o Pay.

Estas & outras muytas verdades conhecerão os bemaventurados, ou por virtude do conhecimento da summa verdade, que he Deos, ou por especial revelação do mesmo Deos, comprehendendo por junto, com hum só vista, a connexão de tantas verdades, com hum admiravel luz, certeza, & harmonia. Oh como estarão estes espiritos bemaventurados illustrados com os rayos da primeira verdade, & todos cheyos da fonte da Sabedoria eterna! Da Rainha Sabà dis a Escritura, que quando chegou a ver a gloria de Salamão, & ouvir sua sabedoria, não podia respirar de affombro. *Non habebat ultra spiritum.* 3. Reg. 10.5. E que faria, se visse, que não só Salamão, mas todos os familiares de seu palácio tinham a mesma Sabedoria,

ria que Salamaõ? Isto pois he o que passa no Ceo, onde todos os bema-venturados são mais sabios, que Salamaõ. Que gloria pois, & que gozo ferà o daquelles espiritos tão deze-jozos de conhecer a verdade, vendo-se tão cheyos de sabedoria?

Tambem no Inferno tem os condenados conhecimento do bem que perderaõ, & do mal, que padecem.

Marc Chamoulhe Christo Senhor Nosso
9.45. bicho, que não morre: *Vermis eorum non moritur*; & antes de Christo o
Eccli. tinha já dito o Ecclesiastico: *Vindicta*
7.19. *carnis impij ignis, & vermis*. Duvidão os Santos Padres, se este bicho he verdadeyro, ou metaforico? Santo Agostinho, & Santo Anselmo dizem, que he verdadeyro bicho; assim como o fogo he verdadeyro fogo. Na opiniaõ destes Santos aquelle bicho eternamente atromentará a alma, & depois da resurreyçaõ universal,
ator-

atormentarà corpo, & alma juntamente, como hum cobra mordendo-lhe o coração. Fudão-se estes Padres nas palavras do Ecclesiastico, que o chama bicho da carne: *Carnis impij.. vermis*; & he este hum tormento, que atè pintado cauza horror.

Santo Thomàs, porèm, com outros Doutores dizem, que não he bicho real, senão metaforico; & vem a fer hum vivo conhecimento do bem, que perderão, & do mal, que padecem, que S. Bernardo em breves palavras definio: *Memoria præteritorum non cessans rodere conscientiam*. He hum memoria do passado, ou remorso da consciencia. E deste modo estará a triste consciencia clamando: O maldito de ti, porque não previste estes tormentos! Porque por tão vís deleytes quizeste perder os gozos do Cec! Porque quizeste pela creatura perder o Creador! Quam facilmente

cilmente podias evitar estes tormentos, se em vida ós meditaras! As tuas vinganças, as tuas cobiças, as tuas ambições te grangearão estas penas. Se tu forás gentio, sem conhecimento de Deos, poderias ter alguma escuza; mas sendo bautizado, & sabêdo muyto bem, que havia Deos, & que havia Inferno para mãos, & gloria para bõs, olha, malavêturado, como caminho para o Ceo os teus escravos, & tu estás prezo no Inferno. Olha, como os pobres de espirito estão de posse do Reyno dos Ceos, & tu com tuas riquezas sepultado no Inferno. Olha, como os limpos de coração estão vendo a Deos, & tu entre Demonios nunca já mais o verás. Estas, & outras muytas couzas semelhantes estará a consciencia gritando aos ouvidos dos condenados, & a esta pena chamou Christo bicho, que nunca morre: *Vermis eorum non moritur.*

Por

Entre o bem, & mal eterno. 159

Por muytas razões he este tormento hum dos mais tremendos do Inferno. Primeyra, porque he tormento interior da alma, em que a alma mesma he verdugo de si, & como diz S. Bernardo, huma má cósciencia he hum Inferno de si mesma: *Infernus quidem anima, rea consciencia est.* Segunda razão; por Christo lhe chamar bicho, que nunca morre: *Non moritur.* E se qualquer cuidado desta vida se dura muyto, afflige muyto, que será o que dura toda huma eternidade? Terceyra razão; porque Christo ajuntou este tormento do bicho roedor com o do fogo eterno. *Et Marc. ignis non extinguitur.* A mesma junta 9.43. fez o Ecclesiastico: *Vindicta carnis impij ignis, & vermis.* E a mesma Iſayas pelas mesmas palayras de Christo. *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur,* no que affa se encarece a grandeza deste tormento. 24.
por-

porque assim como o fogo do Inferno abraza, & não allumia, assim aquelle bicho reprehende, & não consola. E assim como aquelle fogo ata os corpos dos condenados, de sorte que se não podem mover a outra parte, assim a memoria, & entendimento dos condenados de tal forte estão atados, q̃ não podem applicar-se a objecto algum; que lhe possa ser de alivio: o entendimento não se pode divertir do conhecimento, de que perdeu a Deos: a memoria da lembrança dos peccados, que cometeo, pelos quais se condenou, & juntamente dos meynos, que teve para se salvar, & não quiz: & a vontade com hum arrependimento inutil, como foy o de Judas. Confidera agora, Catholico, qual ha de ser o teu conhecimento na outra vida, se de bemaventurado na gloria, se de condemnado no Inferno. E pois certamente, te ha de caber hum dos dous,

Entre o bem, & mal eterno. 161
dous, trata com tempo de acertar na
escolha. *Ad quod volueris porrigere ma-*
num.

E L E Y Ç A M VII.

Gozo dos bemavêturados nos sentidos.
Tormento dos condenados nos sentidos.

Assim como a gloria essencial
da alma consiste na vista clara
da Divindade; assim a essencia da
gloria do corpo bemavêturado cõsis-
te na vista clara da Humanidade Sã-
tissima de Christo; porque como
Deos não pôde ser objecto dos senti-
dos corporais, como diz S. Paulo;
Quem nullus hominum vidit, sed nec r.
videre potest: Sô a pessoa de Christo *Tim.*
pôde ser cabal principio da bema- 6.16.
venturança quanto ao gozo dos sen-
tidos. Isto parece quiz dizer o mes-
mo Christo por S. João, quando fal-
L ando

70a.

17.3.

lando com seu eterno Padre disse:
 Nisto consista a vida eterna, que vos
 conheçaõ vós, & mais a mim: *Hec
 est autem vita eterna: ut cognoscant
 te, solum Deum verum, & quem misisti
 Jesum Christum.*

E assim q' to com a vista da Hu-
 manidade de Christo gloriosa, satisfi-
 farão os sentidos corporais glorio-
 sos seu appetite de modo, que não
 tenham mais que dezejar, porque na
 quella Santíssima Humanidade a-
 charão toda a suavidade, regalo, &
 gosto, & a alma se com esta vista se-
 dará por satisfeyta, quanto aos senti-
 dos do corpo. E a razão he, porque
 como Jesu Christo he Deos, & Ho-
 mem juntamente, a mesma Divindade
 unida a Humanidade, refunde no Sa-
 cratíssimo Corpo de Christo tal, fer-
 mosura, que cauza na vista do corpo
 o mesmo effeyto, que a Divindade na
 vista da alma, que he o conhecimen-
 to.

Entre o bem, & mal eterno. 163
 to. Esta esperança consolava ao S.
 Job, quando disse, que com seus o-
 lhos havia de ver o Redemptor. *Job: 19.*
in carne mea videbo Deum intem,
quem visurus sum ego ipse, & oculi mei 26.
conspiciunt eum. E que dirá, quando
 em effeyto na gloria depois de re-
 suscitado o chegar a ver? Agora o vê
 com os olhos da alma de pois o verá
 com os olhos do corpo. Nessa vista
 elle, & os mais bemaventurados a-
 charão pasto dulcíssimo em que apa-
 centar a vista.

Verão também os olhos corpo-
 reos aquelle grande milagre da fer-
 mosura e Sabedoria Virgem, que se
 nos Santos Anjos coubera envaja, e
 podia haver sobre os mais bellos Se-
 rafims, porque como são substancias
 espirituais, não tem outros olhos,
 para ver tanta belleza, mais que os
 do espirito, que são. Já Mayas tinha
 dito, que o bemaventurado havia de

Lij

ver

vêr o Rey da gloria em toda sua fermosura com seus olhos. *Regem in decore suo videbūt oculi ejus.* Mais ainda se estende esta vista, porque não sô háo de vêr o Rey, mas também háo de vêr a Raynha em toda sua fermosura. Da Raynha Esther diz a Escriitura, que era grandemente fermosa, & de huma belleza intreibel, & graci-
Est. 2. oza nos olhos de todos: Erat enim
15. fermosa valde, & incredibili pulchritudine, omnium oculis gratiofa, & amabilis videbatur. Com quanta mayor excellencia será gracioza, & amavel a Raynha dos Ceos no trono de sua gloria, a quem Esther representava levantada ao trono de Assuero. Razão tiverão os Anjos do Ceo, para admirar tanta belleza, quando logo lá entrou parecendo-lhes que entrava no Ceo Emphyreo huma nova Aurora, ou hum novo Sol.

Alem disto a vista de tantos corpos

Entre o bem, & mal eterno. 165

pos gloriozos mais fermôzôs , & resplandecentes, q̃ o Sol ; que gozo, & q̃ glória cauzaráo! Basta hum Sol , para alegrar todo o genero humano: que farão tantos Soes, & mais vendo cada hum ser hum delles? Que gozo, vendo cada hum sahir de todos os seus membros rayos de luz mais resplandecentes , que os do Sol! E que vista tão fermosa a de todo o Emphyreo adornado de mais soes, que o firmamento de estrellas!

Veraõ além disto a fabrica dos Ceos tão admiravel, & aos Mathe-maticos tão escondida; & a seus pés o firmamêto cõ todos os seus astros, & estrellas. E se he certo, que no Ceo Emphyreo ha fontes, rios, flores, & edificios, & outras muytas fermosuras, como sentem muytos assim Theologos, como expositores; como tudo seja objecto da vista, tudo serve de acrecentar o gozo dos bemaventurados:

dos: com a maravilha, de que nem a vista clara de Deos, em que consiste a bemaventurança, empeça a vista das couzas creadas; nem a vista destas estorve a vista clara de Deos.

Muyto ao contrario he nos condenados; porque primeyramente terão vista para ver somente o que for de tormento; porque o fogo em q ardem não allumia, mais que para verem as horriveis figuras dos demonios, & a fealdade de seus corpos, & mais condenados. Para o mais, as horriveis trevas, em que estão prezos, os não deyxão ver a luz do Sol. Huma

Tob.

5.11.

vez saudando hum Anjo ao Santo Tobias disse: *Gaudium tibi sit semper:* tenhais sempre gozo. Mas como elle estava cego, respondeo: Que gozo

Sap. 5.

2.

posso eu ter, senão vejo a luz do Céo: *Quale gaudium mihi erit, qui in tenebris sedeo, & lumen celi non video.* Que pena será logo a de hum condenado.

ce-

Entre o bem, & mal e terno. 167

cego eternamente para haver de ver a luz do Ceo?

Hum vez permittio Deos, que elles abrissem os olhos, & lá do Inferno, onde estavaõ, vissem caminhar os Justos para o Ceo, & diz Salomão, *Sap. 5. 2.*
dentes turbabuntur timore horribili; & isto diz o texto differença lá do Inferno: *Taha dixerunt Inferna.* Hum figurá disto lemos no livro dos Reis Quando El Rey Sedecias foy cativo para Babilonia, mandou o Tirano matar todos seus filhos à sua vista, & depois lhe mandou arrancar os olhos. Esta he a figura de hum condemnado na Babilonia infernal. Se tem olhos para ver o tormento, & para o mais está cego. E havendo de se cumprir a sentença de Christo, que os tormentos da outra vida haõ de ser conforme as delicias nesta; he justo que os que se deleytaraõ em vastas leslas
vas

vas nesta vida, sejam na outra atormentados com vistas horriveis; assim como os bemaventurados no Ceo são recreados com vistas de objectos deleytaveis.

Huma vez appareceo hum demônio a hum Capitão por arte Magica, & logo q' o vio, em breves dias morreo de espanto. A Santa Catherina de Sena disse Christo: A figura do Diabo he tão medonha, que não ha coração de homem tão esforçado, q' suporte o vella. Sò para chorar lhes ferve os olhos aos condenados, como Christo disse no Evangelho: *Ibi erit fletus*; mas não lagrimas de penitencia, nem de alivio, se não de pena, & tormento. No Ceo alimpou Deos os olhos dos justos das lagrimas, que echorarão nesta vida: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum*; porque forão lagrimas de penitencia, & merecimento. No Inferno porem se mul-

Mat.
8.12.

Apoc.
7.17.

Entre o bem, & mal eterno. 169
multiplicação, porque são nascidas de
tormento, & desesperação.

Eis-aqui, Catholico, qual he a
vista do corpo no Ceo; qual no In-
ferno. A vista de Christo, & de sua
Santissima Mãe te convida para a
vista de Deos: a fealdade do peccado
te convida para a vista do Demonio.
Escolhe huma de duas; porque este
he o fogo, esta he a agua, que Deos
poem na tua escolha: *Ad quod volue-
ris porrige manum.*

E L E Y Ç A M VIII.

Gozo dos mais sentidos no Ceo.
Tormento dos mais sentidos no Inferno.

QUando Christo Senhor Nosso
mostrou a S. Joáo a primeyra
vez aquelle esquadao de bemaventu-
rados, diz que todos dâvao os lou-
vores de Deos. Quando a segunda
vez

vez os tornou a ver, diz que ao som de bem acordados instrumentos cantavão os mesmos louvores. E quando a terceyra vez vio o Cordeyro de Deos acompanhado de hum exercito de Virgens, diz que cantavaõ huma nova letra que sò os Virgens a podiaõ cantar. De sorte que tudo eraõ musicas, tudo harmonias, tudo suavidades. Oh que alegres! que varios! que graves, & devotos salmos, & câções! E oh com que espirito celebrarão alli as perfeções divinas, as victorias de Christo, as virtudes da Raynha do Ceo, & os beneficios, que de ambos receberão!

E cahindo tudo isto debaixo do objecto do sentido do ouvir, os ouvintes perceberão toda aquella musica Celestial, com que a alma summamente se gozará. Trezentos annos esteve hum Santo Religiozo ouvindo cantar hum Anjo na figura de hum passarinho.

rinho. Todos os dias ouvia S. Maria Magdalena musica do Ceo, com que se elevava da terra. Muytos dias antes da sua morte ouyio as mesmas musicas S. Nicolao de Tolentino. Com o toque de hum Cithara por mão de hum Anjo, não sentio S. Francisco hum botaõ de fogo: nem seu compa-
nheyro Fr. Bernardo de Quintaval, hum grande molestia com semelhan-
te regalo. E se tanto recreaõ os eccos daquelle musica ouyidos por tão breve tempo nesta vida; quanto re-
creará na gloria a suavissima melodia de todos aquelles musicos celestiaes por toda hum eternidade?

O olfacto, perceberá a fragrancia Excellentissima, q' respirará dos cor-
pos bemaventurados. E se Isaac quan-
do sentia a fragrancia, que sahia dos
vestidos de Esau, a comparou à fra-
grancia de hum florido pardo: *Ecce Gen.*
odor filij mei sicut odor agri pleni; que 27.
será 27.

ferà a fragrancia de todo aquelle jardim celestial, que são os corpos gloriosos de tantos Santos? Se cà na terra vemos tantas vezes, que os corpos mortos dos Santos lançaõ de si hum cheyro celestial, para testemunho de sua gloria; que cheyro naõ exhalarão de si esses mesmos corpos depois de gloriozos no Ceo? Escreve S. Gregorio, que ao ponto, em que espirou S. Servulo, lançaõ de si hum cheyro, que a todos os presentes encheo de huma suavißima fragrancia; & o mesmo conta S. Jeronymo do Corpo de S. Hilario. E se isto vemos nos corpos corruptiveis nesta vida; nos corpos immortais, & gloriozos, q̃ ferà? E se he certo, que no Emphyreo tambem ha flores, & aromas, que nos Cantares de Salamaõ se descrevem, assim como a sua fermosura he pasto dos olhos, assim a sua fragrancia he pasto do olfacto.

O

O sentido do gosto, tem tambem seu particular deleyte ; porque na paladar ha de sentir o bemavêturado hum sabor suavissimo , que tantas vezes na Escriitura se significa ; humas vezes por ceya, outras por manã , outras pro frutta, & outras por leyte. E como este sentido tem seu assento na lingua , tambem esta sentirá seu gozo na suavidade das palavras , naquella lingua branda , casta , & suave , com que os bemaventurados conversão entre si , a que o Profera Sofonias chama lingua escolhida: *Tunc reddam* ^{Soph.} *populis labium electum*; principalmen- 39.
te, quando houverem de fallar com Christo, & sua Santissima Mãe. Porque assim como os Anjos fallaõ entre si com o entendimento: *Lingua Angelorum intellectus eorum* ; assim os Santos depois de resucitados haõ de fallar com as linguas do corpo ; por que se Christo se houve com tâta fa-
mi-

Ps. 44.

Cant.

4. 11.

familiaridade com tantos Santos, & Santas fallando, & praticando como hum amigo com outro amigo, o mesmo se hade crer fará lá no Céo. Então verdadeyramente a lingua de Christo estará derramado a graça, que diz David: *Diffusa est gratia in labiis tuis*; então verdadeyramente as dos bemaventurados estilarão o mel, que diz a Esposa: *Favus distillant labia tua*.

Uleimamente o sentido do Tacto será summamente regulado. Flores lhes parecerá tudo quanto tocarem; porque assim como todas quantas penitencias nesta vida fizeram os Santos pella mayor parte forão neste sentido; assim era justo q neste tivessem mayor regalo. Por isso, dizem, q os Martyres, q nesta vida mais padecerão neste sentido, nelle haõ de ter no Céo mayor gozo. Mas não se ficará este sentido summamente recreado;

ado; mas também ficará incapaz de dôr, ou molestia alguma, & pelo dote da claridade ficará capaz de todo o gozo, & finalmente todos quantos membros, partes, & artelhos ha no corpo, terão alli seu particular gozo, como diz Santo Agostinho.

No Inferno he mayto pelo contrario. Os ouvidos serão atormentados além do fogo com gritos, arruidos, & estrondos intoleraveis, & com aquelle pranto, & rangir de dentes, que Christo diz no Evangelho: *Ibi Marc. erit fletus, & stridor dentium.* E que 9-43. será ouvir as blasfemias, & continuamente estão vomitando contra Deos, & seus Santos: os baldões dos Demônios; as maldições de huas condemnados aos outros, & finalmente os vituperios, & escarneos, com que as linguas serpentinas dos Demônios estarão soando aos ouvidos daquelles miseraveis?

As

Mat.
2.18.

As vozes, os gritos, & os gemidos que houve em Belem na cruel morte dos innocentes se ouviu em Rama duas leguas distante: *Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus.*

E que seria na mesma Belem? contu-
do nenhuma comparação pode ter tudo isto com o pranto do Inferno. A Santa Ludovina mostrou hum Anjo o lugar do Inferno, onde ouviu a Santa lá por dentro, horrendos gritos, alaridos, & golpes de martellos, & perguntandolhe o Anjo, se queria chegar a ver mais de perto o que ou-
via, respondeo a Santa, que não; por-
que só de ouvir aquelles infernais estrondos de longe, sentia huma mo-
lestia intoleravel.

Isa.

34.3.

O olfato será atormentado com hū fedor pestilencial. Expressaméte
o disse o profeta Isayas: *De cada veri-
ribus eorum ascendit fœtor* porque
dos seus mesmos corpos sahirá tal fe-
dor,

dor, que causará hum dos mais intoleraveis tormentos do Inferno. E S. Boaventura chegou a dizer, que se a este mundo viesse o corpo de hum condenado, baltava para inficionar toda a redondeza da terra. E que será no Inferno, com tantos milhoes de corpos mais ediondos que caens mortos? E Santo Thomas diz, que depois do Juizo todas as fezes, & immundicias, de que ha de ficar purificada a terra, haõ de correr para o Inferno. Chegase a isto, que os mesmos Demonios nos corpos fantasticos, que tomaõ, lançaõ de si hum fedor diabolico, como muytasvezes tem succedido nos q̃ andaõ neste mudo. A S. Martinho succedeo, que havendo a fugentado hum Demonio, que lhe appareceo, deyxou tal fedor, que lhe pareceo ao Santo estar no Inferno; & disse se isto he cá nesta vida, na outra que será?

M

E

- E que diremos do sentido do gosto? Este será de muytos modos atormentado, porque com elle, de muytos modos se pecca. Padecerão
- Ps. 58.* fome canina, como diz David: *Tamen patientur ut canes.* Serão seu comer de aspides, & o seu vinho fel de Dragões, como diz a mesma Escri-
Dent. tura. *Fel draconum vinum eorum.* Ez-
 32. perimentarão a ameaça de Christo
 33. no Evangelho contra os que nesta vida se fartão, & se regalaõ, aos quais annunciou o Senhor huma fome eter-
Luc. na, & desesperada, *Vae vobis, qui satu-*
 6.25. *rati estis, quia esurietis.*

E como este sentido tem seu affe-
 to na lingua, esta será de muytos mo-
 dos atormentada, porque de muytos
 modos peccou, murmurando, infa-
 mando, mentindo, adulando, comen-
 do, & bebendo. Já cá desta vida leva
 o peccador a lingua inflammada com
 o fogo do Inferno, como diz S. Tia-
 go:

Entre o bem, & mal eterno. 179

go. *Inflammat a gehenna*, com que se *Jacob.*
rà lá entre as lavaredas infernaes a. 3.6.

brazada. Appareceo hum côdenado a
hũ desta vida, como cõta o Padre Mã-
si, com a lingua dous palmos fora da
boca, & apontando com o dedo disse;
Esta me condenou. E he de se, que
pelas demasias deste sentido, sentia o
rico avarento o rigor desta chama,
quando pedia a gota de agua a Abra-
haõ. *Ut refrigeret linguam meam, quia* *Luc.*
crucior in hac flamma. 16.

O sentido do Tacto como he
mais estendido, assim será mais ator-
mentado com aquelle fogo abraza-
dor, que, como diz Santo Agostinho,
o desta vida he como pintado a res-
payto do verdadeyro, que não lo-
mente ha de queymar por fóra, mas
ha de penetrar todos os membros, &
partes mais interiores do corpo, com
muyto mais notavel excessõ ao fogo
que já atormenta as almas; porque

Mij

depois

depois que as almas forem unidas a seus corpos, não somente atormentará os corpos, mas será de novo tormento, para as almas. De forte, q a alma condenada arderá com dous incendios: no primeyro, arderá da sorte que os Demonios ardem, com o fogo, que é levado por Deos, tem virtude para abraçar espiritos: no segundo, arderá como homem, que está com seu corpo, a quem todo o fogo pôde atormentar. E por esta cauza dizem os Santos, que temem tanto os condenados o dia do Juizô, porque sabem, que com a união de seus corpos, se hão de acrescentar mais seus tormentos. E finalmente, assim como no Ceo, em todos os seus sentidos hão de sentir os bemaventurados gozo de gloria, & deleyte; assim os condenados no Inferno, hão de sentir pena, tormento, & afflicção.

ELEY-

E L E Y Ç A M IX.

*Dotes gloriozos dos corpos bema-ventu-
rados:*

Contrario nos corpos dos condenados.

Todos, diz S. Paulo, havemos de refucitar, porém nem todos mudar: *Omnes qui dem resurgemus, sed non omnes immutabimur*; porque se os Predestinados refucitarão com os dotes gloriozos, & não os Prescitos. O primeyro dote, he de impassibilidade, pelo qual fica o corpo do bema-venturado izento de toda a corrupção, & penalidade de sorte, que pôde andar por cima do fogo do Inferno, sem se queymar. He o que S. Paulo diz: *Surget in incorruptione*. Alem disto pôde ter o uso de todos os seus sentidos, & perceber o gozo, que em todos sentem na Patria celestial.

1. Cor.
15.
51.

1. Cor.
15.
42.

Pelo

Pelo contrario os corpos dos condenados são capazes de padecer no Inferno, não só o que podião, mas ainda outros tormentos, próprios daquelle estado infeliz.

O segundo dote, he o da claridade, ou fermosura, pelo qual fica o corpo bemaventurado mais fermoso, & resplandecente que o Sol: de sorte, que se o corpo de hum bemaventurado apparecesse na auzécia do Sol, bastaria para dar luz, & fermosura a toda a terra; & sendo tantos estes Soes no Céo, que alegria terá? *Surgit in gloria.*

Pelo contrario no Inferno, terão os corpos dos condenados feylinhos, ediondos, horrozozes, & denegridos: de sorte, q̃ se nesta vida apparecesse hum condenado no meyo de hum exercito de muytos, & muy esforçados soldados, cahiriaõ todos mortos de horror.

O

Entre o bem, & mal eterno. 183

O terceyro dote, he Agilidade, em cuja virtude podem os corpos gloriozos exercitar todos os generos de movimentos, que distingue a Philozophia, a saber Organico, simples, & progressivo. Podem discorrer por esses immonfos espacos do Ceo Empyreo; descer ao firmamento, & voar por essas ares sem impedimento ou difficuldade muyto mais ligeiramente, que huma feta; ou, como alguns Theologos dizem, que o pensamento. E isto he o que quiz significar S. Paulo, quando disse *Surgit in virtute. Ibid.*

Pelo contrario no Inferno, estaraõ os corpos dos condenados de tal forte prezos com cadeas de fogo, que se rão poderaõ mover; porque o mesmo fogo, que os abraza, os ata. E de tal forte seraõ lançados naquelle mar de fogo, como se fossem huma pedra de moynho lançada no mar; ou como a arvore, que no lugar, onde cahio,

hio, ahi ficou, como diz o Espírito Santo.

O quarto dote, se chama de sutileza, & he muyto admiravel. Por elle pode o corpo bemaventurado penetrar outro corpo não gloriozo, ficando ambos no mesmo lugar, sem resistencia alguma, como se fosse espirito. E poderá romper por esses penhascos sem difficuldade, da sorte que Christo entrou no Cenaculo, fechadas as portas, & sahio do sepulchro sem levantar a pedra; & he o que disse

Ilud. S. Paulo: *Surget corpus spiritale.*

Pelo côtrario os corpos dos condenados, dado cazo, que se pudessem mover do lugar, em que estão atados, o carcere está tão cercado de rochedos, que formão aquella infernal concavidade, que lhe impossibilita qual quer alivio, ou esperança de sair d'elle. Porque assim como a gloria da alma bemaventurada se communica

Entre o bem, & mal eterno. 185
ao corpo para mayor gloria de todo
o composto gloriozo, assim a pena da
alma condenada se communica ao
corpo para mayor tormento.

Agora considera tu, o Catholico,
que fazes mais cazo do corpo, que da
alma; qual te està melhor, se gozar
com a gloria da alma, a gloria do cor-
po no Ceo: ou com as penas da alma,
padecer as penas do corpo no Infer-
no? sabe, que esta he a escolha, que
Deos poem na tua mão. *Ad quod vo-
lueris, porrige manum.*

E L E Y Ç A M X.

Vida eterna no Ceo:

Morte eterna no Inferno.

Vida eterna, não he outra couza,
q̃ ver a Deos no Ceo eternamē-
te por visão intellectual, clara, & in-
tuitiva. E se lhe quizermos accreeêtar

a

a razaõ de bemaventurãça adequada
 enerra amor, que dessa vista neceff-
 fariamente resulta Esta he a fonte de
 vida, que David disse, estava em

Pf. 35. Deos: Apud te est fons vite. Esta a a-
 10. gua, que Christo disse à Samaritana,
 havia de brotar na vida eterna: *fons*

Joan. aqua salientis in vitam eternam; &

4. 14. neste mesmo sentido chamou David
 ao Reyno dos Ceos, Região de vi-
 vos: *Placabo Domino in regione vivorum*

Pf. 114. 9. O que importa, he fazer concey-
 to, que felicidade he tão grande vi-
 ver eternamente huma vida Santa,
 vida pura, vida precioza, vida divina.

A morte dos Santos nesta vida cha-
Apoc. 20. 6. ma a Igreja: Nascimento, *in Natalitijs*
Sanctorum. E S. João no Apocalypsic
 chama resurreyçaõ primeyra: *In re-*
surrectione prima; que he o mesmo
 que tornar a viver; porque a inda que
 o corpo fica morto na terra, a alma
 vive no Ceo; porque como disse S.

to

ro Ambrosio, vive de Deos, & vive para Deos. *Vivit Deo, & vivit de Deo.* Pode-se explicar o modo, com que Deos cõmunica à alma esta vida eterna como glorificador, pelo modo cõ que communica ao homem a vida temporal como Creador. Allõprou Deos na face da quella estatua de barro. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vite*; & logo ficou o homẽ vivo. *Et factus est homo in animam viventẽ.* O que entãõ fez com o seu allõpro como Creador, faz no Ceo com sua vilita como glorificador.

Gen. 2.
7.

Esta he verdadeyramente vida, que sempre dura, vida inteyrã, vida tõtã, & perfeytissima. E quanto tem de vida hum homem nesta temporal, ha de ter alli de vida eterna. Vivirãõ, as potencias da alma: vivirãõ os sentidos do corpo, & todo o composto depois da nova vida, & resurreyçãõ vivirá, & segozará eternamente. En-
tão

taõ fahirà da madre aquella fonte de vida, & banharà todas aquellas almas de gozo, bondade, sabedoria, poder, pureza, santidade, nobreza, permanencia, & tudo quanto o coração pode dezejar; porque na vista de Deos como diz S. Paulo, he Deos tudo em todas as couzas: *Omnia in omnibus*.

Morte eterna he a que padecem os condenados no Inferno sem morrer, a qual depois da resurreyção chama S. Joaõ morte segunda, a respeyto da primeyra; mas huma, & outra eterna. Esta pena transcende por todas as penas do Inferno, pela qual se chamão todas eternas, & com razão se podiaõ chamar dobradas. E recopilando o muyto que os Santos dizem, para encarecimento de fazer algum conceyto, de que couza seja morte eterna, diz S. Bernardo, que he huma morte viva, & huma vida morta. E S. Gregorio diz, que no Inferno,
ha

Entre o bem, & mal eterno. 189

ha morte sem morte, & fim sem fim.
In gehenna erit miseris mors sine morte, finis sine fine; & por isso outros lhe chamão morte immortal.

Esta consideração de haver de ser a vida dos condenados morte, & haver de ser esta morte, vida, he a consideração, que mais atormenta seus tristes corações. Se naquella triste lugar houvesse lugar para alguma consolação, & seria o que na vida se tem por mayor pena, que a morte. Mas a desgraça he, que por mais que os condenados busquem, & dezejem a morte, sempre a morte fugirá delles. *Querent homines mortem, Apoc. & fugiet mors ab eis.* Este he de todos 9.6.; os males do Inferno o peyor; porque he huma vida morta, ou huma morte viva; & já todos estão com o desgano, que já naquella vida não ha morte, senão a eterna, q nunca morre; assim como naquellas penas não ha

ha mudança por serem immensas, nem termo, por serem eternas.

Por grande alivio teriaõ os condemnados a esperança, de que passados mil milhões de annos poderiaõ ter fim, ou alivio aquellas penas. Tomara o rico avarento, que depois de dez milhões de annos, lhe mandasse lá do Céo Abrahão a gota de agua, que lhe negou lá do Seyo onde estava; porém nem elle, nem outro algum poderà naquella triste vida ter alivio; porque depois de tantos milhões de annos, assim estarão como no principio, tão desesperados como sempre. He doutrina dos Theologos, que não revela Deos nesta vida a hum homem a certeza de sua condenação; sendo que a muytos revelou a de sua salvagão; porque parece contra a bondade de Deos privar huma sua creatura da esperança de se salvar. Porém tanto que foy condemnado,

Entre o bem, & o mal eterno. 191
nado, logo ficou certificado, que a
sua dor he perpetua, & a sua chaga
desesperada, podendo dizer como Job. 7.
Santo Job: *Desperavi: nequaquam ul-* 16.
tra jam viuum.

Ainda ha outra razao de se cha-
mar morte eterna a vida do Inferno.
& he porque o condenado ainda
conserva na alma os peccados, pelos
quais foy condenado, que são amor,
te da alma, porque por mais que arda
naquelle fogo, nada satisfaz, & nada
merece. E assim estarão aquelles
malaventurados condenados padec-
cando a morte da culpa, que he o
peccado, & mais a morte da pena,
que he a eterna. Esta he aquella espa-
da de dous fios, que desembaynhada
humas vez, já mais ha de tornar para a
sua baynha, como disse o mesmo
Deos: *Ego Dominus aduxi gladium* Eze-
meum de vagina sua irrevocabilem. ch. 21.
Este o harpão de duas serpas, que já
mais

7er. mais descãça: *O mucro Domini, usque-*
47.6. *quo non quiesces?* Estes os dous polos,
 para onde cahio a arvore, & ahi ficou:

Eccle. *In quocunque loco ceciderit, ibi erit.*

11.3. Esta circumstancia de serem os tormentos do Inferno eternos, he para temer mais que os mesmos tormentos. Ponhamos exemplo no fogo. Se o fogo do Inferno não fosse de enxofre, nê ministrado pelos Demonios, nem assoprado com o assopro de Deos, senaõ que fosse hum fogo de palha, sendo eterno, era muyto para temer. E que ferà, sendo o que he? Aquella fatal fornalha de Babilonia, houve quem medio suas lavaredas, & achou, que subiaõ quarenta, & nove covados. Outro houve, que presumio pezar o fogo, quando disse: *Pondera mihi pondus ignis*; porque em fim era fogo desta vida. Porém o fogo da outra naõ se pòde medir por immenso, nem pezar por eterno.

Po-

Porèm abstrahindo do fogo, que he o mayor tormento, supponhamos, que o tormento não era mais que huma dór de dente, sò por ser eterna seria dór insupportavel: se essa dór de dente durasse nesta vida por hum anno inteeyro, q dór seria tão molesta? Que, se durasse por toda a vida sem descanso? E que será por toda huma eternidade? Pois esta he a vida, ou esta he a morte eterna.

E eis-aqui, Catholico, que coiza he vida eterna, que coiza he morte eterna. Esta he a vida, esta he a morte, que Deos poem na tua mão; *Apposuit tibi vitam, & mortem.* Qualquer que escolheres, nessa has de viver eternamente; mas adverte, que no Ceo, he vida eterna; no Inferno, morte eterna.

N

RE-

R E S U M O.

Do que está dito.

POr tudo o que está dito, Pio Lector, terás entendido, que couza he Ceo, & que couza, he Inferno, porém, em quanto o não experimentarás, não poderás fazer pleno conceyto do que he. Por mais que te digão da doçura do mel, & da amargura do fel, não poderás conhecer, quam doce he o mel, senão depois de provado: nem conhecer quanto amarga o fel, senão depois que o provares. Quando chegares a gostar as doçuras do Ceo, então conhecerás, quam doces são; quando a padecer os amargos do Inferno, então por experiencia conhecerás, quanto amargão.

Com tudo, para acertar na escolha,

Entre o bem, & mal eterno. 195

lha, que Deos poem na tua mão, basta
o que a Fé ensina, & o que os Santos,
& Mestres da Igreja oforeverão.
Prova da forte que he possível a do-
çura desse mel, & amargo desse fel.
Suppoem, que he já o que certamen-
te ha de ser. Suppoem, que sabe a tua
alma desta para a outra vida. O cor-
po fica na sepultura, & os teus bens
repartidos por outros, & a tua alma
naquella região não conhecida entre
o Ceo, & o Inferno. Cõsidera os do-
vagar: o Ceo, cheyo de luz, o Infer-
no, de trevas: aquelle, trespordando
de gozos, este, de tormentos: aquelle
hum Paraizo de deleytes: este, hum
Babilonia de penas: aquelle povo-
do de Anjos, & Sãtos: este de Demo-
nios, & condenados: aquelle, caza, &
throno de Deos; este, caza de Sata-
nàs, & carcere de cõdenados: aquelle,
rio de deleytes; este, lago de fogo, &
enxofre: aquelle, esfera de vida; este

N ij

de

de morte eterna; & que necessariamente das de hira hum dos dous lugares sem replica, nem appellação. E considera (se então houvera lugar de escolha) qual das duas escolherias então? claro está, que depois de haver provado o mel, & mais o fel, escolherias antes o mel por doce, do que o fel por amargo. Pois isto que então fizeras, se pudestes, fazê a gora que podes. Na tua mão poem Deos a escolha. *Apposuit tibi ignē, & aquam.* Trata de emmendar a vida, & caminhar pelo caminho da vida eterna, porque só este vay dar ao lugar da salvação. Qual elle seja te mostraréy na terceyrá parte deste Tratado.

E quando te não queyras aproveytar da misericordia de Deos, q̃ poem na tua mão a escolha, toma-o como premio, ou como ameaça, para que, como diz Santo Agostinho, faça o castigo, o que o premio não acaba.

Suppli-

Entre o be m, & mal eterno. 197

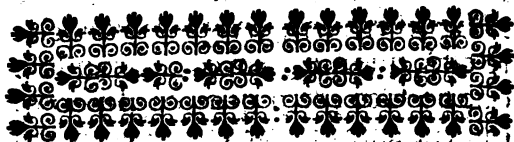
*Supplcia terrcant, quem premia non
in vitant.* Suppoê, que pondote Deos
diante dos olhos o fogo, & mais a a-
gua, isto he o Ceo, & mais o Inferno,
te diz: Homem, que eriey, & remi, se
naõ emmendas a vida; se naõ restitues
o alheyo, & mal levado; se se naõ a-
partas da occaziaõ do peccado; se naõ
emmendas o mao costume de pec-
car; has de parar no fogo do Inferno.
Se conservas a graça, & te emmendas,
beberàs do rio de deleytes, q he a glo-
ria.

De semelhãte meyo usou já Deos
pelo Profeta Zacharias. *Assumpsi* *Z ach.*
mihi duas virgas, unam vocavi Deco- *I 1.7.*
rem, & alteram vocavi Funiculum.
Diz, que escolhera duas varas, & que
a huma chamara baraço, a outra cha-
mara fermosura. Entendeo por huma
o premio, por outra o castigo; & pos-
to que o Senhor entaõ entendia o tẽ-
poral; no sentido Allegorico, se entẽ-
de

de o eterno. Isto pois que Deos entende na figura de duas varas, entende-o na figura dos dous elementos, fogo, & agua; na agua, o premio, no fogo, o castigo. Resolução pois; q̃ necessariamente hade ser huma de duas, ou fogo, ou agua, ou Coo, ou Inferno.



ELEY-



E L E Y Ç A M

Entre o bem, & mal eterno.

P A R T E III.

P R O E M I O.



POSTO que entre as
cozas evidentemente
boas, ou más, não ha
propriademte materia de
eleyção, porque a mes-
ma razão está dictando, que o bem se
ha de abraçar, & o mal se ha de fugir;
com tudo, porque o Espirito Santo
uza destes termos, pondo na nossa
mão

maõ a escolha do Ceo, ou do Inferno: *Ad quod volueris, porrige manum*; claro-citã, que ninguem considerando o que he Ceo, & o que he Inferno, queyra antes penar eternamente no Inferno, que gozar eternamente no Ceo. Mayor materia de eleyção pode ser a noticia do caminho, por onde là se vay, ou na dos meynos, que conduzem, para conseguir esse fim.

Quanto ao caminho diz o Espirito Santo por Salamaõ, que todo o homem caminha para a caza de sua eternidade. *Ibit homo in domum æternitatis sue.* O caminho da eternidade he o caminho por onde se vay para a vida, ou morte eterna, & conforme for o lugar, em que tivermos feyto a caza, assim será o caminho de nossa eternidade. Se fabricamos no Ceo, para o Ceo vay o caminho de nossa eternidade. Se fabricamos no Inferno, para o Inferno vay o caminho. *Ibit ho-*

ho-

Entre o bem, & mal eterno. 201
homo in domum eternitatis suae.

Este caminho da eternidade, repartio Christo Senhor Nosso em dois; hum que vay para o Ceo, outro q̃ vay para o Inferno. Este chamou, caminho largo: *Via lata*; pelo qual, diz, caminhaõ muytos; *Et multi sunt qui Mat. intrant per eam.* A'quelle chamou, caminho estreyto: *Arcta Via*; & por este diz, que caminhaõ poucos: *Et pauci sunt qui in veniunt eam.* E porque não vão todos pelo caminho estreyto, tendo por termo a vida eterna? Porque caminhaõ tantos pelo largo, tendo por termo o Inferno?

A primeyra, & principal razão, he a que se colhe das mesmas palavras de Christo: *Quia lata porta, & spatiosa via est &c.* Porque huns puzeraõ os olhos no caminho, & não no fim; outros puzeraõ a consideração no fim, & não no caminho. Os poucos que vão pelo caminho estreyto da peni-

penitencia, & mortificação da propria vontade puzerão a consideração no termo, que he a gloria do Ceo; *Quæ ducit ad vitam*; & não no aspero do caminho: *Arcta via est*. E os muytos puzerão os olhos no deliciozo do caminho, fazendo sua propria vontade: *spatiosa via est*; & não no fim del-
le, que he o fogo do Inferno; *quæ ducit ad perditionem*. He o q̃ disse o Ec-
clesiastico: *Via pecantium complana-*

Eccli. 21.11 ta lapidibus, & in fine illorum inferi,
& tenebræ, & pænæ. Como se o lesse na Escritura, o disse Virgilio Poeta gentio:

Nam via virtutis dextrum petit ardua callem,

Difficilemque aditum primum spectantibus offert;

Sed requiem præbet fessis in vertice summo.

Molle ostendat iter via lata; sed ultima meta,

Præ-

*Præcipitat captos, voluitque per ardua
saxa.*

Não faltão nas Historias exemplos de muytos, que por verem as couzas da outra vida, tratarão deveras de caminhar pelo caminho estreyto do Ceo. He de grande authoridade o que escreveo S. Cyrillo a Santo Agostinho, Refucitarão tres mortos por intercessão de S. Jeronymo; & de pois que virão as penas do Inferno, fizeraõ tal penitencia, que por vinte dias, que viverão, não fazião outra couza, mais que chorar, & prègar a todos o desengano, com grãde fructo dos ouvintes. Não he necessaria a vista para quem tem fè: esta basta, para quem dezeja salvarse.

A següda razão, porque são muytos os que vão pelo caminho largo, & tão poucos pelo estreyto, he porque não querem. Não fallo dos Infiéis; porque a mayor parte dos que vão
pe-

pelo caminho largo são gentios, & Hereges. Fallo dos Christãos, que erém, que ha Ceo para bons, & Inferno para maos: Destes digo, que caminhaõ pelo caminho largo para o Inferno, porque querem; & que não caminhaõ pelo estreito para o Ceo, porque não querem. Perguntou hum dia a Santo Thomas humã sua irmã, como havia de hir para o Ceo? Respondeo o Santo, querendo. Luthero, & Calvino Heresiarcas, que caminhaõ pelo caminho largo para o Inferno, não sabião, que esse caminho là hia dar? Sim sabião, pois de Luthero se conta, que vendo o Ceo estrelado dizia: este não se fez para mim. E Calvino quando lhe remordia a consciencia, que hia errado, embebedayase, para não sentir o remorso. E pois se estds. sabem, que vão errados pelo caminho largo; porque vão por elle? Porque querem. Porque não to-

mão

não pelo caminho estreito, que vay para o Ceo? Porque não querem. São peyores ainda, que aquelle, de quem falla David, que não quiz conhecer o bem, só pelo não seguir. *No- Ps. 35. luit intelligere, ut bene ageret.* Porque 4. he o bem tão amavel, que chegado a ser conhecido, não pode deyxar de ser amado. Porém estes, conhecendo muyto bem, que pelo caminho largo se vay para o Inferno, & pelo estreito para o Ceo, por sua vótade caminharão pelo largo; & por sua vontade não quizerão caminhar pelo estreito.

He assim nos mais Catholicos? he assim em muytos. O que anda hum anno inteiro em peccado mortal, não sabe muyto bem, que daquela sorte se caminha para o Inferno? O que não quer restituir o alheyo, nem largar a occasião de peccado, nem emmendar o máo costume de pec-

peccar, não conhece muy bem o perigo, em que anda de se condenar? Pois porque se não põem no caminho da salvação, se não porque não quer.

S. Paulo escrevendo a Timotheo diz, que nos ultimos dias hão de ver

2. huns tempos perigosos: *Hoc autem Tim. 3 scito, quod in novissimis diebus instabunt tempora periculosa.* Nenhum

tempo ha mais perigoso, que o tempo, em que o peccador anda em perigo de se perder, como anda todo aquelle, que anda em peccado mortal.

E porque não foge este do perigo, se não porque não quer salvarse? Não diz o Espirito Santo, que o que ama

1. *Eccli. o perigo, perecerà nelle: Qui amat pe-*
3.27. *riculum, in illo peribit?* Sim diz, mas quem quer perecer antes, q̃ salvarse, não se lhe da do perigo.

Ora descey com a consideração ao Inferno, & logo pelo caracter baptismal conhecereis as almas, que nesci-

ta

a vida tiverão fê, & pelo caracter sacerdotal conhecereis os que forão sacerdotes; & porventura que entre elles acheis alguns parentes, & amigos naquellas lavaredas infernais. Perguntaylhes, porque vierão à tal lugar? Se quizerem fallar verdade, haõ de dizer: Porque em vida nos afastamos do caminho estreyto do Ceo, & caminhamos pelo largo do Inferno: & porque caminhahestes por esse caminho sabendo, que vinha ter ao Inferno? Respõdem: porque essa foy a nossa vontade. E porque não caminhahestes pelo caminho estreyto, que vay para o Ceo? Respondem: Porque não quizemos; & nós mesmos por nossa vontade quizemos vir parâr aqui, onde com os nossos peccados estamos accendendo este fogo.

Vede, como o diz Deos pelo Profeta Isayas, fallando com estes mesmos condenados: *Ecce vos omnes Isa. 50*
acce- 11.

accēdentes ignem accinēti flāmis, ambulate in lumine ignis vestri, & in flammis quas succendistis. Quer dizer: Eis-aqui como vos outros mesmos accendestes esse fogo, com que estais ardendo: agora estais à luz do fogo, cercados de lavaredas, que vós accendestes. E he assim; porque crendo que pelo caminho largo dos deleytes, das honras vans, & das riquezas se vay para o Inferno, & que pelo caminho estreyto da penitência, da mortificação, & mais obras boas, se vay para o Ceo; elles quizerão hir pelo caminho largo, & não quizerão hir pelo estreyto. Importa logo fazer o que Deos fez aos passios de Job: *Tu quidem gressus meos diminuerasti:* examinar vossos passos, & por os olhos nos de Christo, & caminhar com elle no caminho do Ceo.

Job.

14.

16.

PAS-

P A S S O S.

*Que devem dar no caminho do Ceo os
que dezejaõ salvarse.*

P A S S O S.

*Que dão no caminho do Inferno, os que
se condemnão.*

P A S S O I.

no caminho do Ceo.

F E V I V A.

O Primeyro passo para a beãvêti-
rãça do Ceo, he a fe de Christo.
Nãõ he necessaria mais prova, que as
palavras de Christo no Evangelho;
O que crer, & for bautizado, será sal-
vo: *Qui crediderit, & baptizatus fue- Marc.*
rit salvus erit. Aquelle porém que 16-16
O não

naõ crer, se condenará: *Qui verò non crediderit, condemnabitur*. Pelo que sòmente mostraremos, qual deve ser esta fè, para ser digna da salvação. Digo pois em breves palavras, que fè viva he aquella, que se ajunta com a graça, ou caridade de Deos, que he a vida da alma; naõ porque com qualquer peccado mortal se perca a fè, assim como se perde a graça; porque a fè, só com o peccado da infidelidade se perde; mas porque morta a alma com o peccado mortal, tambem fica morta a fè, para o merecimento da gloria.

E deyxando outras definições, & questões Theologicas, digo, que a fè Divina he crer tudo aquillo, que foy por Deos revelado à sua Igreja, & se contém no Simbolo Apostolico, & mais couzas, que a Igreja nos propoem para crer; porque õtros motivos, que os Autores apontaõ para prova da

da verdade da nossa fé, como são os milagres dos Santos, a constancia dos Martyres, a conversão do mundo pela prègação dos Apostolos; são sòmente argumentos, & não motivos da fé, que consiste só na authoridade Divina.

Resta logo mostrar, qual deve ser a fé, para caminhar felizmente pelo caminho do Ceo para o premio da gloria. Primeyramente devemos render sinceramente os nossos entendimentos em obsequio da fé, como o Apostolo nos encomenda: *In capti-* 2. Cor.
vitatem redigentes omnem intellectum 105.
in obsequium Christi: crendo firmemente os artigos, que nos são propostos, assim os que pertencem à Divindade, como à Humanidade de Christo, & os que pertencem aos sacramentos, & ordem da Igreja universal, que se contem nos decretos dos Summos Pontifices, Concilios gerais, & Tradições recebidas por toda a universal

O ij

Igreja,

Igreja, & Sagrada Escriptura.

Deve saber o Christão a doutrina Christã, & procurar sua intelligência; porq̃ muytos, que vestem sedas, sendo lincees para ver as couzas, que nada importa saber, para as couzas de fe são toupeyras. E principalmente devem saber aquelles principais pontos da fe, que ignorados, não pode haver salvação. Os quais, devem ensinar os pais, a seus filhos, os Mestres, a seus discipulos, os senhores, a seus escravos, & os Paroços, a seus freyguêzes. E se nisto houver culpa grave, não estão em estado de salvação.

Deve sentir bem do uzo dos Sacramentos, oração devação, & invocação dos Santos, reverencia a suas imagens, & reliquias, assistencia, & temor; mayormête, onde està o Sâctissimo Sacramento: & todas as mais acções de piedade, & religião, demonstrações da nossa fe, como

Chris-

Christo Senhor Nosso louvou no Centurião ; dizendo , que não havia achado em Israel mayor fê: *Non inve-* Mat- 8.10
ni tantam fidem in Israel.

E finalmente a fê viva, & perfei-
ta he a que se junta com obras boas, &
dignas da vida eterna ; & não so-
mente não duvida nos mysterios
da Religião Catholica , mas está
aparelhado a dar a vida pela fê, como
fizerão os Santos Martyres, porque
assim como não ha obra meritoria sem
fê, assim não ha fê viva sem obras
boas. Por isso São Paulo encomenda
a Timotheo, que procure ajuntar
com a fê a consciencia boa: *Habens fi-* 1. Ti-
dem, & bonam conscientiam; porque m. 1.
faltando esta, he facil faltar aquella; 19.
como diz o mesmo Apostolo: *Quam*
quidem repellentes, circa fidem naufra-
gaverunt. Por isso Santo Agostinho
chamou a fê morta, fê do Diabo, fun-
dado no dito de S. Tiago, que os De-
monios

Jacob.
2. 19.

monios crem, & temem a Deos, & nem por isso tem fê viva: *Et demones credunt, & contremiscunt.*

O mesmo Santo Agostinho compara a fê, com obras, a huma arvore carregada de folhas, flores, & fruttos, cuja raiz he a fê: *In fide agnosco radicem; & nõ mais fructo as boas obras.*

Porq̃ assim como nõ se pode chamar viva a arvore secca, ainda que tenha raiz, assim nõ se pode chamar fê viva, a quem falta o fructo, & flor de boas obras.

Mat.
17.
18.

Perguntarão huma vez os Apostolos a Christo, porque razão nõ puderaõ lançar hum demonio fora de hum homem, sendo que o Senhor lhes havia dado poder para isso: *Quare nos non potuimus ejicere illum.* Respondeo Christo, que por falta de fê: *Propter in credulitatem vestram.* E em que esteve a falta de fê? Esteve, em que nõ havião ajuntado com a fê

Entre o bem, & mal eterno. 215

a oração, & mais o jejum: *Hoc autem, genus non ejicitur, nisi per orationem, & jejunium*; porq̃ assim cõ as obras sem fê nada valem; assim a fê sem obras nada pôde. Pelo que a fê viva he o primeyro passo, que ha de dar no caminho do Ceo o que dezeja salvarse; porque assim como sem fê he impossivel agradar a Deos só com outras obras, como diz S. Paulo: *Sine fide autem impossibile est placere Deo*; assim 11.6. sem obras boas he impossivel agradar a Deos só com fê.

P A S S O I.

No caminho do Inferno.

F E M O R T A.

COm alto pêsamêto disse S. Bernardo, q̃ Cain primeyro matou a fê do q̃ a seu Irmão Abel; porq̃ antes de o matar já havia perdido a graça, sem a qual não ha fê viva. Pelo que se pode chamar Cain o Primas dos

dos condenados, & o que abriu o caminho largo do Inferno. Imitadores de Cain são, não só os Hereges, que conhecendo a Christo, faltão na sua fé, mas também os mais Christãos, que confessando-o, vivem como se o não conhecessem. Cain conhecia a Deos, & fallou com Deos, porém, afastando-se d'elle, vivia huma vida mostruôza, com que mereceo nesta vida morte violenta no corpo, & na outra morte eterna na alma.

Naõ está a razão de se morta em negar a Christo, com a boca, se não, como diz S. Paulo, em confessallo com a boca, & negallo com as obras:

Tit. 1. 16. Consistentur se nosse Deum factis autem negant. Ou como diz S. Tiago: *Fides*

Jacob. 2. 20. sine operibus mortua est. se morta he aquella que se acha sem obras dignas da vida eterna.

Destes ha duas sortes de Christãos. Huns são os q tem de Christão
são

Entre o bem, & mal eterno. 217

são o nome: no mais são como Athe-
istas, que todos os talentos da graça,
& natureza applicão ao deleyte, à
ambição, à cubica, & a tudo o mais
que pertencem ao corpo, & da alma
nada tratão; & se alguma obra boa se
vê nelles, he como a flor do Buxo, flor
tão peçonhêra, que as abelhas, que
chegão a chupala, cahem logo mor-
tas. Não são tão mãos, como aquel-
les, de quem falla S. Judas, que por
cauza dos vícios, em que andão en-
golfados, apostatarão da fé, mas são
como aquelles, que chama S. Paulo
inimigos da Cruz de Christo. *Inimi-* *Phi.*
cos Crucis Christi. Mas hums, & outros *tip. 3.^a*
caminhaõ como Cain, Balaam, & Co- *18.*
rè, que tendo fé de Deos, pelos vícios
se condemnarão: *Vae illis, quia in via Juda.*
Cain à bierunt, & errore Balaam mer- *v. 11.*
cede effusi sunt, & in contradictione Co-
rè perierunt.

Outra sorte de Christãos ha, que
são

Luc.

11.

52.

saõ como os Escribas, & Fariseos, de que falla Christo, os quaes tendo a-chave da ciencia, nem entraõ, nem deyxão entrar a outros. *Vae vobis le-*

gis peritis, quia tulistis clavem sciencie,

ipsi non introistis, & eos qui introibant,

prohibuistis. Tem a chave do Ceo,

que he a fé, & se ficaõ de fõra por não

obrarer obras de Christãos: confes-

saõ a Christo com a boca, & negaõ-

no com o coração; semelhantes ao im-

prudente, de que falla David, que di-

zia em seu coração: não ha. Deos: &

por isso fazia abominações: *Dixit in-*

Ps. 13

1.

sipiens in corde suo: Non est Deus. Não

o disse com a boca, mas disse-o no co-

ração.

Grande desatino he não crer o E-

vangelho, cuja verdade està sellada

com o sangue de tantos milhões de

Martyres, cõfirmada com tantos mi-

lagres, publicada pelos elementos, &

confessada pelos mesmos Demonios.

Po-

Porém, mayor desatino he, dos que não duvidando da verdade de nossa fé, vivem como se não duvidassem de sua falsidade. Porque, que couza he trazer o nome de hum Salvador pobre, & abraçar-se em huma insaciavel cubiça? De hum Salvador humilde, & deyxar-se levar de huma desordenada ambição? De hum Salvador Crucificado, & viver com huma carne amassada em deleytes? Os Atheistas, para se entregarem mais livremente aos deleytes, fazem por se persuadir, que não ha Deos. Nero fez quanto pôde por se persuadir a isso, & não pôde; porq sempre o rayo da Divindade lhe dava nos olhos. E cõ-tudo, estes mãos Christãos, crêdo com o coração, & confessando com a boca, que ha hum sò Deos, & que ha premio para bons, & castigo para malos, & que pela fé morta se vay ao Inferno, & que só a fé viva leva ao Ceo;

Ceo; são tão imprudentes, que antes
querem caminhar com Caim para o
Inferno, que com Abél para o Ceo.

P A S S O II.

No caminho do Ceo.

AMOR DE DEOS.

DEpois da fê seguese o amor, ou
caridade de Deos, q̃ dà vida à
mesma fê, & merecimento a nossas
obras, & sem a qual se não póde ca-
minhar pelo caminho do Ceo. S. Pau-
lo diz, que se dessemos toda a fazen-
da a pobres, & tivessemos tanta fê
que mudassemos os montes para ou-
tra parte, como Christo diz, nada
1. Cor. 13. valeria sem caridade.

Nesta caridade, ou amor de Deos
consiste a perfeycão Christã, & se re-
parte em tres grãos, que chamão In-
cipientes, Proficientes, & Perfeytos.

Os

Os primeyros são aquelles, que conservando a graça de Deos, não cometem peccado mortal. Os segundos, não só não fazem peccado mortal, mas se dão ao exercicio das virtudes. Os terceyros, não só não cometem peccado mortal, mas nem venial; advertido, & se unem por amor com Deos, de tal sorte, que se não afastão da sua vontade; & todos estes tres estados são de perfeição, porque todos suppoem a caridade de Deos.

Esta he a primeyra razão, porque a caridade, ou amor de Deos he depois da fé, o passo principal para o caminho do Céo; porque nelle consiste a perfeição Christã, a que está obrigado todo o Christão conforme o preceyto de Christo: *Estote ergo & vos perfecti, sicut & Pater vester celestis perfectus est.* *Mat. 5.48.*

A segunda razão, he de Santo Thomaz. Porque do amor de Deos,

na-

nace o temor filial de quebrar sua ley, ou fazer couza, que o desgoste; & ao passo que em nos crescer este amor, crescerá o dezejo de o servir a assim como o que não ama a Deos, não se lhe dà de o perder. Em figura do qual aquellas duas Máys, que litigavão diante de Salamão sobre o filho, que el-Rey mandava dividir em duas partes, a que era verdadeyra Máy, não veyo nisso, porque o amor do filho não o pode soffrer. Assim os que amão de coração a Deos, andão sempre temerosos de o perder, ou fazer couza, que o desgoste.

Terceyra razão he; porque com o amor de Deos, se he verdadeyro, morre outro qualquer amor desordenado, que possa ser de impedimento para o caminho do Ceo, que nisso he o amor semelhante à morte: *Fortis est ut mors dilectio* porque assim como com a morte se acabão todos os cuidados;

dados desta vida; assim na alma, onde vive o amor de Deos, morre outro qualquer amor, que não he de Deos.

Quarta razão; porque o amor de Deos todo o trabalho faz ligeyro, & vence toda a difficuldade, que pode haver na jornada do Ceo; assim como a Jacob, que depois de haver servido a Labão sete annos por Rachel, a quem amava, não duvidou servir outros sete; porque o amor, com que a amava lhe fazia todo o trabalho facil. Que obrigou aos Santos Martyres a dar as vidas por meyo de tantos tormentos, se não o fogo do divino amor, q̃ ardia em seus corações?

E finalmente ainda que não vivamos nas clausuras como os Religiozos, nem façamos as penitencias dos Anacoretas, nem vistamos faco como S. Francisco, nem tomemos as disciplinas de S. Domingos, nem passemos os trabalhos, & perseguições dos Apostolos;

postolos; podemos ser muyto santos
 sò com amar a Deos com amor filial,
 & sincero, porque sò com elle chega-
 rão muytos a grande grão de perfei-
 ção; porque he certo, que quanto
 mayor for o amor, tanto mayor será o
 temor de cometer qualquer culpa,
 que desagrada a Deos, & mayor o fer-
 vor em procurar a perfeição.

P A S S O II.

No caminho do Inferno:

AMOR PROPRIO

A Mor proprio nenhuma outra
 couza he, se não amar mais as
 couzas q pertencem ao corpo, do q
 as couzas q pertécê ao espirito, como
Rom. diz o Apostolo: *Qui secundum carnem*
8.5: sunt. E os que assim vivem, claro está,
 que não caminham para a vida, se não
 para a morte eterna; porque como o
 mel-

Entre o bem, & mal eterno. 225

mesmo Apostolo acreceta: *Nam prudentia carnis mors est: prudentia autem spiritus, vita, & pax.* Seguir os dictames da carne he caminhar para o Inferno; porque, para o Ceo caminhaõ sò os que se governaõ por motivos eternos, & fazem mais estimação da alma, que ha de viver para sempre, do que do corpo, que se hade converter em pó.

De outra sorte explicaõ outros este amor proprio, & dizem, que o mesmo vem a ser amor, que viver segundò os impulsos da vontade cega, & naõ segundò os dictames da razãõ. Neste sentido disse S. Bernardo: *Tolle propriam voluntatem, & Infernus non erit.* Naõ haja vontade propria, & naõ haverá Inferno. Outros com S. Thiago, a poem na desordem de nossas concupiscencias, que nos fazem continua guerra: *Ex concupiscentiis vestris Jacob: que militant in membris vestris.* Essa 4.^a

R

concu-

côcupiscência não mortificada com os
dictames da razão, he o amor pro-
prio, q' nós temos, a nós mesmos, sem
attêder ao amor, q' devemos a Deos;
causa de todos nossos peccados; &
esta he a mayor difficuldade, que ha
no caminho do Céo.

Pelo que digo, que os que assim
caminhaõ, certissimamente caminhaõ
para o Inferno, & he verdade de se
Por David he queyna Deos, que o seu
povo não attendia à sua ley. *Es non*
ps. 80. audivit populus meus vocem meam: Et
32. Israel non intendit michi. Mas por isso
acrecenta logo o mesmo Deos: E os
deyxarti hir atras de seus appetites:
Et dimissi eos secundum desideria cordis
eorum, ibunt in ad inventionibus suis.
Ibunt. Mas para onde haõ de
hir, hindo atras de seus appetites, se
não para o Inferno? com razão dizem
os Santos, que não ha mayor final da
ira de Deos, que deyxar o peccador
andar

Entre o bem, & mal eterno. 117

andar a seu prazer, segundo seus appetites ; assim como quando o Medico deyxá o enfermo comer tudo quanto apetece, he sinal, que desconfia de sua vida.

Christo senhor Nosso, no Evangelho diz, que os que nesta vida se aborreçam a si mesmos, salvarão as suas almas na outra, & os que se amão, a perderão. Assim expõem os Santos o texto de S. João: *Qui amat animam suam, perdet eam: Et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam eternam custodit eam.* Por isso os Santos todos procuraraõ mortificar a carne com este Santo odio, para que o amor proprio não prevalecesse contra o espirito. S. Paulo de tão alto espirito dizia: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo: ne forte cū alijs predicaverim, ipse reprobus efficiar.* E S. Bernardo fallando com seu corpo repetia: *Conteratur inimicus huius, amator sui, sui*

P ij

inimicus

meus Dei. Morra este que se ama a si, & despreza a Deos. Pelo que se prova, que querer viver nesta vida à vontade segundo os appetites, he viver, para morrer eternamente.

E posto que esta doutrina he geral para todos, he muyto mais necessaria para os de pouca idade; porque se no estado da adolescencia, que he dos 14 annos até os 20, se derem aos vicios, difficultozamente se emmen- darão, como diz o Espirito Santo.

Adolescens juxta viam suam, etiam
Prov. cum senuerit, non recedet ab ea.
 22.6.

P A S S O III.

Para o Ceq.

AMOR DO PROXIMO.

DO amor de Deos, nasce o amor do proximo; como a luz, do Sol, se o qual não se pode dar passo no cam-
 nha

nho do Ceo. E posto que o mesmo habito de caridade, que nos inclina a amar a Deos, nos inclina a amar o proximo; cõ tudo, Christo Senhor Nosso, distinguio os preceytos; porque, hum, he o preceyto de amar a Deos, & outro, o preceyto de amar o proximo. São estes dous preceytos, como dous aneis em hum sò dedo, que se não pode tirar hum sem o outro, ou como as duas taboas da ley, que quebrada humma, pareceo a Moyles quebrar a outra. Claramente S. João: *Et hoc mandatum habemus à Deo, ut qui diligit Deum, diligat & fratrem suum.* Este preceyto nos deo Deos, que todo o que ama a Deos, ame a seu irmaõ. E a este preceyto, chamou Christo, novo: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis in vicem, sicut dilexi vos.* Sendo pois este amor do proximo, tão encarecido, & tão unido ao amor de Deos, bẽ se deyxã ver, quam necessario he, pa-

para o caminho do Ceo.

Qual haja de ser este amor, nolo
 1. 7^{oa}. ensina o mesmo S. João : *Filioli mei*
 3. 18. *non diligamus uerbo, neque lingua, sed*
opere, et ueritate. Não ha de ser este
 nosso amor, só de palavra, se não de
 obra, & de verdade. As obras pro-
 prias do amor do proximo, são todas
 aquellas, que se fazem unicamente
 pelo amor de Deos, como são, a es-
 molla, & mais obras de misericordia,
 principalmente, as que Deos mais
 estima, como são, vestir os nus, dar
 de comer aos q'tem fome; das quais,
 ha de fazer particular menção no
 dia do Juizo; as quays, todas se com-
 prendem debayxo do nome de es-
 molla, como diz Cornelio. E para o
 caminho do Ceo, não podemos ter
 melhor viatico.

Ouvi o que nos diz o Espirito
 Eccli. Sancta Conclude eleemosynam in cor de
 29. pauperis, & hoc pro te exorabit ab om-
 15. ni

em mal. Quer dizer: Escondey a esmola no coração do pobre, porque ella fará oração a Deos, para que vos livre de todo o mal. Não diz que o pobre he o que ha de rogar, senão a esmola: *Et hæc*, porque, ella nos ha de acompanhar no caminho, & com ella, nos havemos de achar no Ceo. Diz mais, que ha de ser no coração, & não nas mãos, para ser conforme o conselho de Christo, que manda se faça a esmola em segredo: *In abs. Mat. coudito*. Não diz, que a esmola vos livrará, & defende-vos de todo o mal, senão que rogá-la a Deos: *Pro te exarabit*, porque considerou a esmola, como hum a Santa muy cabida para com Deos, & que alcança de Deos quanto quer, como se lê de S. João Esmoller, o qual viu em sonhos hum a veneravel Matrona, que tanto que via algum Esmoller em perigo, logo de joelhos rogava a Deos por elle.

O

Ecli.

O mesmo Ecclesiastico : *Pan-
thesaurum tuum in preceptis Altissi-
mi, & proderit tibi magis, quam au-
rum.* Ponde o vosso thesouro nos
preceyos de Deos, & vos aproveyta-
rá mais que o ouro. Chama thesour o
a esmolla, assim como Christo lhe
chamou. E que mandamentos são
estes, senão os principais de todos:

Luc.

12.

Amar a Deos, & ao proximo ; E foy
o mesmo que dizer, que a nossa es-
molla ha de ser fundada no amor de
Deos, & do proximo, para que o nos-
so amor não seja de palavra, se não de
obra, como diz S. João: *Non diligamus
verbo, neque lingua, sed opere, & veri-
tate.*

Por esmolla se entende tambem a
espiritual, como, he dar bom côselho,
castigar os que errão, e ensinar os igno-
rantes, porque todas estas obras per-
tencem ao amor do proximo, & são
dignas da vida eterna, & sobre todas
amar

amar os inimigos; porque esta he a
maior fineza do amor Christão. An-
tigamente diziaõ que havia permif-
saõ de aborrecer os inimigos, como
diz Christo: *Audistis, quia dictum est: Mat.*

Diliges proximum tuum, & odio habe- 5. 43.

bas inimicum tuum? Porém, na ley da
graça manda o mesmo Senhor, que a-
memos a nossos inimigos: *Ego autem
dico vobis: Diligite inimicos vestros.* Es-
te não he conselho, mas preceyto da
ley de Christo, como està definido
nos Sagrados Concilios; & o que
morrer em odio de seu inimigo, não
caminha seguro para a outra vida.

Difficultozo parece este precey-
to; mas não he, se não muiy facil; por-
que mais difficuloso he vencer o a-
mor proprio, que persuadir o amor
do inimigo. Quanto fizeraõ os Sãtos
por matar este inimigo o amor pro-
prio? Huns trabalharão cincoenta,
outros oitenta, & mais annos, com ri-

go-

gões, & penitencias, & não poderão vencello. Menos custa amar o inimigo. Basta só cōsiderallo como Christão a outro Christão. E quando não baste esta razão de Christão, baste a razão de quanto Deos se agrada deste amor, que he o mais semelhante ao Divino, com que Deos nos ama; pois sendo nós seus inimigos, & havêdo-o offendido tantas vezes, ainda assim nos ama, & perdoa todas as vezes que nos queremos reconciliar com elle. E quando não baste o preceyto, baste o exemplo de Christo, que na cruz rogou pelos que o crucificarão. Baste o exemplo de Santo Estevão, & de outros muytos, de que estão cheyas as historias Ecclesiasticas, em que Deos com successos milagrosos mostrou o quanto se agrada deste amor aos inimigos.

PAS-

P A S S O III.

Para o Inferno,

ODIO DO PROXIMO.

Assim como o amor do proximo he inseparavel companhia do amor de Deos, assim o odio he inimigo de hũ, & outro amor; & esta he, a primeira deformidade do odio, ser incompativel com o amor. He texto de S. João: Se alguem disser, que ama a Deos, tendo odio a seu irmão, mente. *Siquis dixerit quoniam diligo Deum, & fratrem suum odit, mendax est; 1 Joa. 4. 20.* Porque, estando o preceyto de amar a Deos, tão unido com o preceyto de amar o proximo, como he possivel caber o amor de Deos em hum coração cheyo de odio ao proximo? ou como pôde caminhar pelo mesmo caminho, odio

odio, & mais amor?

O caminho, que leva o que anda em odio com seu pooximo, he o que levou Caïn, que matou a Abèl seu irmão. Deos manda que amemos o proximo, diz S. João: *Quoniam hæc est annuntiatio, quam audistis ab initio, ut diligatis alterutrum.* Pois não sejaís como Caïn, que matou a seu irmão: *Nam sicut Cain, qui ex maligno erat, & occidit fratrem suum,* Porque haveis de saber, que todo o que tem odio a seu irmão he homicida, como diz o mesmo S. João: *Omnis, qui odit fratrem suum, homicida est.* Como se possa verificar, que o mesmo he aborrecer, que matar, explica S. Jeronymo, dizendo, que não só he homicida o que em effeyto tira a vida ao seu proximo, mas tambem aquelle, que em seu animo o aborrece. Neste sentido chamou Christo, adultero ao que só no coração cobiceou a mulher alheya. E a razão

zão he; porque se o odio he querer mal, assim como o amor he querer bem, quem tem odio a seu irmão, também o mataria se pudesse. Outro sentido. O que tem odio a seu proximo he homicida de si mesmo, porque pelo odio perde a graça, que he a vida da alma; & por conseguinte a vida eterna. *Et scitis, quoniam omnis homicida non habet vitam eternam in semet ipso manentem; Ibid. v. 15.* Antes conserva em si o veneno, que he o odio no coração, cauza da morte eterna, para onde caminha.

Encarece o mesmo Apostolo a malicia deste odio no Christão com o exemplo do amor de Christo, que chegou a dar a vida por nós, devendo nós com seu exemplo, dar a vida por aquelles, a quem aborrecemos. *In hoc cognovimus charitatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit. & nos debemus pro fratribus eni-*

animas ponere. E oh quam longe está de seguir este exemplo, o que sendo Christão dezeja beber o sangue a outro Christão ! Gentios houve, que sem terem o exemplo de Christo, derão as vidas por conservar as de seus amigos, como foram Niso, & Eurialo, Pylades, & Orestes : Decio, pela Replica Romana, & Codro, pela de Athenas, & outros, que refere Valerio Maximo. E o Christão tão longe está de dar a vida por outro Christão como elle, que antes da vista de Christo lha dezeja tirar. De semelhantes Christãos diz Santo Agostinho, que adoraõ a Deos na cabeça, & o blasfemão nos membros; adoraõ-no em Christo, & blasfemão-no nos fleis, que são membros de Christo. *Adorat in capite, blasphemant in corpore.*

Rematemos este ponto com tres exemplos breves. O Imperador Teo-

Teophilo, gentio, estando para morrer, mandou cortar a cabeça a Theophobio, & cõ ella nas mãos, entregou a alma aos Demonios. Muyto ao contrario o fez o Emperador Carlos Magno, porque furtando-lhe hum criado de sua caza huma sua filha, & julgando-o os do conselho por digno de morte, elle não só lhe perdoou, mas o cazou com a filha. O Príncipe Carlos estando para ser degollado em huma seita seyra, mandou agradecer por grande favor, mandarem-no matar sendo culpado no dia em que Christo morreu innocente. E pôde tanto esta razão, que foy perdoado.

P A S S O IV.

Para o Ceo.

A M O R D A C R U Z
de Christo.

A Mor à cruz de Christo nenhũa
outra couza he, senão hũ dezejo
sincero de padecer nesta vida traba-
lhos por amor de Deos, & levar com
conformidade com a sua vontade os
que lhe vem da sua mão. Neste sentir
do chamado caminho real da Santa
Cruz, o caminho do Ceo, & neste
mesmo sentido disse Christo, que o
Reyno do Ceo se conquistava à for-
ça. *Regnum celorum vim patitur, &
violenti rapiunt illud.* S. Paulo de ou-
tra sorte explica o amor da Cruz de
Christo, & diz, que viver nesta vida
Crucificado com seus vicios, & con-
cu-

Mat.

II.

12.

Entre o bem, & mal eterno. 241

cupiscencias. *Qui autem sunt Christi, Gal.*
carnem suam. Crucifixerunt cum vitijs, 5.24.
& concupiscencijs suis. E neste sentido
estava elle juntamente crucificado
com Christo: *Christo cõfixus sum Cru-*
ci. Mas de qual quer modo que se en-
tenda, este amor da Cruz de Christo, *Ibid.*
he o caminho, por onde se vay para o *2.v.*
Ceo; assim como cõ o odio da Cruz, *19.*
se vay direyto para o Inferno.

Christo Nosso Mestre, & Senhor,
por este amor da Cruz caminhou, &
por este quer, que caminhem os
Christãos. *Siquis vult post me venire, Mat.*
abneget semet ipsum, & tollat Crucem, *16.*
suam, & sequatur me. Por este cami- *24.*
nharaõ todos quantos Santos estaõ
no Ceo; porque como diz Santo A-
gustinho, não ha para o Ceo, mais que
dous caminhos, hum de Leyte, outro
de sangue. Pelo caminho de Leyte
caminhão os innocentes, & todos o
mais pelo de sangue.

Q

O

Os bemaventurados, que S. João
 viu no Céu, eraõ hum numero, que
 ninguem poderia contar; & todos ti-
 nhão palmas nas mãos: todos o sinal
 da Cruz, na testa: todos tinham bran-
 quiado suas vestiduras, no sangue
 do Cordeyro: & todos tinham
 vindo de huma grande tribulação.
 Tudo isto he do Texto sagrado,
 & tudo significava, que sã pelas tri-
 bulações desta vida, padecidas pelo
 amor de Deos, se vay ao Céu; & sã os
 que tem amor à Cruz de Christo, sig-
 nificado na Cruz das testas, se resol-
 vem a tomar a Cruz de Christo, se-
 guindo seus passos, que coroados de
 espinhos, & com a Cruz as costas ca-
 minham para o Galvário, & do Gal-
 vario para a gloria, que era sua, como
 elle disse aos dous discipulos de Ema-
 us: *Nonne hæc oportuit pati Christum,*
& intrare in gloriam suam?

Luc.

24.

26.

Nem nos devem acovardar os

20

traba-

Entre o bem, & mal eterno. **243**
 trabalhos, porque como diz S. Pau-
 lo, todas as perseguições, & tribu-
 lações desta vida, nenhuma compara-
 ção tem com a futura gloria, que ei-
 peramos: *Non sunt comparationes* Rom.
huius temporis ad futuram gloriam, 8.18,
quae revelebitur in nobis, Porque como
 diz o mesmo Apóstolo, por huma lo-
 ve, & momentanea tribulação, se nos
 promete o peso de huma eterna, &
 immensa gloria: *Eterna gloria* 2. Cor.
pondus operatur in nobis. 4.17.

Não nos pede Deos, que cam-
 nhemos todos pelo caminho de san-
 gue, como os Martyres, Te não pelo
 da Cruz levada com a morte, & como
 diz S. Paulo: *Semper mortificationem* ibid.
Jesus in corpore nostro circumferentis. v. 10.
 A Santa Catharina de Sena, mostrou
 Christo duas cordas, huma de rozas,
 outra de espinhas, para que escolhe-
 se huma dellas, dizendo-lhe, que a de
 espinhas nesta vida, correspondia co-

roa de rozas na outra: & que à de rozas nesta vida, correspondia à de espinhos na outra. Lançou logo a Santa mão da coroa de espinhos, que toda a vida a guardou. E esta foy a eleyção de todos os Santos: & por este caminho ha de caminhar quem quizer chegar à gloria do Ceo.

P A S S O IV.

Para o Inferno.

O D I O A C R U Z D E

Christo.

O Dio da Cruz de Christo he da-
quelles, q' fô amão o regalo, &
aborreccê a mortificaç. Em duas pala-
vras o definio S. Paulo: *Qui terreni
sapient*. Sô gostão das couzas da ter-
ra, & nada das do Ceo. A estes chama
inimigos da Cruz de Christo: *Inimi-
cos Crucis Christi*; Q' não tem outro
Deos mais q' o vêtre: *Quorū Deus vè-
ter est*. He o q' se costuma dizer da-
quelles, q' parece, não se lembraão de
outra

*Phi-
lip. 3.
19.*

Ibid.

outra couza, mais que daquillo, que muyto amaõ: Destes o seu Deos he o deleýte; porque andaõ tão fóra de si com o amor destas couzas da terra, que das do Ceo pouco, ou nada tratão. Assim amão o regalo do corpo, & tudo quanto he mortificação a-borrecem.

O fim que estes levão diz o mesmo Apostolo, he a morte: *Quorum finis interitus*; O qual entendem os Expositores da morte eterna. E Santo Anselmo interpretando a palavra: *Multi ambulat*: muyto andaõ, diz que estes, ja vão andando pelo caminho largo da perdição: *Multi ambulat latam viam perditionis*. E neste sentido se entende o de S. Paulo aos Romanos: *Si enim secundum carnem vixeritis, moriemini*. São como aquelle adolescente, de que falla Salamaõ, que enganado de huma mulher lasciva, caminhava para a perdição, como

mo a rez para o acoaghe, ou como o
Prov. Cordeyro para o degpladouro: sta-
7.22. *tum eam sequitur quasi agnus disciens, & ig-
 norans, quod ad vincula stultus tra-
 hatur.*

O P. Velasques sobre este texto
 do Apóstolo, de outra sorte explica
 a palavra: *Cujus finis interitus*; Cujos
 fim he a morte: dizendo, que de tal
 modo se entregão estes ao regalo, &
 deleytes desta vida, como feneão tivel-
 sem outro fim, mais que a perdição
 no Inferno. Os que amão a Cruz de
 Christo, tem por fim a Salvação: os
 que tem odio à Cruz de Christo, pa-
 reço que não tem outro fim em suas
 obras, mais que a perdição. *Ar. si Pau-
 lus dicat: Qui mortem pro fine, & scapa-
 bahent.*

Dizte se lê huma admiravel figu-
 ra no profeta Ezechiel. Vio o Profe-
 ta, que foiz Anjos por ordem de Deos
 passa:

passarão à espada a todos os moradores de Jerusaleem, exceptos aquelles, que tinham impresso nas testas o final *Thau*, que era o mesmo, que o final da Cruz. *Omnes autem, super quem videritis Thau, ne occidatis.* Eirão estes, os 6. que gemião, & chorarão os peccados, de Jerusaleem: *Gementium, & dolentium, unum super cunctis abominationibus, quae sunt in medio ejus.* De sorte que só os que tinham na testa o final *Thau* não serão condenados. Eis aqui pois hum, ma figura do que passa na realidade entre os Christãos. Os que tem no coração o amor da Cruz, serão salvos; porque esses são os que tem por fim a salvação. Os que tem odio a Cruz pelo amor, q̃ tẽ ao regalo, serão condenados; porque esses são os que tem por fim a perdicação: *Quorum finis interitus.*

A razão desta differença, descobrio S. Bernardo. Sabeis, diz elle, por que

q̃ hũns amão a Cruz, & outros aborrecem? He porque a hũns, he o amargo da Cruz, doce, & a outros não: *Eccescitis, quia Crux nostra injucunda est; sed amaritudo nostra dulcissima.* E esta he a razão, porque os Santos anellavaõ tanto aos rigores, quanto os peccadores aos deleytes; & muytos chegarão a dizer a Deos com Santa Thériza: Senhor, ou padecer, ou morrer, porque haviaõ gostado dos amargos da Cruz, a que os peccadores tem tãto horror.

P A S S O V.

Para o Ceo.

T E M O R D E D E O S.

NÃO ha couza mais encarecida nas Divinas letras, como o temor de Deos, como principio da sabedoria

bedoria celestial. *Initium sapientiae timor Domini.* Sê temor de Deos he impossível dar hũ passo no caminho da salvação. Duas fortes de temor de Deos distinguem os Theologos: hũ chamaõ filial, outro servil. O filial he o q̃ meramête respeyta a Deos, & he filho do amor. O servil, respeyta o castigo, em quãto he mãdado por Deos, & não he tão perfeyto, como o primeyro. Pode se explicar isto, cõ o exemplo do acto de Contrição, & Atrição. O acto de Contrição he dõr de haver offendido a Deos, por ser Deos quem he; & respeyta meramente a Deos. O acto de Atrição he dõr da offensa pelo temor da pena, em quanto he dada por Deos, & sempre ha de levar este motivo para ser acto sobrenatural. O mesmo dizemos do temor filial, & temor servil.

Claro està, que o temor, que Deos quer dos Christãos no caminho do Ceo,

- Ceo, he o temor de filhos; que he and
 dar sempre com receyo de fazer cou-
 za, q̃ desagrada a Deos: & em quanto
 este temor estiver vivo no coração,
 durará o Christão na graça, & amiza-
 de de Deos. Que este seja o temor, que
 Deos pede aos Christãos, disse o ex-
 pressamente S. Paulo: *Non enim acce-*
pistis spiritum servitutis iterum in timo-
re, sed accepistis spiritum adoptionis fili-
orum, Porque este he o que afugenta
 da alma todo o peccado, como diz o
 Espirito Santo: *Per timorem autem*
Domini declinat omnis à malo. Porque
 assim como o filho q̃ ama a seu Pay,
 faz por lho não dar desgosto em cou-
 za alguma, assim o que ama a Deos,
 que he nosso Pay, sempre anda com
 este Santo temor de fazer couza al-
 guma em que o desagrada: & neste sê-
 tido diz Salamão, que bemaventura-
 do o que sempre anda com este te-
 mor: *Beatus homo, qui semper est per-*
 os

vidus.

Quem pretende fazer viagem por hum caminho, q̃ alem dos barrancos, não està limpo de ladrões; sempre vay com temor de cahir nas mãos dos ladrões, ou de cahir nos barrancos; Não faltaõ no caminho do Céo ladrões, que são os demonios, nem despenhadeyros, que são as occazibes. Sò o que vay armado com temor de Deos, & sua graça, vay seguro; porq̃ só este acha no caminho a Deos; que lhe dà a mão, como diz David: *Firmamentum est Dominus timoribus eum.* Ps. 24. 14.

Sò espera de nós, como diz S. Paulo a fê, & o temor: *Tu autem fides, spes, uelque altum sapere, sed time.* Rom. 11. 20.

Este temor pois he o que tantas vezes se nomea na sagrada Escritura debayxo do nome de sabedoria, não a Filosofica, mas a Theologica, que encaminha o homem para a eterna salvação: *Inimicum sapientie timor.* Da-

Domini: inclinado o animo, a que em tudo obedeça a Deos, & em nada o offenda; não por medo do castigo, q̃ esse he temor servil, se não porque he nosso Deos; nosso Pay, nosso ultimo fim, & nossa bemaventurança. O qual temor ou nasce, ou está unido com o amor; & não só he principio da sabedoria, mas a mesma sabedoria, como se escreve no Santo Job. *Eccę timor Domini, ipsa est sapientia.*

Job.
28.
28.

Alem disto, ao temor filial ajuda muyto o temor servil, que eu chamará temor da pena, assim como o primeiro se pode chamar temor da culpa; porque se este temor da pena for poderoso, para nos fazer fugir da culpa, ou for motivo de emmendar-mos a vida, com que afastados do caminho do Inferno, nos ponhamos no caminho do Ceo, sempre he saudavel este temor. Cheyas estão as Escrituras de exemplos, em que Deos uzou deste

Entre o bem, & mal eterno. 253

deste meyo, para aterrar os peccadores, & os trazer ao caminho da penitência. E ainda Christo Senhor Nosso muytas vezes ameaça com o castigo, & uza dos exemplos, & parabolâs em que representa as penas do Inferno, que estão preparadas para os que caminhaõ pelo caminho largo da perdição, encarecendo o rigor daquelle fogo, & daquelle bicho, q̃ não morre: *Ubi vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* A T

Marc.

O Real Profeta David com Jer 9.43. tão amante de Deos, & ter no coração o temor da culpa; com tudo, quando considerou os castigos eternos, que Deos tinha preparado para os peccadores, pedio a Deos, que trespassasse o seu coração com a seta de seu temor: *Configet timore tuo carnes meas;* *ps.* *judicijs tuis timui;* porque ainda 118. q̃ o temor da culpa he melhor; muytas vezes o temor da pena, abre caminho

Entre o bem, & mal eterno. 235

les Atheistas, de que falla Salomão
Esse sub sentibus deliciis computabant; Job.
porque de tal forte estão de assento
em seus peccados, que nem sentem
remorso da consciencia; nem fazem
consideção do perigo de se perde-
rem, nem conceyto do que he pecca-
do, nem lembrão das brigades de
Christão, sem terem outro cuydado
mais que de ajuntar riquezas, honras,
deleytes, & regalos, a q̃ Christo cha-
mou espinhos, que sendo naturalme-
te molestos, elles os tem por delicias
Esse sub sentibus deliciis computabant
Tudo faze do pouco, ou nenhum te-
mor de Deos, com que vivem: nem co-
mem a culpa, nem temem a pena. Mas
assim como estes dous temores leuão
os predestinados pelo caminho es-
treyto para o Ceo; assim a falta d'elles
leva os precitos, pelo caminho largo
para o Inferno.

E posto que isto se entende de

todos aquelles peccadores, que peccão sem temor, principalmente com-
vem aos que pelo costume de peccar
tem ja feyto callos na consciencia, de
forte que ja não sentem os picos dos
espinhos; & são como aquelles, de
que falla S. Bernardo, que tem chega-
do à tal dureza de juizo, que nem o
tembr do Inferno, nê o pejo do pec-
cado, são bastantes para os porem a
caminho: *Quos vix gehenne metus in-
bibet vix pudor cohibet, vix refranat
ratio; vix disciplina coerces*. Sendo a
cauza de tudo o mau costume, & a
cauza do mau costume, a falta de to-
mor de Deos.

Destes peccadores, os peyores são
os que não só tem feyto callos na cõ-
sciencia, mas tem perdido o pejo tão
natural ao homẽ racional; de tal for-
te, que não tem pejo da torpeza, mas
fazem galla do peccado, publicando,
que os timoratos sô se atrevem a fa-
zer

Entre o bem, & mal eterno. 257

zer em secreto: & talvez celenbrando
com rizadas o que devião chorar
com lagrimas. Estes pouco differem
dos Atheistas, não tem de Christão,
mais que a mascara, & quasi tanta
estimação fazem da Biblia, como do
Alcorão; de que só na fê differem.
Do torpe Emperador Tiberio, escreve
Cornelio Tacito; que tanto que per-
deo a vergonha, logo se deo a todo o
genero de maldades: *In scelera simul,*
& dedecora, remoto pudore prorupit.

Os espinhos do peccado são para
com Deos os remorços da consciencia:
para com os homens, diz Neceno, são
o pejo, & a deshonra. Em quanto es-
tes espinhos picão, ha esperança de
salvação, diz Santo Agustinho sobre
as palavras de David; *Conversus sum Ps. 34*
in erumina mea, dum configitur spina. 4.

Nove mezes esteve David depois de
peccar, sem sentir os espinhos de suas
culpas, mas tanto que o espinho pi-

ALBINO

R

60

picou pela amoeblação do Profeta; logo David se converteo. Quando vós vires hum peccador, que depois de peccar se envergonha do seu peccado; tende-o a bem final; esperança ha de emmenda: mas se elle se jacta da offensa de Deos, & publica seu peccado sem pejo, tende-o por perdido. Para conhecer o peccador, haveis de vos haver com elle; diz Neco, como o caçador com a fera; a quem busca pelo rasto. O rasto por onde se conhece o peccador he o pejo: *Vestigium ejus est pudor.*

Não houve peccado mais abominavel, que o de Judas; como notou S. Jeronymo, procurou en cubrillo, com o osculo que deu ao Senhor; & depois que conheceo a sua maldade, por não poder soffrer a deshonra de trair a sua Mestre, se enforcou. E outros peccadores publicão, & fazem gaila dos peccados, que fizeram as escondidas.

Entre o bem, & mal eterno. 249

côndidas. E Santo Agostinho diz: que o fazem com tal excesso, que julgão, que não só os não devem calhar, mas que he bem que os publiquem, & saybão todos. *Uspate uero*, diz o Santo, *Ut non solum non occultanda, verum etiam publicanda, & diffundenda censuant.* Porventura, que alluda o Santo ao que ellê conta no livro das suas confissões daquelles seus compaheyros, que não só eraõ deshonestos, mas se gabavão, & contendião, qual era mais deshonesto.

E que diremos daquelles, que não só publicão os seus peccados, mas os celebraõ com rizos? Christo se entristeceo, & suou sangue com a lembrança dos peccados, & vòs vos rides? Christo diz: Ay dos que vos rides nesta vida, porque chorareis na outra! *Vae vobis, qui redetis nunc: quia lugebitis, & flebitis.* E que rizos são esses, que na outra vida se pagão com a-

Luc.

6.25

R ij

quelle

quelle pranto eterno, que o mesmo Christo diz no Evangelho: *Ibit erit*

Mart. fletus, & stridor dentium: se não os daquelles de quem falla Salamaõ, que se alegraõ, & vangloriaõ quando pec-

Prov. 2.14. Qui letantur cum malefecerit, & exultant in rebus pessimis? Tais são, diz

Tirino, os que engolfados nos deleytes da carne, tão longe estão de sentimento, que se alegraõ do que deviaõ envergonhar-se, como diz Santo Anselmo: *Amiffa peccandi verecundia, gloriantur de quibus erubescere debuerant.*

E donde nasce tudo, se não da falta de temor de Deos? Mas por isso, a passos largos caminhaõ pelo espaçozo caminho do Inferno.

PAS-

P A S S O VI

Para o Ceo.

LIMPEZA DE CORAÇAM.

NÃO he necessario provar, q os limpos de coração caminhaõ pelo caminho estreyto do Ceo; porque assim o affirmou Christo no Evangelho: *Beati mundo corde: quoniam ipsi Deum videbunt.* Sò importa saber, *Mat. 5.8.* que limpeza de coração he esta, merecedora da vida eterna. Primeyramente, por coração limpo, entendem os Expositores, a alma com suas potencias. Nòs procederemos na mesma fraze de coração, como Christo.

S. João Chrysostomo, entende por coração limpo, o coração sincero sem dolo, nem malicia no obrar. E neste sentido convidava o Divino Esposo, a alma Sãta, com o nome de poba, & imaculada:

Cant. maculada: *Columba mea immaculata*
5.2. *mea*. E as almas, que assim são, chama
 Deos para as moradas eternas como
 pombas, & não como corvos. Huma,
 & outra ave mādou Noe da Arca, pa-
 ra saber, se tinha cessado ja o Diluvio.
 O corvo, lá ficou cevandose nos cor-
 pos mortos: a pomba, tornou para a
 Arca, que era figura do lugar da sal-
 vação; porque só os que imitam a lim-
 paza, & simplicidade da pomba, po-
 dem voar para o Ceo. Por isso David
 desejava para voar, azas de pomba, &
 não de aguia, sendo que a aguia, ainda
 voa mais alto que a pomba; porque
 a pomba he simbolo da sinceridade,
 & a aguia alem de ser ave de rapina,
 he tão demasiada no ver, que quer
 examinar os rayos do Sol.

Fôra de toda a metaphora o disse
 David no salmo vinte & tres, onde
 pergunta: Quem será aquelle ventu-
 roso, que chegue a subir ao monte de
 Deos?

Deos? *Quis ascendet in montem Domini?* Ps. 23.
 E logo responde: *Innocens manibus, & munda corde.* 3.
 O que for nas obras innocente, & limpo de coração. E finalmente a alma, que imitar a candura da pomba, como a alma Santa, essa v oará ao monte da gloria.

Ainda que esta explicação seja muyto boa; con tudo, a verdadeyra significação de coração limpo, he a que amesma palavra está significando, que he a pureza, & castidade, como diz S. Gregorio Nazianzeno. Isso quiz pedir a Deos David, quando pediu hum coração limpo: *Cor mundum* Ps. 50.
crea in me Deus. Como diz Lirino; porque se o vicio contrario à castidade se chama imundo; o coração casto se deve chamar coração limpo. E se por coração se entende a alma com suas potencias, en tão seremos dignos dos thalamos celestiais do Divino espoz, quando formos castos; não só
 no

no corpo, mas na alma, pensamentos, & mais affectos. Tais erão aquelles, que vio S. João em companhia de Christo cantando aquelle cantico,

Apoc. que to os castos sabem cantar. Et

4.3. *cantabant quasi canticum novum.. Et*

nemo poterat dicere canticum, nisi illa cētum quadraginta quatuor millia. Es-

tes são os que no Ceo acompanhaõ o

Divino Cordeyro: *Hi sequuntur Ag-*

num, quocunque ierit; porque como cã

na terra se apacenta entre açucenas,

que são as almas puras, & castas;

assim no Ceo guarda a mesma regra,

de se acompanhar de almas vírgens.

Communmente se diz, que en-

taõ se ha de encher o numero dos

Predestinados, quando se encherem

os lugares dos Anjos, que cahirão do

Ceo: de forte, que os lugares dos An-

jos se haõ de occupar, com as almas

q̃ subirẽ da terra. E q̃ almas podẽ su-

prir os lugares dos Anjos, com mais

ra-

Entre o bem, & mal eterno. 265

razão, que as almas castas, que Christo disse, serão na terra semelhantes aos Anjos do Ceo? Quão no dia do Juizo os Anjos por mandado de Christo separarem os bons dos maos, hão de separar os maos como cabritos para a mão esquerda, & os bons como cordeyros para a mão direyta. Os cabritos são os lascivos: os Cordeyros os castos: os lascivos para o Inferno: os castos para o Ceo. Para estes, estão abertas as portas do Ceo, & para aquelles feyxadas: *Foris Apoc. canes, & impudici*; como diz S. João. 22.

E ainda que Christo diz, que são 15. poucos os que caminhaõ pelo caminho estreyto; com tudo, das almas castas não são poucas as que se salvaõ; porque naquelle numero de cento, & quarenta, & quatro mil virgens, que vio S. João se significa ser innumeravel o numero. De huma vez entraraõ no Ceo com Santa Ursula onze mil
Vir-

Virgens: & de innumeraveis mosteyros de Religiozas estão todos os dias entrando no Ceo esquadrões dealmas castas. Os de Corinto pela doutrina de S. Paulo cobraram tal amor à castidade, que já não querião casar; & foy necessario, que S. Paulo lhes escrevesse, que não era preceyto de Deos, se não conselho feu, a perseverar virgẽ: *De Virginibus autẽ præcep-*

1. Cor. 7.25. *tũ Domini nõ habeo, cõsiliũ autẽ do.*

E que direy daquelles, que por não perderem a castidade, fizetõ excessos dignos de admiracão? Humadonzella retalhou a cara, outra cortou o nariz, outra tirou os olhos, hum cortou com os dentes a lingua, & com ella cuspio na cara da que o pretendia sollicitar, outro se lançou ao mar. S. Bento se revolveo nos espinhos, outro meteo a mão no fogo: & outros muytos exemplos semelhãtes, de que estão cheyas as historias Ecclesiasticas.

Entre o bem, & mal eterno. 267

cas. Todos caminharão pelo caminho estreito do Ceo, onde seguem o Cordeyro assinalados com os dous nomes de Deos, & do Cordeyro: *Habentes nomen ejus, & nomen Patris ejus scriptum in frontibus suis;* que são as duas aureolas de Virgens, & Martyres, pelas quais são conhecidos entre os mais bemaventurados.

Apo. 14. 1.

P A S S O VI.

Para o Inferno.

AMOR DESHONESTO.

SE sô para os Cordeyros, que são os castos estão abertas as portas do Ceo, seguese, que para os cabritos, q são os lascivos, estão fechadas. Assim os vio S. João de fora ladrando como caens: *Foris canes, & impudici.* Separados pois os cabritos, dos Cordeyros, os mandou Deos para o seu proprio corral, que he o Inferno.

Mi-

- Mat.* *Mittent eos in caminum ignis. E lá vão*
 13. parar os que nesta vida se entregão a
 42. este torpe vicio, como diz o Santo
Job. *Job: Ducunt in bonis dies suos, & in*
 21. *punto ad inferna descendunt.*

13. Costumaõ os que escrevem deste vicio, para provar o quanto desagrada a Deos, & quam rigorosamente o castiga, trazer por exemplo o castigo do diluvio vniversal, & o do fogo do Ceo, com que foraõ abrazadas as cidades de Pentapoli, o que tudo foy por cauza deste vicio. Porem naõ foy o mayor castigo ficarem os corpos sumergidos nas aguas, & abrazados no fogo; o que he de mayor horror, he, que as almas foraõ se pultadas no Inferno; porque sò o Inferno, he condigna pena deste vicio. Chegou a dizer S. Jeronymo, que este peccado tinha muyto parentesco com a pena do Inferno; porque o fogo, em que arde hum lascivo, fogo de Inferno he:

as

Entre o bem, & mal eterno. 269

as trevas, em que anda cego, são como as trevas do Inferno: o remorso da consciencia, he como o bicho dos condenados: o horror, & confusão, em que anda hum desencaminhado, he muy parecido ao do Inferno: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat*: & finalmente, suas almas semelhantes aos espiritos immundos, que são os Demonios.

A razão porque quasi todos os que se dão a este infernal vicio, se perdê, he diz S. João Chrisostomo, porque elle traz com sigo todos os demais. Elle he o companheyro da gula, como o Camilão do Evangelho: elle cega a razão, & escurece a fé, como se vio em Salamaõ, que sendo tão sabio, & tão Santo, por este vicio chegou a idolatrar: elle he cauza de homicidios, & adulterios, como succedeo a David: delle nace as aleyvozas, & trayções, como se lè de Sansão, com Da-

Dalida: delle se originaõ os odios, as injustiças, as eizanias, & o esquecimento do Ceo, como se vio na quellas dous Suzanaries, de quem diz a Escriitura, que naõ puzeraõ os olhos no Ceo. *Declina-verunt oculos suos, ut*

Dan: non viderent Cælum. Sendo pois este
139. só vicio huma officina de todos os vicios, onde ha de vir a parar, se naõ no Inferno?

Ha ainda outra razão muyto natural, & muyto confirmada com a experiencia; & he, que o que se a costuma a este vicio, difficulosamente se emmenda, & faz tal habito, que quasi faz natureza, como de si dizia Santo Agostinho; comque vem a acabar a vida no mesmo vicio, porque como diz S. Bernardo: *Qualis vita fuit ita* qual he a vida, tal he a morte. E ainda que em todo o vicio o costume faz natureza, neste ha especial razão, por se o mais conforme a natureza inclinada

Entre o bem, & mal eterno. 271

nada ao mal, como disse o mesmo Deos depois de haver assollado com o diluvio o mundo por este mesmo vicio: *Sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum preme sunt ab adolescentia sua.* Gen. 8. 21.

S. Basilio da outra notavel razao, porque este vicio he tao difficiltozo de emmenda; porque assim como (diz o Santo) o mau cheyro afugenta as pombas dos lugares imundos; assim o mau cheyro dos vicios carnaes, do terra o Espirito Santo das nossas almas, que he o espirito puro, & amador da pureza; & applica a esta confideraçaõ as palavras de Deos: *Non per manebit spiritus meus in homine; quia caro est.* Gen. 6. 3. He esta razao de S. Basilio muyto conforme ao que Deos disse por Ezechiel de semelhantes peccadores: *Viri isti posuerunt immundicias suas in cordibus suis.* Ezech 14. Estes homens puzeraõ suas immundicias nos seus cora-

corações: como pôde logo morar o Espírito de Deos em corações immundos. O espirito, que nelles mora, he o espirito immundo, que habita com os deshonestos, como com amigos, & companheyros. Por onde logo caminhaõ estes, seu não para ser proprio lugar, que he o Inferno.

Por esta cauza dizem os Santos, & tambem muytas vezes o disse o Diabo, que dos Christãos, a mayor parte dos condenados, he por este vicio; & juntamente são os que mayor tormento padecem dos demonios: dandolhe os tormentos à medida dos deleytes, como se tem visto nas horriveis figuras, em que apparecerão muytos nesta vida por justo juyzo de Deos; de que estão cheyas as historias Ecclesiasticas.

PAS.

P A S S O VII

Para o Ceo.

AMOR DA POBREZA
Evangelica.

PObreza de espirito, he a daquelles, que por assegurarem melhor o Reyno do Ceo, deyxaraõ voluntariamente, as riquezas da terra, que embaraçaõ o caminho do Ceo. Assim o fizeraõ innumeraveis, que hoje estãõ gozando o Reyno, que Deos lhes prometteo no Evangelho, quando disse: Bemaventurados sãõ os pobres de espirito, porque elles serãõ Senhores do Reyno dos Ceos: *Beati pauperes spiritu: quoniam ipsorum est regnum caelorum.* Esta pobreza Evangelica, láçou Christo, Senhor nosso, por fundamento da perfeição Christã, dizendo:

Luc. 14. 33. do: Qui non renuntiat omnibus, quæ possidet, non potest meus esse discipulus. Esta seguirão os Apostolos, esta os Christãos na primitiva Igreja. Esta foy a primeyra pedra, que lançarão por fundamento de suas Ordens, todos os Fundadores das Religiões; & esta finalmente foy, a que guardou Christo nosso Mestre, & Senhor, nascendo pobre, vivendo pobre, & morrendo pobrissimo.

Os que tiverem animo para tomar o conselho, que dava Christo ao que perguntou, que faria para ser perfeyto, que era vender tudo quanto possuia, & repartillo com os pobres:

Luc. 18. 22. Omnia quaecunque habes, vende, & da pauperibus; Não ha duvida, que não fô caminhão para a perfeção Evangelica, mas que tem dado grande passo no caminho do Ceo. As razões que os Santos dão para isto são muitas, & muy conformes à doutrina de
Christo.

Entre o bem, & mal eterno. 275

Christo. Primeyra, porque a vida do
Christão he vida de lutador. Toda a
vida havemos de lutar com os demo-
nios, que nos procurão embaraçar o
caminho do Ceo. E o lutador, como
diz S. Paulo, se ha de despir de tudo,
para não ser vencido: *Qui in agone cō-* 1. Cor.
tendit ab omnibus se abstinet. E não ha 9.25.
duvida, que as demasiadas riquezas,
são de grande embaraço no caminho
do Ceo. Christo, lhe chama espinhos:
S. Paulo, laços do diabo. Como pôde
logo hir seguro pelo caminho estre-
ito do Ceo, cheyo de espinhos, & ar-
mado de laços?

A segunda razão he, porque o
deyxar por amor de Deos o que no
mundo tanto se ama, como são as ri-
quezas, he huma acção tão heroyca,
que a paga Deos, não com meros pre-
mio, que a gloria commua a todos os
Santos; o que significou o Senhor
nas duas parabelas do thesouro es-

S ij

con-

condido, & precioza margarita; pois para comprar huma, & outra couza, vendeo tudo quãto tinha o mercador Evangelico. E não he muyto, que pelo Reyno dos Ceos, se deyxê a riqueza da terra; quando muytos por huma gloria, vã, & fins temporais, as deyxarã, & se fizeraõ pobres, como Diogenes, Ampistenes, Cartes, Thebano, & outros muytos.

Porêm, como a resolução de deyxar tudo, posto que he de muytos, não he de todos os ricos, que dezeção salvarse, & nas historias sagradas se lê de muytos Santos, que entre muytas riquezas conservarão a Santidade: he necessario saber uzar das riquezas, da forte que elles uzarã, para que se não pegue a ellas o coração, como diz David: *Divitia si affluent, nolite cor apponere*. O mal não está nas riquezas, se não no maõ uzo dellas, & na ancia com q se buscão, & na avareza com que

Pf. 61.

1.

que se guardaõ, & se antepoem ao bem espirital. S. Paulo, chama laço do diabo as riquezas ; não para todos os ricos, se não para aquelles, que com demasia, & por meynos illicitos as de-
zejaõ? *Nam qui volunt divites fieri, 1. incidunt in tentationem, & in laqueum Tims; diaboli.* Tudo está no affecto; por- 6. 9.
que como diz Salamaõ, ha ahi pobre como rico, & rico como pobre: *Est Prov. quasi dives cum nihil habeat: & est 13. 7. quasi pauper cum in multis divitijs sit.*
He o pobre, rico no dezejo, & he o rico, pobre no amor; porque entre as riquezas pôde conservar o amor da pobreza, como se conta de S. Grego-
rio Papa, & muytos Santos Reys, & Pontifices, que tendo muytas rique-
zas, nada se lhes pegava ao coração.

Serve tambem para o caminho do Ceo a pobreza daquelles, aquem fal-
tão as riquezas, se se conformaõ com ella, contentandose com o que Deos
lhes

Ihes dà, levâdo com paciência, a falta do necessario. E por ventura q̃ com a pobreza necessaria mereção estes mais, que outros com a voluntaria; por q̃ como diz S. Bernardo, sofrer a fome, à vista das iguarias; sofrer o frio, à vista dos que andão vestidos; sofrer a pobreza, à vista das riquezas; he hum genero de martyrio muyto grande: *Inter epulas esurire, inter vestes algere, pauperitate premi inter divitias quoddam Martirij genus est.* Claramente o disse Deos por Isayas; *Elegite in camino pauperitatis.* Eu te tirey da fornalha da pobreza. Allude à pobreza, q̃ os de Israel padeceraõ no cativeyro de Babilonia: a esta chama fornalha ardendo. Tal he a que padece o pobre, que leva com paciência a pobreza. Que mayor tormento, que ver hum Páy: os filhos nũs, & com fome, & não ter, com que os re mediar? Isto não he arder em huma fornalha? Os tormentos

Isa.
48.
10.

cos que os Santos Martyres padece-
raõ, significou-os o Sabio por esta se-
melhança de fornalha: *Tanquam au-* Sap. 3.
rum infornace probavit eos. E se sofrer 6.
pobreza val o mesmo para com Deos,
que sofrer Martyrio, que melhor dis-
posição para o caminho do Ceo, que
apobreza, ou seja necessaria, ou volũ-
taria? Deos quer que entremos no Pa-
rayzo do Ceo, da sorte que Adam sa-
hio do Parayzo da terra; ou nũs, ou
mal vestidos. E quanto menos levar-
mos, mais leves hiremos pelo camin-
ho estreyto do Ceo.

P A S S O VII

Para o Inferno.

RIQUEZAS MAL

uzadas.

Assim como as Escrituras estão
cheyas de promessas para os
po-

pobres; assim estão cheyas de ameaças contra os ricos. Christo Senhor Nos-

Mat.

19.

23.

so no Evangelho: *Dives difficilè intrabit in regnum celorum.* O rico difficul-
tosamente entrará no Reyno

dos Ceos. E logo acrescenta: mais facil he entrar hum camello pelo fundo de hum agulha, que hum rico no Ceo: *Facilius est camelum per foramen acus trāsire, quam divitem intrare reg-*

Luc.

6.24.

num celorum. Noutra parte: *Vae vobis divitibus!* Ay de vòs ricos! E por

Luc.

16.

22.

S. Lucas: *Mortuus est dives, & sepultus est in inferno.* Morreo o rico, & foy sepultado no Inferno. S. Tiago: *Agite*

Jacob.

5. 1.

nunc divites, plorate ululantes in miserijs vestris, quæ advenient vobis. Ah

ricos! choray sobre as miserias, que estão para vir sobre vòs. Com as vossas riquezas fizestes cõtra vòs hum thesouro da ira de Deos *Thesaurisastis vobis iram in novissimis diebus.* E a este modo estão todas as Escrituras ful-

mi.

minando maos prenuncios contra os ricos. A razão deo Christo, na parabolâ do semeador, que semeou o trigo sobre os espinhos; & vem a ser: porque os ricos occupados com os cuydados deste mundo, & felicidade das riquezas, perdem o cuydado do outro mundo, & de adquirir as verdadeyras riquezas: *Sollicitudo sæculi istius, & fallacia divitiarũ suffocat verbũ*, ^{13.} & *sine fructur efficitur*. Difficultoza ^{22.} couza he caminhar para o Ceo carregado de riquezas; & tanto mayores feraõ as difficuldades, quantas mais forem as riquezas.

S. Paulo, diz q̃ a cobiça, he a rais de todos os males: *Radix enim omnium malorum est cupiditas*; Porque, de ordinario cega de tal sorte os entendimentos, q̃ não reparão em atropellar as leys Divinas, & humanas, pela cobiça do dinheyro. Com q̃ palavras o encareceo David: *In quorum manibus ini-*

iniquitates sunt: dextera eorum repleta est muneribus. Diz, q̃tem o cobiçozo huma maõ cheya de dinheyro, & ambas cheyas de maldades. A mais ainda se estendeo Isayas, o qual chega a dizer, que a terra abundante de ouro, & prata, està muy perto de faltar na se

Isa. 2. Repleta est terra argento, & auro, & non est finis thesaurorum ejus... Et repleta est terra ejus idolis.

Nenhum outro peccado se conta do rico avarento, pelo qual foy cõdenado, mais que o ser rico: *Mortuus est dives, & sepultus est in inferno;* Não pelas riquezas, se não pelo mau uzo dellas; porque vendo o pobre Lazaro faminto, não repartio cõ elle se quer das migalhas da sua meza, Por isso S. Paulo diz, que os que querem ser ricos, cahem no laço do diabo, & se per-

1. Ti. dem: Nam qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli, & desideria multa in utilia, & nociva.

Entre o bem, & mal eterno.

283

civa, quæ mergunt homines in interitum, & perditionem. E notay, que não diz, os ricos, mas, os cobiçozos: *Qui volunt.*

Mas porque o ter muytas riquezas, & não se pegar a ellas o coração, he couza tão difficultoza, & Christo Senhor Nosso diz, que onde temos o thesouro, ahi temos o coração: *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum;* por isso o mais seguro he desfazer das riquezas demaziadas, & seguir o conselho do Apostolo, que nos contentemos com o que basta para a vida, & demos o superfluo aos pobres. *Habentes autem alimenta, & quibus tegamur, his contenti sumus.* Porque *1. Tim. 6.8.* que caminha para a outra vida com tanto fausto de riquezas, & apparatus, não cabe pelo caminho estreito do Ceo, & por isso he obrigado a caminhar pelo espaçozo, que vay dar ao Inferno.

PAS-

P A S S O VIII

Para o Ceo.

H U M I L D A D E.

Assim como o principio de todos os peccados foy a soberba, como diz o Espirito Santo: *Initium omnis peccati est superbia*; assim, diz S. Jeronymo, a primeyra virtude dos Christãos he a humildade: *Prima virtus Christianorum est humilitas*. A soberba de Lucifer, abrio o caminho largo para o Inferno: a humildade de Christo, abrio o caminho estreito para o Ceo. Por isso os Santos, costumão chamar a humildade, raiz, & fundamento de todas as virtudes; porque sem humildade nenhuma dura. Até a fe, que he o principal fundamento de todo o edificio espiritual, não está firme

me sem humildade; & por essa cauza naufragaraõ na fê, todos quantos della se afastaraõ; como foraõ os Heresiarcas antigos, & modernos.

Devota, & agudamente chamou S. Bernardo a humildade Pia, do baptismo de todas as virtudes; porque assim como no baptismo se recebe o caracter de Christão; assim a humildade he o final, por onde se conhecem; como se sem humildade todas as virtudes fossem gentias, como fóraõ todas as dos Filasofos antigos; por lhes faltar a humildade, virtude propria dos Christãos, por ser a qua Christo veyo a ensinar do Ceo à terra. Pelo qual se entêde, quão necessaria he esta virtude, para o caminho do Ceo; cuja porta, como he tão estreyta, só quem se abayxar, poderá por ella entrar. Isso quiz o Senhor significar, quando disse aos Apostolos, que se não fossem como o menino, que tinhaõ

Mat. não presente, não poderia entrar
 8.3. no Reyno dos Ceos: *Nisi conversi fueritis, & efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum caelorum.*

Mostrou Deos hum dia ao grande Antonio, o mundo todo cercado de laços, & gemendo o Santo com os olhos no Ceo ao Senhor, quem poderia escapar de tantos laços? Ouvio logo huma voz, que dizia: os humildes. E he assim; porque como os humildes não procuraõ caminhar por lugares altos, se não pelos bayxos, não vão tão arriscados a cahir, como andão os q caminham por lugares altos de dignidades. Tem estes no coração o exêplo de Christo, o qual diz, q não viera do Ceo à terra à ser servido, se não a servir: *Non veni ministrari, sed ministrare*; & este he o espirito de Christão: que o que chamão espirito nobre, he espirito do mundo, & não de Christo. Elle disse: *Diserte à me;*
 quia

Mat.
 20.
 28.

Mat.
 11.

quia mitis sum, & humilis corde, & invenietis requiem animabus vestris. Aprendey de mim, que sou manso, & humilde de coração, & achareis o descanso para vossas almas. E todo o Christão que quer chegar ao descanso da gloria, este exemplo deve seguir, porque, sò esta virtude fomentará, & conservará em sua alma todas as mais virtudes.

Porque primeyramente o Amor de Deos, se inflamma sobre maneyra com o conhecimento da nossa indignidade, como se via em S. Francisco, quando repetia a Deos: quem sou eu, & quem sois vos? O amor fraterno com a humildade se conserva, porque ou he irmã, ou mãy da paciencia. Com a humildade se cõserva a cortezia, com que os fieis se trataõ, & se alegrãõ de que os outros lustrem, & sejam preferiddos: o que não levão bem os soberbos, & envejaços. A humildade

mildade faz , com que o Christão culpandose a si , disculpe os outros, como dizia de si o Profeta Micheas:

Mich. *Iram Domini portabo quoniam peccavi*
 7.9. *ei.* No que toca à paciencia, expressa-

Eccli. mente o disse o Espírito Santo: *De-*
 2.2. *prime cor tuum , & sustine.* Humilhay o vosso coração, & logo levareis com paciencia os trabalhos desta vida.

Alem disto , a oração dos humildes he a que penetra os Ceos, & alcança de Deos o despacho de nossas petições, como diz o Ecclesiastico:

Eccli. *Oratio humiliantis se nubes penetrabit;*
 35. porque assim como Deos tem os
 21. olhos abertos para os humildes: *Hu-*

Pf. *milia respicit ;* assim tem os ouvidos a-
 112. bertos para ouvir suas orações, como
 6. ouvio a oração humilde do Publicano, & não ouvio a do soberbo Fariseo.

Ultimamente a verdade tyra humilidade de Christo, evita a demasia das gallas, & enseytes profanos: o appare-

Entre o bem, & mal eterno. 289

to de criados : o regalo da meza, & da
cama, com tantos cortinados, & col-
chas bordadas de ouro, em que se gas-
ta a fazenda, & muytas vezes mais do
q̃ pede o estado, qualidade, & cabe-
daiz: tudo muyto alheyo da humilda-
de Christã, & muyto contra o conse-
lho do Espirito Santo, que diz, que
quanto mayores somos, tanto mais
nos devemos humilhar: *Quanto mag-*
nus es, humiliare in omnibus.

Ecclesi.
3.20.

P A S S O VIII

Para o Inferno.

SOBERBA DE VIDA.

SEndo a soberba, o principio de
todos os peccados, como diz o
Espirito Santo, bem se segue, como
diz S. Gregorio, ser a soberba hum e-
videntissimo final de reprovacão

T

Evi-

*Evidentiſſimo reprobationis ſignum eſt
ſuperbia.* E que outra couza ſe pode
eſperar daquelles, em quem nenhum
ſinal ſe ve de humildade Chriſtã, ten-
do tantos ſinais de ſoberba? Porven-
tura diremos, que eſtes caminhaõ pel-
lo eſtreito caminho do Ceo?

Q mais horriivel caſtigo, que ſe lê
nas Divinas letras, foy o das cidades
de Pentapoli. Os corpos forão abra-
zados com o fogo do Ceo, & as almas
com o fogo do Inferno. Quais forão
os ſeus peccados, já ſe ſabe do livro
do Genetiſis. Qual a origẽ delles, diſſe-
o Deos pelo Profeta Ezechiel: *Ecce
hæc fui iniquitas ſodomæ ſororis tuæ
ſuperbia, ſaturitas panis, & abundantia:*
16. a ſoberba, a fartura, com os mais vici-
49. os, que a acompanhão, que ſão a a-
bundancia da meza, das gallas, das ri-
quezas, & das dignidades.

Quantos cedros do monte Liba-
no com o vento da vaidade cahirão
por

por terra, por não estarem bem array-
gados na terra da humildade. Cheyas
estão as historias de lastimozos ca-
zos; de muytos, q̃ depois de haverem
feyto milagres, pela vã estimação de
si, se perderaõ. Na historia bem sabida
do Ermitão Santo, se prova bem isto.
O Ermitão se condenou por soberbo,
& o ladraõ se salvou por humilde. Os
hipocritas por fõra tudo são santida-
de, por dentro tudo soberba: por fõ-
ra ovelhas, por dentro lobos. É basta-
rà a pelle de ovelha, para entrar no
curral de Christo?

Christo Senhor Nosso, chamou-se
Pastor de ovelhas: *Ego sum pastor bo- 706.*
nus; & tambem disse, que era a porta, ^{16.}
por onde entraõ as ovelhas: *Ego sum 14.*
ostium ovium. Não entraõ por esta *Ibid.*
porta lobos, nem leões, que são os so- ^{v. 7.}
berbos: entraõ sò ovelhas, que são os
humildes, & mansos de coração, como
elle. He muyto de reparar, que no

T ij

pon-

ponto, em que Christo en commenda
aos Apostolos, que procurem entrar
pela porta estreita do Ceo: *Contendi-*

Luc. *té intrare per angustam portam:* acre-
centa logo, que se guardem daquel-
les, que sendo lobos, querem parecer
ovelhas: *Attendite à falsis prophetis,*

Mat. *qui veniunt ad vos in vestimentis ovi-*
7.15. *um, intrinsecus autem sunt lupi rapaces:*
como se diffiera, estes não entrão pela
porta do Ceo, porque por esta, sò en-
trão ovelhas, & não lobos.

Humã das três couzas, porque o
mundo se perde, he a soberba da vida:

Superbia vitæ. O Grego tem(como
1. notou Tírrino) fausto, ou arrogancia;
704.2. porque no fausto, com que vivem, &
16. na arrogancia, com que se trataõ, mos-
traõ, a soberba, com que caminhaõ pa-
ra o Inferno. Huns mostraõ esta arro-
gancia, fazendo ostentação de sua no-
breza, repetindo titulos de seus ante-
passados, affectando louvores, & adu-
lações;

lações; da sorte que a aranha toda se desentranha, para caçar hum mosca. Outros mostram esta arrogancia, em blazonar valentias, como se fossem os tres valentes de David, ameaçando mortes, prometendo cutiladas, como outro Rabsaes; embayxador dos Assyrios, contra o Rey de Israel, que cuydava, que com seus ralhos, havia de amedrontar o povo de Deos, & o seu Rey Ezechias. Outros mostram esta arrogancia, na vaidade da fermosura do corpo, fazendo menos cazo da fermosura da alma; como Estatonica, mulher de Seleuco, que sem ter na cabeça hum só cabello; só porque hum Poeta disse, que os seus cabellos igualavaõ os da aurora, os olhos os de Venus, o talhe de Juno, os pés de Thetis; lhe mandou dar seis centos cruzados.

Mostrão mais esta arrogancia, na profanidade do vestir, arrojando sedas, multi-

multiplicação galas, & como diz David: *Filia ejus cōposita: circū ornata ut similitudo tēpli*: ornadas como os templos do Egipto, cō todo o apparato, & ostetação possível, de guarnições de ouro, & joyas de rica pedraria; como se cōta de Paulina Romana, q̃ trazia sobre si, de cadeyas, gargantilhas, & pedras preciosas, hũ milhaõ de ouro, pelo qual; desesperado de se poder desēpenhar seu Pay, se matou cō veneno. Todas estas vaydades, & outras maiores, trazẽ principio da soberba, como raiz de todos os vicios.

Mas a soberba, que mais impede o caminho do Ceo, he a ambição, com que por meynos illicitos, procurão muytos, os postos altos, naõ attendendo aos encargos, que tomão sobre si, nem à conta, que haõ de dar a Deos, nem ao rigoroso juizo, que Deos faz, dos que governaõ; como diz o Espi-

Sap. 6. rito Santo. *Judicium durissimum his*
 6. *qui*

qui præsunt, fiet. E se a conta não for justa, o castigo ha de ser no Inferno conforme o poder, que cá tiverão. *Potentibus autem potenter tormenta patientur.* Horrivel foy o juizo, que Deos fez da ambição de Aman, pēdente de huma forca de sincoenta covados de alto: horrivel, o de Absalaõ, pendente de huma arvore pelos cabellos, & atravessado cõ tres lanças. Porém, mais horrivel he o juizo, que na outra vida fez Deos, da ambição de ambos. Não foy menos horrorozo o modo, com que Deos castigou a Abimeleo, depois de haver morto setenta irmãos sô por reynar; & a Athalia depois que matou a todos seus sobrinhos, a quem tocava o reyno. Aquelle veyo a morrer de huma pedra, q̃ huma mulher lançou sobre a cabeça: & esta veyo a a cabar miseravelmente comida de cães. E qual seria o castigo da outra vida, se não muy conforme à soberba desta?

ta? Todos estes cazos são da sagrada
Escritura.

As historias humanas, cheyas estão
de successos semelhantes, que tiverão
o mesmo principio da ambição. Semi-
ramis morreo às mãos de hum filho:
Julio cesar, à punhaladas no senado:
Ponpeyo, afogado: outro privado de
Tolomeo, Rey do Egipto, enforcado:
Macrino, que de cassador subio a Em-
perador, veyo a ser morto com seu fi-
lho de Adomeno. Todos estes infa-
ustos juizos são por maos da enveja,
ou da ambição cà na terra: os que
Deos là faz na outra vida nas suas al-
mas, são os que se devem temer mais;
porque se o juizo desta vida he tão
tremendo, o da outra qual será? E se
tudo nace da soberba como de raiz;
os que fugindo do caminho estreyto
da humildade, caminham pelo lar-
go da soberba, aonde haão de vir a pa-
rar, se não no Inferno?

P A S S O I X

Para o Ceo.

ORAÇAM, E DEVAÇAM.

HUm dos meynos mais breves, & mais facéis para alcançar a sabedoria celestial he a devação; & o viatico mais necessario, para o caminho do Ceo, he a oração. Sem oração, he impossivel caminhar, & cõ devação, he muy facil huma, & outra couza. Devação não he outra couza, se não huma vontade prompta, para tudo o que he do serviço de Deos. Suppoem, como diz Santo Thomas, respeyto a Deos, & amor às couzas espirituais. He a devação filha, ou irmã da caridade; & todas quantas propriedades S. Paulo attribuio à caridade, todas vem nascendo à verdadeyra devação.

Ref-

Resplandece principalmente na oração; porque a oração, he a chave dourada, que abre o cofre de todas as graças, que estão enferradas na caridade, em que cõsiste a perfeição Christã. Os actos de devação, são todos os pensamentos, palavras, & obras, feytas por motivos sobrenaturais, que respeytão o agrado de Deos, & o bem espiritual de nossas almas; porque as que se fazem por motivos humanos, ou propria estimação, ou são hipocrisias, ou actos naturais de nenhum merecimento.

Não consiste a devação nas lagrymas, ou consolações da alma, que muytas vezes experimentão os que se dão à devação; porque isso pôde ser effeyto da oração, ou consideração pia: & às vezes pôde nacer do natural brando, & compassivo, mas consiste nos affectos da vontade de servir, & agradar a Deos.

He

He final evidente de devação verdadeyra, não deyxar por respey-
tos humanos, nem por occupaões
temporais, os costumados exercicios
espirituais, como oração, Missa, com-
munião, & mais obras pias, de que
ha exemplos nas historias de muyta
edificação. S. Luis Rey de França,
na occasião em que foy prezo, & seu
exercito desbaratado, procurou as
suas horas, para rezar as suas de-
vaçoens. A este modo, se conta
de innumeraveis, que nas mayores
enfermidades nunca deyxarão seus
costumados exercicios.

A oração mental, he humza eleva-
ção do nosso entendimento a Deos;
proprio, & devoto affecto. O fructo
são os affectos, & desejos pios, que da
oração nascem. Sem oração, não se po-
de caminhar pelo caminho do espiri-
to; porque ella he aguia, que dà luz
para não errar: ella he o pão do Cre-

que confortou a Elias no caminho do deserto até o monte de Deos: ella he a chave, que fechou, & abriu o Ceo à voz do mesmo Elias: ella he a agua do Ceo, q̃ faltou ao coração de David, quando disse, q̃ sentia seco o coração, & seca a alma, como a terra sem agua.

Anima mea sicut terra sine aqua tibi.

Pf.

142.

6.

A oração vocal, he a que se faz com a boca, como quando se reza o roزاریo, ou se recita o officio; mas para merecer o nome de oração, ha de ter parentesco com a devação, isto he, com o animo de louvar a Deos, com attenção, & pronunciação. As principais, são as que a Igreja tem a ppro-
vado; evitádo outras superstições de palavras não uzadas da Igreja; porque nenhuma das palavras, por Santas que pareçam, tem virtude para obrar, mais que as sacramentais.

A meditação para merecer o nome de oração, ha de participar de hu-
ma,

ma, & outra couza; a saber: cuydar com attenção, & devação, naquelles pontos, & mysterios, donde se possão tirar os affectos, que conduzem para bem da nossa salvação. Que couza ha mais natural, que o respirar, & conhecer? Nem o vivente pôde estar sem respirar, nem a alma racional pôde estar sem algum pensamento. Pois isto he meditar. He hum respirar, & hum cuydar, & à conta de Deos està o effeyto, como da nossa parte haja devação. A materia principal da Meditação, he a vida santissima, & exemplos de Christo Nosso Salvador; porque elle he a verdade, caminho, & vida eterna.

PAS

P A S S O I X

*Para o Inferno.***FALTA DE ORAÇAM,
& devação.**

EM dous sentidos se pôde tomar a falta de oração, & devação. A primeyra, he daquelles, a quem Christo chamou hypocritas, que por fôra parecem ovelhas, & por dentro são lobos: por fôra parecem devotos, porque fazem algumas obras, que de sua natureza são boas, como jejuar, orar; & por dentro nenhuma virtude tem. Outros tirando fôra a mascara, mostram por fôra o que são por dentro; porque debayxo do nome de Christão, vivem como gentios, sem se ver nelles acção de piedade, & devação. Huns, & outros tem dado largos pas-

Entre o bem, & mal eterno. 303
passos no caminho do Inferno.

Os primeyros são como aquella moeda, que à Marco Antonio mandou Herodes; que de huma parte tinha esculpido o templo de Salamaõ, da outra a Marco Antonio, com o titulo de Salamaõ. Assim he o que por fora mostra nas devações ser huma alma de Deos; & por dentro he alma do Diabo. Estes já levão o passaporte de Christo: *Partemque ejus ponet cum hi-* Mar.
pocritis. Illic erit fletus, & stridor den- 24.
tium. 51.

Os segundos são ao contrario; & são os que sendo Christãos, se envergonhaõ de o parecer; porque se envergonhaõ de fazer as obras, que uzaõ os devotos, & fervorosos Christãos, como são confessar, & communhar a meudo, & servir aos enfermos. Peyores ainda são os que tendo a alma cheya de peccados, guardão a cõfissão para o fim do anno, & a communhão

nhão para a Pascoa. Os livros espiri-
tuais, lãõ os de comedias; os templos,
as cazas do jogo; os sermões, as rodas
de murmuração; as vigílias, o dormir;
os jejús, os da meza, & cuzinha; as di-
ciplinas, & cilícios, as gallas, & profa-
midade do vestir. E finalmente, o ho-
mem sem oração, & devação, he muy
semelhante à Epicuro, & Eliogabalo,
que todo o seu cuydado era o corpo,
& alma nada. Em breves palavras os
definio S. Prospero, dizendo, que es-
tes vivem segundo o seu appetite, &
não segundo a ley de Christo. *Vivunt
secundum se ipsum*: os quais, com algu-
ma propriedade, se pòdem contar no
numero daquelles, que S. Paulo cha-
mã inimigos da Cruz de Christo, po-
is sendo Christãos, o não parecem,

PASA

P A S S O X

Para o Ceo.

VIDA RELIGIOZA.

O Mais certo, & mais seguro passo para o estreito caminho do Ceo, he a vida Religioza, porque, he a mais côforme à vida de Christo Nosso Salvador, & sua morte de Cruz, porque hum Religiozo perfeyto, ha de viver como morto ao mundo, & todas as suas esperanças haõ de ser como de hum homem Crucificado, que tem por preceyto, o que os mais seculares tem sò por conselho. E estes são os de quem S. Paulo diz: *Qui autem Galat. sunt Christi, carnem suam crucifixerunt 5.24. cum vitijs, & concupiscentijs suis.*

Alem disto, a vida Religioza, não he invenção de homês, mas de Deos.

U

&

& sua Mãe Santíssima; porque as couzas substanciais de seus institutos, & modo de proceder, as revelou à seus fúdadotes, & estão approvadas pela Igreja. E huma das partes principais, ou a mayor, & melhor parte da Igreja Catholica, são as Religiões, adornadas de tãtos Santos, & illustres varões, que como estrellas no firmamento resplandecem no Ceo da Igreja.

A razão fundamental de tudo he; porque o Religiozo, que deyxou o mundo pela Religião, como porto seguro do mar desta vida, se obrigou a procurar a perfeição por meyo dos tres votos, Pobreza, Castidade, & Obediencia, pelos quais renuncia; não sò todas as riquezas da vida, mas os deleytes da carne, & ainda a propria vontade, com que fica prompto para caminhar sem estrovo, pelo caminho estreito do Ceo; porque nenhuma

ou-

outra couzã he a vida Religioza, se
naõ huma estrada para a gloria.

Summamête accredita a vida Re-
ligioza, o quanto a Soberana Virgem
a procurou sempre introduzir na
Igreja; porque de todas foy sempre
naõ sò Padroeira, mas Authora. A
Religiaõ dos Servitas, à de S. Bruno,
à Premonstratence, à do Monte Oli-
vete; à de Nossa Senhora da Mercè,
& Redempçaõ de cattivos, deo Nos-
sa Senhora o habito, & as regras. A de
S. Domingos deo o habito, & fez in-
finitos favores; & à do Carmo deo o
habito, & mais o nome. E à de Cister,
naõ sò lhe deo o habito, & prometeo
ser Patrona da Ordẽ; mas appareceo
ao Biato Frey Henrique, vestida no
seu habito. E a este modo todas as Or-
dens Religiozas, & seus fundadores,
forão favorecidos, & illustrados des-
ta soberana Mestra na forma de seus
institutos. E de Santo Ignacio Fúda-
Tij dor

dor da cõpanhia de JESU, se cõta na sua vida, que no tempo em que escrevia as constituições, o visitara a Senhora perto de trinta vezes. Sêdo pois a vida Religioza revelada por Deos, & approvada por sua Mãe Santíssima; quem pôde duvidar, que os que por ella caminhão, tem dado feliz passo no caminho do Ceo.

Da excellencia do estado Religiozo escreveo o P. Plati hum grande volume. S. Bernardo em poucos periodos disse tudo, quanto se pôde dizer: *Altissima est professio vestra: celos transit, par Angelis, Angelicæ similis puritati; non enim solum novistis omnem sanctitatē, sed omnis sanctitatis perfectionem, & omnis consummationis finem aliorum est servire Deo: vestra adhaerere Deo.* Quer dizer: Altissima he a vossa pro fizaõ: sobrepuxa sobre os Ceos: parece ele com a dos Anjos, & he semelhante à pureza Angelica; porque não

sò professais toda a santidade, mas toda sua perfeição: aos outros pertence servir a Deos, & a vòs estar sempre unidos com Deos. E logo mais abayxo a crecenta o Santo: *Quo vos nomine dignius appellem, nescio: homines caelestes, an Angelos terrestres?* Não sey como vos chame, se homens celestiais; ou Anjos terrestres.

Tudo se deve acommodar com mayor razão às Religiozas, que na vida seguem os mesmos passos do cordeyro de Deos, que esperaõ seguir no Ceo; porque vivendo na terra sepultadas nos corpos, suas almas estão despozadas com Christo; & longe estão de caminhar pelo caminho espaçozo do Inferno, as que caminhaõ pelo caminho estreito do Ceo.

Tambem he vida Religioza, a vida dos sacerdotes, ainda que não viaõ em clausura; porque o poder, de celebrar os Divinos mysterios, consagrar,

310 *Eleyção*
 grar, & tratar o corpo de Christo;
 benzer, perdoar peccados, & mais
 actos de Religiaõ, que exercitaõ, sup-
 poem vida não sò Religioza, mas An-
 gelica. E subindo a taõ alto grao o
 mais alto, q̃ ha na Igreja taõ vizinho
 ao Ceo, & taõ perto de Deos; quem
 duvida, tem dado grande passo no
 caminho do Ceo,

P A S S O X

Para o Inferno.

V I D A D I S S O L U T A

N Aõ he a questãõ daquelles, que
 postos huma vez no caminho
 do Ceo, que he a vida Religioza, dey-
 xaraõ sem cauza sua primeyra voca-
 çãõ; porq̃ a esses, tem já Christo da-
 do a sentença na parabola do que co-
 meçou a edificar, & não pòde con-
 summar: *Hic homo cepit edificare, &*

Luc.

13.

30.

non

Entre o bem, & mal eterno. 311

non potuit consummare. Fallo daquelles, de quem falla S. Prospero, que presumem viver juntamente vida Religioza, & mais secular: *Illos dico, qui ex pristinis moribus nihil abjiciunt, & sermone tantum sæculo renuntiassent contenti, seculariter vivunt.* A vida semelhante chama S. Bernardo Quimera, & vida monstuoza: *Clamat ad vos vita monstrosa, & quædam chimera,* porque sendo a vida Religioza, vida de perfeição, & de homões, que renunciaraõ o mundo, & suas pompas, querer viver ao geyto do mundo, & mais da Religião, são contradictorios, que se não pôdem unir.

Santo Thomas, & mais Theologos dizem, que a vida Religioza em tal forme he vida de perfeição, que o Religiozo, que não quer aspirar à perfeição, não està em estado de salvação. S. Jeronymo diz o mesmo: *Perfectum esse nolle, delinquere est.* Como he

he possível logo concordar a vida Religioza juntamente com a secular. Santo Agostinho diz, que assim como não vio meliores, que os que na Religião vivem vida Religioza; assim não vio peyores, do que aquelles, que na Religião vivem vida de seculares: *Quem ad modum meliores non vidi, quam qui in Religione profecerunt; ita peiores non vidi, quã qui in Religione defecerunt.* Como se ha de logo crer, que os tais caminhão pelo caminho estreito do Ceo, por onde só caminhaõ os verdadeyros, & perfeytos Religiozos?

E que se ha de dizer dos sacerdotes, cuja vida també he Religioza? S. João Chrisostomo tem para si, que dos sacerdotes, os menos saõ os que se salvão. & que os mais se condenaõ. *Non arbitror, inter sacerdotes multos esse, qui salvi sunt, sed multo plures, qui erunt.* Não he sentença de fé, mas sen-

sendo de tal Santo, pôde ser de grande temor, para os que dezejaõ salvar-se. A razão disto bem se deyxã entender; porque sendo o estado sacerdotal de taõ alta perfeição, não via o Santo em muytos aquella vida, que para taõ alto estado se requer.

E se hum sacerdote quer conhecer, porq̃ caminho vay; considere, o como satisfaz ao preceyto do Officio Divino, & como celebra o sacrificio da Missa; & sirvalhe de exemplo o mau exemplo de Judas. Para significar Christo aos Apostolos, estando à meza, quem era o traydor, disse: Aqui està commigo à meza a mão do que me ha de entregar: *Ecce manus tradens me, mecum est in mensa*; como se disse: *Luc. 21.* A mão està na meza; mas o sentido està no dinheyro, pelo qual me ha de vender. O sacerdote, que tem só a mão no altar, & o sentido na esmola; que se não fora a esmola, não celebraria,

ria, he final que não celebra por celebrar, se não por viver.

Outros dous finais acrescentou o Senhor, dizendo: Aquelle que mete a mão no prato com migo, & eu lhe meter na boca huma çopa de pão, esse he o traydor. Todos os Apostolos fazião o mesmo; porèm Judas com má conciencia, & muyta immodestia. Pois conforme à conciencia, com que o sacerdote chega ao altar, conforme a modestia, aceyo, & attenção com que diz Missa, conhecerà o caminho, que leva. Alem destes finais accrecenta o Evangelista, que assim como Judas acabou de receber o Sacramento, logo

Joan.

13.

30.

sahira para fòra: *Cum ergo accepisset ille bucellam, exivit continuo.* O sacerdote que acabando de celebrar logo sahe para fòra, ou vay logo como Judas a seu negocio, sem dar graças a Deos, como fazem os sacerdotes devotos; não he bom final. Perto está do

ou-

ouvir a ameaça de Christo: *Vae homi-
ni illi!* E porventura que esta será a ra-
zaõ, porque S. João Chrysostomo se
persuadio, que dos sacerdotes os me-
nos são os que se salvão.

*Epilogo do que fica dito nesta ter-
ceyra parte.*

E Is-aqui, Pio Leytor, os passos
que costumão dar os Viandan-
tes, que desta vida caminhão para a e-
ternidade. Se queres saber, a qual dos
dous caminhos se dirigem teus pas-
sos: se ao espaçozo da perdição, se ao
estreyto da salvação, faz a considera-
ção, que faz Santo Ignacio na Medi-
tação, que chamaõ das Bandeyras.
Considera os dous caminhos, largo,
& estreyto. Pelo estreyto vay Christo
com a Cruz; & atraz delle todos os
que

que nesta vida se conformarão com sua vida, & seguirão suas pizadas. Pelo caminho largo vay. Sathanas, com todos os que nesta vida seguirão sua vontade, & não se conformarão com a Cruz de Christo.

Supponde, q̃ pelo caminho largo, por onde Christo diz entrão muytos, não vão sòmente os Gentios, & Hereges, mas tambem muytos Christãos; & que destes não são sò os ladrões, os homicidas, & adulteros, mas muytos daquelles, que cometerão os mesmos peccados, que vós fizestes. Voltay logo o pensamento ao caminho estreito por onde Christo caminha acompanhado dos mais predestinados, & vereis, que não são sò os Martyres, nem sò os Santos Cannoizados os que vão por esse caminho, mas tambem os observantes das leys, os tementes a Deos, os devotos, & amigos de frequentar os Sacramentos

os

Entre o bem, & mal eterno. 317

os que facilmente perdoão as injurias, os q fogem das occasiões do peccado, os humildes, & misericordiosos, os q mortificação as suas payxões. E se achares, que não sois do numero destes; por serem outros vossos passos, tende por certo, que caminhaes pelo caminho largo da perdição; porque Christo diz, que para a eternidade não ha mais que estes dous caminhos, & todos quantos caminhos fingires, todos haõ de vir a dar nestes dous.

E se quizeres outros finais para vosso desengano mais meudos, lede o livro, que intitulação: *Guia para tirar as almas do caminho espaçozo da perdição*, que de francez traduziõ em Portuguez o Padre Francisco de Mattos da Companhia de JESU, o qual todo se comprehende neste Syllogismo:

Andar pelo caminho espaçozo da perdição, he viver segundo

os

os appetites da carne. Vós viveis
assim, ou tēdes razões, para cuy-
dar, que assim viveis. Logo ten-
des razão para cuydar, que hi-
des pelo caminho largo da per-
dição. Pelo que se vos quereis
salvar, deveis tomar logo o ver-
dadeyro caminho.

**ELEY.**



E L E Y Ç A M.

Entre o bem, & mal eterno.

P A R T E IV.

*MOTIVOS PARA ACERTAR
no caminho estreito do Ceo, & evitar
o caminho largo do Inferno.*

PROEMIO.



ESTA vida toda cõsta de
doudos, & prudêtes, sig-
nificados nas dez Vir-
gens do Evangelho, sin-
co loucas, & cinco pru-
dentes. Os doudos todo o seu trato
he

he em Babilonia: os prudêtes em Siao
 os doudos caminhando pelo caminho
 espaçozo, vão parar na mesma Babilo-
 nia, porque o seu caminhar, como diz
Ps. 11. David, he em circulo: *In circuitu impij*
9. *ambulant.* Os prudentes que cami-
 nhão pelo estreito, vem a parar na ce-
 lestial Jerusaleem.

Para evitar o caminho errado, &
 acertar com o verdadêyro, bastante
 motivo era a consideração do que fi-
 ca dito nas tres partes deste Tratado;
 mas como o Espírito Santo uza da-
 quelle termo de pôr huma, & outra
 coiza na nossa eleyção: *Ad quod vo-
 lueris porriges manum*; proporey nesta
 quarta parte alguns motivos, & docu-
 mentos, para acertar prudentemente
 na eleyção destes dous extremos; pa-
 ra q não succeda sermos do numero
 daquelles, que por se não privarem
 dos gostos desta vida, se condemnão
 aos tormentos da outra. A estes chama-
 Sa-

Entre o bem, & mal eterno. 321

Salamaõ, & o Ecclesiastico doudos, & imprudentes; porque sò os que se sabem salvar, merecem o nome de sabios, & prudentes. Perguntarão hum dia a S. João de Deos, qual de dous letrados de grande nome, que havia em Granada, lhe parecia mais sabio? Respondeo o Santo, que aquelle, que melhor se foubesse salvar; porque elle sò a este tinha por sabio.

DOCUMENTO I.

Amor Santo de si mesmo.

ENtre as couzas sublunares a obra mais prima, q̃ sahio das mãos do summo Artifice, he o Homem. Com razão disse David, que era pouco menos, que os Anjos: *Munus est ei paulo minus ab Angelis*: por ser feyto 6. à imagem, & semelhança de Deos: Q corpo foy fabricado com huma mara-

X

vi-

vilhoza arquitetura: a alma dotada de razão, de juizo, de discurso, de memoria, & de vôtade; capaz de todas as sciencias, artes, & industrias; & sobre tudo, capaz da graça, & da gloria immortal. E pois hum objecto como este não deve ser amado? Saybamos nós ordenar bem nosso amor proprio; porque assim como o amor desordenado, & condemnado pelos Santos, he grande cauza da nossa perdição; assim o amor proprio bem ordenado, pôde ser grãde motivo da nossa salvação. E porque no homem ha duas partes, corpo, & alma; fallaremos de cada huma em particular, para mayor distincão

§. I.

Amor do corpo bem ordenado.

Para que o nosso corpo não seja impedimento para o caminho da salvação, o devemos tratar com amor &

& não com mimo. O mimo he o que lhe faz o mal, & não o amor. Ha de ser este amor, da forte que o Espirito Santo, & os Santos Padres dizem, que ha de ser o amor do Pay para com o filho, que ama. Huma couza he criar com amor, outra com mimo: criar o filho com amor, he virtude: cria-lo com mimo he vicio.

O pay que ama o filho, castiga-o, quando erra: vigia sobre elle: não lhe permite liberdades: reprime-lhe os impetos da natureza; & este he o verdadeyro amor paterno; porque o que o deyxar à vontade, está muy longe de o amar, & muy perto de o perder. Eis-aqui pois qual ha de ser o amor do nosso corpo, para ser amor; reprimi-lhe os impetos da ira, & inclinações da carne: fugir do mimo, & de demasiado regalo: castigar a carne com o jejum, & com a disciplina, porque assim como o pay, que não castiga o

X ij

filho,

filho , não o ama ; assim o que não castiga o seu corpo , o não ama.

Aristoteles diz, que importa criar os filhos ao frio , & ao Sol, para que sayão robustos; porque a criação mimosa enfraquece os nervos do corpo , & debilita as forças do espirito. Por isso os que de moços se criaraõ com mimo, de ordinario sahẽm deliciozos, & deshonestos. Saõ como a vide , que não he podada , que tudo he vecejar, & luxuriar. Testemunha seja o mais viciozo , & luxurioso Rey de Israel, que se lê nas divinas letras , Salamaõ. Elle mesmõ diz , o criara sua Mãy com todo o mimo, & regalo: que muyto logo , sahisse taõ deshonesto? Havemos de amar nossa carne viva, da sorte que amamos a morta. A carne morta, para que se não perca, salgamo-la; porque depois de perdida, por mais sal, que lhe lancemos, nada aproveyta.

veyta. Se amamos nossa carne com verdadeyro amor, havemola de salgar com o sal da mortificação, & mais preservativos, antes que se corrompa com os vícios da mocidade, porque huma vez perdida, perdida fica para sempre, & o Espírito Santo diz, que a corrupção do corpo faz mal à alma.

Corpus enim, quod corrumpitur, aggravat animam. Sap. 9. 15.

Moyfés repetindo os beneficios, que Deos tinha feyto a seu povo à vista de sua ingratidão, disse, que depois de fartos, & gordos, logo deyxaraõ a Deos: *Incrassatus est dilectus, & Dent. recalcitravit: incrassatus, impinguatus, 32. dilatatus dereliquit Deum factorem suum.* 15. Destes se pôde dizer, que amavaõ tanto seus corpos, q̃ não tinham delles outro cuydado, mais que engordallos. O que mortifica o seu corpo, he o que o ama. Porventura quando a Igreja nos manda jejuar, a fim de
ma-

mãcerarmos com a abstinencia os corpos, he porque nos não ama? O Medico, que prohibe ao doente todo o manjar nocivo, he por odio, que tem ao enfermo? O pay que açouta o filho: o Senhor o escravo: o Mestre o discipulo, não he por amor? Deos

Apec.

3.19.

Nosso Senhor não diz: *Quos amo, argo, & castigo.* Eu reprehendo, & castigo os que amo? E S. Paulo não diz,

Heb.

12.6.

que só aos que são filhos açouta? *Flagellat autem omnem filium?* Pois se este he o modo, com que trata Deos os q̃ ama, como podeis vós amar o vosso corpo, se nunca o castigais? Quem assim trata o seu corpo com mimos,

& regalos, tão longe está de o amar, que antes o aborrece. He em termos o que disse o Espirito Santo, do pay a

Prov.

13.

24.

respeyto do filho: *Qui parcit virgæ, odit filium suum: qui autem diligit illum, instanter erudit.* O pay que não açouta o filho, não o ama, mas antes o abor-

rece;

Entre o bem, & mal eterno 3 27
rece; & fò aquelle o ama, que o castiga.

Chegase a isto, a necessidade grãde, que temos de castigar nossos corpos, se nos não queremos condenar. Ouyi o que diz S. Paulo: Eu sey, que em meu corpo não ha couza boa: *Scio enim, quia non habitat in me, hoc est in carne mea, bonum.* E que fazia o Santo Apostolo com esta consideração? Elle o diz: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo: ne forte cum alijs prædicaverim, ipse reprobus efficiar.* Castigo meu corpo, porque não succeda, que prègando eu aos outros, que não vivão segundo a carne: *Debitores sumus non carni;* no cabo venha eu a condemnarme. Tanto como isto importa a mortificação da carne.

A exemplo de S. Paulo, são innumeraveis os exemplos, de que estão cheyas as historias Ecclesiasticas. Hum S. Simão Estellita trinta annos fo-

mãcerarmos com a abstinencia os corpos, he porquê nos não ama? O Medico, que prohibe ao doente todo o manjar nocivo, he por odio, que tem ao enfermo? O pay que açouta o filho: o Senhor o escravo: o Mestre o discipulo, não he por amor? Deos

Apoc.

3.19.

Nosso Senhor não diz: *Quos amo, argo, & castigo.* Eu reprehendo, & castigo os que amo? E S. Paulo não diz,

Heb.

12.6.

que só aos que são filhos açouta? *Flagellat autem omnem filium?* Pois se este he o modo, com que trata Deos os

q̃ ama, como podeis vós amar o vosso corpo, se nunca o castigais? Quem

assim trata o seu corpo com mimos, & regalos, tão longe está de o amar, que antes o aborrece. He em termos o que disse o Espirito Santo, do pay a

Prov.

13.

24.

respeyto do filho: *Qui parcat virga, odit filium suum: qui autem diligit illum,*

instanter erudit. O pay que não açouta o filho, não o ama, mas antes o abor-

rece;

-557-

Entre o bem, & mal eterno 3 27
rece; & sô aquelle o ama, que o castiga.

Chegase a isto, a necessidade grãde, que temos de castigar nossos corpos, se nos não queremos condenar. Ouyi o que diz S. Paulo: Eu sey, que em meu corpo não ha couza boa: *Scio enim, quia non habitat in me, hoc est in carne mea, bonum.* E que fazia o Santo Apostolo com esta consideração? Elle o diz: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo: ne forte cum alijs prædicaverim, ipse reprobus efficiar.* Castigo meu corpo, porque não succeda, que prègando eu aos outros, que não vivão segundo a carne: *Debitor es sumus non carni;* no cabo venha eu a condemnarme. Tanto como isto importa a mortificação da carne.

A exemplo de S. Paulo, são innumeraveis os exemplos, de que está o cheyas as historias Ecclesiasticas. Hum S. Simão Estellita trinta annos
fo-

sobre huma columna ao sol, & a chuva
vestido de celício: S. Tiago enerra-
do em hum sepulcro: Santo Euzebio
com huma corrente ao peçoço preza
na terra, para não poder olhar para o
Ceo: S. João Guarino sete annos ar-
rastando pelo chaõ, comendo erva,
como besta, & innumeraveis Ermi-
tões pelas covas, cujos corpos mais
pareciaõ mortos, q̃ vivos. E finalmẽ-
te, todos quantos Santos confesores
estão no Ceo, tratarão nesta vida seus
corpos como escravos, & com esse ri-
gor mostrarão, que os amavaõ com
verdadeyro amor. Porque se amar he
querer bem, com essas penas merece-
rão a gloria, que esses corpos depois
de resucitados haõ de gozar nos qua-
tro dotes, que chamão gloriozos. O
Santo Job, cujo corpo era huma cha-
ga, & huma reçoção de dores, se
consolava, sabendo, que depois de re-
sucitado, havia de ser revestido seu
cor-

Entre o bem, & mal eterno. 329

corpo d'esses dotes gloriozos: *In novissimo die de terra surrecturus sum: & rursum circūdabor pelle mea, & in carne mea videbo Deum meum.* E se com as penas, & dores desta vida merecem os justos a gloria de seus corpos no Ceo, q̃ mayor bem lhe podiaõ dezer? Mortificando-os os amão; & este he o amor bem ordenado, & motivo para escolher o caminho do Ceo, & evitar o do Inferno.

§ II

Amor da alma propria.

A Mar a alma, he amar a salvação: perder a alma, & perder a salvação tudo he a mesma couza; porque se amar não he outra couza, que querer bem; assim como o que mortifica as demazias do corpo, o ama pelo bem da gloria, que lhe grangea: assim o
que

que mortifica as payxões da alma, a ama pelo bem da salvação, que lhe alcança. Dissemos, que o amor do corpo para ser bem ordenado, havia de ser como he o amor do pay para com os filhos, que ama. Agora digo, que ha de ser o amor da alma como o amor do pay para com as filhas. Havemos de ter das nossas almas o mesmo cuidado, que tem o pay das filhas, para que senão percaõ.

Não encareceo pouco S. João Chrisostomo este cuidado, em dizer, que se haviaõ de tratar as filhas como as meninas dos olhos. He esta fême-lhança mûy propria, & praticada na Sagrada Escriptura, assim para o cuidado, como para o encarecimento do amor. *Custodi me ut pupillam oculi*: dizia David a Deos. *Qui enim tetigerit vos, tangit pupillam oculi mei*: disse Deos dos Sacerdotes pelo Profeta Zacharias.

ps. 16.
8.

Zach.
28.

A

A primeyra advertencia, que se offerece na criação das filhas, he a guarda, & recolhimento; porque assim como a natureza guardou as mininas dos olhos com tantas portas, prizões das capellas, pestanas, humores, veas, & membranas; assim se devem guardar as filhas em clausura, & recolhimento, não permittindo, que sayão como os filhos fóra de caza, a passear pelas ruas, & praças, pôdo todo o cuydado para q se não percaõ.

Eis-aqui qual ha de ser o cuidado, que devemos ter das nossas almas, se as amamos. Por todo o cuydado, para que não sayão fóra de caza, isto he, mortificando as payxões naturais, que não sayão fóra com seus actos peccaminozos, ainda que sintamos os primeyros impulsos da natureza, como são da ira, da cobiça, da luxuria, como fazia o Santo Rey David, o qual diz, que em despertando de madrugada, a pri-

Pf.
100.
8.

primeyra couza, que fazia, era passar a cutello todos os peccadores da terra: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ*; isto he as rayzes de todos os peccados, que são nossas payxões, os mayores inimigos que tem as nossas almas, & as que nos levaõ para o Inferno: & claro està, que quem mata os meus inimigos, não pôde deyxar de me amar.

Colof.
3. 3.

Matar, no sentido moral, he o mesmo que mortificar; por que isso he mortificação huma morte moral de si mesmo: *Mortificatio est occisio sui moralis*; por isso chamamos aos varões Apostolicos, & perfeytos homens mortos ao mundo, o q̃ S. Paulo considerava em todo Christão: *Mortui enim estis, & vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Isto pois he a primeyra couza que deve procurar o que ama a sua alma: mortificar todas suas payxões, para que não fryão fora com

Entre o bem, & mal eterno. 333

com os seus actos, & he o mayor bem, que lhe pòde fazer ; porque assim como o que as ama tem odio a sua alma, como diz David : *Qui autē diligit iniquitatem , odit animam suam*, assim o 6. *Pf. 102* que as aborrece a ama. E esta he a primeyra couza, que S. João Chrisostomo considerou no amor do pay para com as filhas: enferrallas como as mininas dos olhos , para que não sayão fôra.

E que amando desta sorte a nossa alma, seja querer a sua salvação, o disse Christo nesta maravilhoza sentença: *Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam*: O que a- 702. borreçe nesta vida sua alma , a guarda 12. para a vida eterna. Sobre as quais palavras diz Santo Agustinho: *Si malè amaveris, tunc odisti: si benè odèris, tunc amasti*. Quer dizer: Se amares suas payxões , então tiveste odio a tua alma: se as aborreceste, então a amaste. 25.
De .

De forte, que na sentença de Christo, conforme a explicação de Santo Agostinho, o amor desordenado de nossas payxões, he odio de nossas almas, & o odio he amor, & este he o que nos assegura a vida eterna: *In vitam eternam custodit eam.*

A outra couza, q̃ tem as mininas dos olhos; he ferem a parte mais pura, & mais delicada, q̃ tem o corpo, & por isso qualquer argueyro as offende, qualquer nevoa lhes faz mal; & tendo no corpo o lugar mais superior, são as que tem mais contrarios: inimigos por dentro, & inimigos por fóra; por dentro os humores nocivos, por fóra os elementos contrarios. Eis-aqui quais são as nossas almas. Assim como são as mininas dos olhos de Deos, & queremos que como tais sejam guardadas por elle: *Custodi me ut pupillam oculi*; assim tambem nós as devemos guardar, & tratar com aquelle

quelle cuidado, zelo, & temor, com que se guardão as mininas dos olhos.

Tambem os inimigos de nossas almas são como os das mininas dos olhos; interiores, que são as más inclinações, & exteriores, que são as occasiões do peccado: assim como as mininas dos olhos, humas são de melhor, outras de menos vista; assim nas almas, huns merecerão levar almas de melhor, outros de peyor condição. O Sabio diz: *Sortitus sum animam bonam.* Sap. 8. O mesmo diz, que a Sabedoria não entrará em alma malevola: *In malevolam animam non introibit Sapientia.* Sap. 1. Aquelle, a quem Deos deo boa alma, ou boa condição, custalhe menos guardar a alma dos inimigos interiores, que são as más inclinações. Tem porém mais necessidade de mayor cuidado, para se guardar dos exteriores, que são as occasiões; porque são como a cera, que

que com qualquer calor se abrandar, & facilmente recebe a figura, que lhe querem imprimir : assim como as mininas dos olhos, que estão limpas, & sem achaque interior, não tem necessidade de diligencias internas ; mas para se livrarem do pó, ou outra qualquer inclemencia do tempo, ha mister ao menos cerrar os olhos.

Boa era a condição de Salamão, pois elle diz, acertara com huma boa alma, & melhor a de feu pay David, que era segundo o coração de Deos; com tudo, David cahio na occasião, & Salamão se perdeu nella. Não acabão os Santos de admirar a fantidade de Moyses, que criando-se no palacio de Faraõ entre Siganos idolatras, cõservasse inteysa a fé de Deos. E Samuel criando-se de idade de tres annos com os desafortados filhos de Heli, conservou a innocencia pueril até a morte; mas foy isso especial

na graça de Deos, porque como diz S. Gregorio Nazianzeno, he tão difficultoso conservar-se a boa indole entre as occasiões de se perder, como conservar-se o rio doce, entre as salgadas aguas do mar.

Então será o homem sollicito em guardar a sua alma, como as mininas dos olhos, quando procurar, que não perca a graça de Deos, que está na alma. Isto promete Deos fazer, & isto deve fazer o homem. Deos (diz o Ecclesiastico) guarda a graça do homem, como a menina do olho, *Gratiam hominis quasi pupillam conservabit.* Por tres razões (diz Corne-
lio) se compara a graça a minina dos olhos. Primeyra: porque assim como a minina do olho, representa a imagem de quem olha para ella; assim na graça apparece a imagem de Deos, por quanto he huma participação da divindade, como diz S. Pedro: *Ut per*
A Y hac 1.4

Eccle.
17.
18.

Petr.
hac 1.4

habet efficiamini divina consortes uirtute. A segunda razão he, porque as mininas dos olhos são a fermosura da cara. Arrancay as mininas dos olhos, & ficareis não só disforme, mas cego. A graça he a fermosura, & vida da alma. O que perde a graça, não só fica cego, mas morto na alma. Terceyra razão; porque o mesmo cuydado, que se tem em conservar as mininas dos olhos, se deve ter em conservar a graça, & se Deos promete conservar a graça do homem, como a minina do olho. *Gratiam hominis quasi pupillam conservabit;* quanta mayor razão tem o homem de o fazer assim. Porém o mal he, diz S. João Chrysostomo, que o homem pondo todo o cuydado, que lhe não offenda as mininas dos olhos hum argueyro, da alma nenhum cuydado tem: *Pupillam oculorum, ne minimum de datur pulvere, diligenter custodis; animam autem tuam negligis.*

A razão disto está bem clara, & he, porque amamos mais a mimma do olho, do que a graça da alma. Qual he a razão, porque Jonathas fez tantos extremos por livrar a David dos perigos de vida, em que andava, quando Saul o perseguia, se não o que a Escriptura diz, que amava Jonathas a David, como a sua alma: *Et dilexit eum* 1. Reg. 18.1. *Jonathas quasi animam suam?* Qual he a razão porque temendo Jacob a ruina de sua familia no encontro que teve com Esau, deixando os mais no perigo, afastou de elle a Rachel, & Joseph, se não porque são os mais amados? Se nós amamos nossas almas com amor da nossa salvação, nêas guardariamos dos perigos de as perder com o mesmo, & maior cuidado, do que guardamos as mimmas dos olhos. Este amor pois bem ordenado assim do corpo, como da alma, não pôde servir de meio, para nos mover a

340 *Eleyção*
procurar o negocio da salvação, pelo
estreito caminho do Céo, & evitar o
espaço do Inferno.

DOCUMENTO II.

*Na estimação, que fizermos das nossas
almas, depende o amor, que lhe
devemos.*

HE filosofia verdadeyra, que ne-
nhuma couza póde ser amada,
sem ser primeyro conhecida, como
diz o infallivel proloquio: *Nihil volu-
tum, quin præcognitum*. Toda a razão,
porque amamos tão pouco nossas al-
mas, que a cada passo as pomos a peri-
go de se perderem, he porque não fa-
zemos consideração do que são. Na-
queella alma Santa dos Cantares te-
mos hum bom exemplo. *Si ignoras te,*
1.7. opulcherrima inter mulieres, & grede-
re, & abi pastus est gregum. Quer di-
zer

zer: Se te não conheces, o alma Santa, vay, & segue as pizadas de teu tebanho; & foy o mesmo que dizer conforme o sentido de Santo Agustinho: Se te não conheces, se não sabes, que couza es, sendo huma alma Santa a mais fermoza entre todas as almas, vay, & segue os passos de teus brutais appetites: *Abi post vestigia gregū*; mas se te conheces, & fazes consideração, de que es huma alma Santa, outros haõ de ser os teus passos.

A este modo digo, que a cauza de hirmos atras de nossos brutais appetites, & não seguirmos os dictames da razão, com que pomos nossas almas tantas vezes a perigo de as perder, he porque as não amamos; & a razão de as não amarmos, he porque as não conhecemos. Creamos, que ha almas; mas como as não vemos com os olhos, por isso as não amamos. Vemos a fermofura do corpo com os olhos, & natural-

En Vemos a ferro-
procurar o *nos olhos da fé, & não,*
estreyto *namermos: Somos como*
tapa *o pomb prohibido fer-*
os olhos: Pulchrum oculis; &

obrigou: não fô: cõ a fé a pena,
de morte; & não bastou para a temer.

Da nonhacimento pois que tivermos
das nossas almas depende o amor, que
lhe devemos, & deste amor a nossa sal-
vação, sempre mais e mais se vai

obrigando. S. L. e. m. c. l. a.
o q. q. a. m. d. a. l. o. n. o. d. e. c. e. n. t. a. s.
Que se enhe a alma racional, segundo
a natureza da natureza.

NÃO falando das opiniões de
Pythagoras, nem de Plataõ sobre
o ser das almas, em que errarão por
falta de fé; nem tratando de outras
questões filosóficas, que não fazem
a nosso intento: basta saber, que a alma

racional he huma substância espirital
 immortal, que Deos criou como
 o principal do composto huma-
 no, & se infunde nos machos aos qua-
 renta dias da sua concepção, & nas fe-
 meas aos oitenta, conforme a melhor
 opinião. Esta alma creou Deos de na-
 da, & não he como as outras couzas
 materiais, que Deos formou dos ele-
 mentos, & depende da materia. E ain-
 da que a alma para exercitar suas o-
 perações depende do uzo das poten-
 cias, & sentidos corporais, com tudo,
 quanto ao ser depende somente de
 Deos, q' he o q' somente a pôde criar.
 Esta alma he a que dá vida ao
 corpo, & a todos os seus movimentos,
 assim organicos, como progressivos;
 esta, a que lhe dá toda a formosura, &
 se pôde dizer, que assim como Deos
 he a alma da alma, porque só Deos
 depende assim na essencia, como na
 conservação, assim a alma he a forma
 do

342 *Então* *Então* *Então*
ralmente a amamos: Vemos a fermo-
sura da alma cō os olhos da fé, & não
basta para a amarmos: Somos como
Eva, que viu o pémb prohibido fer-
moço aos olhos: *Pulchrum, oculis*; &
logo cobricou: viu só cō a fé a pena
de morte; & não bastou para a temer.
Do nascimento pois que tivermos
de nossas almas depende o amor, que
lhe devemos, & deste amor a nossa sal-
vação.

Que se en- tre a alma racional, segundo
se en- tre a natureza.

NÃO falando das opiniões de
Pytagoras, nem de Plataõ sobre
o ser das almas, em que errarão por
falta de fé; nem tratando de outras
questões philosophicas, que não fazem
a nosso intento: basta saber, que a alma

ra-

rational he huma substância espirital
& immortal, que Deos criou como
parte principal do composto huma-
no; & se infunde nos machos aos qua-
renta dias de sua conceição, & nas fe-
meas aos oitenta, conforme a melhor
opinião. Esta alma criou Deos de na-
da, & não he como as outras couzas
materiais, que Deos formou dos ele-
mentos, & depende da matéria. E ain-
da que a alma para exercitar suas o-
perações depende do uzo das poten-
cias, & sentidos corporais, com tudo,
quanto ao ser depende somente da
Deos, q' he o q' somente a pôde criar.

Esta alma he a que dá vida ao
corpo, & a todos os seus movimentos,
assim organicos, como progressivos;
esta, a que lhe dá toda a formosura; &
se pôde dizer, que assim como Deos
he a alma da alma, porque se Deos
depende assim na essencia, como na
conservação, assim a alma he a forma
do

do corpo, ou para melhor dizer do composto humano, & o distingue dos mais animais, conforme o proloquio dos Filósofos: *Actus est qui distinguit.* E finalmente o que fez aquelle espirito de vida, que Deos affoprou na face de Adão, quando fô era estatua de barro; isso mesmo faz a alma na carne de cada hum dos homês, que

Gen.2. informa. *Factus est homo in animam vi-*
7. *ventem.*

Alem disto, as duas potências entendimento, & vontade, em que maravilhozamente resplandece a fabe-doria, & omnipotencia de Deos, fummamête enobrece esta espiritual substancia. O entendimento tem por esfera tudo o que tem verdade: a vontade, tudo o que tem bondade. O entendimento, he o que tem descoberto tantos segredos, & invetado todas quantas ciencias, & artes ha, assim liberaes, como mechanicas; illustrado o mundo com

com tantos, & tão sapientíssimos varões, que floreceram em todas as idades, & o que conserva na memoria as especies de todas as ciencias, & todos os seus habitos.

A vontade, como potencia livre, he como Raynha, que governa todos os actos racionais, abraçando, ou regeytando indifferentemente conforme quer, & moralizando os actos do mesmo entendimento conforme o motivo, com que os abraça, ou regeyta. E nestas tres potencias dizem communmente, consiste o ser nossa alma imagem da santissima Trindade.

E se quizermos conhecer melhor a nobreza de sua essencia por comparação a todas as mais creaturas, a todas excede a alma racional. E se não fazey a demonstração, q para o mesmo intento fez Santo Agostinho, pelos generos de todas as substancias. Das insensiveis, tomay das pedras a
mais

mais precioza, que he o diamante, dos metais o ouro, que he o que mais se busca. Mais he a alma, porque he vivente, o que o diamante, & ouro não tem. Entray no Paraizo terreal, & consideray aquella famoza arvore, que não somente tem vida, mas se chama da vida. Mais he ainda a alma, que sobre ser espirito, tem vida racional. Passay adiante, & consideray o leão Rey dos animais, que não fò tem vida vegetativa, mas tambem sensitiva. Mais he a alma, porque tem vida racional, & a dà ao composto. Não ha logo na terra substancia alguma, que iguale à nobreza de huma alma racional. Será o mesmo, se a compararmos com as couzas do Ceo? Entre esse innumeravel numero de planetas haverá algum, q se compare com a nobreza da alma racional? Nenhum. A todos excede a alma. Nem ainda o Sol, que

q̃ he o mayor, & mais illustre de todos, tem comparação com huma alma, que sobre ser espirito, he vivente, & sobre vivente he racional; porque se como dizem os Filósofos, qual quer animalinho he mais nobre, que o Sol pelo grao de vivente, que o Sol não tem, quãto mais a alma, que sobre vivente he racional.

Sò com os Anjos pôde ter a alma alguma comparação; porque se não forão as diferenças, que chamaõ especificas, pouca ventagem vay de hum Anjo a huma alma, que he espirito vivente, & racional, como he o Anjo. Alem de que o Anjo, & a alma ambos tiverão o mesmo nascimento; porque ambos forão creados de nada, & a ambos compete a mesma razã de substancia espiritual, vivente, & racional. E se bem repararmos, mayor empenho poz Deos (a nesso modo de fallar) na creação de tantos, & tão soberanos An-

Anjos, porque os Anjos ou foram creados com aquelle acto de vontade, com que Deos creou o Ceo, & a terra, como dizem os mais dos Exposito-

Gen. 1. res, ou com aquella palavra: *fiat lux*;

2. como querem outros. Porém quando Deos creou a primeyra alma racional, diz, que arrancara Deos de seu espirito hum assopro, & o imprimira na face de Adão: *Inspirabit in faciem ejus*

Gen. 2. *spiritulum vitae.*

7. E he muyto de notar, que convertendo Deos no mesmo instante aquella estatua de terra em carne, só faça o Historiador sagrado menção da criação da alma, & nada da conversão em carne: para que entendamos, que do composto humano, só da alma he, que se ha de fazer cazo, & não da carne, porque em fim a terra, que então se converteo em carne, ha de vir tempo, em que se ha de tornar em terra, que dantes era. O que não ha na alma,

ma,

Entre o bem, & mal eterno. 349

ma, que como he espirito immortal, sempre ha de ser a mesma, que he.

Sendo pois a alma racional (ainda segũdo o ser da natureza,) huma substancia tão nobre, & de tanta estimação, não he razão, que seja de nós muyto a mada? Não he fõra de toda a razão, polla a perigo de se perder? Aquelle thesouro, que achou no campo o mercador do Evangelho, o tornou a esconder, por não se perder, como notou S. Gregorio: *Thesaurus absconditur, ut servetur*. Thesouro em vaso de barro chama S. Paulo a nossa alma: *Habemus autem thesaurum istum* 2. Cor. *in vasis fictilibus*. Pois assim como o 4.7. que poem o thesouro no campo, o poem a risco de se perder; assim o homem, que não guarda, & vigia a sua alma, a poem a risco de se perder. E assim como o que não faz cazo do thesouro, he final, que o não ama, nem faz delle estimação, assim o que poem sua

flua alma a perigo de se perder, he final, que a não ama, nem faz della estimação.

§ II

Da alma, segundo o ser da graça.

SE esta he a estimação que devemos a nossas almas segundo o ser natural, qual deve ser a nossa estimação, segundo o ser da graça? He a graça huma qualidade sobrenatural inherente na alma, em que consiste a formal justificação do peccador, como definio o Concilio Tridentino. Ella he a que dà vida sobre natural a nossas almas, & as faz gratas a Deos: & sem ella nenhuma obra de virtude tem merecimento; & por isso se chamão obras mortas as que se fazem em peccado mortal; assim como tambem a alma sem graça, está morta em qua-

to ao ser sobre natural. Com esta graça tem a alma direyto ao Reyno dos Ceos, & se lhe devem os habitos de todas as virtudes sobrenaturais, pelas quaes a alma se une a Deos. E nesta graça, & mais virtudes consiste toda a fermosura da alma. Tudo isto he conforme ao que a se ensina, & os Santos Padres, & mais Theologos explicão.

Assim como a fermosura corporal consiste na perfeyta simetria das partes do corpo, assim a fermosura da alma, consiste na perfeyta união das virtudes. E assim como faltando a alma ao corpo, toda a fermosura se perde; assim faltando a graça, que he a alma da alma, toda essa fermosura se perde. Ainda na mesma alma ha duas fermosuras, huma natural da mesma alma, outra sobrenatural da graça. Porém a que leva os olhos, & o coração de Deos, não he a natural, não

353 *Eleyção*
a sobre natural da graça. Duas vezes
na mesma occasião chamou o Divino
Esposo fermosa a alma Santa dos Cã-

Cant. *tares: Ecce tu pulchra es amica mea: ecce*
1.14. tu pulchra es; porque duas são as fer-
mosuras, que nella admirava, huma
natural da alma, outra sobre natural
da graça; & aos olhos, & coração do
Divino Esposo, que he Christo, não
agrada tanto a fermosura natural,
quanto a sobrenatural da graça.

He Theologia certa, q̃ o effeyto
formal da graça he dar a alma Santi-
dade, & fermosura: a alma fermosa, he
a alma Santa. A toda aquella magesta-
de de vestes pontificais, que Deos
mandou fazer para o summo sacerdo-
te Aarão, chamou Deos, veste Santa
Exod. para gloria, & fermosura. *Facies que*
28.2. vestem Sanctam Aaron fratri tuo in
gloriam, & decorem. E na lamina de
Ibid. ouro mandou escrever; *Sanctum Do-*
v.36. mino: Santidade para Deos. E accrece-
ta

o Ecclesiastico , que não vira
couza mais fermoza. *Si pulchra ante
ipsum non fuerunt talia usque ad origi-
nem.* E claro está, que sendo tudo sím-
bolo da Santidade, o havia de fer tam-
bem da fermosura; para que entenda-
mos, que a mesma forma, que Santifi-
ca a alma, essa a fermozea.

E se esta he, a fermosura da graça
santificante, qual será, a que cauzão
as mais virtudes sobrenaturais q̃ or-
naõ a mesma alma? Claro está, que de
todas he a mesma razão; & principal-
mente das Theologais, Fè Esperança,
& Caridade, que necessariamente a-
companhaõ a graça; porque assim co-
mo com ellas a alma he Santa, assim he
mais fermoza. *Ego mater pulchræ dile-* Eccli.
ctionis, & timoris, & agnitionis, & Sã- 24.
et spey: diz a Sabedoria de Deos. Eu 24
lou mãy da Caridade fermoza, da Fè,
& da Santa Esperança, O que louva
nestas tres virtudes he a fermosura, &

Z

mais

Eccli.
44. 6.

mais a fãntidade, não só pelo que ellas tem em si de fãntidade, & de fermosura, mas pela que communicãõ à alma, que està em graça. Estes são os verdadeyros amantes da fermosura, que diz o Ecclesiastico. *Homines divites invirtute, pulchritudinis studium habentes.* E sendo esta a alma com a graça, quanto deve ser estimada, quãto amada de nós? Quem procura conservar a graça de Deos, esse he o que ama a sua alma; porque o que não repara em perder a graça por qualquer respeyto humano, pouco cazo faz de sua salvação; & se a fermosura do corpo tanto nos engana, & rouba o coração, quanto deve render nossos corações a fermosura da alma.

§ III.

A alma racional no estado da culpa.

A Alma no estado da culpa, posto que está fôra da graça de Deos, não está fôra de sua misericórdia, por que ainda a ama com aquelle amor, com que ama o predestinado em peccado, a que os Theologos chamão amor de ordem, porque ainda lhe quer o bem da gloria, para a qual o predestinou. Esta misericórdia devemos nos ter de nossas almas, no estado da culpa, como o Espírito Santo nos encomenda: *Miserere animæ tuæ, placens Eccle. 1. Deo*; porque se objecto da misericórdia he a miseria, não se pôde considerar mayor, nem mais digna de compayxaõ, que huma alma em peccado mortal.

Hum só peccado mortal basta pa-

Z ij

ra

ra privar a alma da graça, & caridade de Deos, para deſterrar della o Eſpírito Santo, para perder o direyto ao Reyno dos Ceos, para deſpojalla de todos os merecimentos adquiridos pelas boas obras, para fazella indigna da divina proteccaõ, & para fazella de filha, de Deos eſcrava do demonio; condenada a eternos tormétos na outra vida, & neſta a quantos infortúnios ſe padecem; de fomes, peſtes, & guerras; porq̃ não ha mal algum, que não tenha ſeu principio de algũ peccado: & o q̃ inficionou o genero humano, teve origem do peccado de Adaõ.

Job.
19.
21.

Conſideremos a noſſa alma no eſtado da culpa, da forte que eſtava o Santo Job todo huma chaga, & que como elle vos diz: *Miferemini mei, miſeremini mei ſaltem vos amici mei.* Têde compayxaõ de mim ao menõs vòs, que ſois meus amigos. E que a migos
mais

mais intimos, que as nossas almas? Pois ouvi o que o Espirito Santo vos diz: *Miserere animæ tuæ*: tende compayxaõ de vossa alma. A primeyra esmola, que fizeres, ha de ser a vós, diz Santo Agustinho: *Qui vult eleemosynam ordinate dare, à se ipso debet incipere*. E S. Bernardo diz o mesmo. *Primus pietatis gradus est, de quo scriptum est: Miserere animæ tuæ*. A piedade verdadeira começa por si. A miseria, em que està vossa alma, està em primeyro lugar: esta he a esmola a vós mais proveytoza, & a Deos mais agradavel: *Placens Deo*.

Destá mesma sentença uzou o mesmo Santo, para cõverter o Conde A-Istulfo, que havia morto sua mulher, dizendo-lhe: Já que não tiveste compayxaõ de tua mulher, tem agora compayxaõ de tua alma: *Miserere animæ tuæ*: foste homicida de tua mulher, não sejas homicida de ti mesmo. E está

ta fazaõ foy bastante , para deyxar o
Cõde n mudo. Está a vossa alma mor-
ta pelo peccado, & a risco de ser leva-
da à sepultura do Inferno: pois *Misere-*
re animæ tuæ: tende cópayxaõ de vos-
sa alma. Na vossa mão està refucitalla
cõ hum verdadeyro acto de cótriçaõ.

Quem haverà , diz Christo Se-
nhor Nosso , q cahindo-lhe hum boy
ou hom afno em huma cova, não trate
logo de o tirar , ainda que seja em dia
Santo: *Cujus vesperum a finis , aut bos in*
puteum cadet , & non continuo extrahet
illum die sabbati? E que se dirà do que
ve a sua alma no profundo do pecca-
do, a risco de cahir no poço do Infer-
no, & não lhe dà a mão? S. Carpo em
huma visão vio , que estavaõ dous
peccadores na boca do Inferno para
cahir, & quando levado do zelo espe-
rava, que cahissem, vio a Christo, que
decendo do Ceo, lhes dava a mão, pa-
ra que não cahissem. Christo sempre
està .

Luc.

14.5.

está prompto para nos dar a mão: só espera pela nossa, para não cahirmos no Inferno; porque, como diz Santo Agostinho, Deos para nos crear não teve necessidade da nossa mão; mas para nos salvar, quer que tambem nós estendamos a mão. *Qui fecit te sine te, non salvabit te sine te.*

Para satisfazer dignamente por hum peccado mortal, não basta o poder de quantos Santos estão no Céo: só Christo com seus merecimentos infinitos o pôde fazer. Porém, para a limpar a alma desse peccado, vós mesmo o podeis fazer. Com a mesma facilidade, com que perdeste a graça, a podeis recuperar cõ hum verdadeyro acto de contrição. E qual pôde ser a razão de o não fazeres assim, se não a que dà S. Bernardo: falta de compayxaõ propria: *Magna revera malitia est, tui non misereri.* E quem não ha bom para si, para quem será bom? *Qui sibi*

Eceli. sibi nequam est, cui alij bonus erit?

14.5. Agora ouvi, como Santo Agusti-
nho conclue este ponto. Deos te està
rogando, que tenhas misericordia da
tua alma: *Miserere animæ tuæ. Audia-*
mus illum, dum rogat ; ne nos postea non
audiat, dum judicat. Quer dizer: Ou-
çamos agora a Deos em quanto nos
roga; porque não succeda, não querer
ouvir, quando julgar. Deos te està ro-
gando, que tenhas compayxaõ da tua
alma, que està a risco de se perder, &
vòs não quereis: como ha de elle logo
no dia do Juizo ouvir às vossas sup-
plicas? *Deus te rogat, ut miserearis, &*
non vis. Quomodo te audiet in die ju-
dicij supplicante? Esta falta de miseri-
cordia para com nós mesmos, he cau-
za de nos não compadecermos do
miseravel estado de nossas almas; &
por isso as deyxamos cahir cada dia,
nos mesmos peccados, com manifesto
perigo de se perderem.

Na

Naquelle homem, que hindo de
Jerusalem para Jerico, & deo em mã-
os de ladrões, que depois de roubado,
o deyxaraõ meyo morto, diz Santo
Agustinho, & S. Jeronymo, q se sig-
nificava o peccador, assim como nos
ladrões se significavaõ os demonios.
Passaraõ por alli hum Sacerdote, &
hum Levita, & não tiveraõ delle
compayxaõ. Passou hum Samaritano,
& movido à compayxaõ, o curou, &
fez o bem, q pòde. Eis-aqui huma re-
presentação do que passa entre nós.
Os mais fazemos como aquelles dous:
vemos o miseravel estado, em que os
ladrões do Inferno tem posto nossas
almas, & passamos àvante como el-
les: *Præterivit, pertransiit*; não fazen-
do cazo. Outros, que são os menos,
fazemos como o Samaritano, compa-
decendo-nos: *Misericordia motus est*; Luc.
& tratamos da cura, applicando o ole- 10.
o, & mais vinho; isto he, o oleo da 33.
mi-

miserericórdia, & o vinho do sangue de Christo, que se applica no Sacramento da confissão, & communhão, como dizem os mesmos Santos Doutores. Os q̃ fazem como o Samaritano, são os que tem compayxão de suas almas, & por isso procurão sua cura, Os q̃ fazem como o Sacerdote, & Levita, são os que não se compadecem, & por isso não tratao do remedio, que he a confissão, ou o deyxão para o fim da vida, & por isso se perdem.

DOCUMENTO III

Que a incerteza da salvação, nos obriga a ser sollicitos, em a procurar.

P Alavra he de Christo nosso bem, que todo o que perseverar na graça de Deos até a morte, se ha de salvar. *Qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.* Porém, ninguém

Mat.
10.
22.

guem se pôde dar por seguro de sua perseverança; porque como està definido no Concilio Tridentino, não ha nesta vida certeza sem especial revelação, como Deos fez a muytos seus amigos. Pôde contudo ser de muyta consolação, o que dizem os mais dos Theologos, que a predestinação, ou reprovação, he segundo os merecimentos, ou de meritos de cada hum previstos por Deos. Se eu cooperer com a graça de Deos, como posso, & devo fazer com perseverança até a morte, sou, fuy, & serey predestinado. Se não cooperer, nem sou, né fuy nem serey. De sorte, que todo o negocio da salvação, està no nosso alvedrio, com a graça de Deos. E posto que em quanto vivemos, não estejamos certos; podemos com tudo quanto he da nossa parte, asseguraralla com as boas obras.

§ I.

Que a incerteza da salvação, nos obriga a obrar bem.

HE texto exprello de S. Pedro
 2. Pet. *Fratres, magis satagite, ut per bo-*
 1. 10. *na opera certam vestram vocationem,*
& electionem faciatis. Quer dizer: An-
 day sollicitos, para q pelas boas obras
 façais certa vossa vocação, & eley-
 ção. E desta sorte (acrecenta o San-
 to Apostolo) vos ficarão francas as
 portas para o Reyno do Ceo. *Sic enim*
abundanter ministrabitur vobis introi-
tus in æternum regnum Domini nostri
& salvatoris Jesu Christi. Porque a-
 inda que nunca nos podemos dar por
 seguros, com tudo quanto he da nossa
 parte, não podemos ter melhor segun-
 rança, que o sollicito cuydado de o-
 brar bem.

Lu-

Luthero com os mais Hereges para melhor abrirem as portas à liberdade da vida, a negarão no exercício das obras sobrenaturais, & por isso se fecharão à banda dizendo, que aquelle, que era predestinado, ou precito, sempre se havia de salvar, ou condemnar, não obstante as boas, ou más obras, que fizesse. Mas isto he herezia condenada pela Igreja; porque ainda que não estejamos certos da salvação, a perseverança nas boas obras, a assegura. Encôrrou Santo Thomas hum dia a hum desta seyta semeando trigo, & perguntou-lhe: Homem, porq̃ vos cançais em semear, se vós não tendes certeza de colher trigo? Ao que respondeo o herege: Por eu não estar certo da colheyta, he razão para que deyxé de semear? Então o Santo Doutor, valendose da resposta, o convenceo, dizendo, que não obstante a incerteza da salvação o certo era, que da

da nossa parte com as boas obras se assegurava.

Salvou-se Abel, & condenou-se Cain, porque como diz S. João, as obras de Abel são justas, & não as de Cain. *Quoniam opera ejus maligna erant, fratris autem ejus justa.* Entre tantos Reis de Israel se salvarão quatro, & todos os mais se perderão; porque sô dos quatro testemunha a Escritura, que obrarão rectamente nos olhos de Deos; & os mais seguirão os passos de Jeroboam; *Qui peccare fecit Israel*, & finalmente no dia do juizo, diz Christo: os que fizerão boas obras, resucitarão, para gozar da vida eterna na gloria; aquelles porém, q̃ fizerão más obras, resucitarão, para serem julgados para o Inferno. *Et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitæ: qui vero mala egerunt, in resurrectionem judicij.*

§ II.

§. II.

Que para acertar no caminho do Ceo,
he boa guia o receyo de o perder.

S Aõ Paulo escrevendo aos Filippenses, de quem havia noticia, que caminhavão prosperamente no caminho da salvação; para que não errassem, lhes encomenda, que no caminho da salvação caminhem com medo, & temor de errar. *Cum metu, & tremore vestram salutem operamini.* lip. 2. Nestas ultimas palavras nos mostra o Apostolo, como notaõ os Expositores, que na nossa mão està o negocio da salvação; pois nos diz, que a obremos: *Vestram salutem operamini.* Nas primeyras palavras nos diz, que havemos de proceder neste negocio, não só com medo, senão com tremor: *Cum metu, & tremore.* Sõduvi-

duvidar, que no caminho de salvação pode haver erro, he razão para temer, & tremer.

Psf. 2. Já antes de S. Paulo o haviadito David. *Servite Domino in timore: & exultate ei cum tremore.* Diz, que firmamos a Deos com temor, & louvamos com tremor. Só na palavra, temor, differe do Apostolo; porque ao que S. Paulo chama medo, chama David temor; porque são tais os perigos de errar no caminho da salvação, ainda para aquelles, que tratão de servir, & louvar a Deos, que todo o temor, todo o medo, & todo o tremor, he necessario para não errar.

Ibid. Deste medo, & deste tremor, que S. Paulo encomenda aos Filipenses tirão os Santos muy saudaveis consequencias. A principal, he a que aponta o mesmo David: *Nequando irascatur Dominus, & pereatis de via justa*: huma moral certeza de não errar

errar no caminho da salvação, porque se os que caminham sem este temor vão arriscados a perecer no caminho: *En periculis de via iusta*: os que caminham com este medo, & com este temor, moralmente vão bem encaminhados.

A outra couza diz S. João Chrysostomo, he que com este Santo medo, caminhamos com mais cuidado, & diligencia: *Pergite cum sollicitudine, & diligentia multa*. He em termos o conselho de S. Pedro, que disse: *Fratres magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis*; porque assim como o que caminha descuidado sem temor de cair, nem errar o caminho, não poem diligencia de se desviar dos perigos, nem vigilancia para fugir dos ladroens; assim os que caminham com este prudente temor, poem toda a diligencia em evitar os perigos.

Aa

On

Outra consequencia he de Santo Anselmo. Porque este medo, & este tremor, nasce da humildade, virtude propria do Christão, com que conhece, que todo o bem vem de Deos, & conhece sua fraqueza, & que sem a mão de Deos nem podemos dar passo, nem escapar dos perigos. Ea razão he muyto conforme, porque assim como da soberba nasce a audacia, com que nos metemos nos perigos, assim da humildade nasce o temor de nos mettermos nelles.

§ III.

Ad quem falta este Santo temor, está muyto arristado a cahir:

A Segurança, com que muytos peccadores vivem no meio de seus peccados, he tão perjudicial, que nessa segurança está o seu mayor perigo.

figo. S. Paulo diz, que se ha de buscar a salvação com medo, & tremor de a perder, & vós com tal confiança, como se tiveras na mão a chave do Ceo.

Ouvi o Profeta Isayas. *Fiduciam habuisti in malitia tua, & dixisti Non est qui videat me. Sapientia tua, & scientia tua hac decepit te.* Quer dizer, confiaste

na tua malicia, & essa tua segurança te enganou. Foy o mesmo que dizer: Peccaste com toda a confiança, esperando emmenda para o futuro, confiado porventura na misericordia de Deos, & no remedio da confissão, & o que peyor he, experimentando a paciencia, có q Deos te espera. Pois ouve agora o que o mesmo Profeta diz.

Veniet super te malum, & nescies ortum ejus. Virá sobre tí o mal, que não cuidavas, isto he, o mal eterno de tua condenação, quando te davas por seguro.

Quam claramente o significou

Aa ij

Chris

Christo na parábola do rico comilão;
Luc. Anima, habes multa bona posita in an-
 12. *nos plurimos.* Alma minha, dizia elle,
 19. tens muytos bens guardados para
 muytos annos. E que lhe succedeo
 nesta sua confiança? Ouvio huma
 voz, que lhe dizia: *Stulte hac nocte*
animam tuam repetet à te. Os estultos,
 esta noyte te tirarão a tua alma, para
 alcançarem no Inferno. O Espirito
 Santo está dizendo, que ninguem se
 pode dar por seguro, porque não sabe
 o homem se he digno de odio, ou de
 amor. *Nescit homo, atrum amore, an*
Eccle. odio dignus sit. E isto, dizem os Santos,
 9.14 se entende tanto dos justos, como dos
 peccadores. E se os justos, que cami-
 nhão pelo caminho do Ceo, senão de-
 vem dar por seguros, que segurança
 podem ter os que caminham pelo es-
 paço do Inferno?

Esta vã confiança tem enganado,
 & condemnado a muytos, porque segu-

ros do remédio desprezão o perigo;
 & por esta cauza nem dão por amoes-
 tações dos Confessores, nem por bra-
 dos dos Pregadores, nem por remor-
 sos da consciencia; nem por ilustra-
 ções do Ceo, & sô depois de perdi-
 dos cahem no dèzengano. Quantos
 Profetas clamaraõ ao povo de Jeru-
 salem, para que se convertesse a Deos?
Clama, ne cesses, disse Deos a Iſayas, *Iſai.*
Quasi tuba exalta vocem tuam. Cla- 58.1.
 ma sem cessar, levantando a voz como
 de tróbeta, & lembra ao meu povo os
 seus peccados; *Et annuntia populo meo*
scelerà eorum. Nada disto bastou pela
 vã confiança em que viviaõ. E que
 tirarão desta vã confiança? Dillo o
 Profeta Jeremias. *Occidit ei Sol, cum* *Jer.*
adhuc esset dies. Poz selhe o Sol, sendo *15.*
 ainda dia. Quiz dizer: assim como *9.*
 ninguem se persuade, que o Sol se ha
 de pór na hora do meyo dia; assim os
 de Jerusalema viviaõ tão confiados
 com

com as ameaças dos Profetas, que nunca imaginaraõ, que havia de chegar o castigo; atè que de repente veyo sobre elles o exercito dos Assirios, & os levou a todos cattivos para Babilonia. A este modo os que vivem confiados sem o receyo do perigo, achar-se-haõ, quando menos o cuidarem, cattivos na Babilonia do Inferno, quando se davão por seguros na Jerusalém da gloria. *Occidit e. Sol, cum adhuc esset dies.*

Queyas estão as Escrituras de temerозos exemplos. Basta o de Manasses, seu filho Amon, Reis de Judea. Manasses foy dos mais abominaveis Reis de Judea. Depois de viver fincoenta annos em peccado, se converteu, fez penitencia, & se salvou. Seu filho Amon, viveo nos mesmos vicios do pay tres annos, & nelles foy morto pelos seus, & se condenou. E a razão disto foy, diz Velasques, porque

que Amón, vendo que o pay depois de viver fincoenta annos nos vicios, achou lugar de penitencia, cuidou, que elle tambem poderia viver como seu pay na mesma confiança. Porém succedeo-lhe por elle o Sol quando ainda era dia *Occidit ei Sol, cum adhuc esset dies*. Ou como disse Hayas: *Fiduciam habuisti in malitia tua. Sapientia, & scientia tua hæc decepit te*. Donde se prova, quam ariscado anda a perder o caminho do Ceo, o que caminha sem este santo temor de errar.

DOCUMENTO IV.

Que para acertar no caminho da eternidade, he necessario o bom uso

do tempo.

Começou o tempo no mesmo ponto, em que começou o mundo, & hade acabar no ponto, em que ha

Apoc.

30.

6.

ha de acabar o mesmo mundo, como a pregou já muyto de antes o Anjo do Apocalypse: *Tempus non erit amplius*. O que se diz do mundo, se ha de dizer dos que vivemos nelle. Começa o nosso tempo, do ponto, em que começa a nossa vida, & acaba no ponto, em que a vida acaba. Esta a men-
ver he a mais clara explicação do que he Tempo, cuja definição deo tanto que entender aos Filósofos, que até Santo Agostinho sendo de tão alto entendimento, confessa, que não sabe dizer o que he. *Si querenti explicare velim, nescio*.

O que he certo, & fôra de toda a duvida he, q' este tempo nos deo Deos, para que com elle mereçamos a eternidade. O ultimo instante da nossa vida he a chave, que ha de abrir as portas da eternidade. Se esse instante for remate de tempo bem gastado, abrirá as portas de huma eternida-
de

de gloria no Ceo. Se for remate de tempo mal gastado, abrirá as portas de huma eternidade de penas no Inferno. De hum Santo Arcebispo Bambergenſe chamado Godefredo conta Alapide, que cada instante de tempo ſe considerava ás portas da eternidade. *Omni momento ſto. ad portas eternitatis*; & eſte eſtimulo o eſpertava, para gastar bem o tempo.

§. I.

Do tempo bem gastado.

NÃO ha couza mais precioza nesta vida, que o tempo, diz S. Bernardo, *Nil pretioſius tempore*. E a razão he; porque com o tempo podemos aſſegurar a eternidade. Eu me atrevo a dizer, que ſendo o tempo bem gastado, tanto val o tempo, quanto val a eternidade; porque S. Paulo

Paulo diz, q̃a paga do tẽpo bẽ gastado se ha de pezar com o pezo da eterna gloria: *Eternam glorie pondus operatur*. Sendo pois a gloria eterna justa paga do merecimento; segue-se, que tanto val o merecimento, quanto val o premio: & sendo o merecimento do tempo bem gastado pezado com o pezo da eterna gloria, segue-se, que tanto val o tempo, quanto val a eternidade. Com razão logo diz S. Bernardo, que não ha nesta vida couza mais precioza, que o tempo: *Nihil pretiosius tempore*.

Por esta cauza as Escriitturas a cada passo nos estaõ clamando, que façamos grande estimacão do tempo. O primeyro conselho, que dà o Ecclesiastico, depois de haver louvado a sabedoria do Ceo, he en commendar o cuydado do tempo, dizendo: Filho, conserva o tempo, & fuge do mal: *Fili, conserva tempus, & evita à malo*. Foy

Eccli.
4.23.

o mesmo que dizer, que assim como o
 obrar mal he cauza de se perder o
 tempo, assim o obrar bem o conserva.
 Alapide notou, que o texto grego
 tem: *Conserua, & observa*. E tudo quer
 de nós o Espirito Santo: quer que co-
 servemos o tempo como couza preci-
 osissima dada por Deos, para merecer
 os dões da graça, & da gloria eterna:
 quer que o observemos, para não per-
 der occasião de obrar bem. Donde a
 versão Tigurina claramente lê: *Obser-
 va occasionem*; porque como todas as
 couzas tem seu tempo, como diz o Sa-
 bio: *Omnia tempus habent*; importa ob- *Eccle.*
 servar a occasião de bem obrar, para *3.1.*
 que se empregue bem o tempo.

Ainda Salamaõ falla com mais
 encarecimento, dizendo, que não de-
 vemos deyxar passar nem hum instan-
 te de tempo ociozamente. *Quodcun-* *Eccle.*
que facere potest manus tua, instanter o- *9.10.*
perare. E foy o mesmo que dizer, que
 em

em quanto vivemos, façamos por
grangear a vida eterna, conforme o
Galat. que S. Paulo nos emcommenda: *Dum*
6.10. tempus habemus, operemur bonum. E
primeyro que S. Paulo, Christo Se-
Jo. 9. nhor Nosso. *Me oportet operari opera*
4. ejus, qui misit me, donec dies est: venit
nox, quando nemo potest operari.

S. Boaventura, & Hugo Cardeal
dão outra mais larga interpretração
à palavra: *Instanter*: dizendo que to-
do o tempo da nossa vida ha de ser
para bem obrar de pela manhã até a
noyte, desde a infancia até a velhice,
desde o nascimento até a morte. E esta
he huma boa explicação, porque to-
das as idades da nossa vida dependem
no bem obrar humas das outras. Gas-
tará bem, & louvelmente o tempo da
mocidade o que gastou louvavel-
mente o tempo da mininice: & gasta-
rá bem o tempo da velhice o que gas-
tou bem o tempo da mocidade; por-
que

Entre o bem, & mal eterno. 381

que como diz o proverbio de Salomão, o modo de vida que guardou o homem no tempo da mocidade, esse guardará no tempo da velhice. *Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit, non recedet ab ea.* Prov. 22.6

A razão, que dá o Ecclesiastico, he a que totalmente convence. *Quia nec opus, nec ratio, nec sapientia, nec scientia erunt apud inferos, quod tu prosperas.* Quer dizer: Importa, que em quanto he tempo te aprobeytes do tempo; porque acabado elle, já não he tempo de obrar bem, porque na outra vida ou seja no Ceo, ou no Inferno, não ha lugar de merecimento, ou satisfação. Esta vida nos deo Deos para trabalhar; a outra para o gozar: esta para o merecimento, a outra para o gallardão. Se o Ceo fora lugar de merecimento, que fizerão os bemaventurados para merecer mais, & mais gloria à vista da que gozão? E que dera

dera hum condemnado no Inferno por
 huma hora de tempo das muytas,
 que nós desperdicamos? Que reynos,
 que cetros, que minas de ouro não
 derão por hum instante, em que pu-
 dessem fazer hum acto de contri-
 ção? Aproveytemonos pois nós ago-
 ra do tempo, que nos seheja, para po-
 dermos fazer hum thesauro no Ceo,
 em quanto he dia, como diz Christo;
Donec dies est; porque em vindo a
 noyte, isto he, a morte, já não ha lugar
 de trabalhar: *Venit nox, quando nemo
 potest operari.*

§. II.

Do tempo mal gastado.

HE na Sagrada Escriptura o tem-
 po semelhante a hum rio, que
 sempre corre. Desta semelhança uzou
 aquella Thecuites, que chegou a fal-
 lar

lata David sobre a redução de Abila-
lão. *Omnes morimur, & quasi aqua di-* 2.
labimur in terram, quae non reuertun- Reg.

tur. Nesta semelhança podemos con- 14.
siderar tres generos de homens applica- 14.
dos a este rio. Huns estão junto à mar-
gem do rio vendo correr as aguas:
Outros se occupão em pescar, mas
sem rede, nem anzol, & nada colhem.
Os terceyros se occupão em nadar
pretendendo passar a outra banda do
rio, & nunca podem. Todos estes são
symbolo dos que nesta vida gastão o
tempo sem proveyto.

Os primeyros, que não fazião
mais, que falar, & dormir ao som das
aguas, que corrião, são os que nesta
vida gastão o tempo em murmurar:
são os chacorreiros, aduladores, fize-
rarios, em busteyros, mentirozos, no-
veleyros, & finalmente ociosos. E se
não, applicay os ouvidos a huma roda
que chamaõ de conversação, & ouvi
o

o que se falla de proveyto. Christo disse, que onde quer que estivessem dous, ou tres juntos em seu nome, ahi estava elle. *Ubi sunt duo, vel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum.* E quando se juntao a murmurar, quem esta? Estaõ dous demonios, hum na lingua do que murmura, & outro nos ouvidos do que ouve. E naõ he isto espedicarlo tempo?

E que direy dos que passao as noytes fallando, ou jugando, & os dias dormindo? Santo Agustinho reprehendia os Monges, que oravaõ no tempo de dormir, & dormiaõ no tempo da oração. *Vigilant in lecto, dormiunt in choro.* Este tal considera, que o tempo de sua vida vay correndo para a eternidade, como o rio para o mar? Santo Ambrosio argue de homem de pouco pejo o Christo, que espera, lhe demos rayos do Sol nos olhos, para se levantar da cama. Ao menos naõ ha da-

daquelles servos vigilantes, a quem o
Senhor promette assentar á meza da
sua gloria. Eliogabalo se gabava, que
nunca vira nacer o Sol. Apolonio
buscando hum dia muyto de madru-
gada a Vespaziano, & achando-o ja
de pé, disse: Este homem sem duvida
será Emperador, pois madruga tanto.
E assim foy.

Os que se occupão em pescar sem
rede, nem anzol, se não com joeyra a
modo de quem pesca camarões, ou en-
guias, são os que gastão o tempo em
ninheyras, & couzas, que não impor-
tão, & não servem mais que de perder
têpo, gastando-o em vãs occupaões;
como o Emperador Domiciano,
que tinha certas horas, que gastava
em caçar moscas, & Artabalo Rey de
Hircania em caçar topeas a modo de
mininos, que andão atras dos gafa-
nhotos.

E não são como estes os que todo

O tempo gastão em procurar o ornato do corpo, em buscar chapéos ao uzo, luvas almiscaradas, & cabeleyras apolvilhadas. Quinto Hortensio gastava muytas horas em examinar as pregas da Toga consular, como hoje fazem as mulheres ao espelho. E finalmente estes tais gastão humna parte do dia em se vestir, outra em comer, & dormir; & se algumas obras boas fazem de piedade, são de tanta monta, como o que pescou do rio quatro camarões, ou enguias, que logo escorregão da mão. & do rio, que he o tempo, nada colhem, assim como os que tiravão a agua com a joeyra.

O terceyro genero de homés, que não fazião outra couza, mais que nadar no rio significa aquelles, que nesta vida gastão o tempo engolfados nos vícios, & raras vezes se occupão em exercicios de piedade: & em buscar deleytes, & nestes gastão quazi todo

Entre o bem, & mal eterno. 387
 toda a vida. Os cobico-
 zos, que todo o seu cuidado empre-
 gão em adquirir riquezas: os vingati-
 vos, que todo hum anno andão em
 pensamentos de se vingar, que caso
 fazem do tempo que Deus lhes deu
 para merecerem, se elles o gastão to-
 do em offensas de seu Criador. O
 Espirito Santo diz: *Non defraudetis*
à diem bono. Não deysreis perder hum
 bom dia; se não perdesseis todo o an-
 no. Mais diz, que não só hum dia
 se ha de perder, mas nem a menor par-
 te d'elle. *Et particula boni diei non te*
prætereat.

Eccl.

14.

14.

Quasi agora o que diz Seneca
gentio. Ex hoc tempore tam angusto, &
supello, quid jures meliores partem
mittere in nunc? Quer dizer: De
 hum pouco de tempo não mereço, &
 que não depressa passa, que aproveyta
 gastar a mayor parte do tempo? Queco
 Pondera-se o que se diz em Ecclesiastes 1. 10

Bb ij

Dam

Domina fleo rerum, sed plus fleo
labana dierum.

Rex poteris rebus succurrere: nemo
diebus.

Quer dizer: choro a perda da fazen-
 da; porém mais choro a perda dos di-
 as. O Rey podera remediar a perda
 da fazenda; porém ninguém a perda
 dos dias. Isto disserão dous gentios. E
 que deve dizer o Christão, que sabe
 & cre o fim, para que Deos conceda
 o tempo.

§. III.

Como se deve gastar bem o tempo.

Galat. 4. 10. **S** Aô Paulo escrevendo aos Galatas
 diz assim: *Dies observatis; & men-*
fas, & tempora, & annos. Observais os
 dias, os mezes, os tempos, & os annos;
 porém temo, que os não observeis co-
 mo Christãos, se não como gentios.

Timeo vos, ne forte sine causa laboraverim in vobis. A este dito de S. Paulo acrescento, que assim como o tempo consta de horas, de mezes, & de annos; assim as nossas obras devem estar de tal sorte encadeadas entre si, que todas; & qual quer dellas santifique qual quer differença de tempo. De forte, que sejam bõs os annos, porque forão bons os mezes; que sejam os mezes bons, porque forão bons os dias; & que sejam bons os dias, porque forão boas as horas. Começemos pela hora.

Se vos resolveis a caminhar pelo caminho estreyto do Ceo, por essa hora de vossa resolução haveis de começar; & supponde com S. Bernardo, que cada obra, que fazeis nessa hora, he hum grão de semente, que lançais, para fructificar na vida eterna. Para isso basta o conselho de S. Boavétura, que governeis todas as accões dessa hora

hora, por motivos eternos. Quer dizer, pue tudo quanto obrares ou de-
 zeres obrar, seja com aquella inten-
 1. Cor. 10. 31 ção, que o Apóstolo encomenda. *Sive ergo manducatis, sive bibitis, sive aliud quid facitis: omnia in gloriam Dei facite.* Vê a ser em breves palavras o que dizia o famoso pintor Zeuxis: *Aeternitati pingo*: pinto para a eternidade. Obro nesta hora para huma eternidade.

Semelhante ao conselho de S. Boaventura he o de Santo Thomas, o qual nos aconselha, que obremos todas nossas acções nessa hora, em virtude de Jesu Christo, tendo em todas a intenção, que Christo teve nas suas. E assim como Christo não teve outra intenção nas suas obras, mais que a gloria de seu eterno Padre, & nossa salvação; assim nós não devemos ter outra intenção nas obras desta hora, mais q. a gloria de Deos, & a salvação de

de nossas almas; ou seja nas couzas,
que pertencem a esta, ou nas que per-
tencem a outra vida.

E para que melhor nos persuade-
mos a passar assim esta primeyra hora
de nossa resolução, he Santo conselho
o do Porta: que nos persuadamos, que
esta he a ultima hora de nossa vida.

Omnes crede diem tibi diluxisse

supremum.

E da sorte, que vos quereis, que
fosse aquella ultima hora, fazey, que
seja assim a primeyra, fazendo consi-
deração, que assim como a ultima hor-
ra he a que abre as portas para a eter-
nidade; assim esta primeyra de vossa
resolução, he, a que abre as portas do
tempo, que resta de vossa vida, que ha
de ser digno da eternidade. Fazey de
conta, que essa hora he o molde, por
onde se haõ de medir todas as mais
horas do dia. E se em vòs houver re-
solução, para gastar bem esta hora,
tam-

Mat.
26.
40.

tambem haverá valor, para passar
bem as mais horas do dia. Christo
Senhor Nosso disse aos Apostolos,
que estavam dormindo no tempo, em
que elle toda a noyte vigiara: *Sic non
potuistis una hora vigilare mecum?*
Não pudestes vigiar huma hora cõ-
migo? Se os Apostolos se resolvem a
vigiar huma hora com Christo, por-
ventura, que toda a noyte vigiassem
com elle. Se vos resolveres a passar
huma hora santamente, todo o dia
será assim. Pelo que se o dia se gover-
nar por essa hora, & o mez por esse
dia, será facil fahir o anno todo, & o
tempo todo da vossa vida digno da
vida eterna.

DO-

DOCUMENTO V.

Lembrança dos quatro Novíssimos.

I *Nomnibus operibus tuis memorare* *Eccl. li.*
novíssima tua, & in æternum non 7. 40.
peccabis; diz o Espírito Santo pelo
 Ecclesiástico. Quer dizer: Em tudo
 quanto obrares, lembra-te dos quatro
 novíssimos, & nunca peccarás. Esta
 lembrança, diz Lira, he o directorio
 de toda a vida humana: *Directorium*
totius vite humane. Esta havemos de
 levar sempre na memoria, como o pi-
 loto na mão o leme, para podermos
 seguramente navegar pelo mar deste
 mundo, atè chegar ao porto da salva-
 ção. A razão, diz Cornelio, he porq̃
 nestes novíssimos, ou fim do homem
 está enferrado o principio de nossas
 obras. que he a bemaventurança, a
 qual nos move a fugir do peccado, &
 abra-

abraçar a virtude, que são os meýos, pelos quais a bemaventurança se alcança. É assim onde a vulgata diz: *Memorare novissima tua*; a Versão siríaca traflada: *Memor esto finis*: lembrete do fim.

A lembrança desta sentença diz Santo Agostinho, que he destruyção da soberba, mezinha da malicia, deferro da luxuria, fugida da vaydade, perfeycão da santidade, & preparação para a vida eterna. *Consideratio hujus sentencie est destructio superbia, extinctio invidia, medela malitia, & effugatio luxurie, & vacuatio vanitatis, perfectio sanctimonie, preparatio salutis eterne*. Neste conselho, diz Alapide, nos dà o Ecclesiastico humana regra certa, com que havemos de regular todas nossas acções. *Tradit in hoc sacrae regulam certam, que omnes actiones regulet, ordinet, sanctificet*.

Arazão da S. Bernardo. Porque

a

a lembrança destes novíssimos cauza naturalmente temor de cometer peccado; porque, que couza mais horrivel, que a morte: *Quid horribilius morte?* Que couza mais terrivel, que o Juizo: *Quid terribilius judicio?* Que couza mais intoleravel, que o Inferno? *Quid intolerabilius gehenna?* Que temerá quem com esta lembrança não teme, & não treme: *Quid metuet, qui ad ista non trepidat, non expavescit?* De S. Simeão Estelita conta Theodorcto, que daquella coluna, onde esteve trinta annos, pregava duas vezes no dia ao povo, & não era outra a sua pregação, mais que lembrança destes novíssimos. Esta tinha sempre na memoria o Santo Job, quando diz: *Cum Job. Etis diebus, quibus nunc milito, expecta 14. donec veniat immutatio mea.* Donde se 14. prova, quam efficaç motivo seja esta lembrança para nos mover a caminhar pelo caminho estreito do Ceo, &

& evitar o espaço do Inferno.

§ I.

Lembrança da Morte.

ENtre os quatro novísimos, a morte he o principio dos de mais, porque della depende o bom, ou mau successo da nossa vida, porque pela porta, por onde a morte entra, sahi a alma para a ternidade. *Cum consummaverit homo, tunc incipiet*, diz o Ecclesiastico. No mesmo instante, em que a caba a vida temporal, começa a eterna. E esta sem duvida he a razão, porque a morte he tanto para temer, & sua lembrança motivo de compor nossa vida, pelos motivos eternos. E dizemos o Espirito Santo que em todas nossas obras nos lembremos da morte, diz S. Bernardo, que foy o mesmo que dizer, que em qual-

Eccli.
18.6.

qualquer obra, que pretendemos fazer, digna da hum a si mesmo? *Simod moriturus esses, faceres istud?* Se agora houveras de morrer, fizeras isto?

Este he o sentido de todos os Sãtos, & Expositores sagrados. Santo Agustinho diz, que nenhuma consideração he mais poderosa para afastar os homens do peccado, que esta lembrança da morte: *Nihil sic revocat homines a peccato, quem ad modum imminuentis mortis cogitatio.* Por isso Christo tantas vezes nos aviza, que estejamos sempre preparados, porque não sabemos, quando ha de ser; *Estote parati, quia qua hora non putatis, 12. filius hominis veniet.* Platon com fer 40. gentio dizia, que toda a vida do varão sabio, era huma meditação da morte. *Omniem sapientum vitam esse meditationem mortis.* Com quanta mayor razão deve ser a vida dos Christãos, que creem, que a vida temporal

poral succede a eterna.

S. Francisco de Borja, que com a lembrança da morte se havia convertido a Deos, toda sua vida esta foy a sua meditação, como diz o B. Ribadaneyra, podendo dizer de si a que

1. Cor.

15. 31

S. Paulo: *Quotidie moriar*; & conforme me esta lembrança ordenava todas as acções de sua vida. E S. Santo Ignacio de Loyola nas Advertencias, que faz para a boa eleyção de vida, diz, que escolhaõ aquelle modo de vida, que dezerjariaõ na morte ter escolhido.

Prov.

31.

25.

Pelo que todo o que assim ordenar sua vida com esta lembrança, & com este temor *Ridebit in die mortis* em lugar de tristezas experimentarã alegrias, & em lugar das amarguras, que o rico sentia com a memoria da morte: *O mors quam amara est*

Eccli.

41.

1. *memoria tua!* experimentarã as doçuras, que na hora da morte sentia o P. Francisco Soares Canabepfo, que di-

zia:

zia:

Entre o bem, & mal eterno 399
 zia: *Non putabam, tam dulce mori.* Em
 lugar de a temer, suspirava por ella;
 como S. Paulo, que essa era a sua an-
 cia: *Desiderium habens dissolvi, & esse Phi-*
cum Christo; & se não morria cada dia ^{lip. 1.}
 na realidade, morria cada dia no de-^{23.}
 zejo: *Quotidie morior.*

§ II.

Lembrança do Juizo.

O Que faz mais temerosa a mor-
 te, he o juizo, que no mesmo
 ponto da morte se ha de fazer de to-
 das nossas obras boas, & más, & con-
 forme ellas ha de ser a sentença. *Sta-*
tutum est hominibus semel mori, post ^{Heb.}
hoc autem iudicium; diz S. Paulo. S. ^{9.27:}
 Agostino diz, que ainda he mais pe-
 deroza a lembrança do juizo, que a
 da morte, porque nelle se nos ha de
 pedir conta de toda a vida. *Tunc enim*
an-

ante acta vite coram iustissimo iudice reddenda est ratio. A qual lembrança chama S. Basilio freyo, que governa a alma: *Hoc quazi freno animam cohibet.* E qual he a razão, porque taõ desenfreadamente correm os peccadores atraz de todo o genero de vicios, se não por falta deste freyo?

Porque, que Christão tendo se, que aquelle leyto, em que dorme, & em que espera morrer, hade ser o tribunal de seu juizo, & que naquelle instante, em que a alma sahe do corpo, sahe julgada conforme suas obras, não refreará o impeto com que se arremeca a tantos peccados? Por isso S. Basilio encommenda, que quando nos formos a deytar para dormir, façamos consideração: que aquella noyte póde ser o tempo, & aquelle leyto póde ser o lugar do nosso juizo. *Cum in lecto ad quiescendum membrata tua posueris, noli confidere de lucis adven-*

Entre o bem, & mal eterno. 493
aduenta, ut te possis refrænare ab om-
nibus vitiis.

Os maos, diz Salamaõ, não cuy-
daõ no juizo, porque se cuydassem
não seriaõ maos. *Kiri mali non cogitant* *Prov.*
judicium. Cuydaõ porém os bons, pa- *28. 5.*
ra o segrem sempre. E David afirma
de si, que o temor do juizo o fez
guardar a justiça. *Ajudiciis enim tuis* *ps.*
timui: feci judicium, & justitiam. Do *118.*
qual pensamento devemos tirar du- *120.*
as resoluções, se queremos caminhar
pelo caminho do Ceo, a saber: obrar
bem, & obrar logo; obrar bem, porque
todas nossas obras hão de apparecer
aos olhos de Deos, obrar logo, por-
que não sabemos o quando, & nos
pode succeder como à Sifara, que
com o sono ajuntou a morte: *Qui so-* *Judic.*
porem morti consocians defecit, & mor- *4. 21.*
tuus est.

Para moderar este temor, & asse-
gurar aquelle juizo, nos dà o Apосто-

Cs

lo

lo hum divino conselho, a saber: que
em quanto vivemos nos julgemos a

I. Gor. nós mesmos. *Quod si nosmetipsos iudic-*

II. *dicaremus, non utique iudicaremur.*

Entremos pois em contas com nossas
consciências, examinando nossos pe-
ccamentos, palavras, & obras, & fea-

charmos tudo conforme às leys de

Christão, podemos julgar, que hmos

bem encaminhados, & podemos con-

ceber alegres esperanças de sahirnos

bem julgados do juizo de Deos. Se

acharmos porém, que a nossa conci-

ência nos accuza, na nossa mão está

o remedio, que he mudar de vida, a-

cudindo ao tribunal da Confissão;

porque os braços de Deos sempre

estão abertos, para nos receber mis-

ericordiozo, & do mesmo modo o ex-

perimentaremos, quando Juiz.

—

—

ei

30

S

§ III.

Lembrança do Inferno.

NÃO he menos poderosa, antes
 mais ainda a lembrança do In-
 ferno, para nos retrahir do peccado.
 Em todas as nossas obras quer o Es-
 pírito Santo, que nos lembremos da-
 quellas eternas lavaredas, a onde vão
 parar todos aquelles, em quem na-
 quele juizo o supremo Juiz achar
 culpa, como diz S. Bernardo. *Si autem
 tu fueris iniquus, time, quod in gehem-
 na cruciabitur aeternis appendendus et.*
 E que cousa mais para temer? Como
 vivemos tão esquecidos de passo tão
 perigozo? Que segurança temor de
 não cahir nas penas, havendo caído
 tantas vezes na culpa?

Tornay a ouvir a S. Bernardo.
Unde nobis ista dissimulatio? Unde hac

securitas maledicta? Quid seducimus nos metipso? Nonne ostium nostrae domus horribiles illi spiritus obsident? Nō ne exitum nostrum larvales illae facies praestolantur? Quis tuebitur nos à rugientibus praeparatis ad esum? Quer dixer: Donde a nos esta dissimulaçaõ, ou esquecimento do Inferno? Donde esta maldita segurança? como nos enganamos a nós mesmos? Não he certo, q̃ ja os horriveis espiritos andaõ cercando a porta da nossa caza? Não he certo, que ja aquelles medõnhos fantasmas estaõ esperando, que sayado corpo e alma, em quem o justo Juiz achar culpa, para a levarem logo para o fogo eterno? Quem nos pòde naquelle transe livrar daquelles leões rugientes, preparados para nos tragar? Tudo isto he de S. Bernardo.

E S. Prospero: Cogitate, quale malū sit, mortī vivere sempiternae: in aeternus ignem cum Diabulo, & Angelis ejus

ex-

Entre o bem, & mal eterno. 405
expelli. Hæc est similia cogitare nihil a-
liud est, quam vitius omnibus repudiare-
& omnia blandimenta carnis refræ-
nare. Quer dizer: Cuydai bem, quant
grande mal seja viver huma morte e-
terna, qual he a dos condenados, &
fer lançado no fogo eterno com o
Diabo, & seus Anjos, Esta lembrança
ha de ser em nós, o mesmo que renū-
ciar a todos os vícios, & refrear as
branduras da nossa carne. Assim ha-
via de ser, como este Santo diz, se em
nós houvesse viva esta lembrança,
porque, como diz Santo Agustinho,
he bemaventurado aquelle, que cuy-
da no castigo antes do castigo, por-
que he o melhor modo de o evitar.
Felix esse comprobatur qui cogitat de-
supplicio ante suplicium, ut postea sup-
plicij effugiat periculum.

E se o Inferno não he outra cou-
za, que o castigo do peccado, com ra-
zão o Espirito Santo nos encommen-
da

da a lembrança do Inferno, para evitar o peccado. Provera à Deos, diz o mesmo Santo Agostinho, que hou-
vera em nós huma lembrança viva de que couza era mundo, & que couza era Inferno! *Utinam sapires, & intelligeres, quæ mundi sunt, & quæ inferna sunt!* porq̃ então, & temeríamos a Deos, desprezariamos o mundo, amariamos o Ceo, & temeríamos o inferno. *Profecto Deum timeres, superna appeteres, inferna borreres.*

§ IV.

Lembrança do Paraizo.

D Os quatro novissimos he o Paraizo, não o da terra, mas o do Ceo. A memoria deste, não só he motivo para fugir o peccado, se não estímulo para seguir a virtude: não só para evitar o caminho largo da perdição,

Entre o bem, & mal eterno. 447

dição, se não para buscar o estreito da salvação. E assim diz S. Bernardos *Memorare novissima tua, quia si inveni-
ta fuerit in te iniquitas, segregandus es a numero beatorum.* E foy o mesmo que dizer: Se não sahires bem julga-
do daquelle juizo, attende ao que
ganhas, & attende ao que perdes; gan-
has a companhia dos demonios no
Inferno, & perdes a companhia dos
bemaventurados no Ceo. Porque
não menos poderosa deve ser para
nós, a lembrança do premio, que o te-
mor da pena. Consideray pois, diz S.
Prospero, quam grande mal seja ser
privado daquelle vista celestial, ser
excluydo da companhia dos bema-
venturados, ser desterrado da patria
celestial. *Cogitate quale malum sit, ab
illo gaudio excludi, beatissima sanctorum
societate privari, fieri Patrie celestis
exerum.*

Christo Senhor Nosso, em qua-
tas

tas parabolâs disse no Evangelho, sempre nos ensinou esta lembrança, como foy na metâfora do thesouro, da precioza margarita, da cea grande. E quando começou a prègar, este foy o sumpto das suas pregações, & este mandou tambem, que fosse o dos Apostolos. *Dicite illis Appropinquavit* Luc. *in vos regnum Dei.* Os Santos todos, tudb era suspirar pela patria do Ceo, como os filhos de Israel no cattiveyro de Babilonia suspiravaõ pela patria terrestre. Santo Agustinho escreveu hum livro de soliloquios, & nelle tudo são suspiros, tudo saudades do Ceo. S. Simão Estelita, como diz Theodorêto, quando pregava ao povo, lhes mandava, que olhassem para o Ceo, & que voassem apartando-se da terra: *Jubens in celum suspicere, & volare, ac è terra discedere.* E como podia isto fer, se não com a lembrança, & com o desejo? Com esta lembrança

Entre o bem, & mal eterno. 409

ça devem viver os que querem lá entrar, & com esta lembrança evitarmos os peccados, que nos impedem o caminho.

In partes vade seculi sancti, cum ^{Eccli.}
vivis, & dantibus confessionem Deo ^{17.}
diz o Espírito Santo pelo Ecclesiástico. Quer dizer, como expõem Cornelio; Em quanto vives, caminha para o Paraizo da gloria. Isto se entende na palavra, *Seculo sancto*, na frase da Escritura. E como pôde hir para o Paraizo da gloria, que ainda está cõ os vivos, senão cõ a lembrança, & cõ o desejo, & cõ o louvar a Deos, diz o mesmo Doutor *Vive eternitati sanctæ, ut quæ*
hin; inchoa pea Dei confessionē tā corde
quam ore. O que tem na memoria a patria celestial, he o que caminha para ella, em quanto vive; porque só o que assim caminha, pôde ter esperança de lá chegar. Em quanto estamos entre os vivos, que confessaõ a Deos:

Cum

Cum vivis, & dantibus confessionem
 Deo: devemos occupar nossos pensamentos nesta gloria, contemplando, como diz o Apostolo, & saudando cá de longe a nossa patria, reconhecendo-nos peregrinos, & caminhantes

Heb. A longe eas aspicientes, & salutes;
 11. porque os que assim vivem com esta
 13. lembrança, mostraõ, que a buscaõ, & que dezejaõ lá chegar: *Qui enim hæc dicunt, significant, se patriam inquirere.*

Desta lembrança pôde nacer outra muy principal do fim, para que Deos nos creou, que foy para o servir nesta vida, & gozar na outra: Creou-nos, não para sevir a Reys da terra, nem a Anjos do Ceo, se não ao mesmo Deos, & Rey dos Ceos: Creou-nos não para gozar dos bens caducos da terra, se não para gozar dos eternos do Ceo: Creou-nos para sermos bem-aventurados da gloria; & para este nos conservou, chamou, & remio. E
 assim

assim como por falta desta lembrança se perdem tantos; assim com ella se podem salvar muytos.

Alem disto, com esta memoria do Paraizo se aviva a fè, se esperta a esperança, se inflâma a caridade: a fè crendo que ha bens eternos para os que servem a Deos; a esperança confiando alcançallos pelos merecimentos de Christo, & boas obras; a caridade, porque lembrando-nos de suas promessas, conhecemos sua bondade, que he o estímulo do amor.

Tambem com a memoria dos bñs eternos, poderemos fazer com cezta da velleza dos temporais, para os desprezar. Com a lembrança do gozo do Ceo desprezar os deleytes da carne. E finalmente com esta lembrança nos animaremos a seguir nossa jornada pelo caminho estreito do Ceo, que he o termo feliz, que desejamos.

DO-

DOCUMENTO VI

Da boa criação dos filhos.

HE de tanta importancia a boa criação dos filhos nos primeyros annos de sua idade, que della depende o bom successo de toda a sua vida, & a felicidade de sua salvação; porq̃ assim como da boa criação nasce a boa vida, & da boa vida, a boa morte; como diz S. Bernardo; *Qualis vita, finis ita*, assim de huma, & outra couza nasce a salvação. Por esta cauza o Espirito São no livro dos Proverbios, & no Ecclesiastico tantas vezes nos encommenda esta obrigação. *Filij 7.25. tibi sunt? Erudi illos, & curva illos a puerita illorum.* A este modo os Antigos, que fizeraõ a devida estimação da boa criação dos filhos, que pedrã não moverão por fahir com este assumpto.

Entre o bem, & mal eterno. 413

sumptos os Filósofos em suas senten-
ças; os Politicos em seus dictames;
os Legisladores com seus preceytos;
os Reys com seus decretos; todos
conspirarão para entabular nas Re-
publicas a boa criação dos mininos.

Plutarco Mestre de Trajano cõ-
poz hum livro, em que maravilhoza-
mente prova, que na boa criação da
juventud consiste o principio, meyo,
& fim de huma Republica bem orde-
nada. Os Perlas, & os Laccedemonios
fecserarão de sorte nesta materia,
que são de exemplo aos catholicos.
Era este cuydado nelles só pelo amor
da virtude: outro motivo mayor so-
mos os Christãos, q he o fim sobrena-
tural da gloria, que esperamos.

Na primitiva Igreja escolhião-se
os varones mais eminentes, como diz
S. Dionizio, para Mestres, & cathe-
chistas dos que de novo se baptiza-
vão. Em todos os Concilios gerain-
se

se encommenda este cuydado, & ultimamente no Concilio Tridentino se ordena, que nas Cathedrais se instituaõ seminarios, para se criarem os moços que depois hão de servir nas Igrejas. O mais se pôde ver na *Arte de criar bem os filhos*, que anda impressa, onde largamente se trata esta matéria.

O nosso intento por hora he mostrar, como a falta de criação he, a que leva os pais, & mais os filhos pelo caminho largo da perdição, & que a boa criação he cauza, de que os pais, & mais os filhos se salvem. O Espírito Santo no livro dos Proverbios diz: *Noli subtrahere à puero disciplinam: si enim percusseris eum virga, non morietur.* Não deyxes de applicar a disciplina ao filho mimado, porque castigando-o não morrerá. E foy o mesmo que dizer, como explica Cornelio Scenlinares, & castigares teu filho

Prov.

23.

13.

Entre o bem, & mal eterno 419

Ho, não somente não morrerá por is-
so no corpo, mas também não morte-
rá na alma. *Si percufferis virga, libera-
bis eum morte tum corporis, tum animae.*
Porque sabendo por falta de castigo
mal criado, & vicioso, encorrerá em
hum, & outra morte; na do corpo,
pelos vícios; & na da alma, pelos pec-
cados. Assim succedeo a aquelle, que
levavão a enforcar, o qual começou
agritar, dizendo: *Não he o juiz o que
me manda enforcar, se não minha Mãe.*

E fora de toda a duvida diz o
Espírito Santo no mesmo lugar: *Tu Ibid.*
virga percuties eum, & animam ejus de
Inferno liberabis; com o castigo da
palmatoria livrarás a sua alma do In-
ferno. E se os pays, que ensinão com
o castigo os filhos, livrão suas almas
do Inferno, claro está que com o cas-
tigo as encaminhão para o Céo. Por-
isso o Ecclesiastico diz: *Qui diligit p. Eccli.*
lium suum, affligat illi flagella. O pay 30.1.
que

Ibid.

que ama seu filho, não cessa de o acoutar. E o que ganha com esses acoutos, he o gozo, que ambos hão de ter no fim da vida, quando então experimentarém o fructo desses acoutos: *Ut letetur in novissimo suo*. Que gozo será logo o de hum pay, sabendo, que pelo ensino, que deo ao filho, o vio Santo nesta vida, & bemaventurado na outra? Pelo contrario, que remorsos de consciencia sentirá, o que chegará a conhecer, que por sua negligencia, & desordenada indulgencia, com que criou o filho, o vio perdido nesta & na outra vida?

§. I.
Da obrigação, que tem os Pays de criar bem os filhos.

Assim como são obrigados os pays a buscar o alimento corporal aos filhos por ley natural, assim são

são obrigados por ley Divina a buscar-lhes o alimento espiritual para suas almas; de tal sorte, que peccarão gravemente, se nisto forem tão negligentes, que por falta de doutrina fayaõ os filhos mal criados. Esta he a doutrina dos Theologos geralmente recebida na Igreja.

Quando Deos Nosso Senhor mandou no Exodo guardar o seu Santo dia, & mais ceremonias da ley, juntamente encomendou aos pays, que tivessem cuidado de informar nella seus filhos, para que, como notou São João Chrisostomo, entêdessem os pays, que a mesma obrigação, que tinhaõ elles de guardar as ceremonias sagradas da ley Santa de Deos, essa mesma tinhão de instruir nellas a seus filhos. Por isso quando o mesmo Senhor ordenou, que lhe offerecessem os filhos pouco depois de nascidos, mandou juntamente, que os

Dd

tor

tornassem os pays outra vez a resgatar ; para que entendessem, (como bem advertio Filo Hebrèò,) que não ficavaõ desobrigados de os criar & doutrinar em suas cazas os pays, polos haverem offerecido huma vez a Deos no Templo

Daqui nace , que do bom , ou mau procedimento dos filhos se conhece o bom , ou mau procedimento dos pays , como diz Santo Ambrosio. O Espirito Santo diz , que não louvemos a alguem , em quanto vive ; mas se quizermos saber , quem he ; vejamos , quais são os filhos , & logo pelo procedimento dos filhos, saberemos , quais são os pays. *Ante mortem ne laudes hominem quemquam*

Eccli.

11.30.

quantum in filiis suis agnoscitur. viii. E S. João Chrisostomo diz: Rogo-vos o pays, que ponhais todo o cuydado em criar bem vossos filhos ; porque os peccados , que cometerem , a

vós

b i

vós

vós se haõ de imputar. Huma vez
vio Diogenes comer hum minimo
com huma sofreguidão, estando à
meza; & deo huma bofetada em seu
Mestre, suppondo que por culpa do
Mestre oõmetia o discípulo aquel-
la falta. Brigaraõ huma vez dous mi-
ninos Lacedemonios irmãos, & ven-
do-os os senadores, castigaraõ seu
pay, suppondo, que a falta de ensi-
no era a cauza do desconcerto dos fi-
lhos.

S. Paulo escrevendo a Thimo-
theo, diz, que o pay, que não ensi-
na a seus filhos, negou a se & he pe-
yor, que o infiel. *Siquis autem suorum,*
& maxime domesticorum curam non Tim.
habet, fidem negavit; & est infidelis 1.
deterior. E a razão disto dá S. João 5.8.
Chrisostomo sobre este lugar. Por,
que muytas vezes se achão infieis,
que ensinaõ seus filhos em muy ho-
nestos, & louváveis costumes. Lo-

go se o Chriſtão he. niſto deſcuyda-
do, ou, o que peyor he, em lugar de
piedade, he enſina a diſſolução, vem
a ſer eſte tal peyor que hum infiel.
Naõ ſabeis, diz o meſmo Santo, que
o Apolto S. Paulo chama a voſſos
filhos templos de Deos, onde morã
o Eſpirito Santo? *Nescitis, quia tē-
plum Dei eſtis, & Spiritus Dei habitat
in vobis?* Pois que dirieis vòs da quel-
te Sacerdote, que entregandolhe
Deos o ſeu Templo Santo, o dey-
xaſſe profanar por ſua negligencia?
E que dirieis, ſe em lugar do nome
Santo de Deos, & imagens Sagra-
das, collocarſe nelle os infames ido-
los de Venus, & Adoniſ? Naõ ſeria o
peccado deſſe Sacerdote abomina-
vel ſacrilegio, & elle indigno do
officio Sacerdotal? Pois ſe Deos vos
entregou os filhos como templos vi-
vos, em que tanto de melhor vonta-
de habita, quanto elles ſão mais pu-
ros

ros na consciencia ; que peccado tão grave será , se em lugar das virtudes , & Santos dictames , plantares nelles os de Venus , & Adonis , de torpes , & vãos pensamentos ? Com razão diz São Paulo , que semelhantes pays são peyores , que os infi-
cis.

Sendo pois esta obrigação tão estreita , & este peccado tão grave , não he considerar o descuydo com que muytos pays se hão na criação dos filhos. Homês ha , diz Petrarca , mais cuydadozos na criação de seus cavallos , & cachorros , do que na criação de seus filhos. Outros ha , não menos imprudentes , que sendo muy cuydadozos à respeyto dos filhos em couzas , que menos importaõ , são mais descuydados nas de mayor importancia. São muy vigilantes , diz o mesmo Filosofo , que o filho não uze da mão esquerda na meza , &
mais

mais policias ; mas que viva ás es-
 querdas na vida , nos costumes , ne-
 nhum cuydado tomaõ. Que diria-
 mos nõs daquelle pay de familias,
 diz S. João Chrisostomo , que ven-
 do arruinar a caza , só trata do aceyo
 da horta , não do reparo da caza ;
 que não fazendo cazo da doença só
 trata do concerto do vestido ? Estes
 são aquelles pays , que sendo no de-
 mais vigilantes , só na criação dos fi-
 lhos , (q̃ mais importa ,) são descuy-
 dados. Saybaõ pois sua obrigação ,
 & a conta que a Deos haõ de dar
 dos filhos , se por sua culpa se perde-
 rem.

§. II.

§ II.

*Quam severamente castiga Deos nesta,
& na outra vida os pays negligentes na
criação dos filhos.*

NÃO he pouco castigo da negligencia, com que alguns pays criaõ os filhos, fofrellos depois de grandes, quando por sua culpa sahem protervos, & dissipadores da fazenda; porque assim como o filho bem procedido, como diz Salamaõ, he gozo do pay: *Filius sapiens lætificat patrem*; assim o viciozo lhe he de *Prova*, desgosto. Que pena seria a do summo 10.1. Sacerdote Heli, vendo os desafóros com que seus dous filhos escandalizavaõ o povo de Deos? Que desgostos os de David à vista dos desafóros de Amon, & rebelliões de Absalaõ, mayormente à vista de suas desfezadas mortes?

Ou-

Outro modo não menos rigoroso, com que Deos castiga estes pays nesta vida, he quando toma por instrumento os mesmos filhos mal criados para castigar os pays; & deyxando outras sentenças, com que isto se prova, referiacy o que testemunha Santo Agustinho a este proposito, por ser de tal Author. Houve em Hippona hum fidalgo por nome Cyrillo o qual criou hum filho com toda a liberdade, & regalo, dandolhe franca licença, para fazer quanto quizesse. Desmandouse o filho com esta liberdade em hum abismo de vicios, dando-se a pessimos costumes, & entre outros a demasia do vinho. Tomado hum dia de sua força entrou furiozo em sua casa, & opprimio com horrivel, & exetrandu incesto a sua propria mãy, & pretendeo violar huma irmã: ferio mortalmente a dez irmãos seus, & por ultimo re-

mate

maté deo de punhaladas a seu proprio pay de que morreo, tomando Deos por instrumento o filho malcriado para castigo do pay, cujos peccados eraõ proprios pelo não haver domado desde minino. Porque quem semea cardos, necessariamente hade colher espinhos, & o que cria serpentes, hade morrer do seu veneno.

Não he o castigo desta vida o que mais devem temer os pays, por cuja culpa se perdem os filhos. O da outra vida he que se deve temer. O primeyro he o descuydo, ou impiedade, com que seus filhos nesta vida se esquecem das almas de seus pays, deyxando-os padecer terribilissimos tormentos no Purgatorio, não dando a execuçaõ os seus legados pios, ou não socorrendo suas almas com missas, & orações em tempo de tanta necessidade. Porém o castigo mayor destes

destes pays na outra vida não he o das penas temporais do Purgatorio, senão das eternas no Inferno. S. Paulo diz, que muytos pays se salvaõ pela boa criação dos filhos. E quantos se condenaõ pela ruim criação que lhes deraõ? A razão disto he muyto certa, & conforme aos Santos Padres; porque como os peccados dos filhos se imputarão no Divino juizo ao descuydo, & negligencia dos pays; assim como Deos castiga com o mesmo castigo os pays. Pelo qual diz Origenes: Sabey, o pays, que de todos os peccados dos filhos, que não ensinastes, nem corregistes, haveis de dar estreya conta no tribunal de Deos.

O exemplo, que disto temos mais tremendo nas Divinas letras, he o do summo Sacerdote Heli. Foraõ seus filhos Ophni, & Fineestão mal disciplinados, que sendo Sacerdotes,

tes não sabião, que couza era Deos, nem o officio Sacerdotal. Por esta couza eraõ de taõ maos procedimētos, que escandalizavaõ o povo de Deos. Castigou-los Deos a elles cõ mortes violentas, & ao pay cõ morte repentina, & o que mais he, pay, & filhos com morte eterna. E posto que algũs Santos Padres tem para si, que o castigo de Heli foy sò temporal, & não eterno; ao menos he couza duvidoza, & o contrario affirmam muytos Santos. E se assim he, couza he de grande horror, considerar, que castigasse Deos a hum summo Sacerdote pela negligencia, q̃ teve em corregir seus filhos, quando peccavaõ. O mesmo Deos deo *1. R. g.* disto a razão queyxandose do mes- *2. 29.* mo; quando disse; Porque razão desprezaste dando de couces a meu sacrificio; & honrraste mais teus filhos do que a mim. Não havia Heli cõme-

cômetido estes delictos , se não os filhos , como diz Abulêse ; mas porque os havia dissimulado , & não castigado como convinha , os reputou Deos por proprios , & os castigou como tais com morte repentina nesta vida , & eterna na outra.

Dezejou hum servo de Deos ver as penas dos condenados , & por ordem do mesmo Deos foy levado em espirito ao Inferno , onde viu entre outros condenados o horrendo espectáculo de hum pay , & mais hum filho , que entre cruehissimos tormentos se lançavaõ hum ao outro execrádas maldições : o pay por haver criado o filho com demasiada liberdade : o filho pelos peccados , que da hi se lhe originaraõ.

No Reyno de França criou certo pay hum filho com tal liberdade , que a tomou para todos os vicios , cõ que se fez tão inquieto , que como
outro

outro Ismael elle contra todos,
& todos, contra elle contendiaõ.
Morreo o pay, & foy sepultado
nos Infernos. Poucos dias depois
adocceo o filho, & chegada a hora
da morte, ao tempo, que lhe admi-
nistravaõ os Sacramentos, com in-
fernal frenesi saltando fôra da cama
com temerôzas vozes começou agri-
tar: Tomay as armas, & ajudayme
contra meu pay, que capitaõ de ma-
us inimigos, me pretende matar. E
dizendo isto com aspecto terribilif-
simo espirou; dizendo: Meu pay
com huma pedrada, que me des na-
teza me matou.

§ III.

Como devem os filhos conservar a boa criação.

A Boa criação dos filhos nos primeiros annos de sua idade he de tanta importancia, q' della depende o bem todo de sua vida; porque naquillo, em que se puzemos annos da adolescencia, isso ha de guardar nos mais da velhice; como claramẽte diz o Espirito Santo nos Proverbios. *Adolescens juxta viam, etiam cū senverit, non recedet ab ea.* Donde he muyto de notar, que sendo tantas as sentenças, que neste livro dictou Salamaõ para a boa instituicão da mocidade, fò a esta chama Proverbio. *Proverbium est.* E foy como se disse: He taõ certo, que o mancebo naquillo, em que se poz em mancebo, isso ha de ser em velho, que ja anda
em

Entre o bẽm, & mal eterno. 431
em proverbio na boca, & opiniaõ
de todos.

Daqui nasce a facilidade, ou difficuldade, com que os bons, ou malos habitos se perdem na velhice. Dos maos, he bom exemplo aquelles impios, de que falla o amigo do S. Job, quando disse: os seus ossos se encherão dos vicios de sua mocidade, & nos ossos o levarão para a cova. *Ossa Job. ejus implebuntur vitijs adolecētia ejus.* 20. 11. & cum eo in pulvere dormiant. Donde nota S. Gregorio Papa não dizer, que o lugar dos vicios da mocidade era a carne, se não os ossos; *Ossa ejus* porque assim como o vicio, ou deformidade, que crece nos ossos, nunca ja mais se tirou; assim o habito, que crece com a puericia, nunca ja mais se perdeo. O magrẽ da carne com o aumento da carne se perdeo; o aumento dos ossos sempre durou; ainda que a carne se consuma. O vicio que

q̃ pelo discurſo do tempo ſe adquire
rio, pelo diſcurſo dos annos ſe per-
de, ou pela madureza do juizo ſe
emmenda; porẽm o vicio, que ſe ar-
reygou nos animos deſde os primey-
res annos da puericia, he como o vi-
cio dos oſſos, & por iſſo ſe diz, que
o levaõ para a ſo pultera. *Et cū eo in
pulvere dormient.*

Quanto aos bons habitos, que
cõ boa criaçaõ da puericia ſe adqui-
rem, he mūy celebre o exemplo do
S. Velho Eleazarao. Perſuadiaõ-lhe
ſeus amigos, que diſſimulaſſe à ſe,
fingindo, que comia das carnes pro-
hibidas pela ley de Deos, para haver
de eſcapar da morte. Porẽm diz o
Texto Sagrado, que conſiderando
elle a boa criaçaõ, que havia tido
em menino, ſe resolveo a perſeeverar
em ſeus bons propoſitos, querendo
antes morrer. E aſſim respondeo a-
nimofamente ao Tyrano, que antes
que

Entre o bem, & mal eterno 433
queria ser morto, que faltar à ley de
Deos.

Deve pois o 'que dezeja cami-
nhar para o Ceo, lembrar-se toda a sua
vida desta boa criação, & fazer de
conta, como diz S. Clemente Ale-
xandrino, que aquelles primeyros
annos da adolescencia haõ de gover-
nar os annos de toda a vida; assim
como da mama da mãy chupou o
leyte com que se criou. *Est in nobis
uber etatis ipsa juventus*. Para isso de-
ve fazer quatro couzas, que Santo
Agostinho encomenda aos de pouca
idade. *Quatuor sunt adolescentibus pro-
futur*

Primeyra: persuadir-se, que de-
pois de Deos naõ ha outra couza ma-
is precioza, que a sua alma: *Animam
omnibus rebus post Deum pretiosorem
esse scire*. Segunda: Amar a Santissima
Virgem como filhos de Deos a sua
Mãy: *Ut filij Dei Matrem amare*. Ter
Ee ceyra

ceyra: nunca cometer peccado mortal, & se cahir em algum, arrepender, & confessar logo: *Nunquam peccatū mortale in conscientia sustinere, sed singulis diebus de peccatis dolere, & ea quam primum confiteri.* Quarta: fazer conta que hade morrer, & que depois da morte ha de ter huma de duas, ou arder com os demonios no Inferno, ou gozar eternamente de Deos, & seus Anjos no Ceo. Se estas quatro considerações andarem na lembrança dos que tiverão boa criação nos primeyros annos de sua vida, sem duvida que experimentarão nos annos da vilhice os bons annos da adolescencia, com que mereção huma feliz morte.

DO-

DOCUMENTO VII.

Eleyção do estado conveniente.

Para acertar no caminho estreito do Ceo, importa muyto acertar com o estado de vida mais conveniente para esse fim ; porque pòde succeder, que o estado, que para hums he de salvação, para outros seja de condenação. Estado chamamos aquelle modo de vida perpetuo, & estavel, que para toda a vida se escolheo, como de Sacerdote, Religiozo, ou cazado; & na boa escolha de algum destes està a nossa felicidade, & bom successo da nossa vida, & o que mais he, a salvação. Para fazer huma util, & prudente eleyção de estado, he o melhor meyo fazer por oito dias os exercicios de Santo Ignacio porque nelles dà o S. prudente.

Ee ij

dentíffimas regras ao que dezeja acertar. Mas porque nem todos tem essa comodidade , diremos nõ aqui o que basta para não errar. .

A primeyra couza, que ha de fazer he purificar a intenção pondo diante o fim, para que Deos nos creou, que he servillo nesta vida, & gozallo na outra. Porque para outras quaiſquer intenções humanas não está Deos obrigado a dar os auxilios necessários. E posta a intenção neste fim, ha de estar indifferente para tomar, ou deyxar aquelle estado, de que trata, & vir que ferà mais util para o mesmo fim.

Segundo: que purificada a intenção procure purificar a consciencia, pedindo a Deos luz , para acertar no estado mais conveniente à sua salvação, metendo por Medianeyra à Virgem Nossa Senhora, principalmente, se antes da eleyção sentir o

co-

Entre o bem, & mal eterno 437
coração inclinado à algum dos tres
estados.

Terceyro: que depois de purificada a consciencia cõsulte a seu confessor, ou Padre espirital, communicando-lhe suas inclinações, & paixões com as razões, que tem, para se inclinar mais a este, ou àquelle estado; & para proceder com desengano, poremos aqui a utilidade, & difficuldades, que ha em cada hum dos tres estados. E ainda entre estes póde haver materia de eleyção; se nesta, ou naquella Religião: se este ou aquelle cazamento, tendo sempre diante dos olhos a Deos, & a sua salvação.

§ I.

§ I.

Do estado Sacerdotal.

O Estado Sacerdotal he o mais alto, que ha na Igreja de Deos, & aquem se deve mayor reverencia assim como he o de mayores obrigações. A cada passo nas Escrituras se chamaõ os Sacerdotes Anjos. Christo nos cargos, que mandou fazer por S. João aos Bispos de Asia, não lhes chama Bispos, nem Sacerdotes, se não Anjos. *Angelo Pergami, Angelo Ephesi.* Mas ainda mais que Anjos; porque o nome de Deozes lhes dão *ps. 18.* as mesmas Escrituras. *Ego dixi: Dij*
6. estis. Para dizer, que não murmurassem dos sacerdotes, disse que não *Exod.* murmurassem dos Deozes: *Dijs non*
22. detrahes. Donde veyo a dizer Santo
28. Ignacio Martir, escrevendo aos de
 Ef

Esmirna, que o Sacerdocio éra a dignidade de mayor authoridade, que havia no mundo. *Sacerdocium est omnium bonorum apex.*

E conforme a isto encarecem os Santos o respeyto, que se lhes deve.

O Ecclesiastico diz: *Intota anima tua time Dominum, & Sacerdotes il-* *Eccli. 7.31.*
lius Sanctifica. Quer dizer: Temey a Deos de todo o coração, & santificay os seus sacerdotes. Em huma, & outra couza quiz encarecer a reverencia, que a Deos, & a seus Sacerdotes se devia. A de Deos chama temor: *time*; a dos Sacerdotes chama sãtificação: *Sanctifica*. Sobre as quais palavras diz Alapide. *Tanta est Sacerdotij excellentia consecratio, & Sãctitas, ut omnes eam admirari, & admirando venerari, ac revereri debeãt.* Quer dizer: Taõ grande he a excellencia da dignidade Sacerdotal, tal a sua consagração, & santidade, que
 todos

todos a devem admirar, & admirando venerar, & respeytar.

Do qual tudo he bem que conheçaõ os Sacerdotes o que faõ, para que saybaõ o que devem ser, diz Cornelio: *Hinc discant Sacerdotes dignam Sacerdocio vitam agere, ut sint homines caelestes, Angeli Dei:* vida de Anjos, & homẽs celestiais, & finalmente: *Vivant ut numina, loquantur oracula:* suas acções sejaõ Divinas, & suas palavras oraculos. Tudo isto, & muyto mais, que os Santos dizem da dignidade Sacerdotal se funda no poder, que Deos deo aos Sacerdotes de consagrar, & benzer, & perdoar peccados. Poder, que sô a Deos compete, & que a nenhum Anjo, nem Santo da gloria, que não fosse Sacerdote, se concedeo. Quanto ao consagrar faz o Sacerdote as partes de Christo, que em virtude das palavras Sacramêtais cõverte a substancia

rança de pão em seu corpo. E quanto ao perdoar peccados, faz no poder o que sô a Deos compete.

Do qual tudo se ha de considerar, que sendo tão suprema a dignidade Sacerdotal, quam estreyta será a obrigação, & qual a conta, que haõ de dar a Deos os Sacerdotes, principalmente os que tiverem cargos de almas; porque, como diz S. Gregorio, a conta ha de ser conforme a receyta: *Ne nos qui plus cæteris aliquid accepisse cernimur, ab auctore mundi gravius inde judicemur.* Este juizo, que Deos ha de fazer dos Sacerdotes, significou elle ao Profeta Ezechiel, o qual vio, que por mandado de Deos sahiaõ seis Anjos passando a fio da espada os moradores de Jerusalel, que não estivessem affinalados com o final Thau; mas com advertencia, que começassem pelos ministros do Santuario, que são os Sacerdotes:

Eze- cerdotes: *Et à Santuario meo incipite*
 ch.9. para significar, como dizem os Ex-
 6. positores, que um rigorozo juizo es-
 pera na outra vida aos Sacerdotes,
 que nesta não procedem como tais.

§. II.

Do estado Religiozo.

Para conhecermos a excellencia
 do estado Religiozo he necessa-
 rio saber, que couza he Religiaõ, da
 qual toma nome o estado, & os que
 o professão se chamaõ Religiozos.
 Religiaõ conforme Santo Thomàs
 he huma virtude, que dà a Deos a de-
 vida reverencia como a Creador, &
 conservador de todas as couzas.
 Esta virtude da Religiaõ, como diz
 Cornelio, he a fôrma, ou alma do
 estado Religiozo, & Religiozos se
 chamaõ aquelles, cuja vida he dar a
 Deos o verdadeyro culto, & rever-
 encia:

Entre o bem, & mal eterno. 443

rença: *Hæc autem Religio est forma, & quasi anima statûs Religiosi.* Desta Religião diz o mesmo Santo Thomàs, nascem duas como filhas, oração, & devação; das quais, a primeyra cauza familiaridade com Deos: a segunda, cauza promptidão em seu serviço. E esta vem a ser a vida Religioza.

Os bens, que nesta vida se experimentão refere São Bernardo nas palavras seguintes: *In Religione homo vivit purius, cadit rarius, surgit velocius, incedit cautius, quiescit securius, irroratur erebrius, purgatur citius, moritur confidentius, muneratur copiosius.* Quer dizer: Na Religião vive o homem com mais pureza, cahe mais raras vezes, se cahe, logo se levanta, vive com mais cautela, dorme com mais segurança, tem mais illustrações do Ceo, fatisfaz mais depressa pelos peccados, morre com mais confiança,

fiança, & he premiado com mais largueza. Atè aqui S. Bernardo.

Alèm disto he necessario saber, que o estado Religiozo he estado de perfeição, & que por meyo dos tres votos de Pobreza, Castidade, & Obediencia, são os que o professão, obrigados a procurar por esse meyo a perfeição, que consiste no amor, ou caridade de Deos; de tal sorte, que ainda que actualmente não seja hum Religiozo perfeyto, tem com tudo actualmente obrigação de procurar a perfeição.

De tudo isto, & do muyto, que os Santos dizem, para encarecer a excellencia do estado Religiozo se segue, que na Igreja de Deos não ha estado mais acomodado para o negocio da salvação, que o estado Religiozo. Mas tudo isto se entende, diz Santo Thomas, concordando a vida com o nome. *Concordet illorum vita*

Entre o bem, & mal eterno. 445

vita cum nomine, & professio sentiatur in opere ; porque ser Religiozo no nome, & não nas obras he occasiaõ de condemnação, como diz Euzebio Emisseno. *In eremo vivere, summa perfectio est: non perfecte vivere, summa damnatio est.* O mais que se pôde dizer do estado Religiozo se pôde ver no que fica dito na terceyra parte Passo X.

§ III.

Do estado de cazados.

O Estado de cazados, se vivem conforme a ley do Santo Matrimonio, he muyto accomodado para os que dezejaõ salvarse. S. Paulo escrevendo aos de Efeso lhe chama hum grande Sacramento. *Sacramentum hoc magnum est.* Mas logo se explica dizendo, que se ha de entender *Ephes 5.32.*

der segundo Christo, & sua Igreja. *Ego autem dico in Christo, & in Ecclesia.* Isto he, quando o casamento se faz com o fim paraq̃ Deos no principio do mundo o instituiu, antes de ser Sacramento, & para que Christo depois na Ley da Graça o fez Sacramento, que foy para representar o Despozorio espirital do mesmo Christo com a sua Igreja. E neste sentido diz S. Paulo, que he o Matrimonio hum grande Sacramento: *Sacramentum hoc magnum est.*

Donde se segue, que se o Matrimonio he conforme a Christo, & sua Igreja, o estado de cazados he hum grande estado, & muyto para escolher: *Sacramentum hoc magnum est.* E se perguntares, que couza he viver segundo Christo, & sua Igreja? Responde S. Paulo, que he a marem-se os cazados, como Christo amou a sua Igreja. *Viri diligite uxores vestras,*

Ibid.
v.25.

trās sicut, & Chritus dilexit Ecclesiā.

Viverem os cazados muy unidos entre si, evitando todas as occasiões de defabrimento, cuidando da caza, & boa criação dos filhos, tudo segundo as leys de bons Christãos. E os que assim vivem, são os que vivem segundo Christo, & sua Igreja. E deste modo he a vida de cazados muyto para escolher.

Porém se os cazados não estão conformes, não ha estado mais trabalho. Os cazados são hoje como hum feyxe de espinhos, que por onde quer que lhe pegaão, lastimma; ou como a latada de era do Profeta Jonas, q̃ à primeyra vista não havia mais; mas por dentro tinha o bicho roedor, que tudo desbaratou; por que rara vez succede encontrarem-se dous cazados em tudo tão conformes, que vivaão conformes a Christo, & sua Igreja. Quantas vezes

zes succede, cuidar hum, que caza com huma Rachel, & acharse depois com huma Lia; & o que peyor he, cuida, que caza com huma Sara, ou Rebeca, & achase com huma Tarasca mulher de Job, ou com huma Ana mulher de Thobias, que lhes servi-
raõ de prova de suas paciencias.

Mayor miseria ainda he, quando a pobre donzela encontra com hum marido de mã condição, sendo criada em caza de seus pays como huma pomba, vem a dar nas unhas de hum gavião. Muyto peyor ainda he, quando os cazados ambos saõ de mã condição: ambos como cão com gato, ou como huma serpe com hum Leaõ. Esta he huma vida triste, & peyor ainda, que a dos forçados de galè; porque estes acabados os annos de seu degredo tornaõ para sua liberdade; mas os cazados de semelhante condição, haõ de viver assim toda a vida;

Entre o bem, & mal eterno. 449

vida; que isso he fer o Matrimonio estado. Ha de fer seu tormento como o daquelles, que conta Santo Agostinho, que atados a corpos mortos, assim estavão atè apodrecer. Deyxo outros trabalhos tão communs ainda aos bem cazados. O q̃ està dito basta para o fim da boa escolha de estado.

Alèm da escolha de estado, importa muyto fazer escolha do modo de vida, que deve guardar para o fim da salvaçaõ, que dezeja; porque assim como os manjares, que a huns são proveytozos, a outros são nocivos; assim as occupaões podem ser a huns de proveyto, & a outros de dâno, para o mesmo fim. He conselho do Espirito Santo. *Fili in vita tua Eccl̃a tenta animam tuam: & si fuerit ne-* 37.
quam, non des illi potestatem. Quer di- 30.
zer, como explica Cornelio: Antes que te resolvas, prova primeyro tua

Ff

alma

alma ao que lhe está melhor, ou seja para a applicar ao estudo das letras, ou às artes mechanicas, ou ao exercicio das armas. E dà logo a razão o Espirito Santo. *Non enim omnia omnibus expediunt, & non omni animæ omne genus placet*; porque nem a todos cõvem a mesma occupação. E se achares, q̃ a tal occupação pode ser de dâno à tua alma, não a tomes. *Et si fuerit nequam, ne des illi potestatem.*

DOCUMENTO VIII.

Do bom, & frequente uzo dos Sacramentos.

Theologia he verdadeyra, que a vontade efficaz do fim abraça a vontade do meyo conveniente ao mesmo fim. E se nós dezejamos conseguir o fim, que he a bemaventurança da gloria, devemos abraçar

OS

os meyos , que sãõ os Sacramentos, que para esse fim instituhio Christo; principalmente o da Confissãõ , & Comunhaõ, sem os quais se naõ pòde caminhar pelo caminho estreyto do Ceo. Pelo qual assim como o Sacramento do Bautismo he a porta , por onde se entra na Igreja militante; assim o Sacramento da Penitencia he a porta por onde entra o peccador na Igreja triunfante. O Bautismo foy instituido para alimpar a alma do peccado original, que nos impede a entrada : o Sacramento da Penitencia para alimpar a alma dos peccados actuais , com os quais se naõ pòde entrar na Gloria.

Se o Sacramento do Bautismo assim como tem virtude para dar a primeyra graça, tivera para a conservar , era escuzado o Sacramento da Penitencia, como diz o Concilio Tridentino. Porẽm a experiencia

Ffij

nos

nos tem mostrado, que raros *forão* constantes em conservar a primeyra graça, como o Sol em conservar a primeyra luz. Os mais somos incóstantes como a Lua em conservar a luz. Assim como o corpo está foyto a mil enfermidades, & por isso carece de Medico, & de Medicinas; assim a alma que tantas vezes cahe enferma, quantas cahe em peccado; tem necessidade da mezinha, que o Medico de nossas almas nos preparou neste Sacramento de tanta piedade. Pois assim como o que adoece no corpo, procura com todo o desvelo o Medico, & as medicinas para a saude do corpo; assim o peccador, que adoece na alma pelo peccado, deve procurar a mezinha da alma com a mesma, & ainda com mayor diligencia.

É assim como seria genero de frenesi dilatar a medicina do corpo pa-

ra

ra largo tempo, quando o mal pedia o remedio para logo; assim he demasiada imprudencia dilatar para o cabo do anno a Confissão, quando a alma necessita della para logo. O perigo de dilatar a mezinha do corpo para outro tempo, he morrer por falta de remedio. O perigo de dilatar a Confissão he morrer a alma. Para Deos farar Naamá Syro, bastava lavar-se da lepra huma vez nas aguas do Jordão; mas o Profeta mandou-lhe, que se lavasse sette vezes: *Lavare Sapties*; porque como o enfermo era figura do peccador, a lepra figura do peccado, & as aguas do Jordão figura do Sacramento da Penitencia, não basta lavar huma sò vez no anno; he necessario lavar tantas vezes, quantas forem as vezes, que nos sentirmos leprozos. Ao menos não se devia dilatar a confissão mais de hum mez, como costumão
fazer

fazer os bõs Christãos. Já q̃ imitamos,

Eccli. o q̃ a Lua té de mal, q̃ he a incõstãcia,
50.6. como diz o Ecclesiastico: *Stultus sicut*

luna mutatur; imitemos o q̃ té de bê;
que he tornar-se todos os mezes a
encher de luz; & dessa sorte repre-

Eccli. zenta o Justo, como diz o mesmo
27.12 Ecclesiastico. *Quasi luna plena in die-*

bus suis. E já que não possamos reno-
var a vida todos os dias como o Sol
a luz, renovemos ao menos cada mez
como a lua chea: *Quasi luna plena*.

Naõ he menos necessario para o
caminho do Ceo o frequente uzo da
Sagrada Cõmunhaõ. Como he possi-
vel caminhar o dilatado caminho da
eternidade fê este viatico Sagrado.

Elias caminhou quarenta dias até o

3. *Reg.* môte de Deos, Oreb, em virtude da-
19.8. quelle paõ q̃ o Anjo lhe menistrou.

Et ambulavit in fortitudine cibi illius
quadraginta diebus, & quadraginta
noctibus usque ad montem Dei Horeb.

Os

Os filhos de Israel caminharão quarenta annos pelo deserto em virtude do Manà, q̃ David chamou pão do Ceo, *Psf. 77.*
& pão dos Anjos. *Panem cæli dedit eis.* 24.
Panem Angelorum manducavit homo.
Aquelle pão, & este Manà são figuras deste Divino Sacramento. Como poderemos logo caminhar sem este viatico, ou seja para o monte de Deos, como Elias, ou seja para a celestial Jerusaleem como os Israelitas.

A Elias bastou-lhe comer huma vez aquelle pão para ter forças bastantes, para andar o caminho de quarenta dias. Os filhos de Israel todos os dias comião do Manà, porque todos os dias cahia do Ceo. Na primitiva Igreja todos os dias commun-gavaõ os fieis. Depois que passou aquelle primeyro fervor, se contentaõ muytos fieis com commungar huma sò vez no anno. Aquelle Manà, que por todo o tempo do deserto

to foy fustêto aos filhos de Israel, no fim da jornada ao entrar na terra de Promissão faltou, & não houve mais Manà. Pòdem temer os negligentes, que senão sabem aproveytar da virtude deste celestial Manà, em quanto caminão no deserto desta vida, que lhes falte no fim da jornada ao entrar da outra; porque não poucas vezes tem succedido morrerem sem este viatico, os que sem elle caminharão.

Daquellas duas arvores mais celebres, que Deos plântou no Paraizo terreal deo Deos licença a Adaõ, para comer da arvore da vida, mas não da arvore da ciencia subpena de morte. Com tudo, Adaõ comeo da arvore prohibida, & morreo; & não comeo da arvore da vida com que podia viver para sempre. E que fez o Senhor para castigar esta negligencia? Poz à porta do Paraizo hum

An-

Anjo com hum Mótante de fogo na
mão, para que prohibisse a entrada
nelle à Adaõ, a fim de que não pu-
desse comer da arvore da vida, ainda
que quizesse. *Collocavit ante Para-Gen. 3.*
disum voluptatis Cherubim, & flam-24.
meum gladium, atque versatilem, ad
custodiendam viam ligni vitæ. Este
foy hum justo castigo; pois tendo
Adaõ franca licença para comer des-
ta, & das mais arvores do Paraizo:
Ex omni ligno Paradisi comede: elle Gen. 2.
comendo da arvore prohibida, se ef- 16.
queceo da arvore da vida: he pois,
merecido castigo, & justa a setença,
que quando queyra comer della, a-
che a porta do Paraizo fechada.

Esta arvore da vida he o Divinif-
simo Sacramento, que Christo plan-
tou no Paraizo de sua Igreja. A to-
dos tem dado franca licença para
comer della: *Accipite, & comedite.*
Mas nós, somos tão negligentes, ou
taõ

taõ ingratos, que podendo aprovey-
tarnos do fructo desta arvore da vida
eterna, deyxamos passar tantas occa-
ziões de festas, & Jubileos, & guar-
damos a communhaõ para a Pascoa,
assim como a confissão para a Qua-
resma. Praza a Deos, que não seja
por gostarmos mais da arvore prohi-
bida pelo gostozo, & aprazivel do
Pomo, ou pela persuasão da Serpen-
te. Pois merecido castigo, & justa
sentença; que quando na occasiã
da necessidade queyrais, acheis a
porta do Paraizo fechada.

Hum fructo muy saudavel pode-
mos colher desta arvore. Depois que
S. Joã a vio plátada no Paraizo da
gloria, diz que todos os mezes dava
seu fructo. *Afferens fructus duodecim;*
per menses singulos reddens fructum
suum. Isto podemos fazer, já que não
commungamos todos os dias, como
faziaõ os primeyros Christãos, nem
cada

Apcc.
22.2.

cada fomaná, como fazem hoje muytos; podemos ao menos chegar à communhão cada mez; porque esta arvore da vida se no Paraizo do Ceo todos os mezes vem com fructo, no Paraizo da terra todos os mezes nos podemos della aproveytar. Com a virtude pois destes dous Sacramentos podemos tirar forças, para dar largos passos no caminho do Ceo.

§. I.

Da Confissão.

DEixãdo outras questões Theologicas, & mais excellencias deste Sacramento, de q̃ estão cheos os livros; digo, que o Sacramento da Penitencia consta de tres partes, a saber, Contrição, Confissão, & Satisfação. As duas primeyras são essenciaes, & faltando qualquer dellas, he nullo o Sacramento. A tercey-
ra

ra se chama integral, & se segue depois da confissão. A contrição he hum dor verdadeyra de ter offendido a Deos, por ser elle quem he, digno de ser amado: com proposito firme de não tornar a peccar, & de evitar toda a occasiaõ proxima de peccado, & perigo d'elle. Ha de cahir esta dor sobre todos os peccados, que são a materia deste Sacramento, ou seja necessaria, quais são os mortais, ou seja sufficiente, quais são os veniais, ou mortais já confessados. Para excitar em nossos corações esta dor, são muytos os motivos impulsivos. Os principais são, o ser o peccado offensa contra hum Deos, que nos creou, & nos tem feyto innumera-veis beneficios: a mesma deformidade da culpa: a Morte, & Payxão de Christo: o amor, com que o Senhor instituhio tantos Sacramentos para nossa salvação, & outros semelhâtes.

A

Entre o bem, & mal eterno. 461

A Atricção, que com a confissão basta, para justificar té por motivo as penas do Inferno , em quanto são dadas por Deos em castigo da culpa; por outro qualquer motivo natural não basta, para ser Atricção; porque esta deve ser acto sobrenatural. Como o Acto de contrição seja tal , não está na nossa capacidade conhecer infallivelmente , se o temos verdadeyro; mas para a conjectura, basta conhecermos a dor da offensa que procuramos pelos motivos sobreditos, & o proposito da emmenda ; que isso podemos nós conhecer ; & esta certeza , ou existimação basta para nos chegarmos à confissão.

A segunda parte do Sacramento da Penitencia he a confissão , a qual leva o nome do Sacramento. Para que esta seja bem feyta , ha de ter cinco propriedades. A primeyra he, que seja inteyra, de todos os peccados, de
penfa-

penfamentos, palavras, & obras; declarando não sò as especies dos peccados, mas tambem o numero delles, quanto se puder lembrar depois de bem examinada a consciencia. Para o que deve tomar tempo conveniente discorrendo pelos Mâdamentos, regras, & mais obrigações de seus officios, & occupações. Mas não he necessario repetir os Mandamentos na confissão, nem meter nella outras palavras, mais que os peccados; ainda que pareçam pias; porque o Concilio Tridentino sò diz, que se digaõ os peccados, conforme accuza a consciencia: *Prout sunt in conscientia*. Isto não tira, que se alguma vez não fober discernir a qualidade do peccado, não possa dizer sinceramente o acto do peccado, ou pensamento ao confessor, que àlem de Juiz faz o officio de Doutor. Mas deve evitar outras praticas, ou
cir-

circunstancias , que não agravaõ, nem diminuem a culpa.

E se para mayor distincção quizer dizer as culpas pela ordem dos Mandamentos , seja sò referindo as culpas, & de nenhum modo os Mandamentos. E muyto menos repita o que não fez , dizendo : no quarto Mandamento não tenho Pay ; no quinto não matey , &c. O que tudo faz a confissão impertinente , enfadonha , & sobremaneyra molesta aos confessores, & tal ves por confessar o que não fez , deyxá de confessar o peccado.

A segunda propriedade , que ha de ter à confissão, he, que ha de ser vergonhosa , & verdadeyra. Vem aqui bem o de S. Bernardo. *Quantũ displicet Deo impudentia peccatoris, tantum placet ei verecundia pœnitentis*. Quer dizer: Quanto se offende Deos do pouco pejo , com que pecca

ca o peccador, tanto se agrada do pejo, com que o penitente se confessa. He bom final quando o penitente se envergonha de seus peccados, & se lhe fazem as faces vermelhas; final he que lhe peza de haver offendido a Deos: mas o que se confessa com o mesmo pouco pejo com que peccou, referindo suas enormes culpas, como quem conta huma historia, he final, que nem tem dor das culpas, nem propozito da emmenda.

Hade ser contudo, o pejo com tal moderação, que seja tambem verdadeyra a confissão, que não se cale o peccado por vergonha; porque nesse cazo he nulla a confissão, & se comete de novo hum sacrilegio. E quanto for mayor o empacho do peccado, tanto será mayor a vitoria, & o merecimento mayor. E tão fôrta está de receber o confessor escandalo, que por essa mesma razão cobrará

rà melhor conceyto do penitente. Se com tudo for tanto o pejo, que haja perigo de fazer a confissão sacrilega, não he contra o Sacramento buscar outro confessor, a quem descubra a sua consciencia com mayor confiança.

O dizer que a confissão ha de ser vergonhoza, he o mesmo que dizer, que ha de ser humilde, não sò no interior, reconhecendo suas culpas, mas no exterior com os joelhos em terra, & no habito de penitencia, quanto o permitir a decencia, & não reservar para o dia da confissão o alinho do corpo, pondo menos cuidado no concerto da alma. O habito de penitencia antigamente era de cilicio, & cinza: *Incinere, & cilicio*, diz o Santo Job. Agc. os cilicios, com que chegaõ ao tribunal da penitencia, saõ as cadeas de ouro; & a cinza, saõ os polvilhos das cabeleiras,

Gg

ras,

ras, que a vaidade fabricou dos cabellos dos Amburguezes, ou Inglezes, cujas almas bem se sabe, onde possa estar.

A terceyra propriedade da confissão he, que seja dolorosa, & vem a ser, a primeyra parte deste Sacramento, como está dito. Isso diz Santo Agustinho; significamos com o bater nos peytos: dor do peccado, que está no coração. *Tundere pectus quid est, nisi arguere quod later in corde.* Porém, o principal final da dor, he a emmenda; porque aquelle que pouco depois de se confessar, torna logo a cahir nas mesmas culpas, he final, que a sua dor não foy de coração, & que o bater nos peytos foy como bater em hum cantaro vazio.

A quarta propriedade da confissão he que seja Accusatoria; porque na confissão se deve haver o penitente como reo. Deve pois accusarse. &

& não escuzar os seus peccados: deve accusar os seus, & não os alheios, culpando os outros por se desculpar a si; porque esse indício he de soberba, & de se não reconhecer por reo. Deve mais, descobrir sinceramente os seus peccados, que conheceo de certo, & não os possiveis, dizendo: se a cazo neste Mandamento pequey, me accuzo; porque isto he o mesmo que dizer nada. Finalmente ha de dizer o certo como certo, o duvidozo como tal; que isso quiz dizer o Concilio, quando diz, que, se haõ de dizer os peccados conforme estaõ na consciencia.

A quinta propriedade he que seja satisfactoria. Isto he, que não só ha de hir o penitente com animo de satisfazer a penitencia, que lhe impuzer o confessor, ou seja penal, ou medicinal; mas que em effeyto, a ha de cumprir, para inteireza da confis-

Gg ij

saõ

ção, que por isso he a terceyra parte, que chamaõ integral. Porém, he necessario saber, que a penitencia, que dà o confessor, não he de ordinario a que basta para satisfazer a Deos; porque conforme forem as culpas, ha de ser a pena dellas, ou nesta, ou na outra vida; porque pela confissão, só se perdoa a culpa, & não a pena; porque esta, só se muda de eterna em temporal.

§. II.

Da Sagrada Communhão.

OS fieis que dezejaõ acertar no caminho da Salvação, vivendo huma vida devota, sabem muyto bem, que não ha meyo mais saudavel, que o frequente uso do Santissimo Sacramento. He este Sacramento na Igreja, o que era no Paraizo a-
quelle

aquelle rio, que regava toda a terra; pois com sua delcytoza frescura rega toda a Igreja Catholica; communicando suas aguas salutiferas, a todos os que com a devida dispozição chegaõ a provallas.

Seis qualidades, ou disposições, hade ter, o que dezeja commungar com fructo. Duas antes da communhaõ: duas no exercicio da communhaõ: & duas depois della. As duas primeyras, são dezejo, & pureza, as segundas, humildade, & caridade, as terceyras acção de graças, & renovação da vida. Quanto ao dezejo, devia ser o nosso, como o do cervo sequiozo, que busca a fonte de agua; ou como o que busca o thesouro, ou mina de ouro, & verdadeyramente como enfermo, que dezeja o Medico, & procura o remedio. E conforme o dezejo, que tivermos de chegar à meza da Sagrada Communhaõ, será

serà tambem a pureza, que se require, a qual consiste na pureza da consciencia, & pureza da intenção.

A pureza da alma, he carecer de culpa mortal, & quanto for possivel de venial, por meyo da confissão, ou contrição. A pureza de intenção consiste em hum affectuozo dezejo de nos unirmos com Deos, como com nosso principio, & fim: de agradarmos a Deos: de recebermos as graças que naquelle Sacramento se encerrão: de applayar a justa ira de Deos contra os peccadores, & fazer memoria de sua Payxão; & mais intenções publicas, & particulares.

A esta pureza de intenção, devemos acrescentar a pureza de nossos affectos, que consiste em duas couzas. Primeyra, em defforçar do coração todo o genero de rancor, ou odio a nossos proximos, reconciliandonos primeyro com elle, como

Chris-

Christo encomenda no Evangelho. Segunda, desterrar os affectos não sô deshonestos, mas ainda as inclinações desordenadas. Para chegar a tanta pureza, de viaõ estar nossos corações como aquella redoma de crystal, que o Anjo mostrou a S. Francisco, quando lhe disse, que assim havia de ser taõ puro o que houvesse de chegar ao altar.

As duas qualidades ao tempo proximo da communhaõ, são humildade, & caridade. A humildade, se deve excitar repetindo: *O Domine nõ sum dignus*, não sô com a boca, mas com o coração; para o que poderaõ servir algumas considerações tiradas da Sagrada Escriitura; como a de S. Pedro, quando dizia a Christo: Apartayvos, Senhor, de mim, porque sou hum homem peccador: *Exi à me, Luc. quia homo peccator sum, Domine. E. 58.* Misiboletth, que sendo filho de Jo-^{2. Reg.} nathas, 9.8.

nathas, & neto del Rey Saul, se julgava indigno de comer à meza del Rey David, & outros semelhantes. Poderão effes actos de humildade, accender os de amor de Deos, que principalmente se atearão na vontade com a confideração do amor, com que Christo se nos cõmunica em Sacramento de tanto amor: tudo a fim de nos unirmos com elle, que he o que principalmente de nós dezeje.

Depois da Communhão, se segue a acção de graças, & renovação da vida. Havemos de tomar algum tempo para dar graças ao Senhor por tão grande beneficio. Primeyramente, devemos adorar com viva fé, a tão grande hospede, que recebemos em nossos corações, convidando para isso todas as creaturas do Ceo, & da terra, offerecendo-lhe todas as nossas potencias. Devemos darlhe graças, pelos immensos beneficios,

fícios, que poz neste Divino Sacramento, de que nos fez participantes: hindo sempre diante a tocha da fê. Depois das graças, devemos fazer nossas petições a tão soberano, & liberal Senhor, que temos em nossa caza: que nos dê graça, para perseverar em seu serviço até a morte, & para amar tudo o que Deos ama, & aborrecer tudo o que Deos aborrece; representandolhe todas nossas necessidades. E sobre tudo, fazer hum como novo juramento de fidelidade, de nunca já mais perder a sua amizade.

DO-

DOCUMENTO IX.

*Os passos de Christo em sua Payxão;
devem governar os nossos, no caminho
estreyto do Ceo.*

A Mor de riquezas, a mor de hõ-
ras, & amor de delicias, são os
mayores inimigos de nossas almas,
& os que levaõ quazi todo o mundo
pelo largo caminho da perdição
Hæc quidem tres passiones (diz com
Santo Agustinho o P. Cornelio)
tres fontes sunt omnium tentationum,
& peccatorum; Estas tres payxões
são tres fontes, donde manaõ todas
as tenções, & peccados. Isto quiz
dizer S. João naquella taõ celebre
1. 10a. sentença: *Omne quod est in mundo, con-*
2. 16. *cupiscentia carnis est, & concupiscen-*
tia oculorum, & superbia vitæ. Com
estas tentou o Diabo a nossos pri-
meiros

meysos Pays : com estas tentou a Christo, & com estas tenta a todo o mundo, & por estas se perde o mundo todo ; porque como bem disse hum Poeta, estes tres amores a dora o mundo como a tres divindades.

Ambitiosus honos , & Opes , & fæda voluptas:

Hæc tria pro trino Numine mundus habet.

Para secar estas fontes, ou para vencer estes inimigos, que virtude, que forças podem bastar, se não as de Christo Nosso Redemptor, q̃ veyo do Ceo à terra, para fazer guerra a estes inimigos, vencendo com sua pobreza; o desordenado amor das riquezas, com sua humildade, o demasiado amor de honras ; com sua Payxaõ, o desordenado amor de delicias. E posto que em toda sua vida nos ensinou a pelejar contra estes inimigos, assim por obra, como por palavra;

vra; cõ tudo, no discurso de sua Payxaõ nos deo mais claros exemplos: vencendo o nosso appetite de riquezas com sua summa pobreza: nosso desordenado appetite de honras com suas deshonras, & summo desemparro: & o nosso desordenado appetite de delicias, com suas dores, & acerbissima morte.

S. Bernardo diz, que para remedio de nossos peccados, & victoria de nossas payxões, não ha meyo mais efficaz, que a lembrança da Payxaõ de Christo. *Quid enim tão efficax ad curanda conscientiae vulnera, quam Christi vulnerum sedula meditatio?* E Santo Agustinho diz, que para todos quantos vicios ha, não achou remedio mais efficaz, que as chagas de Christo. *In omnibus adversitatibus non inveni tão efficax remedium, quam vulnera Christi.* E S. Boaventura accrecenta, que quem
qui-

quizer uzar deste remedio, não necessita de outro algum. *Nec opus est, ut extra Jesum aliquid quærat.*

§. I.

Amor de riquezas.

O Amor das riquezas, (a que S. Paulo chamou raiz de todos os males) ensinou Christo, a vencer, com a falta de todas as couzas em sua Payxaõ. Primeyramente: não teve huma toalha, para cubrir suas carnes, nem hum pucarõ de agua, para matar a sede. E sendo que S. Paulo diz, que a summa pobreza, he ter o que basta, para cubrir as carnes: *Ha- 1.Tim bentes ... quibus tegamur*; este Se- 6.8. nhor sendo tão rico, no Ceo; na terra não teve com que se cubrir, na occasiaõ de mayor necessidade: & nem ainda mortalha, nem sepultura teve propria, nem de suas proprias vestiduras foy Senhor, porque os soldados as tomaraõ, & julgaraõ entre si.

Para

Para encarecer esta sua pobreza na morte, disse elle em vida, que fêdo assim, que não faltavaõ às rapozas do campo tocas em que se guarecer, nem às aves do Ceo ninhos em que se abrigar; elle nem onde reclinhar a cabeça, teve. *Vulpes foveas habent, & volucres caeli nidôs: filius autem hominis non habet, ubi caput reclinet.* E queremos nós os Christãos, à vista de tanta pobreza, não só que nos não falte o necessário, mas viver com tanta superfluidade de camas, de cortinados, de galas, de criados, & de riquezas?

Encarece esta falta de todas as cousas do Senhor em sua Payxaõ, o desempâro dos seus em que se vio. Porque ainda q̃ sua Santissima Mãy assistio ao pê da Cruz, & São João, com as mais pias mulheres o não deyxaraõ, nem ellas, nem sua Mãy o podiaõ soccorrer. E foy tal o seu de-

desemparo, q̄ por David se queixa, q̄
dezejando o socorro dos seus, com a
breve consolação de hum jarro de a-
gua; *Qui consolaretur me, & non in* Ps.68.
veni; Em lugar de agua lhe deraõ se- 21.

us inimigos fel, & vinagre: *Et dede-
runt in escam meam fel, in siti mea po-
taverunt me aceto*. E para que mais
encarecimento, quando atè de seu
eterno Padre se chegou a queyxa a-
morosamête dizêdo: *Deus meus, Deus
meus ut quid dereliquisti me?* Deos meu,
Deos, meu porq̄ me desempareste?

Ponha pois os olhos naquella
imagem de Christo Crucificado, o
rico, a quem sobejaõ as riquezas; &
ponha tambem o pobre a quem falta
o necessario. Conforme-se o pobre
com sua pobreza, & confunda-se
o rico com suas riquezas; & desêga-
ne-se, que aquelle estreyto leyto, em
que vê morrer a JESU, como diz
Santo Agustinho, não he só leyto
em

em que morre, se não cadeyra, em que nos ensina, que para o caminho do Ceo he mais accomodada a pobreza, que a riqueza. *Crux Christi non solum est lectus morientis, sed & cathedra docentis.* Porq̃ assim nũ, naquella grande brado, que deo ao morrer, estã clamando com o exemplo, o que em vida prẽgara: Que dos pobres he o Reyno dos Ceos, & que o rico difficulosamente lã entra.

§. II.

Amor de honras.

Toda a escolha de Christo, diz Santo Agustinho, he huma officina de humildade. *Tota Christi schola humilitatis est officina.* E se bem em toda a vida nos ensinou esta doutrina; na morte nos convenceo, com o amor, com que sopportou tantas des-honras,

Entre o bem, & mal eterno. 481

honras, affrontas, & vituperios; com o que confunde a soberba dos que aspiraõ a honras, applauzos, & dignidades desta vida.

Primeyramente, se deyxar ver esta deshonra, por parte da pessoa de Christo, que era Deos, & Homem. Em quanto Deos, era digno de toda a honra; em quanto Homem, havia estado em summa estimaçaõ de todos, que o haviaõ acclamado por filho de David; & depois se vio accusado, & affrontado pelos letrados, Sacerdotes, & Pontifices, que era a gente de mayor credito: com o que se faziaõ creiveis as accusações, & falsidades, que lhe impunhão, de embusteyro, & amotinador do povo. Até dos Soldados gentios, que foram os verdugos, que o Crucificaram, padeceo mil deshonras, & affrontas.

Deyxase mais ver esta deshonra,
Hh pelo

pelo que passou em todo o discurso de sua Payxão, desde o Horto, até o Calvario. Prenderão-no de noyte como a ladrão, & como a tal, o levarão atado, pelas ruas da Cidade. Foy examinado do Pontifice, onde hum criado seu lhe deu huma horrenda bofetada. Os Soldados, que naquella noyte o guardavaõ lhe davão bofetadas, & cuspião na cara, zombando delle, & como a Profeta falso lhe atarão pelos olhos hum lenço, & dádolhe golpes dizião : adivinha quem tedeo.

Levado a Herodes, foy tratado delle como louco, & como a tal, lhe vestirão huma veste branca. Os Soldados, pondolhe huma coroa de espinhos na cabeça, & huma cana na mão, o adoravão como a Rey dezobaria. Posto em questão, com Barabbas, ladrão, & homicida foy julgado digno de vida o ladrão & demorte o

Au -

Author da vida. Condenado à morte, sendo o genero da morte, tão affrontozo, o fizeram ainda mais, com a companhia de dous ladrões; fazendo-lhe levar sobre seus hombros o madeyro affrontozo da Cruz; & nelle finalmente, o Crucificarão entre dous ladrões; & entre as angustias da morte, lhe dizião muytas blasfemias, & vituperios.

De tudo isto se vê, quam verdadeyramente se chamou este Senhor pelo seu Profeta, opprobrio dos *Ps. 21.*
homens, & desprezo do povo: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis:* O
que he honra do genero humano, & gloria dos bemaventurados. E nós, que nos prezamos de Christãos, como à vista de tanta deshonra de nosso Redemptor, buscamos ainda com tanta ansia, as honras deste mundo? Como à vista de tantos opprobrios, anhelamos com tão desvelo, às dignidades,

Hh ij

gnidades, & adorações do mundo?
 A cauza de tudo he, não pormos a
 consideração no muyto, que padeceo
Heb. nosso Redemptor, como nos encom-
12.2. menda S. Paulo. *Aspicientes in Acto-
 rem fidei, & consummatorem Jesu, qui
 proposito sibi gaudio sustinuit Crucem,
 confusione comt empta.*

Com esta consideração, muytos
 Reys, Principes, & Senhores de
 grandes, estados deyçarão as coroas
 & certos, & se fizeraõ servos de
 Deos. Basta o exemplo de S. Matil-
 des, filha del Rey de Escocia. Esta, &
 mais quatro, irmãos, deyçarão por
 Christo seus estados, sendo hum del-
 les Duque, & cazado: outro Conde:
 outro Arcebispo: & outro herdeyro
 do Reyno. E todos com sua Santa
 irmã pelas honras, & dignidades da
 terra, que deyxaraõ, gozão hoje o
 Reyno do Ceo.

§. III.

§ III.

Amor de delicias.

NÃO he menos efficaz a memoria da Payxaõ de Christo para mitigar em nòs o desordenado appetite das delicias, & deleytes deste mundo. Bem o experimentou Santo Agustinho; pois fallando de si, no livro de suas Meditações, diz assim. Quando me combate algum pensamento torpe, acolhome às chagas de Christo. Equando a minha carne me quer opprimir com alguma tentação, com a lembrança das chagas de meu Senhor, cobro novo vigor, & alento, para lhe resistir. *Cum me pulsat aliqua turpis cogitatio, recurro ad vulnera Christi. Cum me premit caro mea, recordatione vulnerum Domini mei resurgo.* E se o ardor da concupiscencia

piscencia me inquieta , logo apago em mim este fogo, com o sangue, que de suas Santissimas chagas derramou por amor de mim, o Filho de Deos.

Si ardor libidinis moveat me , recordatione vulnerum Domini nostri Filij Dei extinguatur. E finalmente conclue, que não ha remedio, nem tão poderoso, nem tão efficaz, contra o appetite libidinozo , como a morte de Christo Redemptor Nosso. *Nulum tam potēs, & tam efficax cōtra ardorem libidinis medicamentum , quam mors Redemptoris mei.* Isto que sentia de si Santo Agustinho, experimentaremos nós tambem , se com attenta consideração meditarmos nas dores, que em sua Payxaõ padeceo, o amabilissimo JESU.

Foraõ estas dores tantas, & tão crueis, que Isayas o chama *Varaõ de dores ; Virum dolorum ;* podendo-se dizer, com toda a verdade, o que

que o mesmo Profeta dizia de Jeru-
salem. *A planta pedis usque ad verti-* Isa. i.
cem non est in eo sanitas. Desde a 6.

planta do pé até a cabeça, não ha par-
te alguma de seu corpo, que esteja li-
vre de dores, & tormentos. A cabe-
ça, trespassada com settenta, & dous
penetrâtes espinhos: os olhos, ecclip-
sados com o sangue, que de sua ca-
beça corria: os ouvidos, magoados
com as horrendas blasfemias, que
lhe diziaõ: as faces denegridas com
salivas, & bofetadas: a boca, ator-
mentada com fel, & vinagre: os bra-
ços, estendidos, & desconjuntados
na Cruz: as mãos, & pés, atravessa-
dos com duros cravos: o coração, fe-
rido com huma lança: & o restante
do corpo, todo chagado, & ensan-
guentado, com mais de cinco mil a-
çoutes, que sobre elle descarregaraõ.
E para que não fosse sò o corpo, que
padecia, tambem sua alma Santissi-
ma

ma padeceo increiveis dores, & afflicções, principalmente no Horto; onde entre agonias de morte chegou a luar gottas de sangue.

Estas são algumas das innumera-
veis dores, que padeceo Christo em
sua Payxaõ; mas quem ha, que possa
explicar a grandeza, & intensão des-
tas dores? Santo Thomas, & com
elle os mais Theologos dizem, que
excederaõ estas dores a todas, as que
padeceraõ, & haõ de padecer os
Martires nesta vida: porque ainda
que os tormentos dos Martires fo-
raõ mayores quanto à extensão; cõ
tudo, quanto a intensão das dores,
nenhum delles, nem todos juntos
põdem ter comparação alguma com
as agudissimas dores, que padeceo
Christo; assim pela terribilidade
dos tormentos, como pela compley-
ção delicadissima, & infinita digni-
dade da pessoa, que padecia. Por isso
naõ

naõ sem razã pedía o Senhor, que nos compadeceetmos de suas dores, quando por boca de Jeremias chegou a dizer: O vos todos os que passais pelo caminho desta vida, attendey, & vede, se ha dor, semelhante à dor, que eu padeço. *O vos omnes Thren qui transitis per viam, attendite, & videte, si est dolor sicut dolor meus.* 1.12.

Façamolo pois assim; & pondo os olhos em Christo Redemptor nosso ou entre as agonias do Horto, ou atado à Culūna, ou coroado de espinhos, ou Crucificado no Calvario; consideremos à vista do muyto, que padece, se he bem, que ao mesmo tempo, em que elle està atravessado de dores por nosso amor, nós estejamos nós, dando à delicias, & passatempos illicitos? Quãdo Urias veyo do exercito com cartas de Joab para elRey David, de nenhum modo se quiz hir a agazalhar aquella noyte em sua

sua caza ; & perguntandolhe **David** a cauza, respondeo. A Arca de Deos, & meu Senhor, & capitão Joab estaõ no campo debayxo de tendas, & havia eu de hir à minha caza a regalarme? Nunca Deos tal queyra. Com muyto mayor razão, deve dizer o mesmo todo o Christão. Está meu Senhor JESU padecendo tantas dores, & tormentos, & eu entre delicias, & regalos? Oh que grande deformidade!

Destá consideração se aprobeytava S. Bernardo para vencer as tentações da carne, dizendo: *Deus meus pendet in patibulo, & ego voluptati operam dabo?* Está meu Deos pregado em huma Cruz, & eu hey de me entregar a deleytes immundos? Quasi o mesmo respondeo S. Palemon, a S. Pacomio seu discipulo. Este em hum dia de Pascoa botou nas ervas, que haviaõ de comer, hum pouco de azeyte;

azeite; & ainda que a solénidade do dia parece que dava licença para aquelle breve, & limitado regalo; S. Palemon, de nenhum modo quiz provar do guizado; antes derramando muytas lagrimas, dizia: *Deus meus Crucifixus est, & ego nunc oleum comedam?* Meu Deos está Crucificado, & eu hey de me atrever a comer azeite?

Quero concluir este ponto com o que refere O Padre Ortigas no livro, que intitoulou, *S. Rafael guia del Christiano*. Vivia em Florença huma mulher rica, & nobre, a qual uzando mal das riquezas, que sempre são, & foraõ laços do Demonio, de tal forte se entregou a todos os vicios da torpeza, que era o escandalo de toda a Cidade: mas, succedeo, que pondo hum dia com mais attenção o solhos em huma imagem do *Ecce homo*, de tal forte se lhe enterneceo

o

o coração com esta vista, que trocava de repente em huma Madalena arrependida, começou a fazer huma vida Santa, & penitente.

Pòde fer, Catholico, que a tua vida seja muyto semelhante a desta mulher; mas se a souberes imitar em considerar o muyto, que Christo padeceo em sua Payxaõ; não duvido, que experimentaràs os mesmos effeytos; & por mais perdido que andes, te reporàs outra vez no caminho da Salvação.

DO.

DOCUMENTO X.

*Que para acertar no caminho do Ceo,
& evitar o do Inferno, he grande
meio a devação da Virgem Se-
nhora Nossa.*

CHama a Igreja à Virgem No-
sa Senhora; Torre de David, &
como a tal a invoca: *Turris Davidica,*
ora pro nobis; porque assim como a
Torre de David, da qual pendiaõ
mil escudos, & todo o genero de ar-
mas: *Mille clypei pendent ex ea, omnis Cant.*
armatura fortium: era a defenſa da 4.4.
Cidade de Jerusaleem; assim esta Se-
nhora na Igreja he como huma tor-
re, onde se achão todas as armas es-
pirituais para sua defenſa contra os
inimigos da fê. Isso quiz dizer o Di-
vino Eſpozo na figura da alma San-
ta, quando diſſe, que ſua garganta
era

era semelhante à Torre de David:

Ibid. *Sicut turris David collum tuum: como largamente pondera o Padre espinelo.*

Escli. A este mesmo sentido applica as
24.15 palavras do Ecclesiastico: *Et in Jerusalem potestas mea.* E conforme S. Bernardino, & mais Santos Padres tem a Santissima Virgem na Igreja não fò mayores graças, mas mayor poder, que todos os Santos juntos, & o que a Virgem Santissima não alcançar de Deos, nenhum Santo poderá alcançar. Por isso quanto às graças lhe chama S. Bernardo Mãe de graças: *Quasi in mari collectas*; & quanto ao poder se compara à Torre de David.

Tudo diz S. Bernardo significou Deos naquella mulher, que S. João vio no Ceo vestida de Sol, coroada de Estrellas, com a Lua de bayxo dos pés. Nas estrellas se entendê

as graças, com que Deos a coroou no Sol a Christo, & na Lua de bayxo dos pès, o poder, que tem na Igreja, significada pela Lua. Porque, assim como o Sol communica sua luz a lua, & mais as estrellas, assim a Sãtissima Virgê, não só illustra a Igreja cõ suas graças, mas a defêde cõ seu poder.

E he muyto de notar o que os Expositores advertem, & he, que não comparou o Espírito Sãto a Senhora, se não a sua garganta: *Sicut turris Davit collum tuum*. Para significar, que do corpo mystico da Igreja, Christo he a cabeça, a Virgem a garganta, & os mais fieis os membros. E assim como no corpo humano a garganta he, a que està mais perto da cabeça; assim a Virgem, he, a que està mais chegada a Christo, & por onde communica Deos à sua Igreja o espirito, & vida; & a Igreja representa a Christo suas necessidades.

Don-

Donde veyo a celebre sentença de S. Bernardo , que nenhuma couza nos vem de Deos, que não passe pelas mãos de sua Mãy. *Nihil nos Deus habere voluit , quod per manus Marie non tran saret.*

He assim mesmo a Senhora he a gargãta deste corpo mystico da Igreja; porque assim como a garganta he a via, por onde respiramos ; assim a Igreja , & qualquer dos fieis nas suas mayores afflições , não tem outro refugio, por onde possa respirar , se não aquella , que he Refugio dos peccadores , & consolação dos afflicto, como a Igreja continuamente a esta acclamando : *Refugium peccatorum: Consolatrix afflictorum.* E na Antifona da Salve: *Ad te suspiramus gementes, & flentes.*

Como a Senhora pratique este seu poder na Igreja , explicou devotamente S. Boaventura sobre as palavras

vras do Ecclesiastico: *In plenitudine Sanctorum de tentio mea*. E foy como se differa, diz o Santo. Não fò se detem a Santissima Virgem na enchente dos Santos, mas ella mesma detem a enchente dos Santos, para que não se diminua. *Beatissima Virgo non solū detinetur in plenitudine Sanctorum, sed ipsam de tinet plenitudinem, ne minuat*. Detem as virtudes, para que não falem: *Detinet virtutes, ne fugiant*. Detem merita, ne pereant. Detem os Demonios, para que não fação mal: *Detinet Dæmones, ne noceant*. Detem a Deos, para que não castigue: *Detinet Filium, ne peccatores percutiat*.

Tendo nós, pois esta Torre de David, taõ armada de escudos para nos defender: *Mille clypei pendent ex ea*; & todo o genero de espirituais armas, para pelejar contra nossos inimigos Mundo, Diabo, & Carne: *Om-*

nis armatura fortium; podemos tomar animo para caminhar o estreyto caminho do Ceo. Acudamos à ella como à Senhora, que pòde; como a Mãy que nos ama: como à Mestra cuydadoza, que nos encaminha: & como à Advogada misericordioza. Etodos estes titulos, que ella tem para nos ajudar no caminho do Ceo, sejaõ outros tantos titulos de nòs a amarmos, servimos, & buscarmos.

§ I.

Titulo de Senhora.

EM todo rigor de Justiça, & em todo rigor Theologico, he a Santissima Virgem verdadeyra Senhora nossa; não sò porque no dia de sua Assumpsaõ, foy coroada por Senhora, & Raynha do Ceo, & terra;

ra; se não porque real, & verdadey-
ramente he Senhora de todos, por
ser verdadeyra Mãy de Christo. E
assim como a Christo por ser Filho
de Deos, se lhe deve o titulo de Se-
nhor; assim à Virgem se deve o titu-
lo de Senhor, a por ser Mãy de Chris-
to.

He este titulo na Virgem taõ
antigo; que antes, que ella nacesse
nesta vida, & antes que o mundo fos-
se creado, já à Virgem se lhe devia
este titulo de Senhora. O que devo-
tamente pondera Cornelio A lapide,
sobre o capitulo vinte, & quatro do
Ecclesiastico; & primeyro que elle
Salazar sobre o capitulo oitavo dos
Proverbios. Accomoda a Igreja à
Virgem, & com ella muytos Santos
Padres as palavras do Ecclesiastico: *Ecclesi.*
Ab initio, & ante secula creata sum. 24.
Quer dizer, que fora creada antes ^{14.}
do mundo creado. No sentido, em
Ii ij que

que a Escriptura falla, he facil de entender; porque antes que Deos creasse o mundo, já em Deos havia Sabedoria. Porém na applicação dos Santos, quer dizer, que já antes que o mundo fosse creado, a Virgem Santissima foy predestinada para Princeza, Raynha, & Senhora de tudo, diz Cornelio. *Destinavit eam, ut esset omnium creaturarum Princeps, Regina, & Domina*. De sorte, que quando a Virgem foy concebida, & naceo, já se lhe devia o titulo de Senhora, porque já de então foy destinada para Mãe de Deos.

Donde se seguem duas consequências certas. Primeyra: que sendo ella verdadeyra Senhora nossa, nós devemos ser verdadeyros servos seus, & como tais a devemos servir. Segunda: que sendo ella Senhora, & nós servos, devemos presumir de sua bondade, que se nós fizemos a obrigação

ção de bons servos, ella fará o officio de boa Senhora, que he.

Havemos de fazer com a Senhora, o que David fazia com o Senhor.

Sicut oculi ancilæ in manibus dominæ Ps.

sua: ita oculi nostri ad Dominum. Quer 122.2

dizer: Assim como a escrava tem os olhos nas mãos de sua Senhora; assim estão os nossos olhos nas mãos de nosso Senhor. Façamos nós tambem o que faz a escrava. Tenhamos sempre os olhos nas mãos de nossa Senhora, & nella o coração: O coração, para a amarmos: os olhos nas mãos, para recebermos della muytos favores.

E se alguma vez não acharmos nella, o carinho, que dezejamos, ou o despacho, que lhe pedimos, não façamos o que fez Agar, escrava de Abram, que por não achar em sua Senhora, Saray, aquelle carinho, que dezejava, fugio de sua caza, & dey-

xou

xou sua Senhora. Sigamos nesse cazo o conselho, que o Anjo lhe deo. Encontrou a hum Anjo, & mandoulhe, que tornasse para caza de sua Senhora, & se lhe humilhasse. *Revertere ad*

G n.

16.9.

Dominam tuam, & humiliari sub manu illius. Tenhamos confiança em sua bondade, & poder; porque a condição da Senhora he parecida à condição do Senhor, que quer, que lhe peçamos, & perseveremos; que poderoza he, para nos soccorrer nas mayores necessidades: pois para esse fim a fez Deos Senhora, & a levantou como outra Esther ao trono real, para acudir na mayor necessidade a seus devotos, como Esther a seu povo, como disse Mardocheo: *Et quis novit, utrum idcirco ad regnum veneris, ut in tali tempore parareris.*

Esth.

4.14.

Na ley antiga mandou Deos, que depois de servir o escravo a seus Senhores seis annos, no settimo lhe dessem

fem liberdade. Porèm, se o escravo pelo amor, que tomou à caza, se quiz ficar, & não quiz alforria, nesse cazo lhe furassem a orelha, & ficasse escravo para toda a vida. Bem se deyxá considerar a razão, que tirião aquelles Senhores, para amar, & estimar aquelle escravo, que antepoz o amor, & serviço do Senhor a sua liberdade, que tanto se ama; & sendo o motivo o amor, como diz o Texto: *Eo quod diligat te, & domum tuam*: quam digno de ser amado, & em que estimação o deveria ter assim o Senhor, como a Senhora de caza. Dent. 15.16

A este modo; se nós como servos que somos desta Senhora, pelo amor, que lhe devemos, a servirmos toda a nossa vida, não deyxando suas confrarias, Congregações, ou outro qual quer serviço, que pertença à sua honra, podemos estar certos, que nos ha de amar, & favorecer no caminho

minho do Ceo , com que conseguiremos a vida eterna,

§ II.

Titulo de Mãy.

HAvendo de partir o Senhor desta vida, para a eterna, de tal sorte ordenou seu amor a jornada, que se ficou com nosco no Divino Sacramento, que he o mayor bem da Igreja ; prometendo , que nunca nos desemparraria. E para que este amor fosse em tudo perfeyto , nos quiz deyxar por Mãy sua mesma Santissima Mãy. O Sacramêto instituhio-o, na noyte de sua Payxaõ : a adopção da Mãy fella estando já na Cruz, pouco antes de espirar.

Vio pois Christo da Cruz, a sua Santissima Mãy, & mais ao dicipulo S. Joaõ, & pondo os olhos na Mãy, disse:

disse: *Mulier, ecce filius tuus*: Mulher, 7^{oa}.
ahi tendes o vosso filho. E olhando 19.29
para S. João lhe disse: Eis-ahi ten-
des a vossa Mãy. *Ecce Mater tua*. E
diz o mesmo Evangelista, que desde
aquella hora a recebera por Mãy sua.
*Et ex illa hora accepit eam discipulus
in sua*. Todos os Expositores sagra-
dos dizê, que esta adopção de Chris-
to fora dar a Senhora por Mãy de
todos os Fieis, & que S. João em no-
me de todos a aceytara por tal.

Porém S. Bernardino diz, que
este titulo de Mãy nossa, ainda he
mais antigo: porq no mesmo tẽpo, em
que em suas entrenhas concebeo a
Christo, concebeo juntamente a to-
dos os Fieis por filhos. *Beatissima
Virgo ex tunc omnes electos in suis vis-
ceribus bajulavit tanquam verissima
Mater filios suos*. Donde se segue o
que communmente dizem os Theo-
logos, que a Santissima Virgem an-
tes

tes do parto já se podia chamar verdadeyra Mãy de Christo, & por cõseguinte Mãy nossa : de Christo Mãy natural, & nossa por adopção. E conforme a S. Bernardino esta adopção feyta a S. João não foy nova, se não confirmação da primeyra.

S. Boavétura ainda se estêde a mais, dizendo, que já desde a eternidade quando foy escolhida para Mãy de Deos, o foy juntamente para Mãy dos homêes. Prova-se este pensamento maravilhozamente com as palayras *Eccli.* do Ecclesiastico. *Qui continens est* 15.1. *justitiæ, apprehendet illam, & obviambit illi quasi Mater honorificata, & quasi mulier a Virginitate suscipiet illum.* Quer dizer, que ao Justo occorrera huma honorificada Mãy, & huma mulher virgem o recolherà. O Padre Cornelio diz, com Salazar, que esta Mãy, & esta mulher, não erão duas, se não huma, & a mesma Mãy.

Mãy: *Eadem est Mater honorificata, & mulier a Virginitate.* E neste sentido bem se deyxá ver, que Mãy, & Virgem, não se podia entender de outra, senão da q̃ havia de ser Mãy de Deos. Pois essa Mãy de Deos tanto antes pronosticada pelo Espírito Santo, essa ha de buscar, & ha de recolher como Mãy, os seus devotos como filhos. Assim o explica Cornelio Alapide segundo o sentir de S. Boaventura. *Beata Virgo æternæ sapientiæ ginitrix justis eam invocantibus occurrit quasi Mater honorificata.*

Tudo cõfirmaõ as palavras do Evangelista, quando em nome de todos os Fieis aceytou a Senhora por May. *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua;* porque não declara, que a Senhora o aceytara por filho. E a razãõ foy, diz Salmeyraõ, porque o fer Mãy nossa, era já tão notorio, que não foy necessario declarallo S. Joãõ,
mas

mas o havella nòs reconhecido por tal, não estava ainda tão manifesto. *Ex pressit quod dubium esse poterat: tacuit quod minime dubium erat.* E finalmente, toda a Igreja a reconhece, & acclama por Mãy de justos, & Mãy de peccadores, como ella mesma revelou a Santa Brigida, & todos nesta vida, a invocamos com o dulcissimo nome de Mãy da graça, & da Misericordia. *Maria Mater gratiae, Mater misericordiae.*

Sendo pois a Santissima Virgem, Mãy nossa, podemos estar certos, que no Ceo, onde està, nos ama, & defêde como Mãy a filhos. A aguia (disse Deos ao Santo Job) he a ave mais cuydadoza, & amante de seus filhos, de quantas ha: além de os criar nos mais altos rochedos, para os guardar:

Job In petris manet, & in præruptis silicibus commoratur, at que inaccessis rupibus: quando vay buscar o comer, vay sempre

fépre cõ os olhos nos filhos, para lhes acudir em qualquer necessidade: *De longe oculi ejus prospiciunt*. Como Raynha das aves, que he a aguia, he tambem a Raynha dos Ceos, que he a Virgem. Assim como a Aguia traz guerra com os Dragões, para que não fação mal aos filhos; assim a Virgem defende os seus filhinhos dos Dragões infernais, a quem já quebrou a cabeça: *Ipsa conteret caput tuū. Gen. 3.15*. E là do throno de sua gloria està como a aguia com os olhos nos seus filhos, para os defender como Mãy: *De longe oculi ejus prospiciunt*.

Podemos considerar esta soberana Mãy no Ceo, como a valeroza Debbora na terra. Faltaraõ os Principes em Israel, & levantou se com o governo Debbora, não como governadora, se não como Mãy, diz o Texto. *Donec surgeret Debbora, surgeret mater in Israel. Judic. 5.7*. E assim de bayxo de huma

huma palmeyra estava governando, & attendendo ao bem do povo de Deos, & por sua disposição desbaratou Barac, os exercitos inimigos, & venceu a Sifara; & merecendo com tanto direyto o nome de Raynha não quiz outro titulo se não o de Mãy: *Surgeret mater*. De todos quãtos titulos a Senhora goza no Ceo, por nenhum nos ama, & deffende mais, que por este de Mãy. Quando esta Senhora refuscitou, & foy assumppta ao Reyno da gloria, podiamos dizer, que foy como Estther: levantada ao Reyno, para interceder pelo seu povo diante do Rey da gloria, assim como Estther diante de Assuero. Mas o que a nós nos convem, he dizer della o mesmo que a Escriptura diz de Debbora: *Donec surgeret Debbora, surgeret mater in Israel*. Refuscitou a Virgem depois de sepultada, & refuscitou Mãy nossa: *Surrexit Ma-*

Mater; porque, se como Senhora nos defende, como Mãy nos ama, & nos ampara.

E verdadeyramente, se nòs considerarmos os innumeraveis favores, com que a Senhora nesta vida tem regalado a seus devotos, de que estão os livros cheos, veremos que são como de Mãy a filhos. E a razão a meo ver he, porque todos quantos favores a Santissima Virgem faz assim a Igreja, como a particulares, todos são fundados no poder, & titulo de Mãy de Deos, & nossa. Nem será fora de proposito referir aqui algũs destes favores proprios de Mãy a filhos.

S. Pedro Damiaõ conta, q̃ estando hum clerigo devoto da Senhora já para espirar, lhe appareceo a Senhora, & lhe espremeo nos beyços o leyte de seu peyto, & logo de repente selevátou, & foy rezar com os
mais

mais clérigos ao Coro, com admiração de todos, ficandolhe sempre nos beyços, o final do leyte. De S. Fulberto conta Cornelio, que tendo encêcerada a lingua, fadou de repente cõ o mesmo favor da Senhora. De hum mancebo, que tinha por devação saudar a Senhora com aquellas palavras: *Beata viscera Mariæ Virginis, quæ portaverunt æterni Patris Filiū: & beata ubera, quæ lactaverunt Christum Dominum*: se conta, que a doecendo gravemente, arrebatado de hum frenesi cortou cõ os dêtes a lingua, & mais os beyços: mas apparecendolhe logo o seu Anjo, que fallando com a Virgem Santissima lhe dizia: como he possivel, Senhora, que os beyços, & lingua, que saudaraõ vossos peytos, sejaõ assim atormentados? Appareceo alli logo a Senhora, & lançandolhe na boca o leyte de seus purissimos peytos, o deyxou de repen-

repente saõ. E àlem deste favor, q̃ em vida lhe fez, na hora da morte lhe veyo assistir como Mãy amorosissima.

Bem sabido he o favor , que a Virgem fez a S. Bernardo , espremẽdolhe na boca seu purissimo leyte ao tempo, que o Santo docemente repetia o verso: *Lactasti sacro ubere. Semelhante favor fez ao B. Alano de Rupe. E mais que de Mãy foy o que ao Veneravel Irmaõ Pedro de Baſto pois sendo minino o tomou no colo, & deo de mamar como Mãy a filho. Ao B. Hermano, que depois se chamou Jozeph , tratava sendo minino como Mãy buscandolhe o necessario para vestir, & comer ; dandolhe o leyte do peyto, & hũ admiravel engenho para as ciencias. Ao B. Asberto meteo na boca huma fatia de paõ, & nelle sentio tal gosto, q̃ nunca já mais póde comer outro paõ. A hum Noviço, que se naõ accomodava cõ*

Kk

o

o pão defabrido da Religião, appareceo a Virgem com Christo nos braços, & molhando hum bocado daquelle pão no sangue do lado de Christo, lho meteo na boca, dizendo: faze sempre assim, & logo te será laborozo o pão da Religião. Deyxo outros semelhantes exemplos.

E se esta Senhora, como diz S. Bernardino, no mesmo ponto, em que recebeo o titulo de Mãe de Deos recebeo o titulo de Mãe dos Homens, como he possivel, que sendo o titulo de Mãe de Deos o mayor motivo de amar a Deos, não seja o titulo de Mãe dos homens o mayor motivo de os amar? Acudamos pois a ella como filhos à sua Mãe, que ella nos defenderà no curso desta vida, & nos encaminharà no caminho do Ceo, para que não vamos pelo espaço do Inferno.

§. III.

§ III.

Titulo de Mestra.

HUma das razões, que os Santos dão, porque na jornada, que Christo fez para o Ceo não levou comfigo sua Santissima Mãy, foy para que ella ficasse por Mestra da Igreja, & ensinasse os Apostolos os misterios da fê, que haviaõ de ensinar ao mundo ; principalmente os que pertêciaõ à Encarnação do Verbo, de que sò a Senhora tinha a verdadeyra noticia. E por esta razão, diz Cornelio Alapide, à Virgem Senhora naõ sò he Mãy, mas Mestra dos Apostolos, & mais fieis. *Ipsa doctrix fuit Apostolorum, cæterorum que fidelium.*

Daqui vem o que muytos sêtem, que por espaço de vinte, & quatro

Kk ij

annos,

annos, que a Senhora viveo nesta vida depois da subida de Christo aos Ceos, ella presidia nos Concilios, que os Apostolos, & primeyros Fieis celebraraõ, para estabelecer a propagação do Evangelho. E naõ poucos tem para si, que naquellas palavras de S. Pedro: *Visum est enim Spiritu Sancto, & nobis*: entendia o Apostolo a Virgem, que presidia no Concilio. O que parece estar fundado no que Christo disse aos Apostolos, que o Espirito Santo lhes havia de ensinar tudo. *Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem Pater mittet in nomine meo, ille vos docebit omnia*. E naõ sabemos, que este Divino Espirito fallasse, se naõ por meyo desta Senhora, a quem deyxou na terra para Mestre dos Apostolos. Mas sobre toda a authoridade dos Santos està o testemunho do Anjo, que o revelou a Santa Brigida. *Beata Virgo Maria*

ria

Entre o bem, & mal eterno. 417
ria in hoc mundo ad bonorum confir-
mationem, & malorum correctionem
remanere permissa est; erat enim Ma-
gistra Apostolorum. Quer dizer : A
Beatissima Virgem Maria ficou na
terra para confirmação dos bõs na fê,
& para correcção dos maos; porquã-
to ella era a Mestra dos Apostolos.

E para que não cuydemos, que
fò em quanto viveo na terra foy Mes-
tra dos Fieis, sabey, que o mesmo
magisterio uza, là no Ceo; porque de
là, como diz S. Bernardo, communi-
ca a luz de sua doutrina, como o Sol
a sua luz, ao mundo todo. E assim co-
mo, se no mundo faltasse o Sol, tudo
ficaria às escuras; assim se a Virgem
faltasse na Igreja, tudo nella seriaõ
trevas; porque ella he a que ensinou
aos Fundadores das Religiões as re-
gras de seus Institutos, como todas
ellas confessaõ, & nòs atras dissemos;
ella he a que visivel, & invisivelmen-
te

te instrue os Mestres, no que haõ de ditar ; & os Prègadores , no q devem prègar, de que estaõ cheas as Historias Ecclesiasticas.

Sò por singular contarey o que refere S. Gregorio Nazianzeno na vida de S. Gregorio Thaumeturgo. Estando o Santo em oração , lhe appareceo a Santissima Virgem , & em sua companhia, Saõ Joaõ Evangelista , ao qual mandou a Senhorà , que instruisse a S. Gregorio nos misterios da fè , que havia de ensinar aos mais Fieis , & principalmente lhe declarasse o misterio da Santissima Trindade. O que tudo fez o Santo Evangelista, & o Santo Bispo escreveu tudo em hum livro , que se guarda na Igreja de Neocessarea. E com esta doutrina do Ceo desterrou as herezias do seu Bispado , & instituiu os mais Fieis nas verdades da fè.

Se considerarmos, a qnantos esta
So-

Soberana: Mestra alcãçou ciencia, & engenho para as letras, sendo antes rudes, & incapazes para os estudos, veremos com quanta razão lhe quadra o titulo de Mestra; porque raro he o Author Catholico, que se não confesse por devedor a seu patrocínio, de que ha exemplós de muyta admiração, & difficultozamente se achara Escola, que não reconheca a esta Senhora por Padroeira, & Mestra Soberana.

Quando Debbora mandou a Barac, que formasse exercito, & fizesse guerra a Sisara inimigo do povo de Deos; respondeo Barac resolutamente, que hiria, se ella Debbora fosse tambem com elle à guerra, & que de outra sorte não havia de hir. *Si venis mecum, uadam: si nolueris venire mecum, non pergam.* Tanto era o conceyto que tinha da sua disposição, & magisterio. Foy Debbora, & de tal

Judic.
4. 8.

tal forte dispoz a guerra, que venceo; porq̃, não sô era Debbora Mãy, mas tambem Mestra para os ensinar. Façamos nós tambem o que fez Barac. Nas nossas batalhas contra os inimigos das nossas almas, procuremos ter sempre com nosco a Soberana Virgem; porque ella he na Igreja, o que era Debbora no povo de Deos: he Mãy, & Mestra; Mãy, para nos amar, Mestra, para nos ensinar. Com o seu magisterio, & direcção bem podemos esperar, que alcançaremos muyto mais gloriozas victorias do Demonio, que Barac de Sifara.

Naõ exercita menos esta Senhora, o officio de Mestra, no singular cuydado, com que nos dirige, & guia, em quanto como peregrinos caminhamos por este valle de lagrimas, para aquella Jerusaleem celeste. Quando o povo de Israel fugindo do Egipto caminhava para a terra
de

de promissaõ, diz o Texto Sagrado, que huma coluna, que de dia era de nuvem, & de noyte de fogo, os guiava por aquelles desertos, ensinadolhes os lugares por onde haviaõ de hir, & onde haviaõ de parar. O mesmo faz com nosco a Virgem Santissima. He coluna de nuvem, quãdo como Mãy de misericordia nos ampara, & defende dos rigores da Divina Justiça: he coluna de fogo, quãdo como Mestre nos allumia, ensinãdo-nos, & inspirando-nos o que havemos de fazer, para não errar. Sigamos pois este Divino farol, que Deos nos accendeo na escura noyte deste mundo, recorrendo a ella como à Mestre, para que nos dirija, & encaminhe em todas as nossas duvidas, & perplexidades.

§. IV.

§. IV.

Titulo de Advogada.

O Titulo de Advogada he tão conhecido, & recebido na Igreja universal, que continuamente a está acclamando por Advogada nossa: *Eya ergo Advocata nostra*. Neste titulo enferra a Senhora todos os mais, com que nos ama, socorre, & patrocina; porque o titulo de Advogada se funda na dignidade, & poder de Mãe de Deos, raiz de todas as graças, & prerogativas da Senhora. Por isso dizem os Santos Padres, que assim como Christo Redemptor nosso faz no Ceo officio de Advogado para com o Padre, como diz S. João: *Advocatum habemus*
 1. 704. *apud Patrem Jesum Christum justū;*
 2. 1. assim a Santissima Virgem faz no
 Ceo

Ceo, officio de Advogada para com o Filho. E assim como o Filho mostra ao eterno Padre as sinco chagas, & o sangue, que por ellas derramou como Advogado ; assim a Mãy mostra ao Filho os peytos, que lhe deraõ o leyte, como Advogada nossa.

Ainda a mais se estende a Senhora, diz Ricardo de S. Lourenço; porque he Advogada para com todas as tres Divinas Pessoas. He Advogada para com o Padre, como Filha, he Advogada para com o Filho, como Mãy, he Advogada para com o Espirito Santo, como Esposa ; & como Templo, que he de toda a Santissima Trindade, com todas as tres Divinas Pessoas tem grande valia. Por isso quando nos valermos de sua intercessão, a devemos faudar com aquella devota faudação , de que uzaõ muytos dos seus devotos : Deos te salve, Filha de Deos Padre : Deos te salve,

salve, Máy de Deos Filho: Deoste
salve, Esposa do Espirito Santo:
Deos te salve Templo, & morada da
Santissima Trindade. Ou a saude-
mos com a Salve Rainha, como fazia
muytas vezes S. Bernardo, o qual
saudando huma vez huma imagem
da Senhora, & dizendo: *Salve Regi-
na*, a Senhora lhe respondeo: Deos te
salve meu Bernardo.

Em Napoles desconjurando o
Padre Francisco de Villanova hum
Demonio, disse este: Está perdido o
governo de Deos, por se deyxar le-
var de huma mulher. Corre pelo
Ceo hum rio de leyte, como o qual a-
caba de Deos quanto quer. Outro
Demonio obrigado por mandado de
S. Domingos, disse: que mais valia
no Ceo hum sò suspiro da Virgem,
que os rogos de todos os mais San-
tos juntos. Quiz Deos nestes dous
cazos, que da boca do Demonio, sen-
do

do pay da mentira, entendessemos, de quanta efficacia he, no Ceo, o patrocínio, & intercessão da Virgem Santissima.

Muyto mais pudera dizer, senão tiverão já sahido tantos, & tão doutos livros nesta materia. Entre todos he de singular doutrina o tomo, que compoz o Padre Velasques, cujo titulo he, *Maria Advocata*. & o que imprimio o Padre Alonfo de Andrade do Patrocínio da Virgem, no qual accomoda à Senhora todas as propriedades de hum perfeyto Advogado, & o prova com grande piedade, & erudição. Lea-os o devoto da Virgem; porque nelles acharà maravilhosos exemplos do patrocínio, & intercessão da Senhora; que eu por fim, & conclusão deste Tratado, o que peço, & encomendo a todos he, que se queremos acertar na Eleyção entre o bem, & mal eterno, tenha-

tenhamos sempre os olhos, & o coração postos em Maria Santissima, servindo-a, como a Senhora; amando-a, como a Mãe; consultando-a, como a Mestreza; & invocando-a como Advogada porq̃, como diz S. Bernardo, levando-a nòs por guia, nunca poderemos, errar o caminho: *Ipsam sequens non devias: Ipsam cogitans, non erras*; antes sendo-nos ella propicia, & favoravel, certamente chegaremos ao termo da nossa peregrinação, q̃ he a gloria: *Ipsa propitia pervenies.*

FINIS, LAUS DEO,
Virginique Matri.



III) 65

list

for an action

\$ 30,--

(dec. --)

(12)

copy Mr P

Coll. F13

pp. B. G. A. 10

51



